

OS CONTOS



HANS
CHRISTIAN
ANDERSEN

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Os Contos
de
Hans Christian Andersen

*Hans Christian Andersens
Eventyr*



Portugal
2012

Sinopses

- **O Duende em Casa do Merceeiro** – *o fascínio pela luz espiritual do ser primitivo e corrupto, e o encanto do jovem estudante pela poesia – na casa da «língua solta»;*
- **O Patinho Feio** – *belo ou horroroso, o ser vivo é sempre uma obra esplendorosa – «Não tem importância nascer num Pátio de Patos, se se foi chocado num Ovo de Cisne!»;*
- **O Monte das Sílides** – *uma festa com humor, bonita e ruidosa, com os seres primitivos e fantásticos da natureza;*
- **A Gota de Água** – *a hostil comunidade humana e os seres primitivos do microcosmos;*
- **O Papílio** – *o destino do indeciso, demasiado exigente e sem humildade;*
- **As Velas** – *a solidariedade e as alegrias do coração humano, na pobreza e na riqueza;*
- **O Elfo da Rosa** – *a fidelidade do amor, para além da morte;*
- **A Princesa e a Ervilha** – *o absurdo de uma autenticidade, levada ao ridículo;*
- **É Absolutamente Certo!** – *até onde a ironia da má língua nos leva;*
- **Ib e Cristininha** – *o destino de uma menina e um rapazinho do campo, traçado pela sina de uma cigana. Ela adquire riqueza e acaba no cemitério dos pobres e ele enriquece com a luz dos olhos de uma criança;*
- **O Anjo** – *a verdadeira luz e felicidade, onde não há rico nem pobre;*
- **Os Dias da Semana** – *uma festa viva com sete pessoas mascaradas;*
- **O Jardineiro e o Senhor** – *um verdadeiro, fiel e humilde criativo;*
- **Os Sapatos Vermelhos** – *quando a vaidade toma o poder sobre uma criança e reclama a sua vida;*

- **A Pastora e o Limpa-Chaminés** – o amor declarado de duas figuras de porcelana, no seu pequeno-grande mundo poético e fantástico;
- **Os Cisnes Selvagens** – um feitiço, contrariado pelo calor e sacrifício do coração humano;
- **A Rainha das Neves** – o diabo brinca! as trevas da razão fria e o calor do coração humano;
- **A Família Feliz** – a ironia de uma vida diminuída e presunçosa, a passo de caracol – onde o centro do mundo é o próprio umbigo;
- **A Nova Vestimenta do Imperador** – todos sabem que, é tudo falso – ouve-se a voz do inocente «não leva nada vestido»;
- **Histórias do Brilho do Sol** – a alegria da luz como poder criador e os aborrecimentos do vento e da chuva;
- **A Rapariguinha dos Fósforos** – como a criança, o pobre encontra-se sem defesa – a rapariguinha paga com a própria vida;
- **Os Saltadores** – uma história tola que recorda o dia-a-dia;
- **A Arca Voadora** – um destino de infortúnio, na vida do pequeno mundo fantástico e do grande mundo poético;
- **Olavinho Fecha-os-Olhos** – narrativas do deus dos sonhos e da morte;
- **A Sereiazinha** – o sacrifício da vida por amor e o desejo de uma vida eterna;
- **A Polegadazinha** – está perdida no mundo, chama-se Lise e tem apenas uma polegada, é a «Polegadazinha». Ela, que é fruto de um desejo e a mais pequena entre nós, também tem o direito à felicidade!;
- **As Flores da Idinha** – quando o narrador conta e recorta no papel, o mundo da criança ganha a sua própria vida;
- **O Homem dos Fantoches** – a vida em viagem de quem é o homem mais feliz do mundo – e director teatral;
- **O Sino** – quando a natureza canta, o afortunado e o pobre encontram-se em plena fraternidade;

- **O Livro Mudo** – depoimentos deixados, flores e plantas secas, recordações de ternura de um destino quebrado;
- **A Sombra** – traído pelo seu mais íntimo – o homem não resiste à vontade da sua sombra que toma o seu lugar e a sua vida;
- **O Rouxinol** – o autêntico e o artificial – a ridícula e estéril imposição do poder, e a generosidade da livre e boa vontade;
- **O Fuzil** – ser dono do seu próprio destino, com a ajuda do fantástico;
- **O Colarinho Postiço** – o destino do fanfarrão que, sem ele saber, acaba por ser divulgado em todo o mundo;
- **O Firme Soldado de Chumbo** – o amor não declarado: a valentia e a beleza poética no pequeno mundo fantástico;
- **O Pequeno Claus e o Grande Claus** – é melhor ser pequeno e esperto do que grande e presunçoso;
- **A Casa Antiga** – a vida íntima do velho mundo, visto com novos olhares;
- **O Abeto** – ambições e sonhos sobre mastros de navios, árvores de natal e lenha para o fogão;
- **Sob o Salgueiro** – o amor da infância, para toda a vida. Dois destinos: um, de artista, é esplendoroso; o outro, de trabalhador e artífice, também poético e fantástico;
- **João Pateta** – franco, atrevido e irreverente, assim «se vence na vida»;
- **O Sapo** – quando o coração é leve e as ambições honestas – com um diamante na cabeça, alcança-se a luz – pergunta o poeta!;
- **No Pátio dos Patos** – sobre o precioso que o artista nos oferece e a sociedade medíocre que, com as suas invejas e compaixões, mata o artista e banaliza a sua arte;
- **A História de uma Mãe** – uma Mãe não aceita a morte do seu filho e vai procurá-lo; mesmo diminuída pela crueldade alheia, ela tenta uma prova de força desigual com a própria Morte, mas recusa-se de provocar semelhante infelicidade a outra mulher, e entrega o filho ao seu destino.



O Duende em Casa do Merceeiro

Nissen hos Spækhøkeren (1853)

Havia um estudante, dos autênticos, que vivia numa água-furtada e nada possuía. Havia um merceeiro, dos autênticos, que vivia em várias divisões e possuía toda a casa. Nela se instalara também um duende porque recebia nas noites de Natal um bom prato de papas com um grande pedaço de manteiga no meio. Bem podia o merceeiro oferecê-lo. O duende ficava na loja, porque o tinha escolhido e também era muito instrutivo.

Uma noite o estudante entrou pela porta das traseiras para comprar velas e queijo. Como não tinha ninguém a quem mandar, foi ele próprio. Recebeu o que pretendia, pagou-o e o merceeiro e a mulher acenaram-lhe com a cabeça dizendo «boa noite». A patroa era uma mulher que sabia bem mais do que acenar com a cabeça, tinha o dom da palavra! E o estudante acenou também, mas ficou ali parado no meio da leitura da folha de papel que embrulhava o queijo. Era uma folha arrancada de um velho livro, que não merecia ser rasgado em pedaços, um velho livro cheio de poesia.

– Há ali mais – disse o merceeiro. – Dei a uma velha alguns grãos de café por ele. Se quer dar-me oito xelins, pode levar o resto do livro.

– Obrigado – disse o estudante. – Dê-mo em vez do queijo! Posso comer só pão! Seria pecado rasgar todo esse livro em

pedaços e pedacinhos. O senhor é um excelente homem, um homem prático, mas de poesia não entende mais do que aquela selha.

Foi feio dizer aquilo, especialmente para a selha, mas o merceeiro riu e o estudante também. Foi dito assim à laia de brincadeira. Porém, o duende irritou-se por alguém ter a ousadia de dizer tal coisa a um merceeiro, que era proprietário e vendia a melhor manteiga.

Quando se fez noite, a loja fechou e todos foram para a cama, à excepção do estudante. O duende entrou e levou a *língua solta* da patroa, pois esta não precisava dela quando dormia. E fosse qual fosse o objecto onde o duende pusesse a língua, este recebia voz e fala, podendo exprimir os seus pensamentos e sentimentos tão bem como a patroa, cada um na sua vez. Isso era uma coisa boa, senão desatariam a falar todos ao mesmo tempo e ninguém se entendia.

E o duende pôs a língua solta na selha, onde estavam os jornais velhos.

– É realmente verdade – perguntou ele – que não sabeis o que é poesia?

– Claro que sei – disse a selha. – É algo que está na parte de baixo dos jornais e é recortado! Creio que tenho mais poesia dentro de mim do que o estudante e sou apenas uma simples selha numa mercearia.

Depois, o duende pôs a língua solta no moinho de café. Oh!, como falava! E pô-la na cuba da manteiga e na caixa do dinheiro... todos tinham a opinião da selha. E quando as opiniões estão de acordo com a maioria têm de ser respeitadas.

– Agora vai ver o estudante!

Então, o duende subiu devagarinho as escadas da cozinha que davam para a água-furtada onde vivia o estudante. Havia luz lá dentro, o duende espreitou pelo buraco da fechadura e viu

que este estava a ler o livro rasgado. Havia tanta luz lá dentro! Do livro saía um raio luminoso que se transformava num tronco, numa árvore possante que se erguia bem alto e estendia amplamente os seus ramos sobre o estudante. Todas as folhas eram frescas e cada flor era uma bela cabeça de rapariga. Umas tinham os olhos escuros e faiscantes e outras azuis e maravilhosamente claros. Cada fruto era uma estrela brilhante e ouvia-se um canto e uma música extraordinariamente belos!

Em tal magnificência nunca tinha pensado o duende, muito menos visto e sentido. E assim ficou nas pontas dos pés, a espreitar, a espreitar, até que a luz se extinguiu. O estudante soprou o candeeiro e foi para a cama. O duendezinho deixou-se ficar, pois ainda se ouvia aquele canto suave e belo. Era uma deleitosa canção para embalar o estudante, que se deitara para repousar.

– É incomparável! – disse o duendezinho. – Não esperava isto!... Creio que vou ficar com o estudante! – E pensou, e pensou sensatamente, e suspirou: – O estudante não tem papas! – E foi-se embora. Sim! Voltou para o merceeiro.

Foi bom ter voltado, pois a selha tinha gasto a língua solta da patroa a pronunciar tudo o que em si continha de um lado. Agora já estava com a ideia de se virar para reproduzir o mesmo do outro lado, quando o duende chegou e devolveu a língua solta à mulher do merceeiro. Mas toda a loja, desde a caixa do dinheiro até à lenha em feixes, foi da opinião da selha e considerou-a em tão alto grau e confiou tanto nela que, quando depois o merceeiro, à noite, lia a «Crónica do Teatro e das Artes» do seu «jornal», acreditava que tal leitura vinha da selha.

Mas o duendezinho já não ficava tranquilamente sentado a escutar lá do alto toda a sabedoria e compreensão que vinha cá de baixo. Não! Logo que saía luz da água-furtada, era como se os raios fossem fortes cabos de âncora que o puxassem para cima e tinha de partir para ir espreitar pelo buraco da fechadura.

Aí movia-o então a grandeza, que sentimos no mar revolteante, quando Deus passa em tempestade sobre ele. E rompia em lágrimas, ele próprio não sabendo porque chorava, mas havia naquelas lágrimas algo abençoado!... Como devia ser incomparavelmente belo estar sentado com o estudante sob aquela árvore. Mas isso não podia acontecer. Contentava-se com o buraco da fechadura. Ainda estava no corredor frio, quando o vento outonal soprou pelas frestas do sótão. Fazia tanto frio! Tanto frio! Mas o duendezinho só o sentia quando a luz se apagava dentro da água-furtada e os sons morriam perante o vento. Ui! Então regelava e arrastava-se novamente para o seu cantinho. Como era confortável e agradável!... E quando vinham as papas do Natal com um grande pedaço de manteiga... ah!, sim!, então o merceeiro era o melhor de todos!

No meio de uma noite o duende acordou com um barulho terrível nas persianas das janelas. Lá fora, estava gente a bater estrondosamente nelas. O guarda-nocturno apitava porque havia um grande incêndio. Toda a rua estava iluminada pelas chamas. Era ali em casa ou na do vizinho? Onde? Era um horror! A mulher do merceeiro ficou tão perturbada que tirou os brincos de ouro das orelhas e meteu-os na algibeira para assim salvar alguma coisa. O merceeiro correu a buscar os papéis de crédito e a criada a sua mantilha de seda, que se tinha dado ao luxo de comprar. Todos queriam salvar o melhor que possuíam e também o queria o duendezinho. Em poucos pulos pôs-se no cimo das escadas e entrou no quarto do estudante, que estava perfeitamente tranquilo, com as janelas abertas, a olhar para o fogo assolando o pátio do vizinho da frente. O duendezinho agarrou no livro maravilhoso que estava em cima da mesa, meteu-o no seu carapuço vermelho e segurou-o com ambas as mãos. O melhor tesouro da casa estava a salvo! Depois raspou-se e foi para o telhado, para cima da chaminé, e aí se sentou, iluminado pelas

chamas da casa a arder mesmo em frente, segurando com ambas as mãos o carapuço vermelho, onde guardava o tesouro. Disse-lhe então o sentimento a quem ele, o duende, na verdade, pertencia.

Mas quando o fogo se extinguiu e ficou mais calmo... sim:

– Vou reparti-lo entre os dois! – exclamou. – Não posso abandonar assim simplesmente o merceeiro, por causa das papas!

E foi perfeitamente humano!... Nós, os outros, também vamos ao merceeiro. Por causa das papas.



O Patinho Feio

Den grimme Ælling (1843)

Estava tão bonito o campo!

Era Verão, o trigo era dourado, a aveia verde e o feno amontoado em medas nos prados verdes. Por aí andava a cegonha com as suas longas pernas vermelhas falando egípcio, uma língua que aprendeu com a sua mãe. Em redor dos campos e dos prados havia grandes bosques e no meio deles profundos lagos. Sim, estava tão bonito o campo!

No meio, iluminado pelo Sol, via-se um velho solar rodeado por profundos canais. Dos muros e para baixo, até à água, cresciam grandes folhas de bardanas, tão altas que as crianças podiam pôr-se de pé por baixo das maiores. Era tão intricado aí como no bosque mais espesso e, lá no meio, encontrava-se uma pata no seu ninho. Devia chocar os ovos, pois esperava patinhos, mas estava cansada porque demorava muito tempo e raramente recebia visitas. As outras patas gostavam mais de nadar nos canais do que correr lá acima e sentarem-se sob uma folha de bardana para grasnarem com ela.

Por fim rebentou um ovo após outro. Pi! Pi! – diziam os patinhos recém-nascidos. Todas as gemas de ovo se tornaram criaturas vivas, mal punham a cabeça de fora.

– Vá! Vá! – disse ela, e os patinhos apressaram-se quanto podiam e olhavam para todos os lados sob as folhas verdes. E a mãe deixava-os olhar, as vezes que quisessem, pois o verde é bom para os olhos.

– Como o mundo é tão grande! – disseram os filhotes. Pois, na verdade, tinham agora bem mais espaço do que quando se encontravam dentro do ovo.

– Não julguem que isto é o mundo todo! – disse a mãe. – Estende-se muito para além do outro lado do jardim, bem para dentro da quinta do Padre! Mas nunca estive aí!... Estais pois todos juntos! – disse, levantando-se. – Não, não estão todos! O ovo maior ainda está ali! Quanto tempo vai demorar? Estou a começar a ficar cansada! – E voltou a deitar-se.

– Então, como vai isso? – perguntou uma velha pata que vinha fazer-lhe uma visita.

– Está tão demorado este ovo! – disse a pata que chocava. – Não há meio de furá-lo! Mas vê os outros! São os patinhos mais bonitos que vi! Parecem-se todos com o pai, esse malvado que nem vem visitar-me.

– Deixa-me ver o ovo que não quer rebentar! – pediu a velha. – Podes crer que é um ovo de peru! Também fui enganada uma vez e tive muitos aborrecimentos com os meus filhotes, pois, devo dizer-te, ficaram com medo da água! Não consegui levá-los até lá! Eu grasnei e dei-lhes bicadas, mas não serviu de nada!... Deixa-me ver o ovo! É realmente um ovo de peru! Deixa-o ficar aí e ensina os outros filhotes a nadar!

– Quero ainda chocá-lo um bocado! Estive deitada tanto tempo que não me custa nada descontar um pouco do meu lazer!

– Como quiseses! – afirmou a velha pata, e foi-se embora. Finalmente o ovo grande rebentou.

– Pi! Pi! – disse o filhote, deixando-se tombar para fora.

Era tão grande e tão feio! A pata olhou para ele:

– Mas é um patinho terrivelmente grande! – exclamou. – Nenhum dos outros se parece assim! Espero que não venha a ser um peruzinho!

– Bem, em breve vamos ver isso! Para a água terá de ir, nem que eu tenha de arrastá-lo às bicadas!

No dia seguinte fazia um tempo maravilhoso. O Sol brilhava sobre todas as bardanas verdes. A mãe dos patinhos, com toda a família, avançou para baixo em direcção ao canal. Chape!, e saltou para a água. Vá! Vá! – disse ela, e os patinhos deixaram-se cair uns atrás dos outros. Ficaram com a cabeça debaixo de água, mas vieram logo ao de cima e flutuaram deliciosamente. As pernas andavam por si próprias e todos lá estavam. O filhote feio e cinzento também nadava.

– Não, não é nenhum peru! – exclamou ela. – Vê como mexe tão bem as pernas, como se mantém direito! É mesmo meu filho! No fundo, é bastante bonito, quando se o observa bem! Vá! Vá! Venham agora todos comigo. Vou levá-los para o mundo e apresentá-los no pátio dos patos, mas andem sempre ao pé de mim, para que ninguém os pise e tenham muito cuidado com o gato!

E entraram assim no pátio dos patos. Havia um barulho terrível lá dentro, porque duas famílias lutavam pela posse de uma cabeça de enguia, mas, aproveitando a confusão, foi o matreiro do gato que a apanhou.

– Vejam como se passam as coisas no mundo! – disse a mãe dos patinhos, lambendo o bico, pois também lhe apetecia a cabeça de enguia. – Mexam agora as pernas! – continuou ela. – Vejam se podem grasnar e fazer uma cortesia com o pescoço diante daquela pata velha! É a mais distinta de todas aqui. É de sangue espanhol, portanto, é pesada. Vejam como tem um trapo vermelho em volta da perna! É algo de extraordinariamente belo e a maior distinção que uma pata pode receber. Significa muito, que não se querem desembaraçar dela e que deve ser reconhecida por animais e homens. Mexam-se!... Não com as pernas para dentro! Um patinho bem-criado põe as pernas bem

afastadas uma da outra como o pai e a mãe! Assim! Façam uma cortesia com a cabeça e digam: quá!

E assim fizeram. Mas as outras patas à volta olharam para eles e disseram bem alto: – Vejam! Vamos ter agora mais aquela ninhada! Como se não fôssemos já bastantes! Hui! Que aspecto tem aquele patinho! Não podemos tolerar isso! – E logo esvoaçaram, uma pata atrás da outra, para o morder na nuca.

– Deixem-no! – disse a mãe. – Não fez mal nenhum a ninguém!

– Sim, mas é demasiado grande e demasiado estranho! – disse a pata que o mordeu. – E por isso tem de ser tosado!

– São bonitos os filhotes que a mãe tem! – disse a pata velha com o trapo na perna. – Todos bonitos, excepto um, que não teve êxito! Gostaria que ela pudesse refazê-lo!

– Não serve de nada, Vossa Mercê! – disse a mãe dos patinhos. – Ele não é bonito, mas tem bom feitio e nada tão bem como qualquer um dos outros. Sim, ouse mesmo dizer, um pouco melhor! Penso que vai tornar-se bonito e com o tempo ficará mais pequeno! Ficou demasiado tempo no ovo e por isso não recebeu a forma correcta no corpo! – E passou-lhe o bico na nuca alisando-lhe as penas. – Além disso é um pato – disse ela –, por isso não tem muita importância! Confio que venha a ter boas forças e vai vencer de certeza!

– Os outros patinhos são engraçadinhos! – ripostou a velha. – Façam como se estivessem em casa, e se encontrarem uma cabeça de enguia, podem trazer-ma!

Sentiam-se como se estivessem em sua casa.

Mas o pobre patinho, que saíra em último lugar do ovo e que tinha um aspecto tão feio, foi mordido, tosado, e dele escarneceram. Tanto as patas como as galinhas. – É demasiado grande! – diziam todos, e o peru, que nasceu com esporas e que julgava por isso ser imperador, inchou todo como um barco de

velas enfunadas, foi direito a ele e gorgolejou, ficando todo vermelho na cabeça. O pobre patinho não sabia onde havia de meter-se. Estava muito desolado por ter assim um aspecto tão feio e servir de escárnio para todo o pátio dos patos.

Assim se passou no primeiro dia e depois tornou-se cada vez pior. O pobre patinho era perseguido por todos, até mesmo os irmãos eram maus para ele e diziam sempre: – Se ao menos o gato te levasse, feia criatura! – E a mãe acrescentava: – Quem me dera que fosses para longe! – E as patas mordiam-no, as galinhas picavam-no e a rapariga que distribuía a comida aos animais dava-lhe pontapés.

Então elevou-se e voou para fora da sebe. Os passarinhos nos arbustos fugiram espavoridos. «É porque sou feio!», pensou o patinho e fechou os olhos, mas continuou a correr até chegar ao grande pântano onde moravam os patos-bravos. Ali ficou toda a noite. Estava muito cansado e aflito!

De manhã, os patos-bravos levantaram voo e olharam para o novo camarada. – De que espécie és tu? – perguntaram eles, e o patinho voltou-se para todos os lados e saudou-os o melhor que sabia.

– É extraordinariamente feio! – disseram os patos-bravos. – Mas para nós é o mesmo, desde que não cases na nossa família!

Pobrezinho! Não pensava, de certeza, em casar-se. Pudesse apenas ter autorização para se deitar nos juncos e beber um pouco de água do pântano!

Ali ficou durante dois dias inteiros. Então vieram dois gansos-bravos, dois machos. Não fora há muito que haviam saído do ovo e por isso eram tão atrevidos.

– Ouve, camarada! – disseram eles. – Tu és tão feio, que até gosto de ti! Queres vir connosco e ser ave de arribação? Num outro pântano há umas patas-bravas encantadoras, todas meninas, que sabem dizer: quá! Estás em condições de fazer a tua felicidade, tão feio és!...

– Pum! Pum! – ouviu-se naquele momento, os dois gansos-bravos caíram mortos nos juncos e a água tornou-se vermelha de sangue. Pum! Pum! – voltou a ouvir-se. Todo o bando de gansos-bravos voou dos juncos. Troou ainda mais uma vez. Era uma grande caçada. Os caçadores estavam à volta do pântano. Sim, alguns encontravam-se mesmo sentados nos ramos das árvores que se estendiam sobre os juncos. O fumo azul subia como nuvens entre as árvores sombrias e suspendia-se sobre a água. Pelo lodo vieram os cães de caça, *platch, platch*. Juncos e canas abanavam por todos os lados. Era terrível para o pobre patinho, que virou a cabeça para a pôr debaixo da asa e precisamente nesse momento apareceu junto dele um cão terrivelmente grande, com a língua pendendo fora da boca e os olhos a brilhar, horríveis. Pôs o focinho mesmo contra o patinho, mostrou os dentes aguçados e... *platch, platch*, lá se foi sem pegar nele.

– Deus seja louvado! – sussurrou o patinho. – Sou tão feio que nem mesmo o cão quer morder-me!

E assim ficou completamente quieto, enquanto as chumbadas sibilavam nos juncos e estoiravam tiro após tiro.

Só mais para o fim do dia é que se fez silêncio, mas o pobre patinho não ousou levantar-se. Esperou algumas horas mais, antes de olhar à volta e depois apressou-se a sair do pântano o mais rápido que pôde. Havia vento forte e teve grandes dificuldades para sair dali.

Perto da noite chegou a uma pequena e pobre casa de camponeses. Era tão miserável que ela própria não sabia para que lado havia de cair. Tanto assim que era melhor ficar de pé. O vento sibilava de tal modo à volta do patinho que este tinha de apoiar-se na cauda para o enfrentar e cada vez soprava com mais força. Então observou que a porta tinha saído de um dos gonzos e ficado suspensa para um dos lados, permitindo que ele se pudesse introduzir pela abertura. Foi o que fez.

Na casa morava uma velha senhora com o seu gato e a sua galinha. O gato, a quem ela chamava *Filhinho*, sabia corcovar a espinha e bufar. Quando se eriçava, até fazia faísca, sendo então necessário passar-lhe a mão pelo pêlo em sentido contrário. A galinha tinha umas pernas pequenas muito baixas e por isso se chamava *Franganinha Perna Curtinha*. Punha bons ovos e a mulher gostava dela como se fosse sua filha.

De manhã, logo que se deu pela presença do estranho patinho, o gato começou a corcovar a espinha e a galinha a cacarejar.

– Que é isto? – disse a velha olhando à volta, mas, como não via bem, julgou que o patinho era uma pata gorda que se perdera. – É um achado! – continuou. – Agora posso ter ovos de pata, se não for um pato! Temos de ver isso!

E o patinho foi posto à experiência durante três semanas. Mas não apareceu nenhum ovo. O gato, que era o senhor da casa, e a galinha, a senhora, diziam sempre:

– Nós e o mundo! – pois acreditavam que eram metades deste e a melhor parte. Ao patinho parecia-lhe que se podia ter outra opinião, mas isso não suportava a galinha.

– Sabes pôr ovos? – perguntou ela.

– Não.

– Bem, então cala o bico!

E o gato dizia: – Sabes corcovar a espinha, bufar e fazer faíscas?

– Não.

– Então não deves ter opiniões quando fala gente razoável!

O patinho sentava-se a um canto e ficava deprimido. Então sucedeu-lhe pensar no ar livre e na luz do Sol. Ficou com um tal anseio maravilhoso de flutuar na água que, por fim, não podia aguentar. Tinha de dizê-lo à galinha.

– Que se passa contigo? – perguntou ela. – Não tens nada para fazer, por isso te vêm essas fantasias à cabeça! Põe ovos ou bufa que assim te passarão.

– Mas é tão belo flutuar na água! – disse o patinho. – Tão belo pôr a cabeça debaixo dela e mergulhar até ao fundo!

– Sim, é um grande prazer! – disse a galinha. – Ficaste bastante maluco! Pergunta ao gato – é o mais inteligente que conheço – se gosta de flutuar na água ou mergulhar nela. Não quero falar de mim... Pergunta mesmo à nossa dona, que mais inteligente do que ela não há no mundo! Crês que tem vontade de flutuar na água ou de pôr a cabeça debaixo dela?

– Não me compreendem – disse o patinho.

– Bem, se não te compreendemos, quem te compreenderá? Certamente não pretendes ser mais inteligente que o gato e a mulher, para não falar de mim! Não sejas presunçoso, criança! E agradece ao Criador por tudo de bom que fez por ti! Não vieste para uma casa quente e não tens um ambiente onde podes aprender alguma coisa? Tu és um disparatado e não é divertido falar contigo! Acredita! É para teu bem que te digo estas coisas desagradáveis e é nisso que se reconhecem os verdadeiros amigos! Vê apenas se consegues pôr ovos e aprendes a bufar ou a fazer faíscas!

– Creio que me vou embora, por esse mundo fora! – disse o patinho.

– Vai pois! – retorquiu a galinha.

E o patinho foi. Flutuou na água, mergulhou nela, mas por todos os animais foi desdenhado, pela sua fealdade.

Chegou então o Outono. As folhas nos bosques ficaram amarelas e castanhas, o vento pegou nelas, de tal modo que dançavam à roda e lá em cima no céu parecia fazer frio. As nuvens suspendiam-se pesadas, carregadas de granizo e de geada e na sebe estava o corvo que gritava: ai!, ai!, transido de frio. Podia-se ficar completamente enregelado só de pensar nisso. O pobre patinho, na verdade, não passava nada bem.

Uma tardinha, em que houve um lindo pôr do Sol, saiu das moitas um bando de aves grandes e belas. O patinho nunca vira

nenhumas tão bonitas. Eram de um branco brilhante, com pescoços longos e flexíveis. Eram cisnes. Lançaram um som estranhamente bonito, abriram as asas largas e belas e voaram para fora das regiões frias, para terras mais quentes, para os lagos abertos. Subiram alto, bem alto e o patinho feio sentiu-se muito esquisito. Pôs-se a andar à volta na água como uma roda, estendeu o pescoço grande para o ar na direcção deles, lançou um grito tão alto e estranho que ele próprio ficou com medo. Oh! Não podia esquecer as belas aves, as aves felizes, e assim que as deixou de ver, mergulhou até ao fundo, e quando voltou, estava como fora de si. Não sabia como se chamavam as aves, nem para onde voavam, mas ficou a gostar delas como nunca tinha gostado de alguém. Não as invejava de modo algum, pois como podia desejar uma tal beleza! Já se contentaria se fosse tolerado entre os patos!... o pobre animalzinho feio!

E o Inverno ficou tão frio, tão frio. O patinho tinha de nadar à volta na água para evitar que esta gelasse completamente. Mas cada noite que passava o buraco em que ele nadava tornava-se cada vez mais pequeno. Gelou de tal modo que até a crosta estalava. O patinho tinha de estar sempre a mexer as pernas para que a água não se fechasse. Por fim, extenuado, parou e ficou completamente colado ao gelo.

De manhã cedo passou um camponês. Viu-o e foi direito a ele. Bateu com o tamanco no gelo partindo-o em pedaços e levou-o para casa, para a mulher. Voltou depois à vida.

As crianças queriam brincar com ele, mas o patinho julgou que lhe queriam fazer mal e fugiu, com medo, para dentro da malga do leite, de tal forma que este salpicou as paredes da casa. A mulher gritou e agitou os braços no ar. Então voou dali para dentro da selha onde estava a manteiga, depois para dentro do barril da farinha e seguidamente veio para cima. Ui! Como ele estava! E a mulher gritava e corria atrás dele para lhe bater com a tenaz do

fogão, e as crianças corriam atrás uma da outra atropelando-se para apanhar o patinho e riam e gritavam... Foi bom que a porta estivesse aberta! Correu para fora, por entre os arbustos, para a neve recém-caída... e aí ficou, como que entorpecido.

Mas seria demasiado triste contar todas as necessidades e misérias por que passou, no Inverno rigoroso... Estava no pântano, entre as canas, quando o Sol começou a brilhar quente de novo. As cotovias cantavam... como era bela a Primavera.

Então ergueu as asas, que se agitaram fortemente como nunca antes acontecera e elevaram-no com grande impulso. E antes que desse por isso, encontrou-se num grande jardim onde as macieiras floriam, os lilases perfumavam o ar e se suspendiam nos longos ramos verdes que acompanhavam as curvas serpenteantes dos canais. Oh! Ali era tão belo, de uma frescura tão primaveril! E mesmo à sua frente surgiram, vindos das moitas, três belos cisnes brancos. Armavam as penas e flutuavam tão levemente na água... O patinho reconheceu os belos animais e foi tomado por uma estranha tristeza.

– Vou voar para junto deles, os animais reais! Picar-me-ão de morte porque eu, que sou tão feio, ouse aproximar-me deles! Mas que importa! Melhor ser morto por eles do que ser bicado pelas patas, espicaçado pelas galinhas, levar pontapés da rapariga que trata do galinheiro e sofrer desgraças no Inverno! Voou para a água e nadou ao encontro dos belos cisnes. Estes viram-no e nadaram ao seu encontro, agitando as asas. – Vá, matem-me! – disse o pobre animal, curvando a cabeça para a superfície da água à espera da morte... mas o que viu ele na água clara? Viu a sua própria imagem. Já não era mais uma ave desajeitada, cinzenta-escura, feia e horrível.

Era um cisne.

Não tem importância nascer num pátio de patos, se se foi chocado num ovo de cisne!

Sentiu-se recompensado pelas misérias e privações por que passara. Agora apreciava a felicidade e toda a beleza que lhe sorria... E os cisnes grandes nadavam à sua volta e acariciavam-no com o bico.

Chegaram criancinhas ao jardim, lançaram pão e trigo para a água e a mais pequena gritou:

– Há um novo! – E as outras crianças alegraram-se com isso.
– Sim, chegou um novo! – Batiam palmas e dançavam à roda. Correram a buscar os pais, que lançaram pão e bolos à água. E todos disseram: – O novo é o mais bonito de todos! Tão jovem e tão belo! – E os cisnes velhos curvaram-se reverenciando-o.

Sentiu-se então muito envergonhado e escondeu a cabeça debaixo da asa. Não sabia o que fazer! Estava extraordinariamente feliz, mas de modo algum orgulhoso, pois um bom coração nunca fica orgulhoso!

Pensava como fora perseguido e ofendido e ouvia agora todos dizerem que era a mais bela de todas as aves belas. Os lilases curvavam os ramos para a água. Para ele. O Sol brilhava tão quente e tão agradável! Então agitou as asas e esticou o seu elegante pescoço e alegrou-se de todo o coração:

– Tanta felicidade nunca sonhei, quando era o patinho feio!



O Monte das Sílides¹ *Elverhøj* (1845)

De um lado para o outro, nas fendas de uma velha árvore, corriam lagartos. Entendiam-se bem uns aos outros, pois falavam a língua dos lagartos.

– Olha! Como rola e zune no velho monte das sílfides! – disse um. – Eu não consigo fechar os olhos já há duas noites por causa do barulho. Bem podia ter-me deitado com dores de dentes porque assim também não dormia.

– Alguma coisa se está a passar lá em cima – disse um segundo lagarto. – Colocaram o monte sobre quatro estacas vermelhas, para o arejarem convenientemente, até ao canto do galo, e as sílfidezinhas aprenderam novas danças, em forma de sapateado. Alguma coisa se prepara.

– Sim, falei com uma minhoca do meu conhecimento – disse o terceiro lagarto. – Vinha directamente do monte, onde, noite e dia, tinha remexido na terra. Ouviu uma grande parte da azáfama, que ela não pode ver, o pobre animal, mas colher informações e escutar, disso percebe ela. Esperam-se visitas no monte das sílfides, estranhos distintos, mas quem, não quis a minhoca dizer, ou então não sabia. A todos os *lygteænd*² foi dito para fazerem um cortejo de archotes, como é, vulgarmente chamado, e a prata e ouro, que há em fartura no monte, estão a ser polidos e expostos ao luar.

– Quem serão, portanto, os estranhos? – disseram todos os lagartos. – Que será que se está a preparar? Ouve como zumbel! Ouve como zune!

Precisamente nesse momento abriu-se o monte das sílfides e uma velha sílfide, que não tinha costas, mas que fora, apesar disso, vestida muito decentemente, chegou com passinhos pequenos. Era a velha governanta do rei das sílfides. Era uma parente afastada da família do rei e tinha um coração de âmbar na testa. Andava tão bem com as pernas! Tripe, tripe! Arre! Como ela sabia andar com passinhos pequenos. E foi directamente para baixo, para o pântano, falar com o *Natravn*³.

– Está convidado para o monte das sílfides, esta noite – disse ela. – Mas gostava que nos fizesse o grande serviço de tomar conta dos convites! Tornar-se-á útil, porque não tem casa a convidar! Recebemos visitas altamente distintas, feiticeiros que são importantes e, por isso, o velho rei das sílfides quer exhibir-se!

– Quem vou eu convidar? – perguntou o *Natravn*.

– Para o grande baile pode vir todo o mundo, mesmo os humanos, desde que saibam falar alto, em sonhos, ou fazer um pouco daquilo que diz respeito à nossa espécie. Mas para o primeiro festim tem de haver uma selecção rigorosa. Queremos ter apenas os mais distintos de todos. Discuti com o rei das sílfides, porque sou da opinião de que não devemos permitir *spøgelse*⁴. O *Havmand*⁵ e as filhas têm de ser os primeiros convidados. Não gostam de vir para a terra seca, mas cada um deles terá uma pedra húmida para se sentar ou algo melhor e, assim, penso que desta vez não vão dizer que não. Todos os velhos feiticeiros de primeira classe com caudas, o *Åmand*⁶ e os *nisser*⁷, podem ser convidados. Também penso que não podemos deixar de lado o *Gravso*⁸, o *Helhest*⁹ e o *Kirkegrim*¹⁰. Pertencem, na verdade, aos eclesiásticos, que não são do nosso povo, mas são os seus cargos. Estão próximos de nós, em família, e fazem-nos visitas constantes!

– Bra! – disse o *Natravn*, e depois partiu a voar para ir fazer os convites.

As sílfides já dançavam no monte. Dançavam com véus de longos tecidos de névoa e luar. Encantador, para aqueles que gostam do género. No meio do monte das sílfides, a sala grande estava brilhantemente decorada. O chão fora lavado com o brilho do luar e as paredes esfregadas com gordura de feiticeira, resplandecendo como pétalas de túlipas, em contraluz. A cozinha estava recheada de rãs no espeto, peles de cobra com pequenos dedos de criança dentro e saladas de sementes de cogumelos venenosos. Focinhos molhados de ratinhos e cicuta, cerveja da lavra de *Mosekone*¹¹, vinho brilhante de salitre das caves das covas. Tudo muito nutritivo. Pregos ferrugentos e vidros de janelas de igrejas pertenciam às guloseimas.

O velho rei das sílfides mandou polir a sua coroa de ouro com o pó do giz com que se escreve na ardósia, o giz dos alunos mais espertos, e é muito difícil para o rei das sílfides obter esse pó! No quarto de dormir estavam suspensas cortinas fixadas com vomitado de cobras. Sim, era verdadeiramente um zumbido e um bramido!

– Agora tudo vai ser desinfectado com fumo de crina de cavalo e pêlo de porco. Creio que tenho cumprido bem o meu dever – disse a velha sílfide.

– Doce pai! – exclamou a mais jovem das filhas. – Posso agora saber quem são as visitas distintas?

– Claro! – disse ele. – Bem tas posso revelar! Duas de vós, minhas filhas, têm de se preparar para o casamento. Duas que, certamente, casarão e partirão. O velho *Trold*¹², lá de cima, da Noruega, aquele que vive na velha montanha de Dovre e tem muitos palácios feitos de enormes pedregulhos de granito e uma mina de ouro, que é melhor do que se crê, vai descer com os seus dois rapazes, que procuram mulher. O *Trold* é um

genuíno, velho e honesto norueguês, divertido e franco. Conheço-o de tempos passados, quando bebemos juntos a tratar-nos por tu. Ele esteve aqui em baixo para arranjar mulher, que, entretanto, já morreu. Era filha dos reis das escarpas de Møen. Arranjou a sua mulher de giz¹³, como se costuma dizer! Oh! Como tenho saudades do velho *Trold* norueguês! Os rapazes, diz-se, devem ser uns jovens malcriados e irreverentes, mas podemos estar a ser injustos. Tornar-se-ão, certamente, bons, quando forem mais maduros. Deveis ser vós, assim o espero, a ensinar-lhes as boas maneiras!

– E quando vêm eles? – perguntou uma das filhas.

– Depende do vento e do tempo! – respondeu o rei das sílfides. – Viajam economicamente! Vêm para aqui de navio. Eu queria que passassem pela Suécia, mas o velho não se inclina ainda para esse lado! Não acompanha os tempos, e disse eu não gosto!

Nesse momento, chegaram dois *lygtemænd* aos pulos, um mais depressa do que o outro, que, por isso, chegou primeiro.

– Vêm aí! Vêm aí! – gritaram eles.

– Dai-me a minha coroa e deixai-me ficar no meio do luar! – disse o rei das sílfides.

As filhas levantaram os xales longos e inclinaram-se, numa vénia, até ao chão.

Ali estava o velho *Trold* de Dovre com a coroa de estalactites de gelo e pinhas polidas. Trazia vestida uma pele de urso e calçava botas de trenó. Os filhos, pelo contrário, vinham de pescoço descoberto e sem suspensórios, pois eram moços novos e de força.

– É isto um monte? – perguntou o mais novo, apontando para o monte das sílfides. – Chama-se a isso, lá em cima, na Noruega, um buraco.

– Rapazes! – disse o velho. – O buraco vai para dentro, o monte vai para cima! Não têm olhos na cara?

A única coisa que nos admira aqui – disseram eles – é, assim sem mais nada, podermos compreender a língua.

– Não se façam de palermas! – disse o velho. – Podia pensar-se que vocês ainda não estão amadurecidos.

E, depois, entraram no monte das sílfides, onde estava, verdadeiramente, a fina sociedade, e com uma precipitação tal que se julgaria que tinham sido empurrados pelo vento. E que bonitas e delicadas eram as instalações destinadas a cada um. A gente do mar estava sentada à mesa em grandes selhas de água. Diziam que era como estar em casa. Todos guardavam os bons costumes nas refeições, com exceção dos dois jovens *trolde* noruegueses. Puseram logo os pés na mesa. Julgavam que tudo lhes ficava bem.

– Os pés para fora da gamela – disse o velho *Trold*. Obedeceram, mas não logo. Antes, ainda fizeram cócegas com as pinhas que tinham consigo nas algibeiras às suas damas de mesa. Depois tiraram as botas para ficarem à vontade e deram-lhas para as segurarem.

O pai deles, o velho *Trold* de Dovre, era verdadeiramente de outra estirpe. Falou tão bem sobre os orgulhosos rochedos noruegueses e sobre as cascatas que se precipitavam, brancas de espuma e com estrondo, como o trovão e som do órgão. Contou dos salmões, que saltavam contra a corrente, enquanto a *Nøkken*¹⁴ tocava na sua harpa de ouro. Contou das noites de Inverno brilhantes, quando os guizos dos trenós soavam e os moços corriam com tochas ardentes, ali, sobre o gelo reluzente, tão transparente que os peixes se atemorizavam por baixo dos seus pés. Sim! Sabia contar tão bem que, ao ouvi-lo, se imaginava tudo o que ele dizia. Era como se ouvissem as serrações de madeira a girar de forma ininterrupta, ou ver os rapazes e as raparigas a cantar canções e a dançar as danças de Hallinge. Hurra! Inesperadamente, o velho *Trold* deu à velha sílfide uma grande beijoca, que foi um perfeito

beijo, embora ela não tomasse parte nos actos da família do rei das sílfides.

As sílfidezinhas tiveram agora de dançar. Tanto de maneira simples como em forma de sapateado e ficava-lhes muito bem. Depois, veio a dança artística ou como se diz: «Dar passos fora da dança.» Caramba! Como esticavam a perna! De tal forma que não se sabia onde estava o princípio e onde estava o fim. Não se sabia o que era braço e o que era perna. Entre eles, era como se fossem aparas a voar, e rodopiaram de tal modo que o *Helhest* se sentiu mal e teve de sair da mesa.

– Prrrr! – disse o velho *Trold*. – Isto é uma loucura de pernas! Mas, para além de dançar, que sabem elas fazer senão esticar pernas e gerar redemoinhos de vento?

– É o que vais saber! – respondeu o rei das sílfides. E chamou a mais nova das filhas. Era tão delgada e clara como o luar, a mais delicada de todas as irmãs. Meteu um pauzinho branco na boca e desapareceu simplesmente. Era a sua arte.

Mas o velho *Trold* disse que não gostaria de ver essa arte na sua mulher e também não acreditava que os seus rapazes viessem a gostar disso.

A outra sabia andar ao lado de si própria, tal como se tivesse sombra, e sombra é coisa que os *trolde* não têm.

A terceira era inteiramente de outro tipo. Tinha aprendido na cervejaria da mulher do pântano como se faziam espetos nos pauzinhos de amieiro, com os vermes de São João.

– Será uma boa dona de casa! – disse o velho *Trold*, saudando-a com uma piscadela de olhos, pois não queria beber de mais.

Veio então a quarta rapariga das sílfides. Tinha uma grande harpa de ouro, e quando ela tocou na primeira corda, levantaram todos a perna esquerda, porque os *trolde* são canhotos das pernas, e quando ela tocou a outra corda, tiveram todos de fazer o que ela queria.

– Uma mulher perigosa! – afirmou o velho *Trold*.

Entretanto, os dois filhos saíram do monte, pois já estavam a ficar fartos.

– Que sabe a próxima filha? – perguntou de novo o velho *Trold*.

– Aprendi a gostar dos noruegueses! – disse ela. – E nunca me hei-de casar se não puder ir para a Noruega.

Mas a mais nova das irmãs segredou ao velho *Trold*:

– É simplesmente porque ouviu, de uma canção norueguesa, que, quando o mundo se afundar, apenas restarão os pedregulhos noruegueses, como marcos e, portanto, quer ficar lá em cima, pois tem muito medo de se afogar.

– Oh! Oh! – disse o velho *Trold*. – Deixa-te disso. Mas o que sabe a sétima e última?

– A sexta vem antes da sétima! – continuou o rei das sílfides, que sabia contar, mas a sexta, em boa verdade, não queria aparecer.

– Eu sei apenas dizer a verdade! – retorquiu ela. – Ninguém gosta de mim. Portanto, já tenho suficientes afazeres a preparar a minha mortalha.

Depois veio a sétima e última. E que sabia ela? Ela sabia contar contos. Tantos quantos queria.

– Aqui estão todos os meus cinco dedos? – disse o velho *Trold*. – Sobre cada um deles, conta-me um conto.

E a moça sílfide tomou-o pelo pulso. Ele riu tanto, que quase se escangalhava. E, quando ela chegou ao anelar, rodeado por um anel de ouro, o dedo quase adivinhou que aquilo iria acabar em noivado. Disse-lhe então o velho *Trold*:

– Segura bem o que tens na mão. Ela é tua! – A ti quero, eu próprio, como mulher!

E a moça sílfide respondeu que tinham ficado ainda por contar os contos do Anelar (*Guldbrand*) e do mínimo (*Peer Spillemand*)!

– Esses vamos ouvi-los para o Inverno! – disse o velho *Trold*. – E vamos ouvir o do pinheiro e da bétula e dos presentes da *Huldre*¹⁵

do gelo soante! Bem! Tens de ser tu a contá-los, pois isso ninguém o faz tão bem como tu, lá em cima! – E então sentar-nos-emos na Sala de Pedra onde ardem aparas de pinheiro. Beberemos hidromel dos cornos de ouro dos velhos reis noruegueses. A *Nøkken* ofereceu-me alguns e, quando lá estivermos, virá o *Garbo*¹⁶ fazer uma visita e cantar para ti todas as canções da moça dos pastos. Vai ser divertido! O salmão saltará para dentro das cascatas e baterá contra as paredes de pedra, mas não conseguirá entrar! – Sim, podes crer, é bom viver na querida e velha Noruega! Mas onde estão os rapazes?

Sim! Onde estavam eles? Corriam à volta, nos campos, e sopravam para apagar as luzes dos *lygtemænd*, que vinham, tão honestamente, fazer o seu cortejo de tochas.

– Isso é vagabundear! – disse o velho *Trold*. – Agora que arranjei uma mãe para vocês, podem escolher uma tia!

Mas os rapazes disseram que preferiam criar amizades e beber. De casar-se, não tinham vontade nenhuma! E assim fizeram discursos, beberam e passaram a tratar-se por tu. Equilibraram o copo nas unhas, para mostrar que tinham bebido até ao fim. Tiraram depois os casacos e deitaram-se na mesa para dormir, não se incomodando com isso. Mas o velho *Trold* dançava na Sala Grande, com a sua jovem noiva e trocou as botas com ela, porque isso é mais fino do que trocar anéis.

– Eis que canta o galo! – disse a velha sílfide, que cuidava da casa. – Agora temos de fechar os ferrolhos das janelas para que o Sol, ao entrar, não nos queime!

E fechou-se o monte.

Lá fora, corriam os lagartos para cima e para baixo, nas fendas da velha árvore. Um disse para o outro:

– Oh! Gostei tanto do velho *Trold* norueguês!

– Eu gosto mais dos rapazes! – disse a minhoca.

Mas vê-los não podia, o pobre animal!

Figuras fantásticas da antiga crença popular nórdica

¹ *Elver-Sylfide*. Seres em forma humana que atraem os homens para os montes, pântanos e bosques, cobiçando as suas vidas.

² *Lygtemand*. Seres luminosos em forma humana, que vivem nos pântanos e terras húmidas. Fogo fátuo: labareda de hidrogénio fosforado, proveniente de matéria animal em decomposição.

³ *Natravn*. Demónio esconjurado e preso à terra por uma estaca. Este espírito excomungado é libertado à meia-noite com o grito «Solta-o» e, quando retirada a estaca, o espírito voa na forma de um corvo, com um buraco na sua asa esquerda.

⁴ *Spøgelse*. Fantasma.

⁵ *Havmand; Havfrue*. Sereias (masculino e feminino) – seres em forma humana e peixe. Soberanos do mar que cobiçam as vidas dos homens.

⁶ *Åmand*. Seres em forma humana e peixe. Soberanos dos rios que cobiçam as vidas dos homens.

⁷ *Nisse*. Duende – seres em forma humana de muito baixa estatura; sedentários nas quintas e igrejas dos homens – espírito protector contra o direito à alimentação (Dinamarca).

⁸ *Gravso*. Espírito de porco, sepultado vivo, nas fundações das igrejas; ser em forma de porco, com olhos de fogo e pêlos compridos – anuncia a morte dos homens.

⁹ *Helhest*. Espírito de cavalo, sepultado vivo, atrás das igrejas; ser com forma de cavalo com três pernas, que, à noite, coxeia para a casa onde alguém vai morrer.

¹⁰ *Kirkegrim*. Espírito de animal sacrificado em cerimónia pagã. Ser com formas fantásticas que diferem conforme a imaginação.

¹¹ *Mosekone*. Ser em forma de mulher, que vive no fundo do pântano. As neblinas que pairam sobre lagos, pântanos e terras húmidas confirmam a sua presença e actividade.

¹² *Trold*. Feiticeiro.

¹³ *Mulher de giz*. Jogo de palavras; um local: *Møens Klint* (escarpas de giz branco) e uma mulher: *Mø* (jovem de tez branca).

¹⁴ *Nøkke*. Ser em forma humana feminina que, nos rios, atrai e cobiça a vida dos homens com o seu canto e música de harpa (Noruega).

¹⁵ *Huldre*. Ser em forma humana feminina, que atrai e cobiça a vida dos homens em viagem (Noruega).

¹⁶ *Garbo*. Duende – seres em forma humana de baixa estatura; sedentários nas quintas e igrejas dos homens – espírito protector contra o direito à alimentação (Noruega).

Notas de tradução e revisão literária do texto.



A Gota de Água *Vanddråben* (1848)

Tu conheces, com certeza, uma lupa de aumentar, assim como uma lente redonda de óculos que torna tudo cem vezes maior do que é? Quando se pega nela e se a põe diante da vista e se observa uma gota de água do lago, vêem-se milhares de animais estranhos, como nunca se vêem na água, mas estão lá e isso é real. Parece quase como um prato cheio de camarões. Saltam uns entre os outros e são vorazes, arrancam braços e pernas, pontas e bicos uns aos outros e assim estão alegres e contentes, à sua maneira.

Pois era uma vez um velho homem a quem toda a gente conhecia como Comichão-Coceira, porque era assim que se chamava. Queria sempre tirar o maior proveito de qualquer coisa, e quando não o conseguia, obtinha-o por feitiço.

Estava um dia sentado, segurando a sua lupa de aumentar diante dos olhos, a observar uma gota de água que fora tirada de uma valeta. Oh! Que comichões e coceiras aí havia! Todos os milhares de animaizinhos pulavam e saltavam, puxavam uns pelos outros e comiam-se uns aos outros.

– Mas isto é horrível! – disse o velho Comichão-Coceira. – Não se consegue levá-los a viverem em paz e sossego e deixar a cada um o que é seu! – E pensou, e pensou, mas não dava resultado, e assim teve de fazer um feitiço. – Tenho de lhes dar cor

para que se tornem mais distinguíveis! – disse ele. Então, verteu como que uma gota de vinho tinto na gota de água, mas que era sangue de bruxa, do mais fino, a dois xelins. E assim se tornaram todos os estranhos animais, rosados em todo o corpo. Parecia uma cidade de selvagens nus.

– Que tens tu aí? – perguntou um outro feiticeiro velho que não tinha nome, e era isso que o tornava fino.

Se conseguires adivinhar o quê – disse o Comichão-Coceira –, dar-to-ei de presente. Mas não é fácil de descobrir, quando não se sabe.

E o feiticeiro que não tinha nome olhou através da lupa de aumentar. Parecia, verdadeiramente, como se fosse toda uma cidade, onde os homens andavam sem roupa! Era horrível mas ainda mais horrível, era ver como cada um empurrava e impelia o outro, como se beliscavam e se agarravam, se mordiam uns aos outros e se arrastavam uns aos outros. O que estava por baixo de tudo tinha de ir para cima de tudo e o que estava acima de tudo tinha de ir para baixo de tudo! Vede! Vede! A perna dele é maior do que a minha! Baf! Fora com ela! Está ali um que tem uma borbulhinha por detrás da orelha, uma borbulhinha inocente, mas tortura-o e assim a borbulha vai atormentá-lo mais! E cortaram nele e arrastaram-no e comeram-no por causa da borbulhinha. Está ali um, sentado tão sossegado, como uma donzela, e que só desejava paz e tranquilidade, mas a donzela teve de vir cá para fora e puxaram por ela e rasgaram-na e comeram-na!

– É extraordinariamente divertido! – disse o feiticeiro.

– Sim, mas que pensas tu que é? – perguntou o Comichão-Coceira. – És capaz de descobrir?

– É bem de ver! – disse o outro. – É com certeza Copenhaga ou outra grande cidade, são parecidas todas umas com as outras. É uma grande cidade!

– É água do charco! – respondeu o Comichão-Coceira.



O Papílio¹
Sommerfuglen (1860)

O papílio queria ter uma namorada. Como era natural, queria arranjar uma pequena e gentil flor. Olhou para elas. Cada uma estava sentada, sossegada e discreta no seu caule, como uma menina deve estar quando se não é noiva! Mas aqui havia tantas a escolher entre elas, que a escolha, para ele, se tornava uma dificuldade. Era uma dificuldade que pareceu ao papílio não merecer a pena, e assim voou para a margarida, que a esta chamam os franceses de *Marguerite*. Sabem que pode profetizar, e é isso que faz quando os namorados lhe colhem pétala por pétala e, por cada uma, fazem uma pergunta acerca do seu querido:

– Do coração?... Com mágoa?... Gosta muito?... Um pouquinho?... Mesmo nada? – ou qualquer coisa assim.

Cada pétala responde na sua língua. O papílio também veio para perguntar. Não arrancou as pétalas, mas beijou cada uma delas, com a ideia de que se vai mais longe usando de gentileza.

– Doce *Marguerite* – disse ele. – Sois a senhora mais inteligente de todas as flores! Percebeis dessa coisa de profetizar! Dizei-me, vou ter esta ou aquela! Ou quem vou ter? Se o souber, posso imediatamente voar para ela e pedir-lhe a mão!

Mas a Margarida nem lhe respondeu. Não podia admitir que lhe tivesse chamado senhora, pois era ainda menina e,

desta maneira, não se é senhora. Perguntou uma segunda vez e perguntou uma terceira, o papílio.

Como não conseguiu arrancar uma única palavra dela, achou que não merecia a pena voltar a fazer perguntas e voou, sem demora, a fazer a sua corte.

Era no princípio da Primavera. Os campos estavam cheios de campânulas². – São muito delicadas – disse o papílio. – Encantadoras confirmantezinhas! Mas um tanto verdinhas! – Ele, como todos os jovens, aspirava a moças mais maduras. Voou depois para as anêmonas. Eram demasiado amargas; as violetas, demasiado exaltadas; as tulipas, demasiado ber-rantes; as narcíseas, demasiado burguesas; as flores de tília, demasiado pequenas e, ainda por cima, tinham uma família muito grande; as flores da macieira eram como as rosas quando as olhava, mas brotavam hoje e tombavam amanhã, logo que o vento nelas soprava. Seria um casamento de muito pouca dura, parecia-lhe. A flor da ervilha era a que mais lhe agradava, vermelha e branca, pura e fina. Pertencia às caseiras, que têm boa aparência e são boas para a cozinha. Estava quase a pedir-lhe a mão, mas nesse momento viu, por ali, suspensa, uma vagem de ervilha com uma flor murcha na ponta.

– Quem é esta? – perguntou ele.

– A minha irmã – respondeu a flor da ervilha.

– Ah! Sim! É assim que vireis a parecer-vos mais tarde!

– Isso assustou o papílio e voou dali para longe.

Madressilvas pendiam sobre o muro. Estava cheio destas meninas, de rosto comprido e amarelas de tez. Esse género não lhe agradou. Sim, mas o que lhe agradou, então?

Perguntai-lhe!

A Primavera foi-se, o Verão foi-se e assim chegou o Outono; e ele estava na mesma.

E as flores vieram com os mais bonitos vestidos. Mas de que lhes servia? Aqui não se encontrava a disposição fresca e o perfume da juventude. Ao perfume aspira precisamente o coração, com a idade, e perfume não há, especialmente nas dalias e nas rosas malvas. Assim procurou o papílio, em baixo, a hortelã-pimenta.

– Não tem mesmo nenhuma flor, mas toda ela é uma flor, deita cheiro da raiz ao alto. Tem perfume de flor em cada pétala. É esta que quero!

Mas a hortelã-pimenta ficou tesa e quieta. Por fim, disse:

– Apenas amizade e nada mais. Estou velha e sois velho! Podemos muito bem viver um para o outro, mas casar-nos... não! Não sejamos loucos, na nossa idade avançada!

E assim o papílio não encontrou nenhuma noiva. Procurou por muito tempo e isso é coisa que não se deve fazer. O papílio ficou solteirão, como se costuma dizer.

Tarde era agora, Outono, com chuva e mau tempo. O vento soprava, frio, sobre as costas dos velhos salgueiros, fazendo-os ranger. Não era bom andar a voar cá fora com roupa de Verão. Ainda se vai ser apanhado pelo amor, como se diz. Mas o papílio não voava ao ar livre pois tinha vindo, por acaso, para dentro de portas, onde havia lume no fogão de azulejos. Sim, estava quente como no Verão. Podia viver. Mas viver não é bastante – disse ele. – Sol, liberdade e uma florzinha tem que se ter!

E voou para uma janela. Foi visto, admirado e posto num alfinete numa caixa de curiosidades. Mais não se podia fazer por ele.

– Agora estou também sentado no caule como as flores – disse o papílio. – Contudo, não é nada agradável! É como estar casado. Está-se sentado e amarrado! – E assim se consolou.

– É uma má consolação! – disseram as flores do vaso que estava na sala.

– Mas nas flores do vaso não se pode inteiramente confiar –
foi a opinião do papílio. – Lidam demasiado com os homens!

¹Espécie de borboleta do género de insectos lepidópteros, *Sommerfuglen* borboleta em dinamarquês, é masculino, dando sentido ao conto. Manteve-se, na tradução, o substantivo masculino, de idêntico significado, para manter a distinção do autor, entre os géneros. (N. do T.)

²E *crocos* no texto, que se eliminou por serem masculinos. (N. do T.)



As Velas

Lysene (1870)

Era uma grande vela de cera que sabia exactamente o que valia.

– Nasci em cera e vazada em molde! – disse ela. – Eu ilumino melhor e ardo por mais tempo do que todas as outras velas. O meu lugar é num lustre ou num candelabro!

– Deve ser uma linda existência! – disse a vela de sebo. – Eu sou só de sebo, só vela de imersão, mas consolo-me com o facto de que é sempre um pouco melhor do que um mero pavio que é mergulhado apenas duas vezes, enquanto eu sou mergulhada oito vezes para obter a minha espessura decente. Estou satisfeita! É certamente mais fino e fica-se feliz por ter nascido de cera e não de sebo, mas, neste mundo, ninguém escolhe a sua própria condição. Você vem para a sala para o lustre. Eu fico na cozinha, que também é um bom lugar. Daí vem a comida para toda a casa!

– Mas existe algo que é mais importante do que a comida! – disse a vela de cera: – A sociedade! Brilham para ver, e eles próprios brilham. Hoje à noite, há baile, em breve virão buscar-nos. A mim e toda a minha família.

Mal isto foi dito, todas as velas de cera foram levadas, e também a vela de sebo foi com elas. A dona da casa tomou-a na sua mão fina e levou-a para a cozinha.

Ali estava um pobre rapaz com um cesto, que se encheu de batatas e também um par de maçãs. Tudo isto deu a boa dama ao rapazinho.

– Aí tens também uma vela, meu pequeno amigo! – disse ela.
– A tua mãe está sentada pela noite dentro a trabalhar, pode precisar dela!

A filha pequena da casa estava ali próximo, e quando ouviu as palavras «pela noite dentro», disse com íntima alegria:

– Ficarei levantada também pela noite dentro! Teremos um baile e eu irei receber os grandes laços vermelhos!

Como lhe brilhava o rosto! Era uma alegria! Nenhuma vela de cera pode brilhar como dois olhos de criança!

«É abençoado ver!», pensou a vela de sebo, «nunca o esquecerei, e isto certamente que nunca mais verei!»

E então a vela viu o cesto tapar-se com a tampa e o rapaz foi-se embora com ela.

«Para onde vou agora!», pensou a vela, «irei para gente pobre, não terei nem mesmo um castiçal de latão, mas a vela de cera é colocada em prata e vê a gente mais fina. Como deve ser bonito luzir para a gente fina! É o meu destino ser de sebo e não de cera!»

E a vela veio para a gente pobre. Uma viúva com três filhos numa casa baixinha, mesmo em frente da casa rica.

– Que Deus abençoe a boa senhora, por aquilo que nos ofereceu! – disse a mãe. – É uma vela maravilhosa! Pode brilhar pela noite fora.

E acendeu-se a vela.

– Pff! – Ui! – disse esta. – Mas foi com um pau de enxofre a cheirar mal que ela me acendeu! Tal coisa não se faz com uma vela de cera, na casa rica.

E lá, na casa rica, também se acenderam os candeeiros que brilhavam para a rua. Lá fora, as carruagens chegavam, trazendo os visitantes, aperlaltados para o baile. A música tocava.

– Agora comecem eles do outro lado! – apercebeu-se a vela de sebo. E pensou no rosto radiante da pequena menina rica, mais brilhante do que todas as velas de cera. – Esta visão não a verei nunca mais!

Veio então a mais pequena das crianças na casa pobre. Era uma rapariguinha. Lançou os braços à volta do pescoço do irmão e da irmã. Tinha algo muito importante a contar. Tinha de ser em segredo.

– Vamos ter hoje à noite – imaginem! – Vamos ter hoje à noite, batatas quentes!

E o seu rosto brilhava de felicidade. A luz brilhava mesmo dentro dela, uma alegria, uma felicidade tão grande como na casa rica, onde a menina tinha dito: – Vamos ter baile esta noite e eu vou receber os grandes laços vermelhos.

«Ter batatas quentes é assim tanto?» , pensou a vela. «Há uma tão grande alegria nos pequenos!» E espirrou, quer dizer, crepitou, porque mais não consegue uma vela de sebo fazer.

A mesa foi posta e as batatas foram comidas. Oh! Como souberam bem! Foi realmente uma refeição festiva, e, ainda por cima, cada um teve uma maçã. A criança mais pequena recitou um pequeno verso:

*Tu bom Deus, muito te tenho a agradecer,
que uma vez mais me tenhas dado de comer!
Ámen.*

– Não foi bem dito, mãe? – exclamou a pequenina.

– Isso não deves perguntar ou dizer! – disse a mãe. – Deves pensar só no bom Deus, que te deu de comer!

Os pequenos foram para a cama, receberam um beijo e adormeceram imediatamente. A mãe ficou a coser até noite adiante para ganhar a subsistência para eles e para si. E em

frente, na casa rica, brilhavam luzes e soava a música. As estrelas brilhavam sobre todas as casas, as dos ricos e as dos pobres, igualmente claras, igualmente abençoadas.

– Foi, no fundo, uma noite agradável! – segundo a opinião da vela de sebo. – Tiveram-na melhor as velas de cera nos castiçais de prata? Gostaria bem de saber, antes de arder completamente!

E pensou nas duas crianças igualmente felizes, uma iluminada pela vela de cera e a outra por uma vela de sebo!

Sim, é toda a história!



O Elfo da Rosa

Rosen-Alfen (1841)

No meio de um jardim crescia uma roseira recheada de rosas e numa delas vivia um elfo. Era tão pequenino que nenhuns olhos humanos o podiam ver. Atrás de cada pétala tinha um quarto de dormir. Era tão bem constituído e bonito como qualquer criança o pode ser e tinha asas dos ombros mesmo até aos pés. Oh! Que perfume havia nos seus aposentos e como as paredes eram claras e bonitas! Naturalmente, pois as paredes eram feitas de pétalas finas de cor vermelho-pálido.

Todo o dia, o elfo se divertiu na luz quente do Sol. Voou de flor em flor, dançou nas asas da borboleta esvoaçante e mediu quantos passos tinha de andar para percorrer todas as estradas e atalhos que havia numa folha de tília. Era aquilo a que chamamos os veios da folha, que ele considerava como estradas e atalhos. Sim, era um caminhar eterno para ele! Ainda não tinha terminado a sua tarefa, quando o Sol se pôs. Também não havia começado muito cedo!

Fazia muito frio. Tombava o orvalho e o vento soprava. Era melhor voltar para casa. Apressou-se tanto quanto pôde, mas, quando chegou, as rosas tinham-se fechado. Não podia entrar, pois nem uma única estava aberta. Nunca antes ficara fora, durante a noite e o pobre elfozinho assustou-se muito. Sempre dormira docemente, resguardado, atrás das pétalas de rosa.

Oh! Seria certamente a sua morte!

No outro extremo do jardim, sabia que havia um caramanchão, com lindas madressilvas. As flores pareciam grandes cornos pintados. Desceria numa delas, para dormir até de manhã.

Voou para lá.

Psiu! Lá dentro, encontravam-se dois seres humanos. Um belo jovem e uma bela donzela estavam sentados, muito juntinhos, formulando desejos de nunca, por toda a eternidade, se separarem. Gostavam tanto um do outro, mais do que a melhor criança pode gostar da sua mãe e do seu pai!

– Mas temos de nos separar! – disse o jovem! – O teu irmão não é bom para nós e por isso vai mandar-me em missão para longe, por montes e mares! Adeus, minha doce noiva, pois noiva és para mim!

Beijaram-se e a donzela chorou e ofereceu-lhe uma rosa mas, antes de lha entregar, deu-lhe um beijo, tão forte e sentido que a flor se abriu. Então, vendo a rosa a abrir-se, o elfozinho voou para dentro dela e encostou a cabeça às finas paredes odorosas. Mas ouviu bem como diziam adeus, adeus! E sentiu que a rosa tomava lugar no peito do jovem... Oh! Como batia o coração aí! O elfozinho mal conseguiu adormecer, tanto batia ele!

A rosa não ficou muito tempo no peito do jovem. Enquanto ia pelo bosque escuro, tirou-a para fora e beijou-a. Oh! Foram tantas vezes e tão fortemente que o elfozinho quase ia morrendo esmagado. Podia sentir como ardiam os lábios do jovem nas pétalas da rosa e esta abriu-se como se costuma abrir, no calor do Sol do meio-dia.

Chegou então um outro homem, sombrio e irado. Era o irmão mau da bonita donzela. Puxou por uma faca bem afiada e grande e, enquanto o jovem beijava a rosa, espetou-lha e cortou-

-lhe a cabeça. Enterrou-a, juntamente com o corpo na terra macia, por baixo da tília.

«Agora está esquecido e longe», pensou o irmão mau. «Não volta mais. Numa longa viagem, por montes e mares, pode perder-se facilmente a vida, e perdeu-a. Não volta mais e a mim não ousa a minha irmã perguntar por ele.»

Então, com os pés, cobriu com folhas secas a terra escavada e, na noite escura, voltou para casa.

Mas não foi sozinho, como queria.

O elfozinho estava com ele, sentado numa folha de tília seca e enrolada, que tinha caído no cabelo do homem mau, quando abriu a cova. O homem colocou o chapéu na cabeça e o elfo ficou lá dentro, no escuro, a tremer de medo e de ira por causa do horrível feito que tinha presenciado.

Às primeiras horas da manhã chegou o homem mau a casa. Tirou o chapéu e entrou no quarto de dormir da irmã. Lá estava a donzela de beleza radiante, deitada, a sonhar com aquele de quem tanto gostava e que acreditava ir por montes e por lagos. O irmão mau curvou-se sobre ela e riu terrivelmente, como só um diabo sabe rir. Então, a folha seca caiu do cabelo para cima da coberta da cama, mas ele não deu por isso e foi-se embora para ir ainda dormir um pouco, nessa manhã. O elfo saiu da folha seca, entrou no ouvido da donzela adormecida e contou-lhe, como num sonho, o assassinio horrível. Descreveu-lhe o lugar onde o irmão o tinha assassinado e enterrado; falou-lhe da tília em flor e disse-lhe: – Para que não julgues que é apenas um sonho que te contei, vais encontrar uma folha seca na tua cama! E ela, quando acordou, encontrou-a.

Oh! Como chorou lágrimas salgadas! A ninguém podia falar da sua dor. A janela ficou todo o dia aberta e o elfozinho podia facilmente sair para as rosas e para as outras flores do jardim, mas não teve coragem de deixar a jovem aflita.

Na janela havia uma árvore com rosas do mês. Sentou-se numa delas e ficou a olhar para a pobre donzela. O seu irmão, que estava tão alegre e mau, veio muitas vezes ao quarto, mas a jovem donzela não ousou dizer-lhe uma palavra sobre a grande tristeza que tinha no coração.

Assim que se fez noite, escapou-se de casa e dirigiu-se ao bosque, para o lugar onde estava a tília. Afastou as folhas da terra, escavou e encontrou o jovem morto. Oh! Como chorou e pediu a Deus que também lhe desse a morte.

Bem queria levar o cadáver para casa, mas não o podia fazer. Assim, pegou na cabeça pálida com os seus olhos fechados e beijou-lhe a boca fria, tirando-lhe a terra do belo cabelo. – Quero guardá-la para mim! – disse ela, e depois de ter posto, de novo, a terra e as folhas sobre o corpo morto, pegou na cabeça e levou-a, junto com um raminho de jasmim, que floria no bosque, onde ele tinha sido assassinado.

Assim que entrou nos seus aposentos, pegou no maior vaso de flores que ali havia, pôs a cabeça do morto lá dentro, com terra por cima e plantou o raminho de jasmim.

– Adeus! Adeus! – sussurrou o elfozinho. Já não podia suportar ver toda aquela dor e voou para o jardim, para a sua rosa. Mas estava desfolhada, suspendiam-se apenas algumas pétalas pálidas, junto da baga verde.

– Ai! Como é breve tudo o que é belo e bom! – suspirou o elfo. Por fim encontrou uma outra rosa, que ficou a ser a sua casa. Pôde instalar-se por detrás das suas pétalas odorosas.

Todas as manhãs voava para a janela da pobre menina e lá estava ela sempre junto do vaso de flores, a chorar. As lágrimas salgadas caíam no ramo de jasmim e, por cada dia que passava, ela ficava mais e mais pálida e o ramo mais fresco e verde. Um rebento crescia atrás do outro. Romperam pequenos botões de flores e ela beijou-os. Mas o irmão mau ralhou-lhe e perguntou

se endoidecera. Não podia suportar nem compreender porque é que ela chorava sempre em cima do vaso de flores. Não sabia, na verdade, que olhos estavam ali fechados e que lábios rubros ali se tinham tornado terra.

A bela donzela curvou a cabeça sobre o vaso de flores, e ao elfozinho, lá da rosa, pareceu-lhe que estava a dormir. Entrou-lhe no ouvido, falou-lhe da noite no caramanchão, do perfume das rosas e do amor dos elfos. Ela sonhou docemente e, enquanto sonhava, sumiu-se-lhe a vida. Estava morta, de uma morte calma, estava no céu com aquele que amara.

Os jasmims abriram as suas grandes campânulas brancas, que deitavam um odor tão maravilhosamente suave! Choravam, à seu modo, pela morta.

O irmão mau olhou para o belo arbusto florido. Apoderou-se dele como herança e colocou-o no seu quarto, junto à cama, pois era bonito de se ver e o perfume era muito suave e delicioso! O elfozinho da rosa seguiu-o, voando de flor em flor. Em cada uma delas morava uma pequena alma e a estas contou-lhes ele do jovem morto, cuja cabeça era agora terra sobre terra. Contou-lhes do irmão mau e da pobre irmã.

– Nós sabemos! – disse cada uma das almas, nas flores. – Nós sabemos! Não crescemos nós dos olhos e dos lábios do assassinado? Nós sabemos! Nós sabemos! – E assim, estranhamente, acenaram com a cabeça.

O elfo da rosa não podia compreender porque é que as almas eram capazes de estar tão calmas e voou à procura de consolo para junto das abelhas, que juntavam o mel, contando-lhes a história do irmão mau. As abelhas, por sua vez, contaram à sua rainha, que ordenou que, na manhã seguinte, todas fossem matar o assassino.

Porém, na noite anterior – era a primeira noite depois da morte da irmã –, quando o irmão dormia na sua cama, junto ao

jasmim odoroso, abriu-se cada cálice e as almas, invisíveis, armadas de lanças venenosas, saíram das flores, entraram no seu ouvido e contaram-lhe sonhos maus. Depois, voaram sobre os seus lábios e espetaram-lhe a língua com as lanças venenosas.

– Agora vingámos o morto! – disseram, e voltaram para trás, para as suas campânulas brancas de jasmim.

Quando se fez manhã, a janela do quarto, de um momento para o outro, abriu-se violentamente e, em fúria, o elfo da rosa, a rainha das abelhas e todo o enxame entraram para o matar.

Mas já estava morto. Havia gente à volta da cama que dizia: – O perfume do jasmim matou-o!

O elfo da rosa compreendeu a vingança das flores e contou-o à rainha das abelhas. Não se deixando afugentar, a rainha zumbiu com todo o seu enxame em redor do vaso das flores. Um homem levou o vaso para fora e uma das abelhas picou-lhe na mão. Deixou cair o vaso e este quebrou-se.

Viram assim a caveira branca e souberam que o morto que estava na cama era um assassino.

A rainha das abelhas zuniu no ar e cantou a vingança das flores e do elfo da rosa.

É que por detrás da mais pequena pétala mora um elfo que pode contar e vingar o mal!



A Princesa e a Ervilha

Princessen på Ærten (1835)

Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa, mas com uma princesa que fosse verdadeira. Viajou por todo o mundo à procura de uma que o fosse realmente, mas em todas as que encontrou descobriu sempre algo que não lhe agradava. Princesas havia muitas; mas, quanto a considerá-las verdadeiras, não fora capaz de decidir. Havia sempre alguma coisa que não era de uma princesa genuína. Regressou à pátria, muito triste, pois desejava, deveras, casar com uma princesa verdadeira.

Uma noite estalou uma tremenda tempestade. Relampejava e trovejava, e caía chuva que Deus a dava! Era horrível! Então, alguém bateu à porta da cidade e o velho rei veio abri-la.

Era uma princesa que estava lá fora. Mas, Santo Deus, em que estado a tinham posto a chuva e o mau tempo! A água escorria-lhe dos cabelos, sobre a roupa, entrando pela biqueira e saindo pelo calcanhar. Era uma verdadeira princesa, declarou ela.

– Está bem, em breve o saberemos! – pensou a rainha velha, que, contudo, nada disse. Dirigiu-se ao quarto de hóspedes, tirou a roupa da cama, pôs uma ervilha sobre as tábuas do leito, e depois, colocou vinte colchões por cima da ervilha e sobre estes ainda mais vinte edredões.

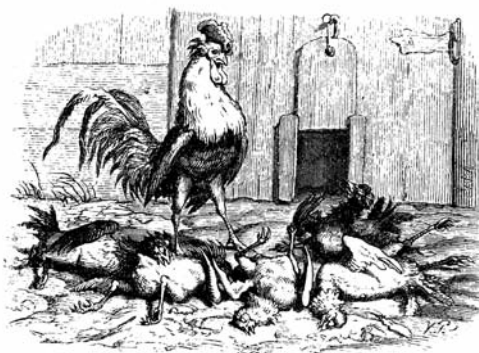
Era aí que nessa noite a princesa iria dormir.

No outro dia de manhã perguntaram-lhe se havia dormido bem. – Oh, terrivelmente mal! – respondeu a princesa. – Quase não preguei olho toda a noite! Sabe Deus o que tinha a cama! Estive deitada sobre qualquer coisa dura que me encheu o corpo de nódoas negras! Foi uma noite horrível!

O rei, a rainha e o próprio príncipe puderam deste modo verificar que se tratava de uma verdadeira princesa. Na verdade, só uma genuína princesa podia ser assim tão sensível.

O príncipe tomou-a, então, por esposa, pois tinha agora a certeza de ter encontrado uma princesa de verdade, e a ervilha foi colocada num museu, onde ainda pode ser vista, se ninguém a tirou de lá.

Pois esta é também uma história verdadeira!



É absolutamente Certo!

Det er ganske vist! (1852)

– É uma história terrível! – disse uma galinha, e tudo isso num ponto da cidade onde a história nunca se tinha passado. – É uma história terrível de capoeira! Não ousou dormir sozinha esta noite! É bom que sejamos muitas, todas, juntas no poleiro! – E então contou, e de tal modo, que as penas se levantaram nas outras galinhas e o galo deixou cair a crista. É absolutamente certo!

Mas começemos pelo princípio, e isto deu-se noutro ponto da cidade, numa capoeira. O Sol desceu e as galinhas subiram para o poleiro. Uma delas tinha penas brancas e pernas curtas, punha os seus ovos regulamentados e era, como galinha, respeitável de todos os modos. Quando veio para o poleiro, afagou-se com o bico e assim caiu-lhe uma peninha.

– Lá vai! – disse ela. – Quanto mais me afago, tanto mais bonita fico! – E isso foi dito então em tom jovial, pois era ela a brincalhona de entre as galinhas, se bem, como se disse, muito respeitável. E depois deixou-se dormir.

À volta estava tudo escuro, galinha ao lado de galinha, mas aquela que estava mais perto dela não dormia. Ouviu e fingiu que não ouviu, como se deve fazer neste mundo para se viver em boa tranquilidade, mas à outra vizinha teve de dizê-lo:

– Ouviste o que se disse? Não nomeio ninguém, mas há uma

galinha que quer arrancar as penas para parecer bem! Se eu fosse o galo, desprezava-a!

E directamente por cima das galinhas estavam a coruja com o corujo e os corujinhos. Têm ouvidos apurados na família. Ouviram todas as palavras que a vizinha galinha disse. Rebolaram os olhos e a coruja-mãe bateu as asas:

– Não estejam à escuta! Mas ouviram com certeza o que se disse!

Ouvi-o com as minhas próprias orelhas e muito se tem de ouvir antes de estas caírem! Há uma das galinhas que, em tal grau, esqueceu como se deve comportar uma galinha, que está a arrancar todas as penas e permite que o galo a veja assim!

– *Prenez garde aux enfants!* – disse o corujo-pai. – Não é coisa para crianças ouvirem.

– Quero, contudo, contá-lo à coruja vizinha, em frente. É uma coruja tão estimada na vizinhança! – E lá voou a mãe.

– Uh-uh! Uh-uh! – gritaram ambas directamente para baixo, para as pombas no pombal vizinho. – Ouviram? Ouviram? Uh-uh! Há uma galinha que arrancou todas as penas por causa do galo! Está a morrer de frio, se não morreu já, uh-uh!

– Onde?, onde? – arrulharam as pombas.

– No pátio do vizinho! Vi-a com os meus próprios olhos! É quase uma história imprópria para contar! Mas é absolutamente certa!

– Cremos, cremos em cada palavra! – disseram as pombas e arrulharam para baixo, para a capoeira: – Há uma galinha, sim, alguns dizem mesmo que há duas, que arrancaram todas as penas para não parecerem como as outras, e chamarem assim a atenção do galo. É um jogo arriscado, pode apanhar-se uma constipação e morrer-se com febre, e mortas estão ambas!

– Acordem! Acordem! – cantou o galo e voou para a trave, ainda com os olhos ensonados, mas cantou, mesmo assim: – Há três galinhas que morreram de amores por um galo que lhes

correspondeu! Arrancaram todas as penas! É uma história desagradável, mas não quero guardá-la, façam-na correr!

– Façam-na correr! – chiaram os morcegos, as galinhas cacarejaram e os galos cantaram: – Façam-na correr! – E assim a história correu de capoeira para capoeira e, por fim, voltou ao lugar donde tinha partido.

– Há cinco galinhas – contava-se – que arrancaram todas as penas para mostrar qual delas tinha emagrecido mais, por penas de amor pelo galo, e depois bicaram-se umas às outras até sangrarem e caírem mortas, para vergonha e desonra da família, e grande prejuízo do dono!

E a galinha que tinha perdido a peninha solta não reconheceu, naturalmente, a sua própria história. Como era uma galinha respeitável, disse:

– Desprezo essas galinhas! Mas há muitas desse gênero! Dessas coisas não se deve guardar segredo e eu vou fazer com que a história venha no jornal e corra todo o país. É o que estas galinhas merecem e a sua família também!

E veio no jornal. Foi publicado e é certo, absolutamente certo, que *uma peninha pode bem transformar-se em cinco galinhas.*



Ib e Cristininha
Ib og lille Cristine (1855)

Perto do rio Guden, dentro do bosque de Silkeborg, erguia-se uma encosta, como uma grande barreira, a que chamavam «a colina» e por baixo dela, para oeste, havia – sim!, ainda há – uma casinha de camponeses de magras terras. A areia mostrava-se brilhante nos campos esparsos de centeio e de cevada. Já lá vão alguns anos. A gente que lá morava fazia a sua pequena lavoura e tinha, para isso, três carneiros, um porco e dois bois.

Resumindo, tinha o suficiente para comer, se nos sentimos contentes com o que temos. Sim, podiam também conseguir manter um par de cavalos, mas diziam, como os outros camponeses de lá: «Os cavalos comem-se a si próprios!» – dão despesa pelo bem que fazem.

Jeppé-Jæns cultivava a sua pequena quinta durante o Verão e, no Inverno, era um habilidoso tamanqueiro. Tinha um colaborador, um homem que sabia talhar os tamancos de madeira, que eram tão fortes quanto leves e de bonita forma. Eles talhavam tamancos e colheres e isso dava-lhes os xelins. Não se podia considerar os Jeppé-Jæns como gente demasiado pobre.

O pequeno Ib, um rapazinho de sete anos, a única criança da casa, sentava-se a olhar. Cortava os pedaços de madeira e cortava-se também nos dedos. Um dia cortou dois pedaços de tal modo que pareciam dois tamanquinhos. Deviam, disse ele,

ser dados de presente a Cristininha, que era a filhinha do barqueiro. Tão fina e tão bonita, como uma fidalguinha. Tivesse ela vestidos costurados e se como fidalguinha tivesse nascido, e assim fosse educada, ninguém acreditaria que vivia na casa de turfas de urze, em Seishede. Morava com o pai, que era viúvo e ganhava a vida a transportar lenha do bosque, na sua barca, até aos viveiros de enguias de Silkeborg. Sim, muitas vezes, mais longe. Mesmo até Randers. Não tinha ninguém que tomasse conta de Cristininha, que era um ano mais nova do que Ib, e assim o pai levava-a quase sempre com ele na barca, entre urzes e arandos vermelhos. Se tinha de fazer todo o caminho até Randers, Cristininha ficava com os Jeppe-Jæns.

Ib e Cristininha entendiam-se bem nas brincadeiras e também nas travessuras. Mexiam em tudo e escavavam na terra. Um dia aventuraram-se a ir sozinhos até ao cimo da «colina» e penetraram no bosque. Uma vez acharam lá ovos de narceja. Para eles, foi um grande acontecimento.

Ib nunca tinha estado em Seishede. Nunca havia andado de barca pelos lagos até ao rio Guden, mas agora, convidado pelo barqueiro, que na véspera o levou para casa, isso ia acontecer.

De manhã cedinho, as duas crianças sentaram-se nos toros com que a barca estava carregada e aí ficaram a comer pão e framboesas. O barqueiro e o seu ajudante impeliram a barca, com varas, por entre os lagos, para a corrente apressada do rio.

Pareciam estar cercados pelo bosque e pelos juncos, mas sempre havia alguma passagem, mesmo quando as árvores velhas se inclinavam completamente e os carvalhos estendiam para a frente ramos descascados, como se estivessem de mangas arreçadas e quisessem mostrar os seus braços nodosos e nus. Velhos álamos, que a corrente desprendera dos declives, seguavam-se pelas raízes ao solo e pareciam pequenas ilhas com bosques. Lírios aquáticos embalavam-se na água. Era uma bela

viagem!... E assim chegaram ao viveiro das enguias, onde a água rugia por entre as comportas. Era, para Ib e Cristininha, algo para ver!

Ainda não havia aí nem fábrica nem cidade. Existia apenas a velha quinta e os seus habitantes não eram muitos. A queda da água através das comportas e o grasnar dos patos selvagens eram, então, o sinal de maior vivacidade... Quando a lenha foi descarregada, o pai de Cristininha comprou um molho de enguias e um porquinho abatido, que foram colocados num cesto, na popa da barca. Navegavam agora contra a corrente, mas havia vento e, ao erguer a vela, foi tão bom de ver. Como se estivessem dois cavalos, à frente, a puxar a barca.

Quando chegaram perto de um local onde havia apenas um curto caminho até à casa do ajudante, o pai de Cristininha desembarcou, recomendou às crianças para estarem sossegadas e terem cuidado. Não durou, porém, muito tempo esse sossego. Lembraram-se de ir ver o cesto onde estavam as enguias e o porquinho. Acharam engraçado levantar o porquinho, mas como ambos queriam agarrá-lo, deixaram-no cair para dentro de água. Levou-o a corrente e foi um terrível acontecimento.

Ib saltou para terra e correu um bocado, depois veio também Cristininha. – Leva-me contigo! – gritou ela, e logo ficaram cercados pelos arbustos. Nunca mais viram a barca ou o rio. Correram ainda um bocado, depois Cristininha caiu e começou a chorar. Ib levantou-a.

– Vem comigo! – disse ele. – A casa é ali adiante! – Mas não era. Andaram e andaram sobre folhas murchas e ramos secos caídos, que estalavam sob os seus pezinhos. Ouviram então forte gritaria. Ficaram quietos e puseram-se à escuta. Gritou uma águia. Era um grito horrível. Ficaram completamente aterrorizados, mas em frente deles, dentro do bosque, cresciam os mais lindos arandos em enormes quantidades. Era demasiado con-

vidativo para não avançar. Pararam e comeram e ficaram todos azuis na boca e nas faces. Então ouviu-se novamente outra gritaria.

– Vamos apanhar por causa do porquinho! – disse Cristininha.

– Vamos para a minha casa! – disse Ib. – É aqui no bosque! – E foram. Chegaram a uma estrada. Mas para casa não os levou aquela. Fez-se escuro e ficaram cheios de medo. O estranho silêncio, à volta, foi cortado pelos gritos terríveis do grande bufo ou por sons de outras aves que não conheciam. Por fim, ficaram presos num arbusto. Cristininha chorou e Ib chorou e, depois de terem chorado um tempo, deitaram-se na folhagem e adormeceram.

O Sol ia alto quando acordaram. Sentiam frio, mas ali em cima, por entre as árvores, brilhava o Sol que podia aquecê-los. Dali, pensou Ib, podiam ver a casa dos pais, no entanto, estavam, na verdade, longe dela e numa outra parte do bosque. Gatinharam até ao alto e chegaram a um declive, junto a um lago transparente. Os peixes nadavam em cardume, iluminados pelos raios de Sol. Era tão inesperado o que viam. Perto havia uma aveleira grande, de sete pés, cheia de avelãs. Colheram, partiram e tiraram os miolos finos que tinham começado a formar-se... e então veio ainda uma surpresa. Um susto. Dos arbustos apareceu uma mulher velha e alta, com o rosto tão escuro e o cabelo brilhantemente preto! O branco dos seus olhos luzia como luzem os de um mouro. Trazia uma trouxa às costas e um pau nodoso nas mãos. Era uma cigana. As crianças não compreenderam logo o que dizia. E ela tirou três grandes avelãs da algibeira e dentro de cada uma delas estavam as mais belas coisas escondidas. Eram avelãs de desejos, contou a cigana.

Ib olhou-a. Era tão simpática! Ganhou coragem e perguntou se podia ficar com as avelãs. A mulher deu-lhas.

Depois, colheu, da aveleira, uma algibeira cheia para si.

E Ib e Cristininha olharam, com grandes olhos, para as três avelãs dos desejos.

– Nesta avelã há uma carruagem com cavalos? – perguntou Ib.

– Há uma carruagem de ouro com cavalos de ouro! – disse a mulher.

– Então dá-ma! – pediu Cristininha. E Ib deu-lha. A mulher meteu-lhe a avelã no nó do lenço do pescoço.

– E nesta não haverá um bonito lencinho de pescoço, como o que a Cristininha tem? – perguntou Ib.

– Há dez lenços! – disse a mulher. – Há vestidos finos, meias e chapéus!

– Então quero também esta! – disse Cristininha, e o pequeno Ib deu-lhe também aquela avelã. A terceira era uma avelã pequena e preta.

– Essa podes tu ter! – disse Cristininha. – É também bonita.

– E o que há dentro dela? – perguntou Ib.

– O melhor de tudo para ti! – respondeu a cigana.

E Ib agarrou bem a avelã. A mulher prometeu levá-los para casa pelo caminho certo. Mas foram, na verdade, em direcção completamente oposta à que deviam ir. Não! Não se culpe a cigana de querer roubar as crianças, por causa disso.

No denso bosque encontraram o guarda-florestal Chræn. Conhecia Ib e, graças a ele, Ib e Cristininha puderam voltar para casa, onde estavam todos muito preocupados. Obtiveram o perdão, se bem que ambos merecessem uma boa tarefa, primeiro porque deixaram cair o porquinho na água e depois porque se tinham afastado do caminho.

Cristininha voltou para a charneca e Ib ficou na casinha do bosque. A primeira coisa que fez, à noite, foi tirar a avelã que continha «o melhor de tudo». Pô-la entre o vão e a porta, e apertou-a. A avelã estalou, mas não havia nenhum miolo para ver. Estava cheia com morrão ou terra em pó. Tinha bicho, como costuma dizer-se.

– Sim, bem me parecia a mim! – disse Ib de si para si. – Como podia aí, dentro da avelâzinha, haver lugar para o melhor de tudo! Cristininha também não vai ter nem vestidos chiques nem carruagem de ouro com as suas duas avelãs!

E veio o Inverno e veio o ano novo.

Passaram-se muitos anos. Ib andava agora a aprender a doutrina com o Pastor e ele morava bem longe. Um dia, o barqueiro apareceu em casa dos pais de Ib e contou que a Cristininha ia agora para fora ganhar o seu pão e que era uma verdadeira felicidade para ela ir para a casa de quem ia. Ir servir para casa de gente tão boa! Imaginem, gente rica, da hospedaria, em Herning, para o oeste. Vai ajudar a mãe e depois, quando for capaz de fazer tudo e tiver recebido a confirmação cristã, ficarão com ela.

Ib e Cristininha despediram-se um do outro. Chamavam-lhes «os namorados». E ela mostrou-lhe à despedida que ainda possuía as duas avelãs que recebera dele, quando se perderam no bosque, e disse que no seu baú dos vestidos estavam guardados os tamanquinhos que ele, quando rapazinho, talhara e lhe oferecera. E assim se separaram.

Ib também recebeu a confirmação cristã, mas ficou em casa da mãe, pois era um tamanqueiro hábil e cuidava bem da terra, no Verão. A mãe só o tinha a ele, pois o pai já morrera.

Só raramente – e era pelo correio ou por algum camponês – se sabiam notícias de Cristininha. Passava bem em casa da gente rica da hospedaria e quando recebeu a sua confirmação escreveu ao pai uma carta com saudações para Ib e para a mãe deste. Na carta falava também de seis novas camisas e num lindo vestido que ela recebera do patrão e da patroa. Eram verdadeiramente boas notícias.

Na Primavera seguinte, num belo dia, bateram à porta de Ib e da mãe. Era o barqueiro, com Cristininha. Vinha em visita por um

dia. Havia uma oportunidade de viajar para Them. Ida e volta. Ela aproveitara-a. Estava bela, como uma jovem elegante, e tinha bons vestidos, bem feitos e que lhe ficavam bem. Ela estava elegante e aperaltada e Ib envergava a velha roupa de todos os dias. Mal podia articular uma palavra. Pegou-lhe na mão e agarrou-a com força. Sentia-se tão contente, mas não conseguia abrir a boca. Cristininha começou a falar, beijando Ib mesmo nos lábios.

– Não me reconheces? – disse ela. Mas mesmo quando estavam sós, os dois, e ele ainda continuava a segurar-lhe a mão, tudo quanto pôde dizer foi apenas isto:

– Tornaste-te uma senhora fina! E eu pareço tão desmazelado! Como tenho pensado em ti, Cristininha! E nos nossos velhos tempos!

Foram de braço dado pela colina acima e olharam por cima do rio Guden, até Seishede, com os seus campos de urze. Mas Ib não disse nada. Contudo, quando se separaram, era claro para ele que Cristininha tinha de vir a ser a sua mulher. Chamavam-lhes, desde pequenos, «os namorados». Parecia-lhe agora que eram um par de noivos, se bem que nenhum deles tivesse falado nisso.

Só algumas horas ainda podiam estar juntos, pois ela tinha de voltar a Them, onde, na manhã seguinte, cedo, a carruagem regressava ao oeste. O pai de Cristininha e Ib acompanharam-na até Them. Estava um belo luar e, quando chegaram, Ib ainda segurava a mão de Cristininha – não podia largá-la –, os olhos dele eram bem claros, mas as palavras saíam-lhe poucas. Contudo, eram palavras vindas do coração:

– Se não te habituares demasiado à boa vida – disse ele – e achares que poderás viver comigo em casa de minha mãe, então viremos a ser marido e mulher!... Mas podemos esperar!

– Sim, dêmo-nos tempo, Ib! – disse ela. E depois apertou-lhe a mão e ele beijou-a na boca. – Confio em ti, Ib! – disse Cristininha. – E creio que gosto de ti! Mas deixa-me falar com o travesseiro!

E assim se separaram. Ib disse ao barqueiro que ele e Cristininha estavam mesmo noivos e o barqueiro achou que estava a suceder o que sempre havia pensado. E seguiu para casa com Ib e aí dormiu na cama com ele e não falaram mais do noivado.

Passou um ano. Ib e Cristininha trocaram duas cartas. «Fiéis até à morte», estava lá, com a assinatura. Um dia entrou o barqueiro em casa de Ib e trazia saudações para ele, de Cristininha. O que tinha mais a contar disse-o um pouco lentamente, era que Cristininha passava melhor que bem. Era agora uma bonita rapariga, estimada e querida. O filho do estalajadeiro tinha estado em casa, de visita. Estava colocado numa empresa grande em Copenhaga, num escritório. Agradou-se de Cristininha e ela também o achou a seu gosto. Os pais não eram contra, mas Cristininha tinha lá no coração que Ib pensava muito nela e, assim, estava decidida a rejeitar a felicidade, disse o barqueiro.

Ib não proferiu, ao princípio, uma palavra. Mas ficou branco como um pano. Abanou um pouco a cabeça e depois disse:

– Cristininha não deve rejeitar a felicidade!

– Escreve-lhe umas palavras! – disse o barqueiro.

E Ib escreveu. Mas não conseguia verdadeiramente juntar as palavras como queria e riscou-as. Rasgou o papel... no entanto, de manhã, estava uma carta pronta para a Cristininha.

E aqui está!

«A carta que escreveste a teu pai, li-a. Vejo que passas bem de todas as formas e que ainda pode ser melhor! Responde ao teu coração, Cristininha! E pensa bem para o que vais, se me quiseres a mim. É bem pouco o que tenho. Não penses em mim e no que sinto, mas pensa no teu próprio bem! A mim não estás ligada por qualquer promessa, e se no coração sentes que me prometeste alguma coisa, liberto-te dela. Que toda a alegria do mundo seja contigo, Cristininha! Deus terá consolo para o meu coração!

Sempre teu amigo de todo o coração, Ib.»

A carta foi enviada e Cristininha recebeu-a.

Pelo São Martinho, no púlpito da igreja de Seishede, foi anunciado o casamento de Cristininha e, em Copenhaga, onde estava o noivo, também. Para lá partiu ela com a patroa, pois o noivo, pelas suas muitas ocupações, não podia vir, por muito tempo, à Jutlândia. Cristininha encontrou-se, conforme foi combinado, com o pai e com o Ib, na aldeia de Funder, por onde passava a estrada e que, para eles, era o ponto de encontro mais próximo. Aí se despediram. Sobre estes acontecimentos vieram a dizer-se algumas palavras, mas Ib não disse nenhuma.

Ficou muito pensativo, disse a velha mãe.

Sim, ficou pensativo porque andavam-lhe na cabeça as três avelãs que ele, quando criança, recebera da cigana e dera duas a Cristininha. Eram as avelãs de desejos. Nas dela, numa havia uma carruagem com cavalos, na outra, os mais belos vestidos. Batia certo! Todo esse esplendor tinha ela agora lá na Copenhaga do Rei! Para ela ia cumprir-se o desejo...! Para Ib havia na avelã só pó de terra negro. «O melhor de tudo» para ele, dissera a cigana. Sim, também ia cumprir-se! O pó negro de terra era para ele o melhor. Agora compreendia claramente o que a mulher tinha querido dizer: na terra negra, numa sepultura, era, para ele, o melhor!

E passaram anos... não muitos, mas parecem longos a Ib. Os velhos donos da estalagem morreram, um logo a seguir ao outro. Toda a fortuna, muitos milhares de táleres, herdou o filho. Sim, agora Cristininha bem podia ter a carruagem de ouro e vestidos maravilhosos!

Nos dois longos anos que se seguiram não veio carta de Cristininha e quando o pai recebeu uma, não era de nenhum modo escrita em bem-estar e em prazer. Pobre Cristininha! Nem ela nem o marido tinham sabido moderar-se na riqueza. Assim como veio, também foi, não havia bênção nela, pois eles próprios não a tinham querido.

E a urze floriu e a urze secou. A neve tinha rodopiado muitos invernos sobre a charneca de Seishede e sobre a colina onde Ib morava, abrigado. O Sol da Primavera brilhou e, quando Ib lançou o arado à terra, este embateu num seixo que veio como uma grande laje negra ao de cima. Quando Ib pegou nela, observou que era um metal e, onde o arado tinha raspado, ficara brilhante. Era uma pulseira pesada e grande, de ouro dos tempos pagãos. A campa do gigante dos tempos passados fora posta a descoberto e as suas preciosas jóias encontradas. Ib mostrou-o ao Pastor, que lhe disse ser realmente maravilhoso. Então, Ib dirigiu-se ao governador da província, que deu a informação para Copenhaga e aconselhou Ib a ir ele próprio entregar o precioso achado.

– Achaste na terra o melhor que podias achar! – disse o governador.

– O melhor! – pensou Ib. – O melhor de tudo para mim e... na terra! Então a cigana tinha razão quando disse que era o melhor!

Ib viajou de vapor de Aarhus até à Copenhaga real. Era como uma viagem sobre o oceano para ele, que só tinha andado no rio Guden. E Ib chegou a Copenhaga.

O valor do ouro achado foi-lhe pago. Era uma grande soma: seiscentos táleres. Ali andava na grande e intrincada Copenhaga o Ib do bosque perto de Seishede!

Foi precisamente na noite anterior ao dia em que queria voltar de barco para Aarhus que se perdeu nas ruas. Tomou uma direcção completamente diferente da que queria e veio pela ponte de Knippel a Christianshavn em vez de seguir para a muralha, junto à porta do oeste. Dirigiu-se bem para o oeste, mas não para onde queria ir. Não se via um ser na rua. Então surgiu uma pequenita de uma casa pobre. Ib falou-lhe do caminho que procurava. Ela estranhou, olhou para ele e começou a chorar desalmadamente. Então foi a vez de ele perguntar o que ela tinha. Não disse nada, como se não tivesse percebido, e como

estavam ambos debaixo de um candeeiro da rua, e a luz deste brilhava no rosto dela, ficou muito admirado, pois era a Cristininha vivaz que ele via, absolutamente, como dela se lembrava do tempo em que ambos eram crianças.

E entrou com a pequenita na casa pobre e pela escada estreita e gasta até ao cimo, num pequeno quarto de desvão, sob o telhado. Havia um ar pesado e opressivo lá dentro. Nenhuma luz acesa. No canto, alguém suspirava e respirava com dificuldade. Ib acendeu um fósforo. Era a mãe da menina que jazia na cama pobre.

– Posso ajudá-la em alguma coisa? – perguntou Ib. – A menina encontrou-me, mas eu sou estranho na cidade. Há algum vizinho ou qualquer pessoa a quem eu possa chamar?... e levantou-lhe a cabeça.

Era a Cristininha de Seishede.

Durante anos em casa na Jutlândia o seu nome não fora pronunciado porque teria perturbado os pensamentos tranquilos de Ib e também não era bom o que os rumores e a verdade diziam, que o muito dinheiro que o marido recebera de herança dos pais o fizera arrogante e vil. Abandonara o lugar seguro e viajou meio ano por vários países. Voltou a contrair dívidas e fez muita asneira. A carruagem onde seguia inclinou-se até se virar. Os muitos alegres amigos da sua mesa diziam que merecera o que lhe sucedeu, pois vivera como um louco!... O seu cadáver foi encontrado no canal do jardim do palácio.

Cristininha andava com a morte em si. O seu filho mais novo viveu só algumas semanas. Nascido na abundância e criado na miséria, já estava na sepultura. Agora ia suceder o mesmo a Cristininha, pois jazia mortalmente doente, abandonada num quarto miserável. Poderia tê-lo suportado nos anos da juventude, em Seishede, mas agora, acostumada ao melhor, sentia mais a miséria. Foi a sua pequenita, também Cristininha, que sofria necessidades e fome como ela, que levou Ib lá acima.

– Tenho medo de morrer e deixar a pobre criança! – suspirou. – Que vai ser dela? E mais não pôde dizer.

Ib acendeu um novo fósforo e encontrou um coto de vela, que ficou a arder, iluminando o quarto miserável.

Olhou para a pequenita e pensou em Cristininha nos dias da infância. Por Cristininha, podia fazer bem àquela criança que não conhecia. A moribunda olhava-o, os olhos tornaram-se cada vez maiores...! Reconheceu-o? Não o veio a saber porque nenhuma palavra dela se ouviu.

E era no bosque, perto do rio Guden e perto de Seishede. O céu estava cinzento. As urzes sem flor e as tempestades do oeste levaram as folhas amarelas do bosque para o rio e para além da charneca, onde estava a casa de turfa verde onde, agora, gente estranha morava. Mas, abaixo da colina, bem ao abrigo das árvores altas, estava a casinha caiada e pintada. Lá dentro, na sala, ardiam na lareira turfas dos pântanos. E havia luz do Sol que irradiava em dois olhos de criança. O trinado da cotovia, na Primavera, soava na fala da sua boca vermelha e sorridente. Havia vida e alegria. A Cristininha estava lá. Sentada nos joelhos de Ib, que era, para ela, pai e mãe. Estava longe, nos sonhos da criança, assim como nos sonhos de Ib.

Ib tinha uma casa asseada e bonita. Era um homem abastado. A mãe da pequenita estava no cemitério dos pobres da Copenhaga real.

Ib tinha dinheiro na arca, diziam. O ouro do pó da terra. E tinha, claro está, também a Cristininha.



O Anjo

Engelen (1843)

«Cada vez que uma criança morre, desce um anjo de Deus à Terra, toma-a nos braços, abre as grandes asas brancas, voa sobre todos os lugares de que a criança gostou, e colhe toda uma mão-cheia de flores, que leva a Deus, para aí florirem ainda mais bonitas do que na Terra. O bom Deus aperta de encontro ao coração todas as flores, mas àquela de que Ele gosta mais dá um beijo. Então esta recebe voz e pode cantar juntamente na grande bem-aventurança!»

Pois bem, tudo isto contava um anjo de Deus, enquanto levava uma criança para o Céu. A criança ouvia-o como num sonho, enquanto iam passando sobre jardins com lindas flores, e lugares onde, em vida, brincara.

– Quais as flores que vamos colher e plantar no Céu? – perguntou o anjo.

Ali estava uma roseira esguia e magnífica que mão malévola lhe tinha quebrado o tronco, de modo que todos os ramos, cheios de botões grandes e meio abertos, pendiam, murchos em volta.

– Pobre planta! – disse a criança. – Leva-a para que possa vir a florir lá em cima, junto de Deus!

O anjo colheu-a, beijando a criança, e esta entreabriu os olhos. Colheram as admiráveis flores ricas, mas tomaram também o desprezado cravo de defunto e o amor-perfeito selvagem.

– Agora temos flores! – disse a criança, e o anjo assentiu com um aceno de cabeça, mas não voaram ainda para Deus. Era noite, tudo estava tranquilo, ficaram na grande cidade, pairavam numa das ruas mais estreitas, onde havia montões de palha, cinzas e desperdícios. Tinha sido dia de despejo de lixo. Havia aí pedaços de pratos, fragmentos de estuque, trapos e velhas copas de chapéus, tudo o que não parecia bonito.

O anjo apontou, no meio de toda esta desordem, para alguns cacos de um pote e para um torrão que tinha caído deste e se mantinha junto às raízes de uma grande flor do campo, murcha, que não servia para nada e, por isso, tinha sido lançada para a rua.

– Tomamos aquela! – disse o anjo. – Dir-te-ei porquê enquanto voamos.

E assim voaram e o anjo contou:

«Ali em baixo na rua estreita, numa cave, morava um rapazinho pobre e doente. Desde pequenino que estava sempre de cama. Quando se sentia melhor, podia andar de um lado para o outro, dentro do quarto, amparado nas muletas. Nos dias de Verão, os raios de Sol penetravam, por uma meia hora, na entrada da cave e, quando o rapazinho se sentava aí, deixando que o Sol quente brilhasse em si, olhando para o sangue rubro através dos dedos das mãos, que punha diante do rosto, dizia:

– Hoje estive lá fora!

– Conhecia o bosque na sua bela verdura primaveril, apenas porque o filho do vizinho lhe trazia o primeiro ramo de faia que ele segurava por cima da sua cabeça, sonhando estar sob as faias, onde o Sol brilhava e os pássaros cantavam. Num dia de Primavera, o rapaz do vizinho trouxe-lhe também flores do campo e entre estas encontrava-se, por acaso, uma com raiz, que foi plantada num pote e colocada na janela, junto à sua cama. A flor, que foi plantada com mão feliz, cresceu, criou

novos rebentos e todos os anos dava as suas flores. Tornou-se o mais belo jardim do rapazinho doente, o seu pequeno tesouro na terra. Regava-o, tratava-o e cuidava que recebesse todos os raios de Sol, até ao último, que penetravam pela janela baixa. E a própria flor crescia nos seus sonhos, pois para ele floria, espalhando o seu perfume e alegrando-lhe a vista. Para ela se voltou na morte, quando Nosso Senhor o chamou... Faz agora um ano que está junto de Deus. Também um ano esteve a flor esquecida na janela, murcha e, portanto, no dia do despejo do lixo, foi lançada para a rua. É essa flor, a pobre flor murcha, que tomámos para o nosso ramo, pois essa flor deu mais alegria do que a flor mais rica, num jardim de uma rainha!

– Mas como sabes tudo isso? – perguntou a criança ao anjo que a levava para o Céu.

– Sei-o! – disse o anjo. – Era eu próprio o rapazinho doente que andava de muletas! Conheço bem a minha flor!

E a criança abriu completamente os olhos e olhou para o rosto belo e jubiloso do anjo. Nesse momento, estavam no Céu de Deus, onde havia júbilo e bem-aventurança. E Deus apertou a criança de encontro ao coração, que logo recebeu asas, como o outro anjo e com ele voou, de mãos dadas. Então, Deus abraçou todas as flores contra o coração mas, à pobre flor do campo, murcha, beijou-a e ela recebeu voz e cantou com todos os anjos que pairavam à volta de Deus, alguns bem perto, outros à volta destes, em grandes círculos, mais e mais longe, no infinito, mas todos igualmente felizes. Todos cantavam, pequenos e grandes, crianças abençoadas, assim como a pobre flor do campo, que jazera murcha, lançada ao lixo, na desordem do dia de despejo, na rua estreita e sombria.



Os Dias da Semana

Ugedagene (1868)

Certa vez, os Dias da Semana decidiram que também tinham direito a divertir-se. Andavam tão ocupados durante todos os dias do ano, que não encontravam um disponível, para se juntarem e fazerem uma festa. Precisavam de descobrir um que fosse extra. No fim de cada quatro anos havia sempre o dia intercalar que se põe no fim de Fevereiro, para trazer ordem à contagem do tempo. Foi nesse dia que decidiram fazer a sua festa.

Juntar-se-iam então, nessa data, e como Fevereiro é o mês do Carnaval, viriam mascarados segundo a vontade e disposição de cada um. Comeriam bem, beberiam bem, discursariam e diriam uns aos outros coisas agradáveis e desagradáveis, em camaradagem e sem cerimónias. Os guerreiros dos velhos tempos, durante as refeições, tinham o hábito de lançar à cabeça uns dos outros os ossos roídos, mas os Dias da Semana haviam de fazer o contrário. Cumular-se-iam com petiscos de trocadilhos e ditos sujos, como os que ocorrem nas inocentes brincadeiras carnavalescas.

Finalmente, chegou o desejado dia intercalar e foi mascarados da seguinte forma que se reuniram.

O Dia de Domingo, presidente dos dias da semana, apresentou-se com uma capa de seda preta. As pessoas religiosas acreditaram que estava vestido de Pastor para ir à igreja. As gentes do

mundo viram que também trazia um dominó para se divertir e que o cravo que flamejava na casa do botão da capa era a pequena lanterna vermelha do teatro que anunciava: está tudo esgotado, tratai agora de vos divertir!

O Dia de Segunda-Feira, um jovem da família do Dia de Domingo e especialmente dado aos prazeres, seguiu-o. Tinha abandonado a oficina quando a parada da guarda desfilava pela rua.

– Vinham a tocar a música de Offenbach, que não me sobe à cabeça nem me toca o coração, mas faz-me cócegas nos músculos das pernas. Tenho de dançar, armar sarilho e ficar com um olho azul, para depois ir dormir e voltar ao trabalho no dia seguinte. Sou o «lua nova» da semana.

O Dia de Terça-Feira: Dia do Touro¹, que é o dia da força.

– Sim, sou eu! – disse o Dia de Terça-Feira. – Vou para o trabalho, abro as asas de Mercúrio nas botas do mercador e vou pelas fábricas para ver se as rodas estão untadas e giram bem. Faço com que o alfaiate se sente à mesa e o calceteiro nas pedras da calçada. Cada um com a sua tarefa! Deito o olho a tudo. Por isso, venho em uniforme de polícia e chamo-me o Terça-Feira Polícia (*politirsdag*). Se é um mau trocadilho, tratai de me arranjar outro que seja melhor!

– Agora venho eu! – disse o Dia de Quarta-Feira. – Estou no meio da semana. Os alemães chamam-me o Sr. Mittwoch². Estou como o caixeiro na sua loja. Como uma flor, no meio dos outros honrados Dias da Semana! Se nos pomos em marcha, tenho então três dias à minha frente e três dias atrás de mim. É como uma guarda de honra. Estou em crer que sou o Dia da Semana mais considerado!

O Dia de Quinta-Feira veio vestido de caldeireiro, munido de martelo e caldeira de cobre. Eram os seus atributos de nobreza.

– Eu sou do mais alto nascimento! – disse ele. – Pagão, divino! Nos países do Norte sou denominado segundo Tor³ e nos países

do Sul segundo Júpiter, porque ambos entendem de trovões e raios. Ficou na família!

E bateu na caldeira de cobre, mostrando o seu alto nascimento.

O Dia de Sexta-Feira estava vestido como uma rapariga e chamava-se Freia⁴, para ser diferente de Vénus. Dependia dos hábitos linguísticos dos países em que se apresentava.

Tinha, de resto, um carácter tranquilo e suave, mas hoje estava atrevida e livre. Era o dia intercalar e esse dia dá a liberdade à mulher para, conforme o velho uso, ser ela a pedir a mão e não esperar que lha peçam.

O Dia de Sábado apresentou-se como uma velha dona de casa, com vassoura e outros artigos de limpeza. O seu prato favorito era a sopa de pão cozido em cerveja. Nesta ocasião festiva, a sopa devia ser posta na mesa para todos, contudo, exigia que apenas ela a tivesse. E teve-a.

Assim se sentaram os Dias da Semana, reunidos à volta da mesa.

E aqui estão desenhados todos os sete dias da semana, como se fossem um quadro vivo, no convívio de família. Podem ser representados tão divertidos como se desejar. Damo-los aqui apenas como uma brincadeira em Fevereiro, o único mês que tem um dia a acrescentar.

¹Em dinamarquês *Tirsdag*, *Tyr* – touro. (*N. do T.*)

²*Mitte* – meio. *Woche* – semana. (*N. do T.*)

³Em dinamarquês *Torsdag* do deus Tor. (*N. do T.*)

⁴Em dinamarquês *Fredag* da deusa Freia. (*N. do T.*)



O Jardineiro e o Senhor *Gartneren og Herskabet (1872)*

A uma milha de distância da capital havia um velho solar com grossas paredes, torres e empenas entalhadas.

Nele vivia, apenas na altura do Verão, uma família nobre e rica. Possuía muitos solares. Aquele, porém, era o mais rico e o mais bonito de todos. Por fora era como se fosse novo e, por dentro, tinha todo o conforto e todas as comodidades. O brasão da família exibia-se, esculpido, junto ao portão. No balcão da janela de sacada e em redor das armas do brasão enroscavam-se magníficas rosas. Em frente da casa estendia-se um grande tapete de relva. Também se podiam ver espinheiros vermelhos e brancos e outras flores raras, e outras que se encontravam nas estufas.

O proprietário do solar tinha um jardineiro tão competente que dava prazer ver o jardim, o pomar e a horta. Um pouco mais acima havia ainda arbustos, aparados e combinados de modo a formarem coroas e pirâmides. Eram os restos do antigo domínio senhorial. Por detrás dos arbustos erguiam-se duas grandes árvores, muito antigas. Estavam quase sempre sem folhas e, ao vê-las, pensava-se que um vento tempestuoso ou uma tromba-d'água as havia coberto de grandes torrões, mas cada um desses torrões era, nem mais nem menos, um ninho.

Nessas árvores moravam, desde tempos imemoriais, um bando de gralhas e corvos ruidosos. Como se elas fossem uma

verdadeira cidade de aves. Elas eram as donas, as proprietárias e a mais antiga família senhorial. As verdadeiras senhoras do solar. Indiferentes aos seres humanos, cá em baixo, toleravam essas criaturas que andavam pelo chão, embora entre elas houvesse algumas que disparavam espingardas, que lhes fazia sentir um arrepio na espinha, obrigando-as a fugir com medo, a gritar: crá, crá.

O jardineiro pedira muitas vezes ao seu senhor para mandar deitar abaixo as velhas árvores. Não davam bom aspecto e, sendo abatidas, provavelmente livrá-lo-iam das barulhentas aves, que iriam procurar outro pouso. O senhor, porém, não queria desfazer-se nem das árvores nem do bando. Era algo que fazia parte dos domínios do solar, algo que vinha dos velhos tempos e, portanto, não se devia destruí-lo.

– As árvores são herança das aves, deixa-as estar, meu bom Larsen!

Larsen era o nome do jardineiro, mas isso nada tem que ver com a nossa história.

– Não tens, amigo Larsen, campo suficiente para ti? Todo o jardim, as estufas, o pomar e a horta?

Na verdade, tudo isso possuía, e de tudo bem cuidava, com zelo e competência, o que era reconhecido pelo senhor, que não se coibia, contudo, de lhe dizer que em casa de outras pessoas havia comido frutas e visto flores que superavam as do seu domínio, afligindo assim o jardineiro, pois este sempre queria fazer melhor que os outros; e conseguia-o. Era um homem tão bom no coração como no ofício.

Um dia, o senhor mandou-o chamar e disse-lhe, com afáveis modos senhoriais, que, na véspera, em casa de uns ilustres amigos, havia provado maçãs e peras tão sumarentas e saborosas que ele e todos os convidados não puderam deixar de expressar a sua admiração. Os frutos não eram certamente do país, mas podiam

ser importados e aclimatar-se se as condições o permitissem. Sabia-se que tinham sido comprados na melhor frutaria da cidade; o jardineiro deveria ir lá e procurar saber donde tinham vindo aquelas maçãs e peras. Depois mandaria vir os enxertos.

O jardineiro conhecia bem o dono da frutaria. Era precisamente a ele que, por conta do senhor, vendia as sobras das frutas cultivadas no pomar.

Tomou assim o caminho da cidade para perguntar ao dono da frutaria donde recebia aquelas maçãs e peras tão apreciadas.

– São do teu próprio pomar! – declarou o dono da frutaria, que lhas mostrou, e que ele logo reconheceu como suas.

Como ficou contente o jardineiro! Correu logo para o solar, para contar ao senhor que tanto as peras como as maçãs eram do seu pomar.

O senhor não queria crer.

– Não é possível, Larsen! Poderás arranjar uma declaração escrita do dono da frutaria?

Larsen voltou com a declaração pedida.

– É estranho! – exclamou o senhor.

Então passaram a vir para a mesa do senhor, todos os dias, grandes açafates com aquelas belas peras e maçãs, produtos do seu próprio pomar, que, às toneladas e aos quintais, foram também enviadas para os amigos da cidade e de fora da cidade. Até mesmo para o estrangeiro. Eram, na realidade, maravilhosas! Contudo, deve ter-se também em conta que haviam sido dois anos extraordinariamente bons para as árvores de fruto. Não só ali como no resto do país.

Decorreu algum tempo. Um dia, o senhor foi convidado para um jantar na corte. No dia seguinte chamou o jardineiro. Tinham servido na corte uns melões muito sumarentos e saborosos, das estufas de Sua Majestade!

– Tens de procurar o jardineiro da corte, meu bom Larsen, para que nos arranje algumas sementes desses preciosos melões!

– Mas foi de nós que ele as recebeu! – respondeu o jardineiro todo contente.

– Então soube tratá-los muito bem para que resultassem assim tão bons – retorquiu o senhor. – São excelentes esses melões!

– Bem posso sentir-me orgulhoso! – disse Larsen. – Devo esclarecer Sua Excelência que o jardineiro não teve sorte com os melões este ano e, quando viu como os nossos eram bonitos e os provou, mandou que lhe enviássemos três para o palácio!

– Larsen! Não vás agora imaginar que eram precisamente os melões da nossa quinta!

– Creio bem que sim! – respondeu Larsen, que foi depois procurar o jardineiro do palácio e dele recebeu uma declaração escrita dando conta de que os melões servidos na mesa real haviam vindo do pomar do seu senhor.

Foi, naturalmente, uma surpresa para o senhor, que não ocultou o que se havia passado. Exibiu a quem o quis o atestado do jardineiro a quem o quis e assim passaram a ser enviadas sementes de melão para toda a parte, bem como, no seu devido tempo, os enxertos.

Receberam notícias de que tinham sido muito apreciados, que haviam dado magníficos frutos e que haviam tomado o nome do pomar do senhor, que podia agora ser lido em inglês, alemão e francês.

Nunca antes havia pensado nisso.

– Que não vá agora o jardineiro dar-se ares de importância por isso! – comentou o senhor.

Mas foi de outro modo que o jardineiro aceitou as coisas. O seu desejo era esforçar-se por ganhar nome como um dos melhores jardineiros do país, procurando, todos os anos, produzir a melhor das espécies cultivadas no pomar. E sempre o conseguiu. Frequentemente, ouvia dizer que, de todos os frutos de primeira qualidade que havia cultivado, as maçãs e as

peras foram realmente os melhores; todos os outros lhes eram inferiores. Os melões tinham sido realmente bons, mas eram de uma qualidade à parte; os morangos podiam considerar-se admiráveis, mas, contudo, não foram melhores do que os das outras quintas e, quanto aos rábanos, houve um ano em que não resultaram bons. Então só se falou daqueles desafortunados rábanos e não de tudo o mais que fora bem produzido.

Era quase como se o senhor sentisse prazer em dizer:

– Este ano vai ser mau, amigo Larsen! – Parecia sentir uma grande alegria em exclamar: – Não, este ano não dá nada!

Algumas vezes por semana o jardineiro trazia flores frescas para a casa do senhor, sempre dispostas com muito gosto, e de tal modo as combinava que as cores se realçavam.

– Tens bom gosto, Larsen! – dizia o senhor. – É um dom que não veio de ti. Foi Nosso Senhor que to deu!

Um dia o jardineiro trouxe numa grande taça de cristal uma pétala de açucena aquática branca e sobre ela, com o longo e grosso caule mergulhado na água, uma admirável flor azul, do tamanho de um girassol.

– O lótus de Indostão! – exclamou o senhor, quando a viu.

Nunca vira uma flor assim. Durante o dia foi colocada ao Sol e à noite sob a luz reflectida de uma lâmpada. Todos os que a observaram acharam-na extraordinariamente bela e rara. Foi isso que declarou uma das primeiras damas do país, uma princesa inteligente e bondosa.

Sua Senhoria considerou uma honra presentear-lhe a flor e esta foi então levada para o Palácio Real.

Desceu depois o senhor ao jardim para ele próprio, se ainda houvesse, colher uma outra flor igual. Mas nenhuma encontrou. Chamou então pelo jardineiro e perguntou-lhe onde havia colhido o lótus-azul:

– Procurámos em vão! – disse ele. – Fomos às estufas e percorremos todo o jardim!

– Pois não está propriamente ali – respondeu o jardineiro. – É uma simples e vulgar flor da horta. Mas não é verdade que é muito bonita? Parece um cacto-azul e, contudo, outra coisa não é que a flor da alcachofra!

– Devias ter-nos dito isso logo – retorquiu o senhor. – Pensávamos que era uma flor exótica, rara. Obrigaste-nos a fazer má figura diante da jovem princesa! Viu a flor em nossa casa e achou-a muito bonita, mas não a reconheceu, embora seja excelente em botânica, que é uma ciência, claro está, que nada tem a ver com as hortaliças. Como te ocorreu, bom Larsen, trazer uma flor dessas para minha casa? Obrigaste-nos a ser ridículos!

A bonita e radiante flor azul apanhada na horta foi retirada da casa do senhor, onde não era digna. Sua Senhoria apresentou as suas desculpas à princesa, explicando que a flor era simplesmente uma planta da horta, que o jardineiro havia trazido para mostrar e que havia recebido, por isso, séria admoestação.

– Pois é pena e é injusto! – retorquiu a princesa. – Abriu-nos os olhos para uma flor magnífica de que não nos tínhamos apercebido. Mostrou-nos a beleza onde a devíamos ter procurado! Darei ordem para que o jardineiro do palácio me traga todos os dias uma flor dessas enquanto florirem as alcachofras.

E assim aconteceu.

Também Sua Senhoria mandou dizer ao jardineiro que lhe podia trazer, de novo, uma flor de alcachofra fresca.

– No fundo, é bonita! – disse ele. – Muito curiosa! – E fez o seguinte elogio ao jardineiro:

– Larsen ficará contente com isso! – disse Sua Senhoria. – É uma criança mimalha.

No Outono houve uma terrível tempestade. Rebentou de noite e tão violentamente que muitas das grandes árvores,

na orla do bosque, foram arrancadas pela raiz. Com grande pesar para Sua Senhoria (foram as suas palavras), mas com alegria para o jardineiro, pois foram derrubadas as duas grandes árvores com todos os ninhos. Afirmava a gente da casa que se ouviram, no meio da tempestade, os gritos dos corvos e das gra-lhas, que tinham batido com as asas nas vidraças das janelas.

– Estás satisfeito agora, Larsen? – perguntou Sua Senhoria. – A tempestade derrubou as árvores e as aves fugiram para o bosque. O solar já não tem o aspecto dos velhos tempos. Tudo que os fazia recordar desapareceu! Tive realmente muita pena!

O jardineiro nada disse, mas logo pensou no que andava magicando há tanto tempo: utilizar o belo campo soalheiro de que antes não podia dispor e transformá-lo em adorno do jardim e num objecto de prazer para Sua Senhoria.

As grandes árvores derrubadas haviam destroçado e despedaçado as antiquíssimas sebes de buxo, talhadas em figuras. Aí plantou arbustos e plantas dos campos e dos bosques da região. O que nenhum outro jardineiro pensara fazer, quanto à rica variedade de plantas do jardim do senhor, fê-lo ele, dispondo-as na terra adequada, ao Sol ou à sombra, conforme as necessidades de cada espécie. Cuidou-as com todo o carinho e elas cresceram magníficas.

Os zimbros da Jutlândia desenvolveram-se em forma e cor como se fossem ciprestes-italianos. O azevinho, brilhante e espinhoso, sempre verde com o frio do Inverno ou com o Sol do Verão, era digno de se ver. À sua frente havia fetos de diversas espécies, alguns pareciam filhos das palmeiras e outros pais da bela e fina planta a que chamamos adianto. Estava ali também a bardana desdenhada, tão bonita na sua frescura que podia ser colhida para um ramalhete. A bardana estava plantada na terra seca mas mais funda. Na terra húmida cresciam as azedas, uma planta também desprezada e, contudo, tão pitoresca e bonita na sua altura imponente e com as suas folhas grandes. Esbelta, com

vários troncos, flor contra flor, como um grande candelabro de muitos braços, erguia-se a candelária, transplantada para aquele local. Ali se encontravam também as aspérulas, as primaveras e os lírios-do-bosque, o esparto-silvestre e as finas azedas-do-bosque, de três folhas. Era realmente digno de se ver. Por detrás de uma vedação de arame cresciam, alinhadas, pequeníssimas pereiras de procedência francesa. Com bom Sol e bom tratamento, em breve deram frutos grandes e sucosos, tal como na terra, de onde tinham provindo.

No lugar das duas velhas árvores desfolhadas foi colocado um alto mastro de bandeira onde ondeava o «Dannebrog» e, próximo, um outro onde, no Verão e no Outono, se enroscavam as ramadas do lúpulo, com as suas flores odoríferas em cone. Também no Inverno, seguindo um velho costume, era suspenso no mesmo mastro um comedouro com aveia, para que as aves tivessem comida na época festiva do Natal.

– O bom Larsen está a tornar-se sentimental com a idade! – disse Sua Senhoria. – Mas é-nos, na verdade, muito fiel e afeiçoado!

No ano seguinte, uma revista ilustrada da capital publicou uma gravura do antigo solar. Nela se via o mastro da bandeira e o comedouro de aveia para as aves. Comentava-se também a ideia excelente de o velho costume ter sido preservado e honrado de um modo tão significativo, precisamente no antigo solar.

– Tudo o que Larsen faz – declarou Sua Senhoria – é apreçoado a todos os ventos. É um homem com sorte! Quase me sinto orgulhoso de o ter ao meu serviço!

Mas não era orgulho o que sentia! Sabia que era o senhor, que o podia despedir, o que não fazia, é claro, por ser boa pessoa; e nesta classe há muito boas pessoas, o que é também uma sorte para todos os Larsens.

É esta a história do jardineiro e do senhor!

Pensa nela um pouco!



A Pastora e o Limpa-Chaminés *Hyrdinden og Skorstensfejeren* (1845)

Já viste alguma vez um armário genuinamente antigo, completamente enegrecido pela antiguidade e trabalhado com floreados e folhagens? Pois era precisamente um desses que se encontrava numa certa sala de estar. Era herança da avó, bem talhado de rosas e tulipas que o cobriam de alto a baixo. Eram os mais maravilhosos floreados e entre eles emergiam cabeças de pequenos veados com grandes armações. No meio do armário estava também talhado um homem. Se ria, era muito divertido vê-lo a rir, mas não se podia chamar a isso sorrir. Tinha pernas de bode, uns chifrezinhas na testa e uma longa barba. As crianças da casa chamavam-lhe o Sargento-general-comandante-chefe-subchefe das pernas de bode, pois era um nome difícil de dizer e não há muitos que tenham este título. Mas mandá-lo talhar também foi coisa complicada! Contudo, ali estava! Sempre a olhar para a mesa, por baixo do espelho, porque ali se encontrava uma linda pastorinha de porcelana. Os sapatos eram dourados, o vestido lindamente preso em cima com uma rosa vermelha e tinha um chapéu de ouro e um bastão de pastor. Era linda! Mesmo ao lado dela estava um pequeno limpa-chaminés, tão preto como o carvão, também de porcelana. Era tão limpo e bonito como qualquer outro. O facto de ser limpa-chaminés era só aparência. O fabricante de porcelanas podia muito bem ter feito dele um príncipe. Daria no mesmo!

Era tão lindo com a sua escada e tinha um rosto tão branco e rosado como uma rapariga. Isso foi, na realidade, um erro, pois um pouco de preto não teria sido mau. Estava mesmo junto à pastora. Tinham sido colocados ali e, assim colocados, ficaram noivos. Passavam o tempo um com o outro. Eram gente nova, eram da mesma porcelana e ambos igualmente quebráveis.

Perto deles estava outro boneco que era três vezes maior. Um velho chinês, também de porcelana, que sabia acenar com a cabeça. Dizia-se avô da pastorinha, mas isso não o podia ele confirmar. Afirmava que tinha poder sobre ela e, assim, acenava para o Sargento-general-comandante-chefe-subchefe de pernas de bode, que também cortejava a pastorinha.

– Vais ter um marido – disse o velho chinês –, um marido que será de mogno, se não me engano. Pode fazer-te Senhora do Sargento-general-comandante-chefe-subchefe das pernas de bode. Tem todo o armário cheio de pratas, não contando com o que possui nas gavetas secretas.

– Não quero ir para dentro do armário! – disse a pastorinha.
– Ouvi dizer que guarda lá dentro onze mulheres de porcelana!

– E tu podes muito bem ser a décima segunda! – disse o chinês. – Hoje à noite, logo que o velho armário comece a ranger, hão-de dar-se as vossas bodas. Tão verdade como eu ser chinês!
– Acenou com a cabeça e deixou-se adormecer.

A pastorinha chorou e olhou para o seu mais querido do coração, o limpa-chaminés de porcelana.

– Creio que tenho de pedir-te que vás comigo por esse mundo fora, porque aqui não podemos ficar.

– Quero o que tu quiseses! Vamos imediatamente! Acho que posso alimentar-te com a minha profissão!

– Se ao menos estivéssemos sãos e salvos, longe da mesa! – disse ela. – Não terei alegria enquanto não partirmos por esse mundo fora!

Ele consolou-a e mostrou-lhe como podia pôr o pezinho nas bordas talhadas e na folhagem dourada e descer pela perna da mesa abaixo. Usou também a sua escada para a ajudar a descer e desse modo chegaram ao chão; mas quando olharam para o velho armário, era como se ali houvesse um tumulto. Todos os veados talhados punham as cabeças ainda mais para fora, levantavam as armações e estendiam os pescoços. O Sargento-general-comandante-chefe-subchefe das pernas de bode saltou no ar e gritou para o velho chinês:

– Vão fugir! Vão fugir!

Ficaram um pouco assustados e esconderam-se, apressadamente, nas gavetas da plataforma.

Nessas gavetas encontravam-se três ou quatro baralhos de cartas de jogar, incompletos, e um pequeno teatro de bonecas, não muito bem montado, mas, ainda assim, bem improvisado. Representavam-se comédias, e todas as damas, tanto as de ouros como as de copas, as de paus como as de espadas, sentavam-se nas primeiras filas e abanavam-se com tulipas. Logo por trás delas estavam todos os valetes, mostrando que tinham cabeças, tanto em cima como em baixo, tal como são as cartas de jogar. A comédia tratava de dois amantes que não se podiam ter um ao outro e a pastora chorou por isso, porque era como se visse a sua própria história.

– Não aguento isto! – comentou ela. – Tenho de sair da gaveta!

Mas quando vieram para o chão e olharam para a mesa, lá estava o velho chinês acordado e com todo o seu corpo a abanar. Era como um enorme monte, visto de baixo!

– Vem aí o velho chinês! – gritou a pastorinha, e caiu logo sobre os joelhos de porcelana, de tão aflita que estava.

– Tenho uma ideia! – disse o limpa-chaminés. – Vamos meter-nos dentro da jarra de *pot-pourri* que está ali no canto? Podemos deitar-nos sobre rosas e alfazema e lançar-lhe sal nos olhos, quando ele vier.

– Pode não ser suficiente! – respondeu ela. – Além disso, sei que o velho chinês e a jarra de *pot-pourri* estiveram noivos e, quando se têm relações desse gênero, resta sempre um pouco de simpatia! Não! Não há nada a fazer senão partir pelo mundo fora!

– Tens mesmo coragem para ir comigo pelo mundo fora? – perguntou o limpa-chaminés. – Já pensaste como ele é grande e que nunca mais voltaremos aqui?

– Tenho! – afirmou a pastorinha.

O limpa-chaminés olhou-a fixamente e disse:

– O caminho faz-se por dentro da chaminé! Tens mesmo coragem para te arrastares comigo dentro do fogão, tanto pelo tambor como pelo cano? Saímos depois pela chaminé e aí conheço tudo bem! Subiremos tão alto que não nos podem alcançar e lá bem em cima está um buraco para o mundo!

E conduziu-a para a porta do fogão.

– Está tudo preto! – disse ela, mas seguiu-o, tanto pelo tambor como pelo cano, onde parecia noite escura como breu.

– Estamos agora na chaminé! Vê! Lá em cima brilha a mais linda estrela!

E estava, realmente, uma estrela no céu que brilhava para baixo, para eles, como se quisesse mostrar-lhes o caminho. Treparam e rastejaram. Foi uma terrível caminhada. Tão alto, cada vez mais alto. Ele puxou-a para cima e apoiou-a, segurou-a e mostrou-lhe os melhores pontos, onde podia pôr os seus pezinhos de porcelana, até que alcançaram a borda da chaminé e nela se sentaram, pois estavam muitíssimo cansados e boas razões tinham para isso.

O céu, com todas as suas estrelas, estava por cima e todos os telhados da cidade por baixo. Viam até muito longe, à sua volta, mesmo para além do mundo. A pobre pastora nunca o tinha imaginado assim. Pousou a cabecinha no ombro do limpa-chaminés e chorou tanto que o ouro lhe saltou da fita do corpete.

– É de mais! – disse ela. – Não posso suportá-lo! O mundo é demasiado grande! Quem me dera estar outra vez na mesinha por baixo do espelho! Não terei alegria enquanto não me encontrar lá outra vez! Segui-te pelo mundo fora, agora tu podes seguir-me para voltar a casa, se gostares um bocadinho de mim!

E o limpa-chaminés falou-lhe sensatamente. Falou-lhe do velho chinês e do Sargento-general-comandante-chefe-subchefe das pernas de bode, mas ela chorou tão desconsolada e beijou o seu querido limpa-chaminés de tal forma, que este não pôde fazer outra coisa senão condescender, se bem que fosse uma loucura.

E assim lá se arrastaram outra vez, com grande dificuldade, pela chaminé abaixo, rastejando através cano e do tambor – o que não foi nada agradável –, penetrando no fogão escuro. Escutaram, por detrás da porta, para saberem o que se passava na sala. Estava tudo em silêncio. Olharam. Ai! Lá estava o velho chinês no meio do chão. Tinha caído da mesa, quando pretendia persegui-los e estava partido em três partes. Todo o dorso se desprendera num único pedaço e a cabeça tinha rolado para um canto.

O Sargento-general-comandante-chefe-subchefe das pernas de bode estava onde sempre estivera, a meditar.

– É horrível! – disse a pastorinha. – O velho avô está feito em cacos e a culpa é nossa! Não consigo sobreviver a isto! – E torceu as mãozinhas minúsculas.

– Ainda pode ser gateado – disse o limpa-chaminés. – Pode muito bem ser gateado, desde que não seja com muita força! Se o colarem nas costas e lhe puserem um bom gato na nuca, ficará outra vez tão bom como novo e poderá continuar a dizer-nos muita coisa desagradável!

– Achas que sim? – perguntou ela. E subiram outra vez para a mesa onde tinham estado antes.

– Estás a ver! Fomos tão longe! – disse o limpa-chaminés. – Bem podíamos ter-nos poupado a todos esses incómodos!

– Se conseguirmos ao menos gatear o velho avô! – exclamou a pastora. – Será caro?

Foi gateado. A família mandou-o colar nas costas, recebeu um bom gato no pescoço e ficou tão bom que parecia novo. Mas acenar já não podia.

– Tornou-se bastante altivo, desde que se partiu em pedaços! – disse o Sargento-general-comandante-chefe-subchefe das pernas de bode. – Não me parece, contudo, que seja razão para ser tão terrível! Vou ter a pastorinha ou não?

O limpa-chaminés e a pastorinha olharam ternamente para o velho chinês. Tinham receio de que pudesse acenar, mas ele não podia. Era-lhe desagradável contar a um estranho que tinha um gato na nuca. Assim ficou o par de porcelana unido, abençoaram o gato do avô e amaram-se até se fazerem em pedaços.



Os Sapatos Vermelhos

De røde Sko (1845)

Havia uma rapariguinha tão fina e tão graciosa. Como era pobre, andava sempre de pés descalços no Verão e de Inverno com grandes tamancos de pau. Os pequeninos peitos dos pés ficavam todos vermelhos, o que era horroroso.

No meio da aldeia de camponeses morava a idosa mãe do sapateiro. Sentou-se a coser, tão bem quanto sabia, um par de sapatinhos de uns restos velhos de roupa vermelha, bastante toscos, mas feitos de boa vontade. Foram destinados à rapariguinha.

A rapariguinha chamava-se Karen.

Foi precisamente no dia em que a mãe foi a enterrar que ela recebeu os sapatos vermelhos, estreando-os nesse dia. Não eram propriamente algo a usar no luto, mas não tinha outros e assim, sem meias, caminhou com eles atrás do pobre caixão feito de palha.

Nesse momento passou uma carruagem grande e antiga. Nela ia sentada uma grande dama, também de idade, que viu a rapariguinha. Teve pena dela e disse ao padre:

– Oiça, dê-me a rapariguinha, que tratarei bem dela!

Karen julgou que foi tudo por causa dos sapatos vermelhos, mas a senhora disse-lhe que eram horrorosos e queimou-os. Porém, vestiu Karen dos pés à cabeça. Teve de aprender a ler e a coser e as gentes comentavam que ela era muito graciosa.

Mas o espelho dizia-lhe:

– És mais que graciosa, és linda!

Uma vez a rainha fez uma viagem através do país e trouxe consigo a sua filha. O povo correu para defronte do palácio e Karen também. A princesinha estava de pé, numa varanda, com um fino vestido branco, para que a admirassem. Não tinha nem cauda nem coroa de ouro, mas calçava belos sapatos de marroquim vermelho. Eram certamente bem mais bonitos do que aqueles que a mãe do sapateiro cosera para a Karenzinha. Nada no mundo se podia comparar verdadeiramente àqueles sapatos vermelhos!

Karen estava agora na idade de receber a sua confirmação de fé. Teve novos vestidos e novos sapatos também. O rico sapateiro da cidade tomou as medidas do seu pezinho. Era confortável a sua loja e aí havia grandes armários de vidro, com lindos sapatos e botas lustrosas lá dentro. Tudo tinha um aspecto encantador, mas a velha senhora, que não via bem, disso não tirou grande proveito. No meio dos sapatos estava um par vermelho, tal e qual o que a princesa calçara. Como eram bonitos! O sapateiro disse que tinham sido feitos para a filha de um conde, mas que não lhe serviam.

– É de bom polimento! – disse a velha senhora.

– Brilham!

– Sim, brilham! – respondeu Karen. Como lhe serviam, a velha senhora comprou-lhos. Mas não sabia que eram vermelhos. Se soubesse, nunca teria permitido a Karen ir à confirmação com aqueles sapatos. Mas ela foi.

Toda a gente olhava para os seus pés e quando subiu da nave da igreja para a entrada do coro, parecia-lhe que até mesmo as velhas figuras nas sepulturas, aqueles retratos de pastores e mulheres de pastores com rígidas golas e longas vestes negras, fixavam os olhos nos sapatos vermelhos. Só pensava neles quando o pastor lhe

pôs a mão sobre a cabeça e falou do santo baptismo, do pacto com Deus e que ela iria ser agora um ser cristão crescido. O órgão tocava solenemente, as belas vozes das crianças cantavam e o velho chantre cantava, mas Karen pensava só nos seus sapatos vermelhos.

À tarde, a velha senhora soube por toda a gente que os sapatos eram vermelhos. Para ela, isso era feio. Não eram próprios. E Karen daí por diante, quando fosse à igreja, deveria ir sempre com sapatos pretos, mesmo que fossem velhos.

No domingo seguinte foi a comunhão, e Karen olhou para os sapatos pretos, olhou para os vermelhos... e voltou a olhar para os vermelhos. E calçou os vermelhos.

Estava um belo tempo de Sol. Karen e a velha senhora foram por um atalho poeirento, através de um campo de trigo.

À porta da igreja encontrava-se um velho soldado com uma muleta e com uma estranha barba comprida que era mais ruiva que branca. Fora antes completamente ruiva. Ele curvou-se até ao chão e perguntou à velha dama se podia limpar-lhe os sapatos. Karen estendeu também o seu pezinho.

– Olha! Que lindos sapatos de baile! – disse o soldado. – Agarre-os bem quando dançar! – E bateu com as mãos nas solas.

A velha senhora deu ao soldado um moedazinha e entrou com Karen na igreja.

Toda a gente olhou para os sapatos vermelhos de Karen. Todas as imagens olharam para eles. Quando Karen se ajoelhou em frente do altar e pôs o cálice de ouro diante da boca, só pensou nos sapatos vermelhos. Era como se os sapatos flutuassem dentro do cálice. Esqueceu-se de cantar o seu salmo e de recitar o padre-nosso.

Toda a gente saiu da igreja e a senhora subiu para a sua carruagem. Karen levantou o pé para subir atrás dela, quando o velho soldado que estava por perto lhe disse:

– Olha que lindos sapatos de baile!

E Karen não pôde resistir, teve de fazer alguns passos de dança e, quando começou, puseram-se as pernas a dançar. Era como se os sapatos tivessem tomado o poder sobre elas. Dançou à volta da igreja. Não podia deixar de fazê-lo. O cocheiro teve de correr atrás dela e agarrá-la, levando-a para dentro da carruagem, mas os pés, esses, continuavam a dançar, dando cruelmente pontapés na boa velha senhora. Por fim os sapatos saltaram dos pés e as pernas repousaram.

Em casa, colocaram os sapatos num armário, mas Karen não resistiu e teve de vê-los.

A velha senhora caiu doente. Diziam que não viveria muito. Tinha de ser tratada e vigiada e para isso nenhuma pessoa havia mais próxima dela do que Karen. Lá na cidade ia realizar-se um grande baile e Karen foi convidada. Olhou para a velha senhora, que certamente não iria viver muito. Olhou para os sapatos vermelhos e pareceu-lhe que não havia qualquer pecado nisso. Calçou-os, bem podia fazê-lo. Foi ao baile e começou a dançar.

Mas, quando queria ir para a direita, os sapatos dançaram para a esquerda, dançaram chão acima, chão abaixo, escadas abaixo, pela rua e para as portas da cidade. Os sapatos fizeram-na dançar e teve de dançar até ao bosque sombrio.

Então brilhou algo por cima das árvores e ela julgou que era a Lua, pois parecia-lhe ter visto um rosto, mas era o velho soldado com a barba ruiva. Estava sentado, acenou e disse-lhe:

– Olha! Que lindos sapatos de baile!

Ficou assustada e quis lançar fora os sapatos. Puxou com força até rasgar as meias. Mas os sapatos agora eram parte dos seus pezinhos. E dançou e teve de dançar por campos e prados, à chuva e ao Sol, de noite e de dia, mas de noite era mais terrível.

Dançou dentro do cemitério aberto, mas os mortos não dançaram, era bem melhor para eles repousar do que dançar. Queria sentar-se sobre a campa do pobre, onde a atanásia amarga crescia. Mas para ela não havia descanso nem repouso. Quando dançava

em direcção à porta aberta da igreja, viu um anjo com longas vestes brancas e asas que lhe chegavam dos ombros ao chão. O rosto era severo e grave e nas mãos segurava uma espada, larga e brilhante.

– Dançarás! – disse ele. – Dançarás com os teus sapatos vermelhos até ficares pálida e fria! Até que a pele se enrugue como uma múmia! Dançarás de porta em porta e onde vivam crianças orgulhosas e vaidosas, baterás à porta, para que te oiçam e tenham medo de ti! Dançarás, dançarás...!

– Misericórdia! – gritou Karen. Mas não ouviu o que o anjo lhe respondeu, pois os sapatos levaram-na para o campo, pelo portão, por caminhos e atalhos e teve sempre de dançar.

Uma manhã, passou a dançar por uma porta que conhecia bem. Lá de dentro vinha um som de salmos. Traziam um caixão para fora, coberto de flores. Soube que a velha senhora morrera e pareceu-lhe que estava agora abandonada por todos e amaldiçoada pelo anjo de Deus.

Dançou e teve de dançar, dançar na noite escura. Os sapatos levaram-na por sobre espinhos e silvas, rasgando-a até sangrar. Continuou a dançar na charneca até uma casinha isolada. Era aí – sabia ela – que morava o carrasco. Bateu com as pontas dos dedos na vidraça, dizendo:

– Venha cá fora! Venha cá fora! Não posso entrar porque estou a dançar!

E o carrasco respondeu-lhe:

– Sabes bem quem eu sou? Corto a cabeça aos homens maus e afirmo-te que o meu machado está bem afiado.

– Não me cortes a cabeça! – disse Karen. – Senão, não posso arrepender-me do meu pecado! Corta-me antes os meus pés com os sapatos vermelhos!

Confessou-lhe o seu pecado e o carrasco cortou-lhe os pés com os sapatos vermelhos, mas os sapatos continuaram a dançar com os pezinhos lá dentro sobre os campos, para a floresta profunda.

O carrasco fez-lhe pés de pau e muleta. Ensinou-lhe o salmo que os pecadores cantam sempre, e ela beijou-lhe a mão que guiara o machado. Dali foi pela charneca fora.

– Sofri bastante por causa dos sapatos vermelhos! – disse.
– Vou à igreja para que possam ver-me! – E foi tão depressa quanto pôde, mas quando lá chegou, dançavam os sapatos vermelhos diante dela. Ficou assustada e fugiu.

Toda a semana esteve pesarosa e chorou muitas lágrimas pesadas, e quando veio o domingo, disse:

– Ora bem! Sofri e lutei bastante! Acredito que sou tão boa como muitos daqueles que se sentam de cabeça levantada, lá dentro da igreja!

E assim se encorajou.

Mas não passou da rua que dava para a igreja. Quando viu os sapatos vermelhos a dançarem diante dela, teve medo e fugiu, arrependendo-se verdadeiramente no coração do seu pecado.

E dirigiu-se ao presbitério pedindo para aí prestar serviço. Prometeu ser diligente e fazer tudo o que pudesse, Não queria salário. Só queria ter um tecto para se abrigar e estar com gente boa. E a mulher do presbítero teve pena dela e deu-lhe trabalho. Foi diligente e cheia de pensamentos. Sentava-se sossegada a ouvir, quando, à noite, o pastor lia em voz alta a Bíblia. Todos os pequenos da casa gostavam dela, mas quando as meninas falavam de vestidos e de luxo e em ser bonitas como uma rainha, abanava a cabeça.

No domingo seguinte foram todos à igreja e perguntaram-lhe se não queria ir também. Mas ela olhou triste, com lágrimas nos olhos, para as muletas. Todos foram ouvir a palavra de Deus.

Ela ficou sozinha no seu quatinho. Não cabia nele mais do que a cama e uma cadeira e aí se sentou com o seu livro de salmos. E quando, com devoção, o lia, o vento trouxe-lhe os sons de órgão da igreja. Ergueu o rosto banhado em lágrimas e disse:

– Oh! Meu Deus, ajuda-me!

Então brilhou o Sol luminoso e, mesmo diante dela, apareceu o anjo de Deus em vestes brancas, que naquela noite vira à porta da igreja. Mas, em vez da espada aguçada, trazia um belo ramo verde cheio de rosas. Tocou com ele o tecto, e este ergueu-se muito alto. Onde tinha tocado brilhou uma estrela de ouro. E tocou nas paredes e estas alargaram-se, e ela ouviu o órgão que soava. Viu as velhas figuras dos pastores e das mulheres dos pastores. A congregação estava sentada em cadeiras, cantando salmos do livro de salmos. A própria igreja veio até à pobre rapariga no quarto pequenino e estreito. Ou seria que tinha sido ela que veio à Igreja? Estava sentada nas cadeiras das pessoas da família do pastor e quando estas terminaram o salmo e olharam para cima, acenaram-lhe e disseram:

– Fizeste bem em vir, Karen!

– Era a misericórdia! – respondeu ela.

E o órgão soou e as vozes das crianças, em coro, soavam suaves e belas! A clara luz do Sol jorrava muito quente através da janela sobre a cadeira da igreja em que Karen estava sentada. O coração ficou tão cheio de luz de Sol, de paz e de alegria, que rebentou.

A alma voou na luz do Sol para Deus e ninguém houve aí que lhe perguntasse pelos sapatos vermelhos.



A Casa Antiga *Det gamle Hus* (1848)

Numa rua havia uma casa antiga, muito antiga. Tinha quase trezentos anos, como se podia ler na viga mestra, onde constava o ano da sua construção juntamente com tulipas e hastes de lúpulo. Estavam aí também versos completos escritos à forma antiga e por cima de cada janela, esculpida nas vigas, via-se uma cara que parecia fazer carantonhas. Um andar sobressaía um bom bocado para fora do outro e precisamente sob o telhado havia um cano de chumbo com uma cabeça de dragão. A água da chuva devia escorrer-lhe pela goela, mas escorria da barriga, pois o cano tinha grandes buracos.

Todas as outras casas da rua eram tão novas e tão bonitas, com grandes vidraças e paredes lisas, que se via bem que nada tinham a ver com a casa antiga. Pensavam seguramente: «Quanto tempo vai ficar ali aquela monstruosidade, para escândalo desta rua! Os vãos das janelas saem tanto para fora que ninguém das nossas janelas pode ver o que se passa naquele lado! A escada é tão larga como a de um castelo e tão alta como a de uma torre de igreja. A balaustrada de ferro parece mesmo uma entrada para um sepulcro antigo, pois até tem botões de latão. É uma vergonha!»

Mesmo em frente, na rua, havia também casas novas e bonitas, que pensavam como as outras, mas à janela de uma delas estava sentado um rapazinho com as maçãs do rosto frescas e rosadas,

olhos claros e brilhantes, que sabia apreciar verdadeiramente a casa antiga, tanto sob a luz do Sol como ao luar. E se olhava por cima do muro, onde se sumira a cal, podia ver e descobrir aí todas as mais belas imagens, exactamente como era o aspecto da rua com escadas, vãos de janelas e empenas pontiagudas. Podia ver soldados com alabardas e goteiras que corriam à volta como dragões e grifos... Era uma casa digna de se ver. Lá dentro vivia um velho senhor, que vestia calções, tinha uma casaca com grandes botões de latão e uma peruca, que se podia bem ver que era verdadeira. Todas as manhãs vinha ter com ele um homem idoso que arrumava a casa e fazia os recados, fora disso, o velho dos calções estava completamente só na casa antiga. De vez em quando vinha até à janela e olhava para fora. O rapazinho acenava-lhe e o velho acenava-lhe também; deste modo se conheceram e se tornaram amigos. Se bem que nunca tivessem falado um com o outro, eram amigos na mesma.

Um dia, o rapazinho ouviu os pais dizerem:

– Aquele velho senhor tem muita riqueza, mas está terrivelmente só!

No domingo seguinte pegou em algo que embrulhou num pedaço de papel, desceu ao portão e, quando o homem que ia aos recados passou, pediu-lhe:

– Ouve! Queres levar isto ao velho senhor, da minha parte? Tenho dois soldados de chumbo, este é um deles. Pode ficar com ele, pois sei que está muito só.

O velho criado mostrou-se muito contente, fez uma vénia e levou o soldado de chumbo para a casa antiga. Depois veio o convite: se o rapazinho não teria vontade de ir até lá fazer uma visita ao velho senhor! Recebeu autorização dos pais, atravessou a rua e entrou na casa antiga.

Os botões de latão no corrimão da escada brilhavam mais do que nunca, crer-se-ia que tinham sido polidos por causa da visita

e era como se os trombeteiros esculpidos – pois na porta estavam esculpidos trombeteiros de pé, em tulipas – soprassem com toda a força, com as bochechas inchadas como nunca. Sim, tocavam: tataratá! Vem aí o rapaz! Tataratá! – e abriu-se a porta. Todo o corredor estava cheio de retratos antigos, cavaleiros com armaduras e damas com vestidos de seda. As armaduras tinham e os vestidos de seda roçagavam!... Depois veio a escada que subia um bom bocado e descia um bocadinho... e estava-se numa varanda, que se encontrava num estado muito frágil, com grandes buracos e fendas extensas onde ervas e plantas cresciam em todos eles e por toda a varanda. O chão e as paredes tinham tanta verdura que parecia um jardim, embora fosse apenas só uma varanda. Havia aí vasos de flores com caras e orelhas de burro e neles as flores cresciam ao deus-dará. Um vaso estava cheio de cravos até à borda, quer dizer, de folhas verdes, rebento ao lado de rebento, e bem claramente dizia ele: «O ar acariciou-me, o Sol beijou-me e prometeu-me uma florzinha para o domingo, uma florzinha para o domingo.»

Depois entrou numa sala cujas paredes estavam cobertas com peles de porco que tinham flores de ouro estampadas.

O dourado desaparece

A pele de porco permanece

– disseram as paredes.

Na sala havia cadeirões com costas muito altas, muito trabalhadas e com braços de ambos os lados.

– Senta-te! Senta-te! – disseram eles. – Ui! Como range em mim! Agora tenho tanto reumático como o velho guarda-louça! Reumático nas costas, ui!

O rapazinho entrou na sala que tinha janela saliente e onde o velho senhor estava sentado.

– Obrigado pelo soldado de chumbo, meu amiguinho! – agradeceu. – E por vires visitar-me.

– Obrigado, obrigado – ou melhor – craque, craque – dizia-se em todos os móveis. Estes eram tantos que estavam quase no caminho uns dos outros para verem o rapazinho.

No meio da parede estava suspenso um quadro com uma bela dama, tão jovem e de aspecto tão jovial, mas trajando ao uso dos velhos tempos, com cabeleiras empoadas e vestidos caindo tesos. Não disse nem «obrigada» nem «craque», mas olhou com os seus olhos meigos para o rapaz, que logo perguntou ao velho:

– Onde a arranjaste?

– Num antiquário! – respondeu. – Há lá muitos retratos. Ninguém conhece as pessoas retratadas ou se importa com elas, pois estão já todas enterradas, mas noutros tempos conheci-a e já há meio século que está no outro mundo!

Por baixo da pintura estava suspenso, coberto por um vidro, um ramo de flores secas. Tinha certamente meio século, tão velhas as flores pareciam. O pêndulo do grande relógio andava para a frente e para trás e os ponteiros rodavam e tudo na sala se tornava ainda mais velho, mas não o notavam.

– Em casa, dizem – continuou o rapazinho – que tu estás terrivelmente só.

– Oh! – disse o ancião. – As recordações do passado, com tudo o que podem trazer consigo, vêm visitar-me e agora vens tu também!... Estou bem assim.

Depois tirou da estante um livro de estampas. E desfilou um verdadeiro cortejo; os mais maravilhosos coches, que já não se vêem hoje em dia, soldados como valetes de paus e artífices com bandeiras esvoaçando. Os alfaiates traziam a sua com uma tesoura, que era segura por dois leões, e os sapateiros a sua, mas sem sapatos, antes com uma águia que tinha duas cabeças, pois os sapateiros devem ter tudo de mo-

do a que se diga: é um par... Ah! Sim! Aquilo é que era um livro de estampas!

O ancião entrou na outra divisão para ir buscar doces, maçãs e nozes... na casa antiga havia verdadeira abundância.

– Não aguento isto! – disse o soldado de chumbo, que estava de pé, em cima da cómoda. – Aqui é tão solitário e triste! Não! Quando se teve família, custa agora acostumar-se a isto aqui!... Não posso suportá-lo!

– O dia é tão longo e a noite ainda mais longa! – continuou o soldado de chumbo. – Nada aqui é como em tua casa, onde o teu pai e a tua mãe falavam tão agradavelmente e onde tu e todos vós, doces crianças, fazíeis um tão bonito alvoroço. Não! Como o velho está isolado! Julgas que recebe beijos, que há olhos doces que o contemplam ou que tem árvore de Natal? Outra coisa não tem senão o enterro!... Não aguento!

– Não debes ver as coisas assim tão tragicamente! – retorquiu o rapazinho. – Aqui parece-me tudo tão belo! Todas as recordações do passado, com tudo o que podem trazer consigo, não vêm fazer-lhe visitas?

– Claro que vêm, mas não as vejo e não as conheço! – replicou o soldado de chumbo. – Não aguento mais!

– Mas tens de suportá-lo! – respondeu o rapazinho.

O ancião voltou, com prazenteiro semblante e com doces, maçãs e nozes com um belíssimo aspecto, pelo que o rapazinho não pensou mais no soldado de chumbo.

Feliz e satisfeito, regressou a casa. Passaram-se dias e passaram-se semanas. Houve acenos para a casa antiga e houve acenos da casa antiga, até que o rapazinho lá voltou de novo.

Os trombeteiros de bochechas inchadas tocaram:

– Tataratá! É o rapaz! Tataratá!

As espadas e as armaduras dos quadros tiniram e os vestidos de seda roçagaram, as peles de porco falaram e as velhas

cadeiras tinham reumático nas costas – ui! Foi exactamente como da primeira vez, pois aí cada dia e cada hora eram iguais.

– Não aguento! – disse o soldado de chumbo. – Até já chorei chumbo! Aqui é tudo tão triste! Deixa-me antes ir para a guerra e perder os braços e as pernas! De qualquer modo é uma mudança. Não aguento mais!... Sei agora o que é ter a visita das recordações do passado, com tudo o que podem trazer! Recebi a visita das minhas e, podes crer, não é nenhum prazer se vierem continuamente. Ultimamente estive quase para saltar da cómoda. Lembro-me de vos ver a todos vós lá em casa tão distintamente, como se na realidade estivésseis aqui. Era um domingo de manhã, como tu bem sabes! Todos vós, crianças, estáveis diante da mesa cantando os vossos salmos, como cantais todas as manhãs. Estáveis devotamente com as mãos juntas e o pai e a mãe também estavam solenes. Abriu-se então a porta e a tua irmãzinha Maria, que ainda não tem dois anos e que sempre se põe a dançar, quando ouve música ou canto, seja o que for, apareceu... não devia ainda ter entrado... e logo começou a dançar, mas não conseguia acompanhar o ritmo, pois os tons eram demasiado longos. Firmava-se primeiro numa perna, pondo a cabeça completamente para a frente, e depois na outra, com a cabeça também para a frente mas, nem mesmo assim, o conseguia. Vós todos estáveis muito sérios, embora fosse bastante difícil manter-se sério, mas eu ria por dentro, por isso caí da mesa e fiquei com uma mozza que ainda trago comigo. Na verdade, não foi bonito da minha parte rir. Mas tudo isso voltou a acontecer na minha mente, bem como o que naquela altura vivi. E essas são as recordações do passado, com tudo o que podem trazer consigo!... Conta-me, ainda cantais aos domingos? Diz-me alguma coisa da pequena Maria! E como vai o meu camarada, o outro soldado

de chumbo! Ah! Ele é que é verdadeiramente feliz! Eu já não consigo suportar isto.

– Foste dado como presente! – disse o rapazinho. – Tens de ficar. Não és capaz de compreender isso?

Entretanto o ancião voltou com uma gaveta, onde havia muito para ver, tanto «casas de giz» como «caixinhas de bál-samo», ou velhas cartas de jogar, tão grandes e tão douradas, como já não se vêem hoje. Foram abertas mais gavetas e abriu-se também o piano. Tinha uma paisagem pintada no interior da tampa e estava tão rouco quando o velho tocou nele e cantarolou uma canção!

– Cantava-a ela! – disse o ancião, acenando para o retrato que comprara no antiquário e os olhos brilharam-lhe.

– Quero ir para a guerra! Quero ir para a guerra! – gritou o soldado de chumbo tão alto quanto podia, lançando-se ao mesmo tempo para o chão.

E depois o que foi feito dele? O velho procurou-o, o rapazinho procurou-o. Desaparecera e desaparecido ficou.

– Hei-de encontrá-lo! – disse o velho, mas nunca o encontrou. O chão tinha buracos e fendas por toda a parte. O soldado de chumbo caíra por uma greta e lá ficou como numa sepultura aberta.

O dia passou e o rapazinho voltou para casa. Passou-se uma semana, passaram-se muitas semanas. Agora as janelas estavam completamente geladas. O rapazinho tinha de ficar sentado, bafejando nelas para conseguir um orifício por onde espreitar a casa antiga. Havia neve em todos os ornamentos e inscrições, amontoava-se na escada, como se não houvesse ninguém em casa e, realmente, não havia ninguém na casa antiga. Na verdade, o velho senhor morrera.

À noite, parou uma carruagem diante da casa, e para ela o trouxeram no caixão, pois ia ser enterrado na sua terra no cam-

po. Para lá o levavam agora, mas ninguém o acompanhava, porque todos os amigos estavam já mortos. O rapazinho mandou um beijo com a ponta dos dedos quando o caixão partiu.

Alguns dias depois fez-se o leilão do recheio da casa e o rapazinho viu da sua janela o que se levava: os velhos cavaleiros e as velhas damas, os vasos de flores de grandes orelhas, as velhas cadeiras e os velhos armários. Umas coisas iam para aqui, outras para ali. O retrato voltou para o antiquário, onde ficou pendurado para sempre, pois ninguém conhecia aquela dama e ninguém se interessou pelo velho quadro.

Na Primavera deitou-se a casa abaixo, pois era uma monstruosidade, diziam as pessoas. Podia ver-se da rua directamente para dentro da sala onde estavam as peles de porco, agora golpeadas e rasgadas. A verdura da varanda pendia enredada nas tábuas, ameaçando cair... E assim foi completamente arrasada.

– Foi uma boa coisa! – disseram as casas próximas.

Construiu-se uma nova e bela casa com grandes janelas e paredes lisas e brancas. Na sua frente, onde estivera a casa antiga, plantou-se um jardimzinho e por cima dos muros vizinhos cresceram videiras bravas. Diante do jardim foi colocada uma grande grade de ferro, com um portão, também de ferro, que dava um aspecto grandioso ao jardim, e as pessoas paravam e espreitavam para dentro. Os pardais pousavam às dúzias nas videiras, palravam todos ao mesmo tempo o melhor que sabiam, mas não era sobre a casa antiga, pois dela não podiam lembrar-se, já haviam passado tantos anos...

Tantos anos que o rapazinho crescera até tornar-se um homem perfeito. Sim! Um homem perfeito e diligente que muita alegria dera aos seus pais. Casara-se e fora viver com a sua mulherzinha para a casa nova com o seu jardim em frente.

E ali estava ao seu lado enquanto ela plantava uma flor do campo que achara muito bonita. Plantava-a com a mão pequenina e batia a terra com os dedos.

– Ai! Querido! Que foi isto?

Tinha-se picado. Algo pontiagudo aparecera em cima da terra mole.

Era... ora imaginai!

Era o soldado de chumbo perdido na casa do ancião e que rolara e andara aos tombos entre vigas e cascalho, para por fim jazer muitos anos dentro da terra.

A jovem esposa limpou o soldado de chumbo, primeiro com uma folha verde e depois com o seu fino lenço de algibeira, que tão bem cheirava! Para o soldado de chumbo foi como se despertasse de um torpor.

– Deixa-me ver! – disse o marido, sorrindo e abanando a cabeça. – Sim, não pode ser ele, mas faz-me lembrar uma história com um soldado de chumbo que tive, quando era rapazinho.

Depois contou à mulher a história da casa antiga, do ancião e do soldado de chumbo que lhe mandou, pois estava muito só. Contou-a exactamente como aconteceu. A jovem esposa emocionou-se tanto que lhe vieram as lágrimas aos olhos ao pensar na casa antiga e no ancião.

– Pode pois suceder que seja o mesmo soldado de chumbo! – disse ela. – Vou guardá-lo e lembrar-me de tudo o que me contaste, mas tens de mostrar-me a sepultura do velho senhor.

– Sim, mas não sei onde está – declarou ele –, e ninguém sabe! Todos os seus amigos tinham morrido, ninguém cuidou disso e eu era ainda um rapazinho!

– Como deve ter-se sentido terrivelmente só! – retorquiu ela.

– Terrivelmente só! – confirmou o soldado de chumbo. – Mas, quando não se é esquecido, é muito belo!

– Belo! – gritou algo muito perto, mas ninguém senão o soldado de chumbo viu que era um pedaço da pele de porco. Todo o dourado desaparecera, parecia terra húmida, mas mantinha uma opinião. E mantendo-a dizia:

*O dourado desaparece
Mas a pele de porco permanece.*

Nisso, porém, não acreditava o soldado de chumbo.



O Abeto

Grantræet (1844)

Dentro do bosque erguia-se um bonito abeto. Tinha um bom lugar, podia apanhar Sol, havia aí bastante ar e à sua volta cresciam muitos camaradas maiores, tanto abetos como pinheiros-bravos. Mas o pequeno abeto tinha tanta pressa de crescer! Não pensava no Sol quente e no ar fresco, não prestava atenção aos filhos dos camponeses que passavam a tagarelar quando andavam a apanhar morangos e framboesas. Muitas vezes vinham com uma vasilha cheia ou haviam enfiado morangos em palhas, sentavam-se junto da pequena árvore e diziam:

– Oh! Como é tão bonita assim pequena! – Isso não gostava nada a árvore de ouvir.

Um ano depois havia um tronco maior e no ano a seguir maior ainda, pois num abeto pode-se sempre ver, pelos muitos nós que tem, quantos anos cresceu.

– Oh! Se fosse assim uma árvore grande como as outras! – suspirou a arvorezinha. – Então podia estender os ramos à minha volta e na copa ver até longe no vasto mundo! As aves construiriam ninhos entre os meus ramos e quando fizesse vento podia inclinar a cabeça elegantemente, como as outras ali!

Não sentia nenhum prazer na luz do Sol, nem nas aves ou nas nuvens rubras que de manhã e à noite navegavam por cima dela.

Se era Inverno e havia neve à volta, de branco brilhante, vinha muitas vezes uma lebre saltitando e punha-se precisamente em cima da arvorezinha... Oh! Era tão afrontoso!... Mas passaram dois invernos e no terceiro era a árvore tão grande que a lebre tinha de passar à sua volta. «Oh! Crescer, tornar-se grande e velho, é a única coisa bela neste mundo», pensava a árvore.

No Outono vinham sempre os lenhadores e caíam algumas das árvores maiores. Isso acontecia todos os anos, e o jovem abeto, que estava agora perfeitamente crescido, tremia, pois as grandes e belas árvores tombavam rangendo e com estrondo em terra. Os ramos eram cortados, ficavam completamente nuas, longas e magras. Quase não se reconheciam. Eram então carregadas em carroças e os cavalos levavam-nas para fora do bosque.

Para onde iriam? Que fariam delas?

Na Primavera, quando chegavam as andorinhas e as cegonhas, a árvore perguntava-lhes:

– Para onde iam? Qual era o seu destino?

As andorinhas não sabiam nada, mas as cegonhas quedaram-se pensativas, acenaram com a cabeça e disseram:

– Sim, creio que sim! Encontrei muitos barcos novos, quando voei do Egipto. Nos navios havia belos mastros. Atrevo-me a dizer que eram elas, cheiravam a abeto. Dou-vos os meus parabéns, mantinham-se direitas, direitinhas!

– Oh! Se eu fosse também bastante grande para flutuar no mar! Como é esse mar e com que se parece?

– Bem, é tão complicado de explicar! – disseram as cegonhas e foram-se embora.

– Alegra-te com a tua juventude! – aconselhavam os raios de Sol. – Alegra-te com o teu fresco crescer, com a vida jovem que tens em ti!

O vento beijava a árvore e o orvalho chorava lágrimas sobre ela, mas o abeto não os entendia.

Quando chegou o tempo do Natal, foram abatidas árvores novas, de tenra idade que muitas vezes não eram maiores ou não tinham mais idade do que aquele abeto, que não tinha descanso, e que queria sempre ir para longe. Essas árvores jovens, que eram as mais bonitas de todas, ficavam sempre com todos os seus ramos, eram postas em carroças e os cavalos levavam-nas para fora do bosque.

– Para onde irão elas? – perguntava o abeto. – Não são maiores do que eu, havia mesmo uma que era muito mais pequena. Porque ficam com todos os ramos? Para onde as levam?

– Nós sabemos! Nós sabemos! – chilreavam os pardais. – Espreitámos lá em baixo na cidade para dentro das janelas! Sabemos para onde as levam! Oh! Vão para o maior brilho e glória que se pode imaginar! Espreitámos para dentro das janelas e vimos que ficam plantadas no meio da sala aquecida e são enfeitadas com as coisas mais belas, maçãs douradas, bolos de mel, brinquedos e centenas de velas!

– E depois? – perguntou o abeto, abanando com ânsia todos os seus ramos. – E depois? O que sucede?

– Bem, não vimos mais! Mas o que vimos era maravilhoso!

– Virei a seguir esse brilhante caminho? – perguntou a árvore com júbilo. – É bem melhor do que andar no mar! Como sofro com este anseio! Se já fosse Natal! Agora estou alta e crescida como as outras que foram levadas daqui no ano passado!... Oh! Estivesse eu já na carroça! Estivesse eu na sala aquecida com todo esse brilho e glória! E depois...? Bem, depois terão de vir coisas ainda melhores, ainda mais belas, senão para que me enfeitariam assim! Deve acontecer algo ainda mais grandioso, ainda mais esplendoroso... Mas o quê? Oh! Sofro! Anseio! Não sei o que se passa comigo!

– Alegra-te comigo! – aconselharam o ar e a luz do Sol. – Alegra-te com a tua fresca juventude cá fora, ao ar livre!

Mas não se alegrava nada. Crescia e crescia, Inverno e Verão mantendo-se verde. Estava verde-escura. As pessoas que a viam diziam:

– É uma linda árvore!

Até que pelo Natal foi a primeira a ser abatida. O machado cortou fundo através da seiva, a árvore caiu com um gemido em terra. Sentia uma dor e um desfalecimento, que não traziam nenhuma felicidade. Sentia pena em separar-se da casa, do lugar onde tinha rebentado. Sabia bem que nunca mais veria os velhos camaradas queridos, os pequenos arbustos e as flores à sua volta, sim, talvez nem os pássaros. A viagem também não foi nada agradável.

A árvore voltou a si, quando no pátio, de mistura com as outras árvores, ouviu um homem dizer:

– Aquela ali é bonita! Esta serve-nos!

Então vieram dois criados emproados e levaram o abeto para um belo salão. À volta, nas paredes, suspendiam-se retratos e junto ao fogão grande de azulejos estavam grandes vasos chineses com leões nas tampas. Havia cadeiras de baloiço, sofás forrados de seda, grandes mesas cobertas com livros de estampas e com brinquedos que tinham custado cem vezes cem táleres – pelo menos foi o que disseram as crianças. O abeto foi colocado de pé numa barrica grande, cheia de areia, mas ninguém diria que era uma barrica, pois fora revestida toda à volta com pano verde e estava em cima de um tapete grande de cores variegadas. Oh! Como tremia a árvore! Que iria acontecer? Criados e moças começaram a enfeitá-la. Nuns ramos penduraram redes pequenas de papel colorido. Cada rede estava cheia de doces. Também tinha maçãs e nozes douradas que se suspendiam, como se tivessem crescido aí, e mais de uma centena de velinhas vermelhas, azuis e brancas foram fixadas nos ramos. Bonecos que pareciam vivos como seres humanos – a árvore nunca antes vira tais

coisas – voavam no meio da folhagem e por cima de tudo, no topo, foi colocada uma estrela grande de ouropel. Era belo, maravilhosamente belo!

– Esta noite – disseram todos –, esta noite vai brilhar.

«Oh!», pensava a árvore, «tomara que seja já noite! Tomara que as velas sejam acesas! E que irá acontecer! Virão as árvores do bosque ver-me? Voarão os pardais junto das janelas? Crescerei eu aqui, assim ornamentada, Inverno e Verão?»

Sim, sabia bem, mas tinha verdadeiramente dores na casca de pura ânsia e as dores na casca são tão terríveis para uma árvore como as dores de cabeça são para nós.

Acenderam-se as velas. Que brilho! Que esplendor! A árvore tremia tanto em todos os ramos, que uma das velas pegou fogo às suas agulhas. Doía realmente.

– Deus nos acuda! – gritaram as moças, que apagaram o fogo a toda a pressa.

Então a árvore não ousou tremer mais. Oh! Era um horror! Tinha tanto medo de perder algo da sua pompa. Estava completamente desorientada com todo o seu brilho... e então abriram-se ambas as portas de dois batentes e um bando de crianças entrou de repelão, como se quisessem deitar a árvore abaixo. Os adultos vinham discretamente atrás. Os pequenos ficaram completamente silenciosos, mas apenas por um momento. Depois manifestaram a sua alegria de forma retumbante. Dançaram em volta da árvore e colheram presente atrás de presente.

«Que estão a fazer?», pensou a árvore. «Que vai acontecer?» As velas arderam inteiramente até aos ramos e apagaram-se. Então as crianças tiveram autorização para despojar a árvore. Oh! Assaltaram-na de tal modo que os ramos estalaram. Se não estivesse presa com a ponta e a estrela de ouro ao tecto, teria caído.

As crianças dançaram à volta com os seus maravilhosos brin-

quedos. Ninguém olhava agora para a árvore senão a velha criada dos meninos, que começou a observá-la por entre os ramos, mas só para ver se tinha ficado esquecido algum figo ou alguma maçã.

– Uma história! Uma história! – gritaram as crianças, puxando um homenzinho gordo para o pé da árvore, que se sentou mesmo por baixo dela. – Pois ficamos assim no meio do verde – disse ele. – E a árvore pode beneficiar extraordinariamente se ouvir também! Mas só conto uma história. Quereis ouvir a do «Ivede-Avede» ou a do «Bola Que Rebola», que caiu pelas escadas abaixo mas que chegou ao trono e casou com a princesa?

– «Ivede-Avede» – gritaram uns –, «Bola Que Rebola» – gritaram outros. Era uma barulheira e uma gritaria, só o abeto se mantinha calado e pensava: «Devo fazer como eles, ou não fazer nada?» Tinha-os acompanhado e feito o que devia.

O homem contou a história do «Bola Que Rebola», que caiu pelas escadas abaixo mas que chegou ao trono e casou com a princesa. E as crianças bateram palmas e gritaram: – Conta! Conta! – Queriam também ouvir «Ivede-Avede», mas só tiveram a do «Bola Que Rebola». O abeto estava sossegado e pensativo, nunca os pássaros lá fora no bosque haviam contado coisas deste género. «Bola Que Rebola» caiu pelas escadas abaixo mas casou com a princesa! Sim, sim, assim se passam as coisas no mundo!, pensou o abeto, acreditando que era verdade, pois fora um senhor tão gentil que o contara. «Sim! Sim! Quem sabe! Talvez eu também caia pelas escadas abaixo e venha a casar com uma princesa!» E alegrou-se com a ideia de, no dia seguinte, ser enfeitado com velas e brinquedos, ouro e frutas.

«Amanhã não vou tremer!», pensou, «quero simplesmente todo o meu esplendor. Amanhã vou ouvir outra vez a história do “Bola Que Rebola” e talvez a do “Ivede-Avede”.» A árvore ficou sossegada e pensativa toda a noite.

De manhã vieram o criado e a criada.

«Agora vai recomençar a pompa!», pensou a árvore, mas arrastaram-na para fora da sala, pelas escadas acima, até ao sótão, para um canto escuro onde nunca entrava a luz do Sol, e deixaram-na aí. «Que significa isto?», «Que vou fazer aqui? Que vou poder ouvir aqui?» Encostou-se à parede e ficou a pensar, a pensar... E tinha tempo suficiente para isso, pois passaram-se dias e noites. Ninguém ia lá acima e quando finalmente apareceu alguém, foi para pôr umas caixas grandes no canto. A árvore ficou completamente escondida. Pensar-se-ia que fora totalmente esquecida.

«Agora é Inverno lá fora!», pensou a árvore. «A terra está dura e coberta de neve, os homens não me podem plantar. Por isso tenho de ficar aqui abrigada até à Primavera! É uma coisa bem pensada! Como realmente os homens são bons! Só queria que aqui não fosse tão escuro e tão terrivelmente isolado... Nem ao menos uma lebrezinha!... Era tão bom lá fora, no bosque, quando havia neve e as lebres saltitavam, sim, mesmo quando saltavam por cima de mim, do que, nessa altura, não gostava nada. Aqui em cima está-se terrivelmente só!»

– Ih! Ih! – disse um ratinho no mesmo momento, correndo para a sua frente e veio outro também. Cheiraram o abeto e meteram-se por entre os seus ramos.

– Faz um frio terrível! – disseram os ratinhos. – É uma bênção estar aqui! Não é verdade, velho abeto?

– Não sou velho nenhum – respondeu o abeto. – Há muitos que são muito mais velhos do que eu.

– Onde vens? – perguntaram os ratos. – E que sabes? – Eram terrivelmente curiosos. – Conta-nos algo do lugar mais belo da terra! Estiveste lá? Estiveste na despensa, onde estão os queijos nas prateleiras e suspensos os presuntos do tecto, onde se dança por cima das velas de sebo e se entra magro e se sai gordo?

– Isso não conheço! – disse a árvore. – Mas o bosque conhe-

ço. É lá que brilha o Sol e cantam os pássaros! – Depois contou toda a sua juventude, e os ratinhos, que nunca tinham ouvido tais coisas, escutaram-no atentamente e disseram:

– Realmente, como viste tanto! Como foste feliz!

– Sim! – disse o abeto, pensando no que acabara de contar.

– Sim, foram, no fundo, tempos muito divertidos! – A seguir contou sobre a noite de Natal, quando foi enfeitado com bolos e velas.

– Oh! – disseram os ratinhos. – Como foste feliz, velho abeto.

– Não sou nenhum velho! – respondeu a árvore. – Foi só neste Inverno que vim do bosque! Estou na minha melhor idade, apenas parei no meu crescimento.

– Como falas bem! – disseram os ratinhos, e na noite seguinte vieram com quatro outros ratinhos que queriam ouvir a árvore contar, e quanto mais contava, mais distintamente se lembrava de tudo e mais lhe parecia: «Eram pois tempos bem divertidos! Mas podem vir outra vez, podem vir! O “Bola Que Rebola” caiu pelas escadas abaixo e casou com a princesa. Talvez eu também venha a casar com uma princesa.» – E o abeto pensou então numa linda betulazinha que crescia lá fora no bosque. Era para o abeto uma princesa verdadeiramente linda.

– Quem é o «Bola Que Rebola?» – perguntaram os ratinhos. Então o abeto contou toda a história, lembrava-se de cada uma das palavras. E os ratinhos estiveram quase a saltar para o topo da árvore de pura alegria. Na noite seguinte vieram muitos outros ratos e, no domingo, duas ratazanas. Mas estas disseram que a história não era divertida, e isso entristeceu os ratinhos, pois agora também não a achavam tão bonita.

– Só sabe essa história? – perguntaram as ratazanas.

– Só esta! – respondeu a árvore. – Ouvi-a na minha noite mais feliz, mas então não sabia quão feliz era.

– É uma história extremamente má! Não conhece nenhuma

com presunto e velas de sebo? Nenhuma história da despensa?

– Não – disse a árvore.

– Bem, então muito obrigada! – responderam as ratazanas, que foram para os seus buracos.

Os ratinhos não apareceram mais e a árvore murmurou: – Era, na verdade, bem agradável, quando os ratinhos espartinhos se sentavam à minha volta e ouviam o que eu contava! Agora também isso passou!...mas lembrar-me-ei com prazer, quando for levada daqui.

– Mas quando será?... – Bem, foi numa manhã, bem cedo, em que veio gente que revolveu o sótão. As caixas foram removidas e a árvore arrastada para fora. Lançaram-na um pouco bruscamente para o chão, mas logo um criado a arrastou para a escada, onde brilhava a luz do dia.

«Agora começa de novo a vida!», pensou a árvore. Sentiu o ar fresco, os primeiros raios de Sol... estava cá fora no pátio. Tudo se passou tão depressa que a árvore se esqueceu de olhar simplesmente para si porque muito havia a ver à sua volta. O pátio dava para um jardim e aí tudo floria. As rosas suspendiam-se frescas e odorosas sobre a pequena balaustrada, as tílias estavam em flor e os pardais esvoaçavam à volta e diziam:

– *Quirre-virre-vit, chegou o meu homem!* – Mas não era ao abeto que se referiam.

– Agora vou viver! – disse, alegrando-se e estendendo os ramos bem para fora. Ai! Estavam todos murchos e amarelos! Era num canto entre ervas daninhas e ortigas que jazia. A estrela de papel dourado estava ainda no topo e brilhava à luz clara do Sol.

No pátio brincavam, alegres, algumas das crianças que no Natal haviam dançado à volta da árvore e que tão contentes ficaram com ela. Uma das mais pequenas correu a arrancar-lhe a estrela dourada.

– Vejam, o que ainda está na velha e feia árvore do Natal! –

disse ela, pisando os ramos, que estalaram sob as suas botas.

E a árvore olhou para toda aquela pompa florida e frescura no jardim, olhou para si própria e desejou ter ficado no canto escuro do sótão. Pensou na fresca juventude no bosque, na bela noite de Natal e nos ratinhos tão alegres que tinham ouvido a história do «Bola Que Rebola».

– Passado! Passado! – disse a pobre árvore. – Se me tivesse alegrado quando podia! Passado! Passado!

Por fim, vieram os criados e cortaram a árvore em pequenos pedaços. Ficou ali em monte. Ardia lindamente sob a grande vasilha para fazer cerveja que lhe tinham posto em cima, e suspirava profundamente. Cada suspiro era como um pequeno disparo. Por isso, as crianças, que brincavam, correram e puseram-se diante do fogo a olhar para ele e a gritar: pif, paf! Mas a cada estalo, que era um profundo suspiro, pensava a árvore num dia de Verão no bosque, numa noite de Inverno, quando brilhavam as estrelas. Pensava na noite de Natal e no «Bola Que Rebola», a única história que ouvira e sabia contar... e assim ardeu até ao fim.

Os rapazes brincavam no pátio e o mais pequeno tinha no peito a estrela dourada que a árvore exibira na sua noite mais feliz. Agora esta era já passado e a história também. Passado, passado, são todas as histórias!



A Família Feliz *Den lykkelige Familie* (1848)

A maior folha verde que existe aqui no país é, certamente, a folha da bardana. Se alguém pequenino a puser diante da barriguinha, é como um avental perfeito e, se a puser sobre a cabeça, em tempo de chuva, é quase tão boa como um guarda-chuva, porque é tremendamente grande. Uma bardana nunca cresce só. Não! Onde nasce uma, nascem muitas, são de uma grande beleza e toda essa beleza serve de comida aos caracóis.

Os grandes caracóis brancos – que as pessoas finas, em tempos antigos, mandavam preparar de fricassê – comiam as folhas e diziam «hum!, sabe tão bem!», pois acreditavam que as bardanas tinham um gosto delicioso porque eles viviam nas suas folhas e foi para ser a sua comida que estas tinham sido semeadas.

Havia então um velho solar onde já há muito não se comiam caracóis porque estavam completamente extintos. Mas as bardanas, essas, não estavam extintas, Cresciam e cresciam sobre todos os caminhos e canteiros. Já nada podia sustê-las. Era um imenso campo de bardanas. Aqui e acolá havia uma macieira e uma ameixeira e, se não fossem elas, nunca se pensaria que havia ali um pomar. Tudo era bardanas e ali viviam os dois últimos e velhíssimos caracóis.

Nem eles próprios sabiam quão velhos eram, mas lembravam-se de que haviam sido muitos, que eram de uma família provida de

um país estrangeiro e que, para eles e para os seus, fora plantado todo o campo de bardanas. Nunca tinham estado fora dele, mas sabiam que havia algo no mundo que se chamava solar. Aí, depois de cozinhado até ficar preto era-se posto em travessas de prata, mas o que acontecia a seguir não se sabia. Não eram capazes de imaginar como seria ser-se cozinhado e posto em bandeja de prata, mas devia ser algo belo e especialmente distinto. Nenhum escaravelho, sapo ou minhoca a quem tinham perguntado, podia dar a resposta. Nunca nenhum deles fora cozinhado ou posto em travessas de prata.

Os velhos caracóis brancos eram os mais distintos do mundo. O campo de bardanas estava ali por amor a eles e o solar existia para que pudessem ser cozinhados e postos em travessas de prata. Era disso que estavam convencidos.

Viviam muito sós, mas felizes. Como não tinham filhos, adotaram um caracolzinho vulgar que educaram como se fosse o seu próprio filho. Porém, o pequeno não crescia, pois era um caracol vulgar. Aos velhos, especialmente à mãe-caracol, parecia-lhe que ele se tornava maior e pediu ao pai, que já não tinha olhos que o pudessem ver, que pelo menos apalpassem a casinha do filho. Foi o que fez e achou que a mãe tinha razão.

Num dia caiu uma grande chuvada.

– Ouve como tamborila... rumpumpum, rumpumpum, nas bardanas – disse o pai-caracol.

– Também estão a cair pingos! – afirmou a mãe-caracol. – Até escorrem pelo caule! Vais ver, vai ficar tudo encharcado! Estou contente que tenhamos as nossas boas casas e que o pequeno também tenha a sua! Em boa verdade, fez-se mais por nós do que por todos os outros seres criados. Pode assim ver-se como somos de alta estirpe no mundo! Temos casa desde o nascimento e os campos de bardanas são semeados por amor de nós! Gostaria de saber até onde este mundo se estende e o que há para além dele!

– Não há nada para além! – proferiu o pai-caracol. – Melhor do que o nosso não pode ser nenhum outro lugar, lá nada há que eu deseje!

– Sim – concordou a mãe –, mas eu gostava muito de ir ao solar, ser cozinhada e posta numa travessa de prata. Todos os nossos antepassados o foram. Acredita que há algo de distinto nisso!

– O solar está possivelmente desmoronado – disse o pai-caracol – ou as bardanas cresceram por cima dele, de modo que os seres humanos não podem sair de lá. De resto, não há pressa, mas tu andas sempre numa correria terrível e o pequeno começa a fazer o mesmo. Não subiu o caule até lá acima em três dias? Até me sinto mal da cabeça quando o vejo lá no alto!

– Não debes ralhar-lhe – aconselhou a mãe-caracol. – Ele arrasta-se com tanta compostura... temos tanto prazer nele e para outra coisa não vivemos nós, velhotes! Mas já pensaste como vamos arranjar-lhe uma esposa? Não crês que lá para longe, no campo das bardanas, haja alguém da nossa raça?

– Caracóis pretos creio que há bastantes – disse o velho. – Caracóis pretos sem casa, mas são tão vulgares e têm tanta presunção! De resto podemos encarregar disso as formigas. Passam a vida a correr para trás e para a frente, como se tivessem sempre que fazer. Sabem, com certeza, de uma boa esposa para o nosso caracolzinho!

– Sei, de verdade, da mais bonita de todas! – disse uma das formigas. – Mas receio que não dê resultado porque é rainha.

– E que tem isso! – redarguíram os velhos. – Ela tem casa?

– Tem um palácio! – responderam as formigas. – O mais belo palácio de formiga com setecentas entradas.

– Obrigada – disse a mãe-caracol. – O nosso filho não vai entrar num formigueiro! Se não sabem de coisa melhor, vamos pedir aos mosquitos brancos. Voam à roda à chuva e ao Sol, conhecem o campo de bardanas por dentro e por fora.

– Temos uma esposa para ele! – informaram os mosquitos.

A uns cem passos de homem há, num groselheiro, uma menina-caracol com casa, que está completamente só e com idade para se casar.

– Sim, ela que venha ter com ele! – disseram os velhos. – Ele tem um campo de bardanas, ela tem só um groselheiro!

E assim mandaram buscar a menina-caracol. Levou oito dias a chegar, mas foi muito apreciada, pois podia ver-se que era de raça.

Realizaram-se então as bodas. Seis pirilampos luziram o melhor que puderam; para além disso, tudo se passou calmamente, pois os caracóis velhos não podem suportar alvoroços e manifestações ruidosas. A mãe-caracol, contudo, fez um belo discurso. O pai, comovido, não conseguiu. Ambos deram aos noivos, em herança, todo o campo de bardanas e disseram o que sempre tinham dito: os campos de bardanas eram o melhor do mundo e se eles vivessem honesta e honradamente e se se multiplicassem, um dia todos haveriam de entrar no solar para serem cozinhados até ficarem pretos e serem postos em travessas de prata.

E depois do discurso feito, os velhos arrastaram-se para dentro das suas casas e nunca mais saíram; ficaram a dormir. O jovem casal de caracóis reinou no campo de bardanas e teve uma grande prole, mas nunca foram cozinhados e nunca foram postos em travessas de prata, pelo que concluíram que o solar se havia desmoronado e que todos os seres humanos estavam extintos. Como ninguém lhes dizia nada em contrário, era essa, portanto, a verdade.

E a chuva batia nas folhas de bardana para fazer música de tambores por amor deles, e o Sol brilhava para dar colorido ao campo de bardanas por amor a eles, e eram muito felizes, e toda a família era feliz.

Porque o era.



A Vestimenta Nova do Imperador *Kejserens nye Klæder* (1837)

Há muitos anos, vivia um imperador que gostava tanto de vestimentas novas e bonitas, que gastou todo o seu dinheiro a vestir-se bem. Não se preocupava com os seus soldados nem com comédias ou em passear de carruagem pelo bosque, apenas queria exhibir as suas vestimentas novas. Tinha uma casaca para cada hora do dia, e tal como se costuma dizer que um rei está em conselho, neste caso dizia-se: – O imperador está no guarda-roupa.

Na grande cidade onde vivia, o tempo decorria muito agradável. Estavam sempre a chegar forasteiros. Mas um dia vieram dois aldrabões. Disseram-se tecelões e afirmaram que sabiam tecer a mais bonita fazenda que se podia imaginar. Não só as cores e o padrão eram invulgarmente bonitos, mas também as vestimentas feitas com essa fazenda. Tinham a maravilhosa propriedade de ficar invisíveis para qualquer pessoa que não fosse boa no seu ofício ou então inadmissivelmente estúpida.

«Seria uma vestimenta bem bonita para vestir», pensou o imperador. «Podia depois vir a saber que pessoas no meu império não prestam no ofício que têm. Podia distinguir os espertos dos estúpidos! Sim, a fazenda tem de ser tecida imediatamente para mim!» E pôs nas mãos dos dois aldrabões muito dinheiro para que comesçassem o trabalho.

Montaram dois teares, como se trabalhassem, mas não tinham a mínima coisa para tecer. Sem hesitação, pediram a seda mais fina e o ouro mais bonito. Meteram-nos nos seus sacos e trabalharam com os teares vazios, até ao meio da noite.

«Gostava agora de saber o que se passa com a fazenda!», pensou o imperador, mas, no fundo, estava bastante embaraçado, por saber que todo aquele que fosse estúpido ou que não prestasse no ofício não conseguiria vê-la. Acreditava que não precisava de reear por si próprio. Em todo o caso, mandaria alguém, em primeiro lugar, para ver o que se passava. Todas as pessoas da cidade sabiam que poder maravilhoso tinha o tecido e todos estavam desejosos de ver até que ponto o vizinho não valia nada ou era estúpido.

«Vou mandar o meu velho e honrado ministro aos tecelões», pensou o imperador. «Pode ver melhor como se apresenta o tecido, pois é inteligente e ninguém é melhor do que ele no seu trabalho.»

O velho e honrado ministro dirigiu-se então à sala onde os dois aldrabões estavam sentados a trabalhar com os teares vazios. «Deus nos valha!», pensou o velho ministro, arregalando os olhos. «Não consigo ver nada!» Mas nada disse.

Os aldrabões pediram-lhe para ter a gentileza de se aproximar e perguntaram-lhe se não era bonito o padrão e lindas as cores. Apontaram para os teares vazios e o pobre velho ministro escancarou os olhos, mas não conseguia ver nada, pois nada havia para ver. «Meu Deus!», pensou ele. «Serei estúpido? Nunca tinha pensado nisso. Mas ninguém deve sabê-lo. Não presto para o meu trabalho? Não, não pode ser, não vou dizer que não consigo ver o tecido.»

– Então V. Ex.^a não diz nada? – perguntou aquele que estava a tecer.

– Oh! É lindo! Primoroso! – respondeu o velho ministro, olhando através dos óculos. – Este padrão e estas cores! Sim, vou dizer ao imperador que me agrada extraordinariamente!

– Oh! Muito nos alegra sabê-lo! – disseram os tecelões, que indicaram depois os nomes das cores e descreveram o padrão especial. O velho ministro ouviu tudo muito bem, para poder repeti-lo ao imperador, quando regressasse. E assim o fez.

Então os aldrabões pediram mais dinheiro, mais seda e ouro, que seriam precisos para a feitura do tecido. Meteram tudo nos seus sacos. Para os teares, nem um fio! Mas continuaram, como antes, a tecer no tear vazio.

O imperador enviou, novamente, um outro honrado funcionário para ver como estava o tecido e saber se estaria pronto em breve. Passou-se o mesmo que se tinha passado com o velho e honrado ministro. Olhou e voltou a olhar, mas como não havia outra coisa além dos teares vazios, nada conseguiu ver.

– Não é verdade que é uma bela peça? – perguntaram os aldrabões, exibindo-a e dando esclarecimentos sobre o belo padrão que, evidentemente, não existia.

«Estúpido não sou!», pensou o homem. «Será que não presto para o meu trabalho? Havia de ser bonito! Mas não vou dar o prazer a alguém de o notar.» E assim louvou o tecido, que não via, e assegurou-lhes como gostava de ver as lindas cores e o bonito padrão.

– Sim, é primoroso! – disse ele ao imperador.

Todas as pessoas da cidade falavam do lindo tecido.

Então o imperador quis, ele próprio, ver o que fora feito nos teares. Com uma destacada comitiva, que incluía os velhos e honrados funcionários que antes já lá haviam estado, dirigiu-se para os dois astutos aldrabões, que agora teciam com todas as forças, mas sem fio nem fibra.

– Não é *magnifique*? – perguntaram ambos os honrados funcionários. – Queira Vossa Majestade ver que padrão, que cores! – E apontaram para os teares vazios, pois acreditavam que os outros podiam certamente ver a fazenda.

«Que é isto?», pensou o imperador. «Não vejo nada! Oh, é terrível! Sou estúpido? Não presto para ser imperador? Era a coisa mais horrível que me podia acontecer!»

– Oh! É muito bonito! – exclamou. – Tem a minha suprema aprovação! – E acenou com a cabeça, satisfeito, observando os teares vazios. Não queria dizer que não conseguia ver nada. Toda a comitiva que viera com ele olhou e tornou a olhar, mas não encontrou mais do que todos os outros. Tal como o imperador, também afirmaram:

– Oh! É muito bonito! – E aconselharam-no a vestir esta nova e bonita vestimenta, pela primeira vez, na grande procissão que iria realizar-se.

– É *magnifique!* Lindo! Excelente! – andava de boca em boca e todos se sentiam intimamente contentes com isso. O imperador deu a cada um dos aldrabões uma cruz de cavaleiro para pendurar na botoeira e o título de cavaleiro de tear.

Toda a noite, antes da manhã em que a procissão se realizaria, estiveram os aldrabões de pé, com mais de dezasseis velas acesas. Toda a gente podia ver que estavam ocupados a acabar a nova vestimenta. Fingiram que tiravam a fazenda do tear, a cortavam no ar com grandes tesouras, a cosiam com agulha e linha e, por fim, disseram:

– Vede, agora a vestimenta do imperador está pronta!

O imperador, com os seus cavaleiros mais distintos, foi ao encontro dos aldrabões, que levantavam um braço no ar, como se segurassem alguma coisa. E disseram:

– Aqui estão as calças! Eis a casaca! Aqui o manto! – E assim por diante. – É tão leve como teia de aranha! Parece que não se tem nada vestido sobre o corpo, mas é precisamente essa a sua virtude!

– Pois claro! – afirmaram todos os cavaleiros, mas não conseguiram ver coisa alguma, pois nada havia para ver.

– Se agora Vossa Majestade Imperial tivesse a bondade de comprazer-se em tirar as roupas – disseram os aldrabões –, vestir-lhe-íamos a nova vestimenta, aqui, diante do grande espelho.

O imperador despiu todas as roupas e os aldrabões agiram como se lhe entregassem peça por peça da nova vestimenta, supostamente acabada. Pegaram-lhe pela cintura e fingiram acertar algo que estava puxado, e o imperador virava-se e voltava-se diante do espelho.

– Deus! Como vestem bem! Como assentam lindamente! – disseram todos em coro. – Que padrão! Que cores! É um traje precioso!

– Lá fora estão já com o pálio sob o qual irá Vossa Majestade na procissão – disse o mestre-de-cerimónias principal.

– Está bem, já estou pronto – respondeu o imperador. – Não assenta bem? – Virou-se ainda uma vez mais diante do espelho, pois devia parecer como se estivesse a admirar verdadeiramente a sua elegância.

Os funcionários da corte, que tinham de segurar na cauda, tactearam com as mãos o chão, como se a levantassem. Saíram segurando-a no ar, não deviam deixar transparecer que nada conseguiam ver.

E assim seguiu o imperador em procissão sob o pálio e todas as pessoas na rua, e nas janelas, diziam:

– Meu Deus! Como é impecável a nova vestimenta do imperador! Que bela cauda tem na casaca! Como assenta tão bem! – Ninguém queria que notassem que não a viam, pois deste modo era considerado mau no trabalho ou muito estúpido. Nenhuma outra vestimenta do imperador produzira tanta felicidade!

– Mas não leva nada vestido! – disse uma criancinha.

– Louvado seja Deus! Ouçam a voz da inocência! – retorquiu o pai. E cada um segredou ao outro o que afirmara a criança.

– Não leva nada vestido! – gritou por fim todo o povo. Isto impressionou o imperador, pois parecia-lhe que o povo tinha razão. Mas pensou: «Agora tenho de continuar com a procissão.» E assim continuou, ainda mais orgulhoso, e os funcionários da corte atrás, segurando na cauda que não existia.



Histórias do Brilho do Sol

Solskinshistorier (1869)

– Agora vou eu contar! – disse o Tempo Ventoso.

– Não, com sua licença! – disse o Tempo de Chuva. – Agora é a minha vez! Há muito que está a uivar na esquina da rua, se é que tanto assim se pode uivar!

– É o agradecimento – disse o Tempo Ventoso – por ter virado muitos chapéus-de-chuva em sua honra. Sim, tê-los quebrado mesmo, quando as pessoas não querem nada consigo!

– Silêncio! Eu conto! – falou o Brilho do Sol. – E isto foi dito com lustro e majestade. De tal modo que o Tempo Ventoso se deitou a todo o comprimento, mas o Tempo de Chuva sacudiu-o e proferiu:

– Temos de suportar isto! Entra de rompante, esse senhor Brilho do Sol! Não vamos ouvi-lo! Não vale a pena!

Mas o Brilho do Sol contou:

– Voava um cisne sobre o mar ondulante. Cada uma das suas penas brilhava como ouro. Uma delas caiu lá em baixo, no grande navio mercante que vogava a todo o pano. Poisou no cabelo encaracolado de um jovem, o superintendente da mercadoria. Ou o sobrecarga, como era denominado. A pena da ave da sorte roçou-lhe a testa e tornou-se uma pena de escrever na sua mão. O jovem fez-se tão rico mercador que bem podia comprar para si esporas de ouro e transformar travessas de ouro num brasão de nobreza.

Brilhei nele! – disse o Brilho do Sol.

– O cisne voou sobre o prado verde onde o pastorinho, um rapazinho de sete anos, se deitara à sombra da velha e única árvore ali existente. E o cisne, no seu voo, beijou uma das folhas da árvore, que voou para a mão do rapaz. De uma folha se fizeram três, de que se fizeram dez, de que se fez todo um livro e ele leu neste as maravilhas da natureza, sobre a língua materna, sobre a fé e o saber. Quando chegava a hora de ir para a cama, punha o livro debaixo da cabeça para não esquecer o que lera, e o livro levou-o aos bancos da escola, à mesa da erudição.

– Li o seu nome entre os dos sábios! – disse o Brilho do Sol.

– De novo o cisne voou. Dirigiu-se para dentro da solidão do bosque e repousou nos lagos calmos e sombrios, onde crescem as açucenas brancas, onde crescem as maçãs bravas e onde os cucos e as pombas bravas têm pouso.

Uma pobre mulher andava a juntar lenha. Ramos caídos. Pô-los às costas e, com o filhinho ao peito, foi para casa. Viu o cisne dourado, o cisne da felicidade, elevar-se da margem onde cresciam os juncos. Que brilhava ali? Um ovo de ouro que estava ainda quente. Pô-lo junto ao peito e quente ficou. Havia certamente vida no ovo. Sim, algo picava dentro da casca. Apercebeu-se disso e julgou que era o seu próprio coração que batia.

Em casa, na pobre cabana, tirou o ovo de ouro para fora. Tique, tique! – soava ele, como se fosse um relógio de ouro precioso. Mas era um ovo cheio de vida. Eclodiu. Um cisnezinho, com plumagem como se fosse de ouro puro, pôs a cabeça de fora. Tinha quatro anéis à volta do pescoço e, como a pobre mulher tinha, precisamente, quatro rapazes, três em casa e o quarto que trouxera consigo da solidão do bosque, compreendeu que era um anel para cada uma das crianças e, nesse preciso momento, a avezinha de ouro partiu a voar.

Beijou cada anel e fez com que cada um dos filhos os beijasse também. Pô-los junto do coração das crianças e, depois, colocou-os nos seus dedos.

– Eu vi-o! – disse o Brilho do Sol. – E vi o que se seguiu!

Um dos rapazes sentou-se numa poça de barro, formou um torrão na mão, moldou-o com os dedos e este tornou-se na figura de Josão, que foi buscar o toão de ouro.

O segundo dos rapazes correu para o prado, onde havia flores com todas as cores imagináveis. Colheu uma mão-cheia delas e apertou-as com tanta força que os sucos lhe salpicaram os olhos e molharam o anel que a mãe lhe dera. Excitado, despertou-se-lhe de tal forma a imaginação que, dias e anos depois, ainda se falava, na cidade, do grande pintor.

O terceiro rapaz agarrou o anel tão fortemente na boca que soou um eco do fundo do coração. Sentimentos e ideias ascenderam-se em sons que subiram como cisnes cantantes e mergulharam como cisnes na profundidade do lago. O lago fundo do pensamento. Tornou-se o mestre das notas e dos tons. Todos os países podem agora pensar: «Ele pertence a todos nós!»

O quarto era o bode expiatório. Tinha gosma, falava-se. Precisava de pimenta e de manteiga como os pintainhos doentes. Diziam estas palavras com a entoação que lhes apetecia dar: «Pimenta e manteiga.» E ele recebia-as até se fartar.

– Mas de mim recebeu um beijo de Sol – disse o Brilho do Sol. – Recebeu dez beijos como se fossem um. Tinha a natureza dos poetas. Bateram-lhe e beijaram-no, mas ele tinha consigo o anel da sorte do cisne dourado da felicidade. Os seus pensamentos pairavam como borboletas cantantes. O símbolo da imortalidade!

– Foi uma história bem longa! – disse o Tempo Ventoso.

– E aborrecida! – disse o Tempo de Chuva. – Sopra-me para voltar a mim!

E enquanto o Tempo Ventoso soprou, o Brilho do Sol contou:

– O cisne da felicidade voou então sobre o mar profundo, onde os pescadores tinham deitado as redes. O mais pobre deles pensava em casar-se. E casou-se.

Casou-se porque, para ele, o cisne trouxe um pedaço de âmbar. O âmbar atrai. Atrai corações para casa. O âmbar é o mais belo incenso. Vem dele um odor, como da igreja vem o odor da natureza de Deus. Sentiram, verdadeiramente, a felicidade de uma bela vida em casa, a satisfação nas pequenas coisas e assim foi a sua vida. Tornou-se uma verdadeira história do Brilho do Sol.

– Vamos interrompê-lo! – disse o Tempo Ventoso. – Já falou de mais o Brilho do Sol. Para mim foi um aborrecimento!

– Para mim também! – disse o Tempo de Chuva.

– E que dizemos então nós, que ouvimos as histórias?

– Dizemos: acabaram-se agora!



Os Cisnes Selvagens

De vilde Svaner (1838)

Muito longe daqui, lá para onde as andorinhas voam quando nós temos Inverno, vivia um rei com onze filhos e uma filha, Elisa. Os onze irmãos – os príncipes – iam à escola com estrelas ao peito e sabre à ilharga. Escreviam em «ardósias» de ouro com «penas» de diamante e sabiam tão bem recitar como ler. Ouvindo-os, via-se logo que eram príncipes. A irmã Elisa sentava-se num pequeno escabelo de cristal e tinha um livro de estampas que fora comprado pelo valor de meio reino.

Oh! As crianças viviam muito bem! Mas não viria a ser sempre assim!

O pai, que era o rei de todo o país, casou com uma rainha má, nada gentil para com as pobres crianças. Puderam notá-lo logo no primeiro dia.

Em todo o palácio havia grande ostentação e as crianças brincavam «às visitas», mas em vez de receberem bolos e maçãs assadas, que era o que havia para oferecer, a rainha deu-lhes apenas areia numa chávena de chá, dizendo que podiam fingir que era outra coisa.

Logo na semana seguinte pôs a irmãzinha Elisa no campo, em casa de camponeses, e não durou muito até que dissesse tanta coisa ao rei sobre os pobres príncipes, que este nunca mais se importou com eles.

– Voem por esse mundo fora e tratem de vós mesmos – disse a rainha má. – Voem como grandes aves sem voz! – Não lhes pôde, porém, fazer tanto mal como queria. Transformaram-se em onze belos cisnes selvagens. Com um grito estranho, partiram a voar das janelas do palácio sobre o parque e o bosque.

Era ainda manhã cedo, quando passaram pela casa dos camponeses onde a irmã Elisa estava a dormir. Aqui pairaram sobre o telhado, estenderam os longos pescoços e bateram com as asas, mas ninguém os ouviu nem viu. Tiveram de voltar a partir, no alto, entre as nuvens, pelo mundo fora. Voaram para um grande bosque sombrio que se estendia até à praia.

A pobre Elisinha estava na cabana do camponês a brincar com uma folha verde, pois outro brinquedo não tinha. Fez um buraco na folha, olhou através dele para o Sol e foi como se visse os claros olhos dos irmãos, e, de cada vez que os raios quentes do Sol lhe brilhavam nas faces, pensava nos beijos de todos eles.

Os dias decorriam iguais uns aos outros. Se o vento soprava na grande roseira diante de casa, esta sussurrava às rosas: – Quem pode ser mais bonita do que vocês? – As rosas abanavam a cabeça e diziam: – Elisa. – E se a velha se sentava ao domingo à porta a ler o seu livro de salmos, o vento virava as folhas e dizia para o livro: – Quem pode ser mais piedoso do que tu? – Elisa – dizia o livro de salmos, e era a pura verdade o que as rosas e o livro de salmos diziam.

Quando fez quinze anos, mandaram-na regressar. Assim que a rainha viu como ela era bonita, encheu-se de raiva e de ódio. Bem a teria transformado num cisne selvagem como os irmãos, mas não o podia fazer já, pois o rei queria ver a filha.

De manhã cedo, a rainha foi à sala de banho, construída em mármore e decorada com almofadas fofas e os mais belos tapetes. Pegou em três sapos, beijou-os e disse para um: – Põe-te na cabeça de Elisa, quando ela entrar no banho, para que fique

tão estúpida como tu. – Põe-te na sua testa – ordenou ao segundo – para que fique feia como tu, de modo a que o pai não a reconheça. – Pousa no seu coração – segredou ao terceiro – para que venha a ter maus pensamentos e a sofrer com isso. – Colocou então os sapos na água clara, que logo tomou uma cor esverdeada. Chamou por Elisa, despiu-a e mandou-a entrar na água e, quando ela aí mergulhou, pôs-se-lhe um sapo no cabelo, o segundo na testa e o terceiro no peito, mas Elisa pareceu nem dar por isso. Logo que se levantou, flutuaram três papoilas vermelhas na água. Se os animais não fossem venenosos nem beijados pela rainha bruxa, ter-se-iam transformado em rosas vermelhas, mas flores se tornaram mesmo assim, ao tocarem a cabeça e o coração de Elisa. Era demasiado piedosa e inocente para que o feitiço tivesse poder sobre ela!

Quando a rainha má viu isto, esfregou-a com suco de nozes, de modo que ficou toda castanha-escura, untou o belo rosto com um unguento malcheiroso e emaranhou-lhe o belo cabelo. Era impossível reconhecer a linda Elisa.

O pai, quando a viu, ficou todo horrorizado, dizendo que não era filha dele. Ninguém mais a reconheceria senão o cão de guarda e as andorinhas, mas eram pobres animais e nada podiam dizer.

Então a pobre Elisa chorou, pensando nos onze irmãos, que estavam longe. Aflita, saiu furtivamente do palácio, andou todo o dia por campos e pauis, embrenhando-se na grande floresta. Nem sequer sabia para onde devia ir, mas sentia-se tão triste e com tantas saudades dos irmãos, que, como ela, deviam ter sido também atirados para o mundo! Iria procurá-los e achá-los-ia.

Mal penetrou no bosque, logo anoiteceu. Afastou-se de caminhos e atalhos. Deitou-se sobre o musgo macio, rezou a sua oração da noite e encostou a cabeça a um cepo. Estava tudo calmo, o ar tão suave e à volta, na erva e no musgo, brilhavam,

como fogo verde, mais de cem pirilampos. Quando tocou com a mão levemente num dos ramos, tombaram os insectos luzentes, como estrelas cadentes, sobre ela.

Toda a noite sonhou com os irmãos. Brincavam, como quando eram crianças, escreviam com «penas» de diamante sobre «ardósias» de ouro e viam o belo livro de estampas que custara meio reino. Mas nas ardósias não escreviam, como antes, apenas zeros e traços, não, mas as acções mais ousadas que haviam praticado, tudo o que tinham vivido e visto. No livro de estampas, tudo era vivo, os pássaros cantavam e os homens saíam do livro e falavam para Elisa e para os irmãos, mas quando voltava a folha, logo saltavam novamente para dentro, para que não houvesse confusão nas estampas.

Quando acordou, já o Sol ia alto. Não podia vê-lo bem, porque as grandes árvores estendiam os ramos espessos e firmes, mas os raios brincavam por fora como uma teia de ouro oscilante. Havia um perfume de verdura e os pássaros quase vinham pousar-lhe nos ombros. Ouvia a água murmurar. Havia muitas fontes grandes e todas escorriam para um lago com o mais belo fundo de areia. À volta cresciam espessos arbustos, mas num sítio os veados haviam feito uma grande abertura e por aí se dirigiu Elisa até à água. Era tão clara que, se o vento não agitasse os ramos e os arbustos, de modo a moverem-se, podia bem ter acreditado que estavam pintados no fundo, tão distintamente se reflectia aí cada folha, tanto aquelas através das quais o Sol brilhava como as que se encontravam completamente na sombra.

Assim que viu o seu rosto, ficou toda horrorizada, tão castanho e feio que era! Mas quando molhou a mãozinha e esfregou os olhos e a testa, luziu a pele branca outra vez. Então, tirou toda a roupa e entrou na água fresca. Uma filha de rei mais bonita que ela não se encontraria neste mundo!

Quando voltou a vestir-se e entrançou o longo cabelo, enca-minhou-se para a fonte borbulhante, bebeu da mão em concha e continuou a vagar no bosque, sem saber para onde ir. Pensou nos irmãos, pensou no bom Deus, que certamente não a abandonaria. Ele fazia crescer as maçãs bravas para saciar os famintos e foi Ele que lhe mostrou uma tal árvore, com os ramos dobrados pelo peso dos frutos. Aqui colheu o almoço, colocou suportes sob os ramos e entrou na parte mais sombria do bosque. Estava tudo tão silencioso que ouvia os próprios passos, ouvia cada folhinha a murchar que se curvava sob os seus pés. Não se via um pássaro. Nenhum raio de Sol conseguia penetrar por entre os grandes e espessos ramos das árvores. Os altos troncos estavam tão perto uns dos outros que, quando olhava em frente, era como se uma grade de traves bem juntas umas às outras a rodeasse. Oh! Havia aqui uma solidão como nunca antes conhecera!

Fez-se então muito escura a noite! Nem um único pirilampo-zinho brilhava no musgo. Aflita, deitou-se no chão para dormir. Pareceu-lhe que os ramos das árvores por cima se abriam para o lado e que o Senhor, com doces olhos, olhava para ela em baixo e que anjinhos espreitavam sobre a sua cabeça e sob os seus braços.

Quando despertou de manhã, não sabia se sonhara ou se fora realmente assim.

Caminhou alguns passos em frente e encontrou uma velha com bagas num cesto. A velha deu-lhe algumas. Elisa perguntou se vira onze príncipes cavalgando pelo bosque.

– Não – respondeu a velha –, mas vi ontem onze cisnes com coroas de ouro na cabeça, nadando pelo regato abaixo, aqui mesmo ao lado.

Depois conduziu Elisa um pouco mais à frente até um declive. Em baixo torneava um regato. As árvores nas margens estendiam umas para as outras longos ramos cheios de folhas e

onde, pelo seu crescimento natural, não podiam alcançar-se. Tinham desprendido as raízes da terra, pendendo para a água com os ramos entrelaçados.

Elisa disse adeus à velha e dirigiu-se ao longo do regato até onde este fluía para uma grande praia aberta.

Todo o belo mar estava diante da rapariga, mas nem uma vela se mostrava, nem um barco se podia ver. Para onde devia seguir? Observou as inumeráveis pedrinhas na margem. A água tinha-as arredondado todas. Vidro, ferro, pedra, tudo o que ali jazia, lançado à praia, tomara forma pela água, que, contudo, era muito mais macia do que as suas finas mãos. «Está sempre infatigável a rolar e assim se nivela o que é duro. Também quero ser infatigável. Obrigada pela vossa lição, vós límpidas ondas rolantes. Algum dia – diz-me o coração – ireis levar-me aos meus queridos irmãos.

Nas algas lançadas à praia estavam onze penas brancas de cisnes. Juntou-as como que a fazer um ramo. Havia nelas gotas de água. Se era orvalho ou lágrimas, ninguém o poderia dizer. Estava sozinha na praia, mas não se sentia só, pois o mar apresentava uma eterna transformação, sim, em algumas poucas horas mais do que os frescos lagos interiores poderiam mostrar em todo um ano. Se aparecia uma grande nuvem negra, era como se o mar dissesse «eu também sei mostrar-me sombrio» e então soprava o vento e as ondas voltavam o branco para fora. Mas se as nuvens brilhavam vermelhas e os ventos dormiam, ficava o mar como uma folha de rosa. Estava agora ora verde, ora branco, mas como repousava calmo! Havia, contudo, nas margens um suave movimento, a água elevava-se docemente, como o peito de uma criança quando dorme.

Quando o Sol estava quase a pôr-se, Elisa viu onze cisnes selvagens com coroas de ouro na cabeça, voando para terra. Pairavam uns atrás dos outros e pareciam uma longa fita branca.

Então Elisa subiu o declive e escondeu-se por detrás de um arbusto. Os cisnes pousaram perto dela, batendo as grandes asas brancas.

Quando o Sol se sumiu sob a água, caiu-lhes subitamente a plumagem e ali estavam os onze belos príncipes, os irmãos de Elisa. Lançou um grande grito, pois, apesar de terem mudado muito, sabia que eram eles, sentiu que deviam ser eles. Saltou para os seus braços, chamou-os pelos nomes e eles ficaram tão contentes quando viram e reconheceram a irmãzinha, que agora estava tão crescida e bonita! Riram e choraram e logo lhe contaram como a madrasta fora má para com eles.

– Nós, irmã – disse o mais velho –, voamos como cisnes selvagens, enquanto o Sol está no céu. Quando desce, tomamos a nossa forma humana. Por isso, ao pôr do Sol, temos sempre de ter o cuidado de encontrar um pouso para os pés, pois se voássemos lá alto, na direcção das nuvens, tombaríamos como seres humanos no abismo. Não é aqui que moramos. Há uma terra tão bonita como esta do outro lado do mar, mas é longo o caminho para lá, temos de atravessar o grande mar e, no trajecto, não há nenhuma ilha onde possamos pernoitar. Só um rochedozinho isolado se ergue aí. Mais espaço não tem do que aquele em que podemos repousar juntos uns aos outros. Se o mar está bravo, salpica a água sobre nós, mas agradecemos a Deus por ele. Ali pernoitamos em nossa forma de homens; sem ele nunca poderíamos visitar a nossa querida pátria, pois dois dos mais longos dias do ano precisamos para o nosso voo. Só uma vez no ano nos é permitido visitar a terra dos nossos pais. Podemos ficar aí onze dias, voar sobre o grande bosque e daí ver o palácio onde nascemos e onde mora o nosso pai, ver a alta torre da igreja, onde está enterrada a nossa mãe. Aqui parece-nos que as árvores e os arbustos são nossos parentes, aqui correm os cavalos selvagens sobre a planície, como os víamos na nossa infância. Aqui cantam os carvoeiros as velhas canções ao

som das quais dançávamos, ainda crianças. Aqui é a nossa pátria, para aqui somos atraídos e aqui te encontrámos, querida irmãzinha! Ainda podemos ficar dois dias, mas depois temos de partir sobre o mar para uma bela terra, mas que não é a nossa! Como podemos levar-te? Não temos navio nem sequer um pequeno barco!

– Como poderei salvar-vos? – disse a irmã.

Falaram quase toda a noite. Apenas dormitaram algumas horas.

Elisa acordou com o som das asas dos cisnes, sussurrando por cima dela. Os irmãos estavam outra vez transformados, voando em grandes círculos e por fim lá para longe, mas um deles, o mais novo, ficou para trás. O cisne pôs a cabeça no seu regaço e ela acariciou-lhe as penas brancas. Estiveram todo o dia juntos. À noitinha voltaram os outros e, quando o Sol se pôs, tomaram a sua forma natural.

– Amanhã vamos voar daqui. Não podemos regressar antes de todo um ano. Mas não podemos deixar-te assim. Tens coragem para nos seguir? O meu braço é forte o bastante para te transportar através da floresta. Não teremos todos juntos asas suficientemente fortes para voar contigo sobre o mar?

– Sim, levai-me convosco! – respondeu Elisa.

Passaram a noite toda a tecer uma rede de casca de salgueiro flexível e de juncos rijos, que ficou grande e forte. Nela se deitou Elisa e quando o Sol se ergueu e os irmãos se transformaram em cisnes selvagens, pegaram na rede com os bicos e voaram alto para as nuvens com a irmã querida, que ainda dormia. Os raios do Sol incidiam-lhe directamente no rosto. Por isso, um dos cisnes voava sobre a sua cabeça para que as asas largas pudessem fazer-lhe sombra.

Estava longe a terra, quando Elisa acordou. Julgou que ainda sonhava, tão maravilhoso lhe pareceu ser transportada sobre o mar alto, através do ar! Ao seu lado havia um ramo de

belas bagas maduras e um molho de raízes saborosas. Tinha-os colhido o irmão mais novo, que ali os pusera para ela. Sorriu-lhe agradecida, pois sabia que fora ele, o que voava por cima da sua cabeça e lhe dava sombra com as asas.

Estavam tão alto que o primeiro navio que viram pareceu-lhes uma gaivota branca pousada na água. Uma grande nuvem encontrava-se por detrás deles. Era toda uma montanha e nela viu Elisa a sombra de si própria e dos onze cisnes, tão gigantescos voavam ali! Era o mais belo quadro que vira até então! Mas logo que o Sol subiu mais alto e a nuvem ficou para trás, desapareceu a imagem da sombra flutuante.

Continuaram todo o dia a voar, como uma flecha sussurrante através do ar, mas mais lentamente do que nunca, pois tinham de transportar a irmã. Pôs-se mau tempo, a noite aproximava-se. Receosa, Elisa viu o Sol baixar e ainda não se avistava o rochedo isolado no mar. Pareceu-lhe que os cisnes batiam mais forte com as asas. Ai! Era culpa sua se não chegassem a tempo. Quando o Sol se pusesse, tornar-se-iam seres humanos, cairiam no mar e afogar-se-iam. Então rezou do mais fundo do coração uma oração a Deus. Mas ainda não avistava nenhum rochedo. As nuvens pretas aproximavam-se cada vez mais. As fortes rajadas de vento anunciavam uma tempestade. As nuvens formavam uma única e grande onda ameaçadora, que parecia chumbo e avançava. Luziam relâmpagos uns atrás dos outros.

O Sol estava agora na borda do mar. O coração de Elisa batia fortemente. Os cisnes desceram tão rapidamente, que julgou que ia cair, mas ainda continuavam a pairar. O Sol estava meio mergulhado na água. Avistou então o pequeno rochedo em baixo, que não parecia maior do que uma foca, com a cabeça fora da água. O Sol baixava rapidamente. Era agora como uma estrela. Entretanto os seus pés tocaram o chão firme. O Sol extinguiu-se como a última chispa de um papel a arder. De braços

dados, viu os irmãos à sua volta, mas mais lugar do que para eles e ela não havia ali em baixo. O mar batia contra o rochedo e tombava com fortes bátegas sobre eles. O céu brilhava num fogo sempre constante e a trovoadá ribombava, trovão atrás de trovão, mas Elisa e os irmãos deram as mãos e cantaram um salmo, com que receberam consolo e coragem.

Ao romper do dia o ar estava puro e calmo. Logo que o Sol subiu, os cisnes partiram da ilha e levaram com eles Elisa. O mar ainda estava agitado. Parecia-lhes, quando estavam no ar, que a espuma branca no mar verde-escuro eram milhões de cisnes vogando nas ondas.

Quando o Sol ficou ainda mais alto, Elisa viu diante de si, meio flutuando no ar, uma terra montanhosa com massas de gelo brilhantes nas rochas e no meio estendia-se um palácio com uma boa milha de comprido com arrojadas arcadas umas sobre as outras. Por baixo abanavam palmeirais e flores maravilhosas, tão grandes como rodas de moinho. Perguntou se era a terra para onde iam, mas os cisnes abanaram a cabeça, pois aquilo que ela via era o belo palácio nas nuvens, em constante transformação, da Fada Morgana. Nele não podia entrar nenhum ser humano. Elisa olhou-o fixamente. Então desmoronaram-se montes, bosques e palácio e apareceram doze soberbas igrejas, todas iguais umas às outras, com altas torres e janelas pontiagudas. Pareceu-lhe ouvir órgão, mas foi o mar que ela ouviu. Agora estavam as igrejas bem perto, transformando-se numa frota que navegava debaixo dela. Olhou para baixo e era apenas uma neblina que passava sobre a água. Sim, uma transformação constante tinha ela diante dos olhos. Viu, então, a verdadeira terra para onde ia. E erguiam-se aí belas montanhas azuis, com bosques de cedros, cidades e palácios. Muito antes de o Sol se pôr, já estava sentada na rocha diante de uma grande gruta, coberta com verdes e finas plantas trepadeiras que pareciam tapetes bordados.

– Agora vamos ver com o que vais sonhar esta noite aqui! – disse o irmão mais novo, mostrando-lhe o quarto de dormir.

– Oxalá sonhe como poderei salvar-vos! – respondeu. E este pensamento ocupou-a vivamente. Pediu fervorosamente a Deus que a ajudasse, sim, mesmo a dormir continuou a orar. Então pareceu-lhe que voava alto no ar para o palácio nas nuvens da Fada Morgana e que esta veio ao seu encontro, tão bela e esplendorosa, contudo, parecendo-se com a velha que lhe dera bagas no bosque e lhe falara dos cisnes com coroas de oiro.

– Teus irmãos podem ser salvos – disse ela –, mas tens coragem e perseverança? É certo que o mar é mais macio do que as tuas finas mãos. No entanto, dá forma às pedras duras, mas não sente as dores que os teus dedos hão-de sentir. Não tem coração, não sofre a angústia e o tormento que tens de suportar. Vês esta urtiga que tenho na mão? Desta espécie crescem muitas à volta da gruta onde dormes. Toma nota, só essas e as que brotam nas sepulturas do cemitério são boas. São essas que tens de apanhar, mesmo que te façam arder a pele e deixem bolhas. Se esmagares as urtigas com os pés, obterás linho. Com ele terás de tecer e enlaçar onze cotas de malha, de mangas compridas. Lança-as sobre os onze cisnes selvagens e o encanto fica quebrado. Mas lembra-te bem! Desde o momento em que começares o teu trabalho e até estar completamente acabado, mesmo que dure anos, não podes falar. A primeira palavra que disseres penetrará como um punhal mortífero no coração dos teus irmãos. Da tua língua depende a vida deles. Tem em atenção tudo isto!

No mesmo momento, tocou-lhe na mão com a urtiga. Sentiu como que um fogo ardente. Assim acordou Elisa. Era já dia claro e perto do sítio onde dormira estava uma urtiga como aquela que vira em sonho. Então caiu de joelhos, agradeceu a Deus e saiu da gruta a fim de dar início à sua tarefa.

Com as mãos delicadas apanhou as feias urtigas, que eram como fogo. Grandes bolhas ardiam-lhe nas mãos e nos braços, mas de bom grado sofria, pudesse ela salvar os queridos irmãos. Esmagou as urtigas, uma por uma, com os pés descalços e entrançou o linho verde.

Quando o Sol se pôs, vieram os irmãos e ficaram assustados ao encontrá-la assim muda. Julgaram que era um novo encantamento da madrasta má, mas quando lhe viram as mãos, compreenderam o que fazia por eles; o irmão mais novo chorou e onde as suas lágrimas caíam não sentia nenhuma dor, já que desapareciam as bolhas ardentes.

Passou toda a noite a trabalhar, pois não descansaria enquanto não tivesse salvo os irmãos queridos. Permaneceu todo o dia seguinte, enquanto os cisnes estiveram fora, sentada no seu isolamento, mas nunca o tempo correrá tão depressa. Uma cota de malha ficou completamente pronta. Começou logo a seguinte.

Souu então a trompa de caça nos montes. Ficou cheia de medo. Os sons aproximavam-se, podia ouvir os cães a ladrar. Assustada, entrou na gruta, atou um molho as urtigas que juntara e cardara e sentou-se em cima.

Nesse mesmo momento veio um cão grande saltando do barranco e logo um outro e ainda outro. Ladraram alto, correram para trás e voltaram outra vez. Não demorou muito que estivessem todos os caçadores diante da gruta e o mais belo de todos era o rei do país. Dirigiu-se para Elisa. Nunca vira uma rapariga tão bonita!

– Como vieste parar aqui, linda menina? – perguntou o rei. Elisa abanou a cabeça, não devia falar, tratava-se da salvação e da vida dos irmãos. Escondeu as mãos sob o avental para que o rei não visse o que tinha de sofrer.

– Vem comigo! – disse ele. – Não podes ficar aqui! Se fores tão boa como és bonita, vestir-te-ei de seda e veludo, pôr-te-ei a

coroa de ouro na cabeça e residirás no meu palácio mais rico. Depois, pegou nela e sentou-a no cavalo. Elisa chorava, torcia as mãos, mas o rei disse:

– Só quero a tua felicidade! Um dia agradecer-me-ás! – E assim partiu pelos montes, segurando-a à frente no cavalo e os caçadores atrás dele.

Quando o Sol se pôs, estava a bela cidade real com igrejas e cúpulas diante deles e o rei conduziu-a ao palácio, onde grandes repuxos saltavam nas altas salas de mármore e paredes e tectos ostentavam pinturas. Mas ela não tinha olhos para isso, chorava e afligia-se. Dócil, deixou que as damas lhe vestissem os vestidos reais, lhe entrançassem pérolas no cabelo e lhe calçassem finas luvas nos dedos a arder por causa das urtigas. Quando ficou em todo o seu esplendor, estava tão deslumbrantemente bela que a corte se inclinou ainda mais profundamente perante ela e o rei proclamou Elisa como sua noiva. Ainda que o arcebispo abanasse a cabeça e murmurasse que a bela rapariga do bosque era certamente uma herege que cegara os olhos e seduzira o coração do rei! Mas o rei não o ouviu, mandou tocar a música, que viessem os mais deliciosos manjares e que as mais gentis meninas dançassem à volta dela. Foi levada através dos jardins odorosos para salas magníficas, mas nem um sorriso lhe assomou aos lábios ou transpareceu nos seus olhos. A tristeza estava ali como herança e posse eternas.

Então o rei abriu um pequeno aposento junto àquele em que iria dormir. Estava decorado com preciosas tapeçarias verdes e parecia mesmo a gruta onde ela estivera. No chão encontrava-se o molho de linho que tecera com as urtigas e no tecto estava suspensa a cota de malha que ficara pronta. Tudo isso trouxera um dos caçadores consigo, como curiosidade.

– Podes sonhar aqui com o antigo lugar onde vivias – disse o rei. – Eis o trabalho em que te ocupavas. Agora, no meio de todo o esplendor, divertir-te-á a recordar esse tempo!

Quando Elisa viu tudo aquilo, que tão perto lhe estava do coração, esboçou um sorriso e o sangue assomou-lhe às faces. Pensou na salvação dos irmãos, beijou a mão do rei, que a estreitou de encontro ao coração e mandou que todos os sinos das igrejas tocassem a anunciar as bodas. A bela rapariga muda do bosque veio a ser a rainha do país.

Então murmurou o arcebispo palavras más ao ouvido do rei, mas não lhe caíram no fundo do coração. Realizou-se o casamento. O próprio arcebispo teve de colocar-lhe a coroa na cabeça e com tão má vontade e com tanta força lhe premiu o estreito anel da coroa na testa, que lhe fez doer. Um mais pesado anel, contudo, circundava o seu coração – o cuidado pelos irmãos. Não sentia as dores corporais. A boca estava muda – uma única palavra custaria aos irmãos a vida –, mas nos olhos havia um profundo amor pelo rei bom e belo, que tudo fazia para a alegrar. De todo o coração, de dia para dia, lhe queria mais. Oh! Se pudesse simplesmente confiar-se a ele, contar-lhe as suas mágoas! Mas muda tinha de ser, muda tinha de completar a sua tarefa. Por isso escapava-se de noite do lado dele, entrava no quartinho que estava decorado como a gruta e acabou uma cota de malha após outra, mas, quando começou a sétima, não tinha mais linho.

Sabia que no cemitério cresciam as urtigas de que precisava, mas tinha ela própria de ir apanhá-las. Como conseguiria isso?

«Oh! Que são as dores nos dedos comparadas com a tortura que sofre o coração?», pensou. «Tenho de tentá-lo! O Senhor não me retirará a Sua protecção!» Com angústia no coração, como se estivesse perante uma má acção, desceu na noite clara de luar ao jardim, atravessou as longas áleas, saiu para as ruas solitárias e encaminhou-se para o cemitério. Aí viu sentado numa das maiores pedras tumulares um círculo de velhas bruxas horríveis que despiram os andrajos, como se quisessem banhar-se, e começaram a esgaravatar com os longos dedos magros nas

covas frescas, retirando os cadáveres e comendo-lhes a carne. Elisa teve de passar perto delas, que lhe lançaram olhares maus, mas ela recitou a sua oração, juntou as urtigas ardentes e levou-as para o palácio.

Só uma única pessoa a viu, o arcebispo, que estava levantado quando os outros dormiam. Tinha, pois, razão quando dissera que havia algo na rainha que não estava bem.

Era uma bruxa, assim transtornando a cabeça ao rei e a todo o povo.

No confessional, contou ao rei o que vira e o que receava. Quando as palavras duras lhe saíam da língua, as imagens dos santos abanavam a cabeça, como se quisessem dizer: – Não é assim! A Elisa está inocente! Mas o arcebispo explicou-o de outro modo, que testemunhavam contra ela, que abanavam a cabeça pelo seu pecado. Rolaram então duas pesadas lágrimas pelas faces do rei. Regressou a casa com a dúvida no coração e à noite fingiu que dormia, mas nenhum sono tranquilo lhe cobriu os olhos. Observou como Elisa se levantava e que assim sucedia todas as noites. E de todas as vezes a seguiu de mansinho, vendo que desaparecia no seu aposento privado.

De dia para dia tornou-se-lhe o semblante mais sombrio. Elisa notou-o, mas não compreendeu. Inquietou-se com isso, mas o que não sofria o seu coração pelos irmãos! No veludo e púrpura reais corriam as lágrimas salgadas, aí se quedavam como diamantes cintilantes e todos os que viam esse rico esplendor desejavam ser como a rainha. Estava, entretanto, quase no fim do trabalho, faltava-lhe ainda uma cota de malha. Mas não tinha mais linho, nem uma única urtiga. Mais uma vez, a última, tinha de ir ao cemitério apanhar uma mão-cheia de urtigas. Pensou com angústia no caminho solitário e nas bruxas horríveis, mas a sua vontade era firme, como era a confiança em Deus.

Assim lá foi, mas o rei e o arcebispo seguiram-na, viram-na desaparecer pelo portão de grades do cemitério e, quando se aproximaram, depararam-se-lhe nas pedras tumulares as bruxas que Elisa encontrara. O rei virou o rosto, pois entre estas julgou ver aquela cuja cabeça ainda na noite anterior repousara no seu peito.

– O povo que a julgue! – disse o rei. E o povo condenou-a: seria queimada nas chamas rubras.

Das belas salas reais foi levada para uma masmorra escura e húmida, onde o vento assobiava pela janela com grades. Em vez de veludo e seda deram-lhe o molho de urtigas que colhera, podia aí repousar a cabeça. As cotas de malha duras e ardentes que tecera podiam servir-lhe de enxergão e de coberta. Mas nada mais caro podiam ter-lhe oferecido. Voltou ao trabalho e rezou a Deus. Lá fora cantavam os rapazes da rua canções de escárnio sobre ela. Nenhuma alma a consolou com uma palavra querida.

À noite, algo sussurrou junto às grades, eram as asas de um cisne. Era o irmão mais novo, que voltara a encontrar a irmã. Elisa soluçou alto de alegria, se bem que soubesse que a noite que chegava era talvez a última que tinha para viver. Mas agora o trabalho encontrava-se quase acabado e o irmão estava ali.

O arcebispo veio para passar a última hora junto dela, prometera-o ao rei. Mas ela abanou a cabeça, pediu-lhe com o olhar e gestos para que a deixasse sozinha. Nessa noite tinha de acabar o trabalho, ou seria tudo inútil, tudo, dores, lágrimas e noites em claro. O arcebispo foi-se embora com más palavras para ela, mas a pobre Elisa sabia que estava inocente e continuou a trabalhar.

Os ratinhos corriam no chão, arrastavam as urtigas para diante dos pés dela, pois queriam ajudá-la um pouco, e o tordo pousou nas grades da janela e cantou toda a noite, tão alegremente quanto podia, para que ela não perdesse a coragem.

Ainda era madrugada, só dentro de uma hora se levantaria o Sol. Ali estavam os onze irmãos ao portão do palácio, pedindo para serem levados ao rei. Que não podia ser foi a resposta, ainda era bem de noite, o rei dormia e não seria acordado. Pediram, ameaçaram, veio a guarda, desceu mesmo o rei, que perguntou o que se passava. Levantou-se então o Sol no mesmo momento e nenhum irmão havia à vista, mas lá no alto sobre o palácio voavam onze cisnes selvagens.

Para fora das portas da cidade acorria em massa o povo, que queria ver a feiticeira a ser queimada. Um miserável cavalo puxava a carroça onde ela ia sentada. Tinham-lhe dado um vestido de serapilheira grosseira. O lindo cabelo comprido pendia solto à volta da esbelta cabeça. As faces estavam pálidas de morte, os lábios moviam-se lentamente, mas os dedos entrançavam o fio verde. Nem mesmo a caminho da morte abandonava o trabalho começado. As dez cotas de malha estavam aos seus pés, a décima primeira acabava ela agora. A população insultava-a.

– Vede a feiticeira como murmura! Nem um livro de salmos leva nas mãos! Pelo contrário, o seu horrível feitiço leva-o ela consigo. Tirai-lho e rasgai-o em mil pedaços!

Correram para ela e queriam rasgar as cotas. Vieram então onze cisnes brancos voando, que se puseram à volta dela na carroça, batendo com as grandes asas. A multidão, assustada, afastou-se.

– É um sinal do céu! Está certamente inocente! – murmuraram muitos, mas não ousaram dizê-lo alto.

Depois o carrasco agarrou-a pela mão. Então lançou num gesto rápido as onze cotas sobre os onze cisnes e logo ali ficaram onze belos príncipes, mas o mais novo tinha uma asa de cisne no lugar de um braço, pois faltava uma manga na sua cota, que ela não conseguira aprontar.

– Agora posso falar! – disse ela. – Estou inocente!

O povo, que viu o que acontecera, curvou-se diante de Elisa como perante uma santa, mas ela tombou desmaiada nos braços dos irmãos. Tanta comoção, angústia e dores tiveram o seu efeito.

– Sim, está inocente! – disse o irmão mais velho, e depois contou tudo o que acontecera e, enquanto ele falava, espalhou-se um perfume, como de milhões de rosas, pois cada um dos pedaços de lenha da fogueira criara raízes e desabrochava em ramos. Estava ali uma sebe odorosa, alta e grande com rosas vermelhas e em cima uma flor branca e brilhante, que reluzia como uma estrela. Apanhou-a o rei, que a pôs sobre o peito de Elisa e então ela acordou com paz e júbilo no coração.

Todos os sinos tocaram por si próprios e vieram pássaros em grandes bandos. Formou-se um cortejo de noivado de regresso ao palácio, como nunca rei algum vira.



A Arca Voadora *Den flyvende Kuffert* (1839)

Era uma vez um mercador tão rico que até podia calcetar a rua toda com moedas de prata e quase uma ruelazinha ainda. Mas não o fez, sabia empregar o seu dinheiro de outro modo e se despendia um xelim, recebia um táler em troca. Assim era o mercador... e assim morreu.

O filho ficou então com todo esse dinheiro e levou a vida a divertir-se. Foi todas as noites a mascaradas, armou papagaios com as notas de táleres e fez saltitar sobre a superfície do mar moedas de ouro em vez de pedrinhas. Bem podia o dinheiro sumir-se e assim sucedeu. Por fim não possuía mais do que quatro xelins e não tinha outra vestimenta senão um velho roupão e um par de pantufas. A partir daí os amigos não se importaram mais com ele, pois já não podiam ir juntos para a rua, mas um deles, que era bom, mandou-lhe uma velha arca e disse:

– Faz a mala! – Sim, estava tudo muito bem, mas ele não tinha nada com que a encher e assim sentou-se ele próprio na arca.

Era uma arca pitoresca. Logo que se premia a fechadura, punha-se a voar. Foi isso que fez, bumba!, voou com ele por aí acima, através da chaminé, alto, por sobre as nuvens, cada vez mais longe. Rangia no fundo e ele estava com muito medo de que se fizesse em pedaços, pois se assim fosse vinha a dar um

bem bonito salto. Deus nos livre disso! Chegou à terra dos turcos. Escondeu a arca no bosque sob folhas murchas e dirigiu-se à cidade. Bem o podia fazer, pois os turcos andam todos como ele, em roupão e pantufas. Encontrou assim uma ama com uma criancinha.

– Ouve, ama de turcos! – disse ele. – Que grande palácio é este junto à cidade? As janelas são tão altas!

– Mora lá a filha do rei! – disse ela. – Foi-lhe profetizado que seria infeliz por causa de um namorado e por isso ninguém pode aproximar-se dela sem o rei e a rainha estarem na sua companhia!

– Obrigado! – disse o filho do mercador, depois foi para o bosque, sentou-se na arca, voou para o telhado e deslizando entrou pela janela do aposento da princesa.

Estava deitada no sofá a dormir. Era tão bela que o filho do mercador teve de a beijar. A princesa acordou e ficou muito assustada, mas ele disse que era o deus dos turcos que tinha descido pelo ar até ela, e isso soou-lhe bem.

Sentaram-se ao lado um do outro, ele contou-lhe histórias sobre os olhos dela, que eram os mais lindos lagos de tons escuros e que os pensamentos nadavam aí como sereias. Falou-lhe da sua testa, que era uma montanha de neve com as mais belas salas e imagens, e contou-lhe da cegonha que traz as mais doces criancinhas.

Oh! Eram histórias bem bonitas! Foi desse modo que se declarou à princesa e ela disse logo que sim.

– Mas tem de vir aqui no sábado – disse ela. – O rei e a rainha estão comigo para um chá! Ficarão muito orgulhosos de eu receber o deus dos turcos, mas veja se sabe um conto bem bonito, pois os meus pais gostam muito de ouvir contar. A minha mãe gosta que eles sejam morais e distintos e o meu pai divertidos, para se rir!

– Sim, não trago outro presente de noivado senão uma história! – afirmou ele. Separaram-se, mas a princesa deu-lhe um

sabre, incrustado com moedas de ouro, e estas bem sabia ele como utilizá-las.

Voou para fora. Comprou um roupão novo e sentou-se no bosque a compor uma história, que teria de ficar pronta até sábado e isto não era fácil.

Finalmente deu o conto por terminado. E tinha chegado o sábado.

O rei e a rainha bem como toda a corte esperavam, como convidados, para o chá da princesa. E o filho do mercador foi admiravelmente bem recebido!

– Quer então contar-nos uma história? – perguntou a rainha. – Uma que seja de sentido profundo e instrutivo!

– Mas que faça também rir! – acrescentou o rei.

– Certamente! – disse ele e começou a contar. Temos de ouvi-la bem!

Era uma vez um molho de fósforos, extraordinariamente orgulhoso pelo facto de ser de alta estirpe. A sua árvore genealógica, quer dizer, o grande abeto, de que eram um pedacinho, tinha sido uma grande árvore antiga do bosque. Os fósforos estavam agora na prateleira, entre um isqueiro e uma velha panela de ferro, e para eles contavam histórias da sua juventude.

– Sim, quando estávamos no ramo verde! – diziam eles. – Estávamos realmente bem! Todas as manhãs e todas as noites havia chá de diamantes: era o orvalho. Todos os dias tínhamos luz do Sol, quando este brilhava, e todos os passarinhos tinham de contar-nos histórias. Bem podíamos aperceber-nos de que também éramos ricos, pois as árvores de folha só estavam vestidas no Verão, mas a nossa família possuía meios para ter vestuário verde tanto no Verão como no Inverno. Mas vieram os lenhadores, foi a grande revolução, e a nossa família dispersou-se. O tronco, que era o chefe da família, obteve um lugar de mastro real num belo navio que podia navegar à volta do mundo, se quisesse. Os outros

ramos foram para outros lugares e nós temos agora a tarefa de acender a luz para a arraia-miúda. Por isso somos gente distinta que veio aqui para a cozinha.

– Comigo passa-se de outro modo! – disse a panela de ferro, ao lado da qual estavam os fósforos. – Desde que vim ao mundo que sou esfregada e posta ao lume continuamente! Cuido do que é sólido e sou, na verdade, a primeira coisa aqui na casa. A minha única alegria é, depois da mesa, ficar aqui limpa e bonita na prateleira e ter uma conversa ajuizada com os camaradas. Mas, se exceptuar o balde de água, que, uma vez por outra, desce ao jardim, vivemos sempre dentro de portas. O cesto de compras é o único que nos traz as novidades, mas ele fala tão violentamente do governo e do povo! Sim, outro dia foi um velho pote que caiu lá de cima, de medo, e desfez-se em pedaços! Tem umas ideias frescas! Tenho de vos dizer!

– Agora estás a falar de mais! – disse o isqueiro, e o aço bateu na pederneira, até fazer faísca. – Não era uma noite agradável que queríamos?

– Sim, falemos sobre qual de nós é o mais distinto! – disseram os fósforos.

– Não, não gosto de falar de mim própria – afirmou a panela de barro. – Façamos um serão! Vou começar, vou contar-vos algo que cada um já viveu. Compreende-se melhor a situação e é muito agradável. Estamos no mar Báltico, com as faias dinamarquesas!

– É um lindo começo! – afirmaram todos os pratos. – Vai ser certamente uma história de que todos iremos gostar!

– Sim, aí passei a minha juventude, em casa de uma família tranquila. Os móveis eram polidos, o chão esfregado. Havia cortinas lavadas todos os quinze dias!

– Como conta isso de modo tão interessante! – referiu o espanador. – Pode-se logo perceber que é uma mulher, pelo modo como conta. Há nisto algo de asseado!

– Sim, sente-se isso! – disse o balde de água, e deu um saltinho de alegria e a água fez *clatch* no chão.

A panela continuou a contar, e o fim foi tão bom como o princípio.

Todos os pratos matraquearam alegremente, o espanador foi buscar salsa verde do buraco de areia e corooou a panela, pois sabia que isso aborreceria os outros, mas pensou «Se a coroo hoje, vai coroar-me ela amanhã.»

– Agora vou dançar! – disse a tenaz, e dançou. Deus meu! Como sabia pôr uma perna no ar! O velho pano que cobria a cadeira ao canto rasgou-se ao vê-la. – Posso ser coroada? – perguntou a tenaz, e foi.

«É pura população!», pensaram os fósforos.

Agora devia cantar o samovar, mas estava resfriado, disse ele, não o podia fazer sem estar a ferver. Sentia-se de outra estirpe. Não queria cantar senão quando se encontrasse à mesa do senhorio.

Na janela estava uma velha pena, com a qual a criada costumava escrever. Não havia nada de notável nela senão que fora mergulhada demasiado funda no tinteiro, mas por isso fazia-se grande. – Se o samovar não quer cantar – disse ela –, deixá-lo! Lá fora está um rouxinol numa gaiola que sabe cantar. Não aprendeu nada, mas não queremos falar mal esta noite!

– Acho muito impróprio – referiu a chaleira, que era a cantora da cozinha e meia-irmã do samovar – que se tenha de ouvir um pássaro estranho! É isso patriótico? Quero ouvir a opinião do cesto de compras.

– Estou simplesmente desgostoso! – disse o cesto de compras. – Estou interiormente tão desgostoso, como ninguém pode imaginar! É esta a maneira própria de passar a noite? Não seria mais acertado dar uma boa volta à casa? Cada um iria para o seu lugar e eu dirigiria todo o codilho. Seria bem outra coisa!

– Sim, façamos algazarra! – acrescentaram todos. No mesmo momento a porta abriu-se. Era a criada, e ficaram quietos. Nenhum tugiou nem mugiu. Mas não havia panela alguma que não soubesse o que podia fazer e como era distinta.

«Sim, se eu tivesse querido», pensavam elas, «teria sido uma noite divertida!»

A criada pegou nos fósforos, fez fogo com eles. Deus meu! Como faiscaram e flamejaram!

«Agora todos podem ver», pensaram eles, «que somos os primeiros! Que brilho temos! Que luz!» E assim arderam completamente.

– Foi uma bela história! – disse a rainha. – Senti-me perfeitamente na cozinha com os fósforos. Sim, vais ter a nossa filha!

– Certamente! – confirmou o rei. – Vais ter a nossa filha na segunda-feira! – Agora tratavam-no por tu, pois ia pertencer à família.

A data da boda foi fixada e na noite anterior toda a cidade foi iluminada. Bolos e biscoitos voaram ao desbarato. Os rapazes da rua punham-se nos bicos dos pés, davam hurras e assobiavam com os dedos. Foi uma maravilha.

«Tenho de ver se faço também alguma coisa!», pensou o filho do mercador, e comprou foguetes, estalinhos e todo o fogo-de-artifício que se podia imaginar. Carregou-o na sua arca e voou com ele para o ar.

Rutch! Como saltava! E como flamejava!

Todos os turcos deram pulos de contentes, de tal forma que as pantufas voaram-lhes à volta das orelhas. Um espectáculo do céu assim nunca tinham visto. Agora podiam compreender que era o próprio deus dos turcos que ia casar com a princesa.

Logo que o filho do mercador desceu de novo com a sua arca ao bosque, pensou: «Quero ir agora à cidade para ouvir

contar como viram o espectáculo!» E era aceitável que tivesse vontade disso.

Oh! O que contavam! Cada uma das pessoas a quem perguntou tinha-o visto a seu modo, mas bonito tinha sido para todas.

– Eu vi o próprio deus dos turcos – disse uma. – Tinha os olhos como estrelas brilhantes e barba como água espumante!

– Voava com uma capa de fogo – acrescentou outra. – Os mais lindos anjinhos espreitavam de dentro das pregas.

Sim, foram coisas bonitas que ouviu e no dia seguinte seriam as bodas.

Então voltou ao bosque para se sentar na sua arca... mas onde estava ela? A arca ardera completamente. Uma fagulha do fogo-de-artifício tinha lá ficado, ateara o fogo e a arca era agora cinza. Não podia voar mais, nem voltar para a sua noiva.

A princesa ficou todo o dia no telhado à espera, ainda está à espera. Mas ele corre mundo e conta histórias. Não são já, contudo, tão divertidas como a do molho de fósforos.



Olavinho Fecha-os-Olhos

Ole Lukøje (1841)

Em todo o mundo não há ninguém que saiba tantas histórias como Olavinho Fecha-os-Olhos... E como sabe contá-las!

É à noitinha, quando as crianças estão sentadas, tão boazinhas, à mesa ou nos seus banquinhos, que chega Olavinho Fecha-os-Olhos. Sobe de mansinho as escadas, pois anda em meias, abre a porta devagarinho e puf!, esguicha leite doce nos olhos, suavemente, suavemente, mas sempre o bastante para que não possam mantê-los abertos e, portanto, vê-lo. Passa sorrateiro por detrás, sopra-lhes levemente na nuca tornando-lhes a cabeça pesada. Oh! Sim! Mas não lhes faz mal, pois Olavinho Fecha-os-Olhos quer o bem das crianças. Só quer que venham a estar quietas e assim o estão quase sempre, quando as levam para a cama. Têm de ficar sossegadas para que ele possa contar-lhes histórias...

Quando as crianças já dormem, Olavinho Fecha-os-Olhos senta-se na cama. Ele veste-se bem. A casaca é de seda, mas não é possível dizer que cor tem, pois brilha com tons verdes, vermelhos e azuis, conforme se mexe. Por baixo de cada braço traz um chapéu-de-chuva: um tem imagens, e esse põe-no sobre as crianças boas, que assim sonham toda a noite com as mais lindas histórias, e o outro, no qual nada há, põe-no por cima das crianças malcriadas, que assim dormem estupidamente e de manhã, quando acordam, nem a mínima coisa sonharam.

Vamos agora ouvir como Olavinho Fecha-os-Olhos, durante uma semana inteira, veio todas as noites visitar um rapazinho chamado Hialmar e o que lhe contou! Ao todo são sete histórias, pois sete são os dias da semana.

Segunda-feira

– Ouve! – disse Olavinho Fecha-os-Olhos quando apanhou Hialmar na cama. – Vou fazer agora uma decoração! – As flores dos vasos transformaram-se em árvores grandes, que estendiam os longos ramos até ao tecto e ao longo das paredes, de modo que todo o aposento formava o mais bonito caramanchão, e todos os ramos estavam cheios de flores e cada flor era mais bonita do que a própria rosa. Cheiravam tão bem e, quando as comia, eram mais doces do que compota! Os frutos brilhavam como ouro e havia bolos que transbordavam com passas. Era incomparável! Mas no mesmo momento começou a ouvir-se um lamento terrível na gaveta onde Hialmar pusera os livros da escola.

– Que é isto? – disse Olavinho Fecha-os-Olhos, e dirigiu-se à mesa, abrindo a gaveta. Era a lousa, que se sentia beliscada e apertada, pois viera um número errado para a conta, de modo que estava quase a desconjuntar-se. A pena pulava e saltava na guita, como se fosse um cãozinho que queria ajudar nas contas, mas não podia... A seguir foi o caderno de escrita de Hialmar, que lá dentro começou a lamentar-se. Oh! Era horrível ouvi-lo! Ao alto, de cima a baixo, em cada folha estavam todas as letras grandes, cada uma com uma pequena ao lado, toda numa fila para baixo. Eram modelos e ao lado delas estavam também algumas letras que julgavam parecer-se com elas, escritas por Hialmar. Estavam como se tivessem caído sobre o traço do lápis, quando era nele que deviam estar de pé.

– Vejam, é assim que têm de ficar! – disseram os modelos.
– Vejam, assim para o lado, com um impulso, decidido!

– Oh! Bem o queremos! – disseram as letras de Hialmar.
– Mas não podemos, estamos tão mal!

– Então vou ter de sacudir-vos «o pó das bochechas»! – referiu Olavinho Fecha-os-Olhos.

– Oh! Não! – gritaram elas, e logo se puseram tão direitas que era um gosto vê-las.

– Bem, agora não há histórias para contar! – disse Olavinho Fecha-os-Olhos. – Tenho de exercitá-las! Um, dois! Um, dois! – E exercitou assim as letras, até que ficaram tão direitas e tão sãs, como só os modelos podem ficar. Mas quando Olavinho Fecha-os-Olhos se foi embora e Hialmar de manhã as viu, elas estavam exactamente tão miseráveis como antes.

Terça-feira

Logo que Hialmar foi para a cama, tocou Olavinho Fecha-os-Olhos com a sua serpinguinha de duende em todos os móveis do aposento, que imediatamente começaram a tagarelar e todos tagarelavam sobre si próprios, excepto o escarrador, que estava calado e resmungava porque todos eram tão vaidosos, só falando de si próprios, só pensando em si próprios e não tendo o mínimo pensamento sobre aquele que ali estava tão modesto, ao canto, e deixava que lhe cuspissem em cima.

Sobre a cómoda estava suspenso um grande quadro numa moldura dourada. Era uma paisagem. Viam-se árvores altas e velhas, flores entre a erva e muita água, um rio que corria por detrás do bosque, passando por muitos castelos, até longe, para o alto mar.

Olavinho Fecha-os-Olhos tocou com a sua seringa de duende no quadro e logo começaram os pássaros a cantar, os ramos das árvores a mover-se e as nuvens puseram-se em fuga. Podiam ver-se as suas sombras sobre a paisagem.

Então Olavinho Fecha-os-Olhos levantou o pequeno Hialmar até à moldura e este meteu as pernas dentro do quadro,

no meio da erva alta e lá ficou. O Sol brilhava por entre os ramos das árvores, descendo sobre ele. Correu para a água, sentou-se num barquinho que lá havia. Estava pintado de vermelho e branco, as velas brilhavam como prata, e seis cisnes, todos com coroas de ouro no pescoço e uma estrela azul cintilante na cabeça, puxaram o barco, passando pelos bosques verdes, onde as árvores contavam histórias de salteadores e bruxas e as flores histórias de adoráveis duendezinhos e do que as borboletas lhes tinham contado.

Os mais lindos peixes, com escamas como se fossem prata e ouro, nadavam atrás do barco. De vez em quando davam um salto, depois voltavam a fazer *platch* na água. Os pássaros, vermelhos e azuis, pequenos e grandes, voavam em duas longas filas por trás. Os mosquitos dançavam e os besouros faziam zum!, zum! Todos eles queriam seguir Hialmar, e todos tinham uma história para contar.

Era um passeio à vela! Ora eram os bosques espessos e escuros, ora o mais belo jardim com Sol e flores e lá havia grandes castelos de vidro e de mármore. À varanda estavam as princesas e todas eram as meninas que Hialmar bem conhecia, pois com elas brincara antes. Estendiam as mãos e tinham o mais delicioso porquinho de açúcar que uma vendedeira de bolos podia vender. Hialmar pegava numa das extremidades do porquinho de açúcar, enquanto passava de barco, e a princesa segurava-o bem, de modo que cada um ficava com a sua parte, ela, com a mais pequena, Hialmar, com a maior. Em cada castelo havia príncipezinhos de sentinela que punham ao ombro os sabres de ouro e faziam chover passas e soldados de chumbo. Eram verdadeiros príncipes!

Ora navegava Hialmar pelos bosques, ora por grandes salas ou pelo meio de uma cidade. Chegou assim a atravessar aquela em que morava a sua ama, aquela que o trouxera nos braços, quando era bem pequenino e que tanto lhe tinha querido. Ela

fez-lhe sinal com a cabeça e acenou-lhe, cantando a linda cançãozinha que ela própria compusera e lhe enviara:

*Em ti penso em muita hora,
meu Hialmar, tão caro meu!
A boquinha beijei-te outrora,
as bochechas coradas, o rosto teu.
As palavras primeiras ouvi-te dizer,
tive de separar-me de ti, dizer-te adeus.
A bênção do Senhor venhas sempre a ter,
na Terra, anjo que é do Reino de Deus!*

Todos os pássaros cantavam. As flores dançavam nos seus pés e as velhas árvores acenavam, como se Olavinho Fecha-os-Olhos lhes contasse também histórias.

Quarta-feira

Oh! Como chovia lá fora! Hialmar podia ouvi-la em sonho. E quando Olavinho Fecha-os-Olhos abriu uma janela, chegava a água até ao peitoril. Era todo um mar, mas o mais bonito navio estava junto à casa.

– Queres viajar também, Hialmarzinho? – perguntou Olavinho Fecha-os-Olhos. – Durante a noite podes alcançar terra estranha e estar aqui de manhã outra vez!

Hialmar ficou logo com a roupa de domingo no meio do belo navio e imediatamente o tempo se pôs maravilhoso, começaram a navegar pelas ruas, cruzaram a igreja e agora era tudo um grande mar bravo. Viajaram tanto que não havia mais terra para ver e deparou-se-lhes um bando de cegonhas que vinha da pátria e queria ir para as terras quentes. Cada uma das cegonhas voava atrás da outra e já tinham voado muito, muito. Uma delas estava tão cansada que as asas quase a não aguentavam mais. Era a última da fila e

em breve ficou muito para trás. Por fim, desceu com as asas abertas, cada vez mais para baixo. Adejou ainda um par de vezes, mas não serviu de nada. Depois tocou com as patas no cordame do navio, escorregou pela vela, e pumba!, poisou na coberta.

Então o moço de bordo pegou nela e pô-la na capoeira, com as galinhas, os patos e os perus. A pobre cegonha ficou toda desanimada no meio deles.

– Há cada uma! – disseram as galinhas todas.

O peru inchou tanto quanto pôde e perguntou quem era. E os patos recuaram e empurraram-se uns aos outros: vá!, vá!, vá!

A cegonha falou-lhes da África quente, das pirâmides e da avestruz que corria como um cavalo selvagem pelos desertos, mas os patos não entenderam o que ela contava, assim empurraram-se uns aos outros, perguntando:

– Não concordam que ela é estúpida?

– Sim, é certamente estúpida! – retorquiu o peru, gorgolejando. Então a cegonha calou-se e pôs-se a pensar na sua África.

– São bonitas e finas as pernas que você tem! – disse o peru.

– Quanto custa o *alen*?

– Crá! Crá! Crá! – arreganharam todos os patos, mas a cegonha fez como se não tivesse ouvido nada.

– Pode rir também! – disse o peru. – Aquilo que eu disse foi dito com muita graça! Ou foi talvez demasiado vulgar! Ah! Ah! Não compreende o espírito! Permita-nos que continuemos a ser interessantes para nós próprios! – E assim gorgolejou e os patos grasnaram: qui, cá!, qui, cá! Era terrível, por muito divertido que o achassem.

Mas Hialmar foi à capoeira, abriu a porta, chamou a cegonha, que saltou para ele na coberta. Estava agora repousada e foi como se acenasse a Hialmar para lhe agradecer. Depois abriu as asas e voou para os países quentes, mas as galinhas cacarejaram, os patos grasnaram e o peru ficou todo rubro na cabeça.

– Amanhã vamos comer sopa de vocês! – disse Hialmar mas, entretanto, acordou e estava na caminha. Foi uma viagem maravilhosa a que Olavinho Fecha-os-Olhos lhe proporcionou naquela noite.

Quinta-feira

– Sabes uma coisa? – disse Olavinho Fecha-os-Olhos. – Não tenhas medo! Vais ver um ratinho! – E estendeu a mão para ele, com o leve e encantador bichinho. – Veio convidar-te para o casamento. Há aqui dois ratinhos que querem contrair matrimónio hoje à noite. Moram por baixo da despensa da tua mãe. Devem ter assim uma bonita casa!

– Mas como posso entrar no buraquinho dos ratos no chão? – perguntou Hialmar.

– Deixa isso por minha conta! – disse Olavinho Fecha-os-Olhos. – Vou fazer-te pequenino! – E assim tocou com a sua seringa de duende em Hialmar, que logo se foi tornando cada vez mais pequeno até ficar do tamanho de um dedo.

– Agora podes pedir emprestadas as roupas do soldado de chumbo. Penso que te servirão e é sempre chique aparecer de uniforme, quando se está em sociedade.

– Está bem! – respondeu Hialmar. Num instante, ficou vestido como o mais bonito soldado de chumbo.

– Quereis ter a bondade de sentar-vos no dedal de vossa mãe! – disse o ratinho. – Tereis assim a honra de vos puxar!

– Valha-me Deus! Ides dar-vos vós próprio a esse incómodo! – retorquiu Hialmar. E assim partiram para a boda dos ratinhos.

Primeiro entraram por baixo do chão, para um longo corredor que mais alto não era do que se permitia aí andar num dedal e todo o corredor estava bem iluminado com madeira apodrecida.

– Não cheira aqui bem? – perguntou o rato que o puxava. – Todo o corredor está untado com pele de toucinho. Não pode ser mais bonito!

Entraram depois na sala da boda. À direita estavam todas as ratinhas, que murmuravam, como se fizessem pouco umas das outras. À esquerda encontravam-se todos os ratinhos, que acari-ciavam os bigodes com as suas patas. No centro via-se o par de noivos, que estava numa casca de queijo esburacado e se beijoca-va escandalosamente perante os olhos de todos, pois já eram noivos e iam celebrar a boda.

Chegavam constantemente mais e mais convidados. Cada rato estava quase a pisar mortalmente o outro e o par de noivos colocara-se a meio da porta, de modo que nem se podia sair nem entrar. Para o banquete, toda a sala, tal como o corredor, foi untada com pele de toucinho. Para a sobremesa foi exibida uma ervilha que um ratinho da família tinha mordiscado, gravando os nomes do par de noivos, quer dizer, as primeiras letras. Era algo bastante extraordinário!

Os ratos afirmaram que fora uma bela boda e que as con-versas tinham sido muito agradáveis.

Hialmar voltou de carruagem para casa. Estivera realmente numa sociedade distinta, mas tivera também de se encolher todo, de se fazer pequenino para poder entrar no uniforme do soldadinho de chumbo.

Sexta-feira

– É incrível como muitas pessoas velhas gostariam de me apa-nhar! – disse Olavinho Fecha-os-Olhos. – São precisamente aque-las que fizeram algo de mal. – Bom Olavinho! – dizem-me. – Não conseguimos pregar olho e por isso estamos deitadas toda a noite a ver as nossas acções más que, como pequenos feiticeiros feios, se sentam na borda da cama e nos salpicam com água quente. Não

queres vir expulsá-los para que possamos ter um bom sono? – E assim suspiram profundamente:

– Queremos pagar-te! Boa noite, Olavinho! O dinheiro está na janela!

– Mas eu não faço nada por dinheiro – disse Olavinho Fecha-os-Olhos.

– Que vamos fazer esta noite? – perguntou Hialmar.

– Bem, não sei se tens vontade de ir a uma boda. É diferente da de ontem. A boneca grande da tua irmã, que parece um boneco e se chama Hermano, vai casar-se com a boneca Berta. Além disso é o dia de anos da boneca e por isso vão ser oferecidos muitos presentes.

– Sim, conheço isso bem! – disse Hialmar. – Sempre que as bonecas precisam de novos vestidos, fã-las minha irmã festejar o aniversário ou a boda! Já sucedeu isso umas cem vezes!

– Sim, mas hoje é a boda cento e um e quando se faz a cento e um, está tudo acabado! Por isso é também incomparável! Ora vê!

Hialmar olhou para a mesa. Lá estava a casinha de cartão com luz nas janelas e todos os soldadinhos de chumbo apresentavam armas cá fora. O par de noivos estava sentado no chão, inclinado para o pé da mesa, bastante pensativo e bem podia ter razões para isso. Mas Olavinho Fecha-os-Olhos, vestido com a saia preta da avó, casava-os. Quando a cerimónia terminou, começaram a cantar em coro todos os móveis da sala a linda canção seguinte: O autor era o lápis e a música soava como a do toque de recolher.

*A nossa canção como brisa vai chegar
na sala aos noivos prontos a casar;
direitinho como um pau está o par
em pele de luva forma veio a tomar!
Hurra! Hurra! Vimos pau e pele saudar;
alto, para o ar e vento estamos a cantar!*

Receberam então os presentes, mas tinham declinado todas as coisas comestíveis, pois chegava-lhes o seu amor.

– Vamos ficar no campo ou viajar para o estrangeiro? – perguntou o noivo. Por isso foi pedido conselho à andorinha, que tinha viajado muito, e à velha galinha do pátio, que tinha chocado pintos cinco vezes. A andorinha contou coisas dos belos países quentes, onde há uvas grandes e pesadas suspensas, onde o ar é tão suave e as montanhas têm cores que aqui mal se conhecem.

– Mas não têm a nossa couve! – disse a galinha. – Passei um Verão com todos os meus pintos no campo. Havia uma saibreira, onde podíamos ir esgravatar e assim tínhamos admissão a uma horta com couve. Oh! Como era verde! Não posso imaginar coisa mais bela!

– Mas cada talo de couve é igual ao outro! – afirmou a andorinha. – E aqui faz muitas vezes tão mau tempo!

– Sim, mas está-se acostumado! – confirmou a galinha.

– E aqui faz frio, gela-se!

– Isso faz bem à couve! – retorquiu a galinha. – Além disso, também podemos ter calor! Não tivemos há quatro anos um Verão que durou cinco semanas? Fez tanto calor que não se podia respirar! E não temos aqui todos os animais venenosos que têm lá? E estamos nós livres de salteadores? É um patife aquele que não acha que a nossa terra é a mais bonita! Não merece, na verdade, viver aqui! – A galinha chorou: – Eu também viajei! Andei numa selha doze milhas! Não é nenhum prazer viajar!

– Sim, a galinha é uma criatura sensata! – disse a boneca Berta. – Também não gosto de viajar na montanha, pois só se anda para cima e, depois, só para baixo! Não, vamo-nos embora para a saibreira e passear na horta!

E assim foi.

Sábado

– Vou ouvir agora histórias? – perguntou Hialmarzinho, logo que Olavinho Fecha-os-Olhos o conseguiu pôr a dormir.

– Hoje à noite não temos tempo para isso! – disse Olavinho, abrindo o seu chapéu-de-chuva mais bonito por cima dele – Olha para estes chineses! – E todo o chapéu-de-chuva parecia uma grande tigela chinesa com árvores azuis e pontes agudas com chinezinhos acenando com a cabeça. – Vamos limpar todo o mundo e pô-lo bonitinho até amanhã! – disse Olavinho. – Pois é um dia santo. É domingo. Vou ao campanário ver se os duendesinhos da igreja estão polindo os sinos para que soem bem. Vou ao campo ver se os ventos sopram, varrendo ervas e folhas, e o que é o maior trabalho, tenho de trazer todas as estrelas para baixo para as polir. Ponho-as no meu avental, mas primeiro cada uma tem de ser numerada, e os buracos onde elas se encontram, lá em cima, também têm de ser numerados, para que voltem aos os seus lugares, senão não se fixam e temos demasiadas estrelas cadentes, pois caem umas por cima das outras.

– Oiça, sabe uma coisa, Sr. Fecha-os-Olhos? – disse um velho retrato pendurado na parede do quarto em que Hialmar dormia –, sou o bisavô de Hialmar. Devo agradecer-lhe por contar histórias ao rapaz, mas não deve baralhar-lhe as ideias. As estrelas não podem ser retiradas a fim de serem polidas. As estrelas são globos como a nossa Terra e é precisamente o que há de bom nelas!

– Muito obrigado, velho avô! – disse Olavinho Fecha-os-Olhos. – Muito obrigado! És a cabeça da família, és a «velha» cabeça! Mas eu sou mais velho do que tu! Sou um velho pagão. Os Romanos e os Gregos denominavam-me deus dos sonhos! Entrei nas casas mais distintas e ainda entro! Sei lidar tanto com grandes como com pequenos. Conta tu agora histórias! – E assim partiu Olavinho Fecha-os-Olhos, levando o chapéu-de-chuva consigo.

– Já não se pode realmente dar uma opinião! – observou o velho retrato.

E então acordou Hialmar.

Domingo

– Boa noite! – disse Olavinho Fecha-os-Olhos e Hialmar acentou com a cabeça, mas logo saltou e virou o retrato do bisavô para a parede, para que não pudesse meter-se na conversa como na noite anterior.

– Agora vais-me contar histórias sobre as cinco ervilhas verdes que viviam numa vagem e sobre «a perna de galo que fazia a corte à perna de galinha e sobre a agulha de passajar que era tão fina que se julgava uma agulha de coser!».

– Pode-se também ter de mais do que é bom! – disse Olavinho Fecha-os-Olhos. – Quero antes mostrar-te algo diferente, sabes! Quero mostrar-te o meu irmão. Chama-se também Olavinho Fecha-os-Olhos, mas nunca visita ninguém mais de uma vez e, quando vem, leva-o no seu cavalo e conta-lhe histórias. Ele só sabe duas, uma é tão extraordinariamente bonita, que ninguém no mundo pode imaginá-la, e a outra é tão feia e cruel, que não se pode descrever! – Depois Olavinho Fecha-os-Olhos levantou o Hialmarzinho até à janela e disse:

– Vais ver o meu irmão, o outro Olavinho Fecha-os-Olhos! Chamam-no também Morte! Estás a ver, não parece tão feio como nos livros de estampas, onde é um esqueleto! Não, há bordados de prata no casaco que traz! É o mais belo uniforme de hussardo! Uma capa de veludo preto adeja sobre o cavalo! Vê como cavalga a galope!

Hialmar viu como aquele Olavinho Fecha-os-Olhos partia a cavalgar, levando tanto gente nova como velha no cavalo. A alguns punha-os à frente e a outros atrás, mas sempre lhes perguntava primeiro:

– Como está a caderneta das notas?

– Boa – respondiam todos. – Bem, deixa-me ver eu próprio! – dizia ele. E assim tinham de mostrar-lhe a caderneta. Os que tinham «muito bom» e «distinto» vinham para a frente do cavalo e eram-lhes contadas as mais lindas histórias, mas aqueles que tinham «bom» e «sofrível» tinham de ir para trás e ouviam histórias feias. Tremiam e choravam, queriam saltar do cavalo, mas não conseguiam, pois era como se estivessem ligados a ele carne com carne.

– Mas a Morte é assim o Olavinho Fecha-os-Olhos mais belo! – disse Hialmar. – Dele não tenho medo!

– Não deves ter! – confirmou Olavinho Fecha-os-Olhos. – Procura simplesmente ter uma boa caderneta de notas!

– Sim, isso é instrutivo! – murmurou o retrato do bisavô. – Sempre ajuda alguma coisa dar uma opinião! – E ficou satisfeito.

Pois é esta a história de Olavinho Fecha-os-Olhos! Ele próprio pode contar-te à noite algo mais!

¹ *Alen* = 0,627 metros. (*N. do T.*)



A Sereiazinha *Den lille Havfrue* (1837)

Lá longe, no mar alto, a água é de um azul tão belo como as folhas da mais linda centáurea e tão clara como o vidro mais puro; mas é também muito funda, tão funda que nenhuma âncora consegue atingir o extremo da sua profundidade. Seriam precisos muitos e muitos campanários de igrejas, uns por cima dos outros, para alcançar a superfície das águas, cá em cima. Ali vivem os seres marinhos.

Não se deve, contudo, julgar que, por isso, o fundo é plano e apenas coberto de areia branca. Não senhor, há árvores e plantas estranhas, de caules e folhas tão flexíveis que à mais pequena ondulação se agitam, como se estivessem vivas. Entre os ramos nadam peixes grandes e pequenos, tal como voam as aves, cá em cima, ao ar livre. É aí, num dos locais mais profundos, que se encontra o castelo do Rei do Mar com as suas paredes de coral, as janelas altas em flecha do mais translúcido âmbar e o telhado de conchas, que se abrem e fecham com o fluxo e o refluxo das águas. O seu aspecto é majestoso, cada concha contém pérolas brilhantes, uma só das quais poderia constituir o ornamento mais precioso de uma coroa de rainha.

O Rei do Mar há muitos anos já que enviuvara, mas a sua velha mãe cuidava-lhe do governo da casa. Era uma sereia bastante inteligente, mas também orgulhosa da sua nobreza, e por

essa razão andava com doze ostras na cauda, enquanto as outras damas nobres só podiam ostentar seis. Em tudo o mais era digna dos maiores elogios, especialmente pelos cuidados que tinha com as netinhas, as Princesas do Mar. Eram seis sereiazinhas muito lindas, mas a mais nova era a mais bonita de todas. A sua pele era clara e fina como uma pétala de rosa, os olhos azuis como o lago mais profundo, mas, como as irmãs, não tinha pés e o corpo terminava em cauda de peixe.

Podiam entreter-se todo o dia a brincar na grande sala do palácio, cujas paredes eram inteiramente decoradas com flores. Quando as grandes janelas de âmbar se abriam de par em par, os peixes entravam, tal como sucede com as andorinhas, se deixamos abertas as janelas das nossas casas, dirigiam-se logo para as princesinhas comiam das suas mãos e deixavam-se acariciar.

Em frente do palácio havia um grande jardim com árvores cor de fogo e azul-escuras, cujos frutos brilhavam como se fossem de ouro e as flores pareciam chamas tremeluzindo, pois estavam sempre a agitar os caules e as folhas. O próprio chão era de areia finíssima, mas com uma cor azulada semelhante à da luz do enxofre quando arde. Tudo irradiava um admirável resplendor azul. Dava-nos quase a sensação de estarmos a flutuar no ar e de vermos o céu por cima e por baixo, mesmo sabendo que era o fundo do mar. Com tempo calmo podia ver-se o Sol como uma flor purpurina cujo cálice era o centro irradiador de toda a luz.

Cada princesinha tinha o seu pedacinho de jardim onde podia cavar e plantar o que quisesse. Uma dera ao seu canteiro de flores a forma de uma baleia, outra preferira que o seu se parecesse com uma pequena sereia, mas a mais nova fizera-o perfeitamente circular como o Sol e enchera-o apenas com flores vermelhas que se lhe assemelhavam no brilho. Era uma sereiazinha um tanto estranha, silenciosa e triste, e enquanto as irmãs se adornavam com as coisas raras que apanhavam dos barcos

naufraçados, ela só queria para brincar, além das flores vermelhas que se pareciam com o Sol, uma bela estátua de mármore que representava um formoso jovem, esculpida em pedra branca e polida, que, com outros destroços, viera parar ao fundo do mar. Plantara ao pé da estátua um chorão cor-de-rosa, que crescera de modo extraordinário, deixando pender as braçadas frondosas sobre a estátua para o fundo de areia azul, onde sombras de violetas se agitavam constantemente com os próprios ramos. Dava a impressão de que a copa e as raízes brincavam e se beijavam.

Nada era mais grato à princesa do que ouvir falar do mundo dos homens lá em cima; e a velha avó tivera de contar-lhe tudo o que sabia sobre os navios e as cidades, os homens e os animais, parecendo-lhe sobretudo digno de admiração que, lá em cima, na terra, as flores tivessem aroma – o que não sucedia no fundo do mar –, que os bosques fossem verdes e que os peixes, movendo-se de ramo em ramo, possuíssem uma voz sonora e bela, sendo um prazer ouvi-los. Eram, claro está, os passarinhos, a que a avó chamava peixes, porque só assim podiam compreendê-la, pois jamais tinham visto uma ave.

– Quando completardes quinze anos – disse a avó –, recebereis autorização para sair do mar e sentar-vos nos rochedos, ao luar, a ver passar os grandes navios. Tereis então a oportunidade de ver também os bosques e as cidades!

No ano seguinte uma das irmãs completou quinze anos, mas a mais nova – faziam diferença de um ano umas das outras – tinha de esperar ainda cinco anos para poder subir e ver como eram as coisas do nosso mundo. A mais velha, porém, prometeu contar às outras o que viesse a observar e achasse mais belo no primeiro dia que saísse do mar, pois a avó não lhes dissera o suficiente e havia tanta coisa que elas queriam saber.

Nenhuma manifestava, porém, tanta impaciência como a mais nova, justamente a que tinha de esperar mais tempo e se

mostrava tão calma e pensativa. Passava muitas noites à janela a olhar para cima, através da água azul-escura, onde os peixes se moviam agitando as barbatanas e as caudas. À Lua e às estrelas conseguia vê-las, mais pálidas no seu brilho, mas também, vistas assim através da água, maiores do que aparecem aos nossos olhos. Se passava uma grande nuvem lá em cima, sabia que se tratava de uma baleia que nadava por cima dela ou de um navio com muitos homens a bordo, que não podiam pensar certamente que uma linda sereiazinha se encontrava lá no fundo, estendendo os alvos braços na direcção da quilha do barco.

Chegou, pois, a altura em que a princesa mais velha completou quinze anos e obteve autorização para subir à superfície do mar.

Quando voltou, trazia centenas de coisas para contar, mas a mais bela, disse, fora deitar-se num banco de areia, ao luar, com o mar calmo, a observar de perto, junto à costa, uma grande cidade, cujas luzes cintilavam como centenas de estrelas, ouvir a música, os ruídos e os rumores das carruagens e dos homens, ver os muitos campanários e as flechas agudas das torres e escutar os sinos a tocar.

Oh, com que avidez a ouvira a irmã mais nova! Precisamente porque não podia lá ir, ficara com mais vontade de ver tudo aquilo. Logo que anoiteceu, foi postar-se à janela a olhar para cima, através da água azul-escura, a pensar naquela grande cidade com todos os seus ruídos e bulício, parecendo-lhe até que ouvia o som dos sinos das igrejas.

Um ano depois recebeu a outra irmã autorização para vir à superfície e nadar por onde quisesse. Emergiu precisamente ao pôr do Sol, e esse espectáculo considerou-o como a coisa mais bonita que vira. O céu parecia de ouro – declarou – e as nuvens, ai!, as nuvens, era impossível descrever toda a sua beleza! Com tons vermelhos e violáceos, haviam navegado por cima dela, mas

muito mais veloz fora o voo de um bando de cisnes, parecendo um longo véu branco, sobre a água, em direcção ao Sol. Tentara também nadar direito a ele, mas afundou-se de pronto e o clarão róseo extinguiu-se ao nível da água e por entre as nuvens.

Decorrido mais um ano, coube a vez à terceira irmã de vir à superfície. Era a mais audaciosa e, portanto, foi nadando até a um rio largo que desembocava no mar. Pôde, então, ver as belas encostas verdes com os seus vinhedos, castelos e pomares entre bosques maravilhosos. Teve também oportunidade de ouvir cantar os pássaros e o Sol era tão forte que se viu obrigada a submergir várias vezes para refrescar o rosto afogueado. Numa pequena baía encontrou um grupo de serezinhos humanos, completamente nus, a correrem e a chapinharem na água. Quis brincar com eles, mas logo fugiram assustados, e veio depois um animalzinho preto, um cão, que nunca vira antes. Ladrrou-lhe de um modo tão assustador que teve medo e fugiu para o alto mar. Não podia, porém, esquecer os bosques magníficos, os montes verdejantes e as encantadoras crianças, que também sabiam nadar, apesar de não terem caudas de peixe.

A quarta irmã não fora tão audaciosa: quedara-se no mar alto e disse que fora isso exactamente o que vira de mais belo. O olhar estendia-se muitas e muitas milhas ao redor e o céu lá em cima parecia uma enorme campânula de vidro. Avistara também alguns navios, mas ao longe, quais gaivotas, observara graciosos golfinhos fazendo piruetas e enormes baleias que lançavam jactos de água das narinas, dando a impressão de centenas de fontes, à sua volta...

Chegou então a vez da quinta irmã, cujo aniversário ocorreu precisamente no Inverno e que, portanto, teve a oportunidade de ver, pela primeira vez, coisas que as outras não tinham visto. O mar apresentava uma cor verde e por toda a parte flutuavam grandes icebergues que pareciam pérolas – contou ela –, mas

muito maiores que os campanários construídos pelos homens. Tinham formas lindíssimas e brilhavam como diamantes. Sentou-se num dos maiores e todos os veleiros se desviavam com medo, para longe do sítio onde ela estava, com os cabelos ao vento. De noite, o céu cobriu-se de nuvens, começou a relampejar e a trovejar, enquanto o mar imenso fazia balançar os grandes blocos de gelo, brilhando com a luz forte dos raios. Nos barcos arriavam-se as velas e havia confusão e terror, mas ela continuara tranquilamente no balançante icebergue, vendo tombar as faíscas com a sua luz azul, em ziguezague, no mar chamejante.

Da primeira vez em que cada uma das irmãs viera à superfície, as outras haviam ficado fascinadas com as novidades e a beleza que diziam ter visto; mas agora, que já eram crescidas e tinham autorização para subir sempre que quisessem, o interesse ia diminuindo, começavam a sentir saudades do seu mundo e, após um mês, declararam que lá no fundo, no fim de contas, era tudo muito mais bonito. Era em casa que se sentiam bem.

Algumas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam os braços e subiam em fila à superfície; possuíam belas vozes, mais belas do que a de qualquer ser humano, e quando rebentava uma forte tempestade que as levava a supor que os navios corriam o perigo de naufragar, balouçavam-se diante deles e cantavam-lhes lindas canções, enaltecendo a beleza do fundo do mar, assim exortando os marinheiros a não terem medo de descer às suas profundezas. Estes, porém, não entendiam nem aqueles cânticos nem aquelas palavras, julgavam tratar-se de ruídos da tempestade e, além disso, nunca tinham a possibilidade de admirar as belezas submarinas, pois, quando o navio ia ao fundo, morriam afogados e apenas como cadáveres chegavam ao palácio do Rei do Mar.

Quando à tardinha, as irmãs subiam de braço dado, a mais nova ficava completamente só a olhá-las e dir-se-ia que chorava,

mas as sereias não deitam lágrimas e sofrem, deste modo, muito mais.

– Ai! Quem me dera já ter quinze anos! – dizia. – Como sinto que virei a gostar do mundo lá em cima e dos homens que o habitam!

Até que, finalmente, chegou o dia em que completou quinze anos.

– Bem, é a tua vez agora – disse a avó, a velha rainha viúva. – Vem, que vou enfeitar-te, como fiz às tuas irmãs!

Colocou-lhe uma coroa de lírios brancos na cabeça, cujas pétalas eram compostas por meias pérolas e mandou aderir oito grandes ostras à cauda da princesa, como distintivo da sua alta estirpe.

– Ai, que faz doer tanto! – disse a sereiazinha.

– Claro, para se ser bela tem de se sofrer! – retorquiu a anciã.

Oh! Como lhe apetecia sacudir para fora de si todos aqueles atavios e arremessar para longe a pesada coroa! Ficaria muito melhor com as flores vermelhas do mar, mas não ousava ir contra a tradição.

– Adeus – disse depois, e começou a subir tão ligeira e diáfana qual bolha de ar, através da água do mar.

O Sol acabara de pôr-se quando emergiu a cabeça da água, mas todas as nuvens brilhavam ainda com tons de rosa e ouro e no meio do céu róseo luzia a estrela da tarde com toda a sua cintilante beleza. A aragem era suave e fresca e o mar estava absolutamente calmo. A pequena distância encontrava-se um grande navio de três mastros, apenas com uma vela içada, pois não corria a menor brisa e por toda a parte se suspendiam os marinheiros no cordame e nas enxárcias. Ouvia-se tocar instrumentos e cantar e, assim que se fez noite, acenderam-se centenas de lanternas de várias cores; era como se ao vento ondulassem bandeiras de todos os países. A sereiazinha aproximou-se um

pouco das vigias dos camarotes e quando a ondulação a levantou pôde ver, lá dentro, através dos vidros límpidos como espelhos, um grupo de homens ricamente vestidos. O mais belo de todos era, porém, um jovem príncipe de grandes olhos negros. Não devia ter mais de dezasseis anos e naquele dia festejava-se, com toda a pompa, o seu aniversário. Os marinheiros dançavam alegremente na coberta e quando o príncipe saiu estalaram no céu centenas de foguetes que iluminaram tudo à volta como se fosse dia claro, de tal modo que a sereiazinha se assustou terrivelmente, logo mergulhando a esconder-se no fundo do mar. Quando voltou a pôr a cabeça de fora pareceu-lhe que as estrelas tombavam sobre ela. Nunca antes vira um fogo-de-artifício. Era como se rodopiassem grandes sóis, maravilhosos peixes de fogo sulcassem o ar, reflectindo-se no mar espelhante e calmo. O próprio navio ficou tão iluminado que se podia distinguir a mais pequena corda, não falando já dos homens. E como era bonito o jovem príncipe, que apertava as mãos aos marinheiros, sorrindo e gracejando, enquanto soava a música na noite esplendorosa!

Era já tarde, mas a sereiazinha não conseguia desviar os olhos do navio e do encantador príncipe. As lanternas multicores foram-se extinguindo, os foguetes deixaram de estalar, emudeceram os canhões, mas nas profundezas do mar começaram a ouvir-se ruídos surdos e estranhos. Continuava ao sabor do mar, balouçando-se para cima e para baixo a fim de poder observar o que se passava dentro dos camarotes até que o navio tomou um andamento maior, foi içada vela após vela, a ondulação aumentou, correram grandes nuvens no céu e lá longe começou a relampejar. Ai! Ia desencadear-se uma terrível tempestade! Por isso voltavam os marinheiros a arriar as velas. O grande navio balouçava, navegando vertiginosamente no mar bravo, que se elevava cada vez mais, como grandes montanhas negras que

ameaçavam derrubar os mastros. Flutuava, contudo, como um cisne, ora afundando-se entre as altas ondas, ora voltando a erguer-se no mar revolto. Para a sereiazinha tudo isto era muito divertido, mas os marinheiros não tinham a mesma opinião. O navio rangia, estalava e as grossas pranchas torciam-se com os embates fortes que recebiam. Começou a meter água, partiu-se o mastro ao meio como se fosse uma simples cana e foi adornando lentamente à medida que se inundava. Só quando reparou que tinha de se acautelar com as tábuas e restos do navio que flutuavam no mar, é que a sereiazinha se apercebeu do perigo que o navio corria. Por um momento foi tão grande a escuridão que nada conseguia distinguir, mas logo que voltou a relampejar fez-se tudo claro à sua volta e pôde reconhecer os homens a bordo. Cada um tentava salvar-se conforme podia. Procurou com ansiedade o jovem príncipe e descobriu-o precisamente quando o navio se desmantelava e ia afundar-se. A sua primeira reacção foi de intensa alegria, pois iria assim tê-lo inteiramente para si, mas logo se lembrou de que os homens não conseguem viver na água e que só morto podia descer ao palácio de seu pai. Ai!

Não! Morrer, isso não! Começou a nadar entre as vigas e as pranchas que flutuavam, sem se lembrar de que podiam esmagá-la, mergulhou profundamente na água e voltou a subir por entre as altas ondas, alcançando por fim o príncipezinho, que já não tinha forças para se manter por mais tempo no mar tempestuoso. Estava exausto, os braços e as pernas entorpecidos, os belos olhos a cerrarem-se-lhe e teria sucumbido, sem dúvida, se a sereiazinha o não tivesse alcançado. Segurou-lhe então a cabeça, mantendo-a ao de cima da água e deixou-se levar ao sabor das ondas.

Quando a manhã chegou, a tempestade já tinha passado. Do navio não se via o mínimo pedaço, o Sol começou a aparecer, rubro, brilhando sobre a superfície das águas, e era como se o rosto do príncipe fosse tomando vida, embora continuasse com

os olhos fechados. A sereia beijou-lhe a testa alta e bela e puxou-lhe os cabelos molhados para trás. Achava-o muito parecido com a estátua de mármore que guardava lá em baixo, no seu pequeno jardim e, então, voltou a beijá-lo, desejando de todo o coração que volvesse à vida.

Pouco depois avistou terra firme: umas montanhas altas e azuladas, nos cumes das quais luzia a neve branca, como se fossem cisnes que aí estivessem pousados. Cá em baixo, junto à costa, havia belos bosques verdes e em frente uma igreja ou mosteiro, não sabia bem, mas era um edifício, com certeza. No pomar vicejavam limoeiros e laranjeiras e diante dos portões erguiam-se altas palmeiras. Aí o mar formava uma baiazinha, calma mas bastante funda, e alongava-se até aos rochedos, onde se recortava uma pequena praia de areia branca. Nadou para a praia arrastando o príncipe, pousou-o depois sobre a areia e teve o cuidado de lhe erguer a cabeça, sob os raios quentes do Sol.

Soaram sinetas no grande edifício branco e logo depois começaram a sair donzelas para o pomar. Então, a sereiazinha lançou-se ao mar, afastou-se para trás de umas rochas que sobresaiam da água, colocou espuma do mar no cabelo e no peito para que não pudessem ver o seu pequeno rosto, e ficou à espera de que alguém encontrasse o pobre príncipe.

Não levou muito tempo até que uma das jovens se encaminhasse para a praia. Pareceu ficar muito assustada, mas apenas por um momento, porque logo correu a buscar ajuda e a sereia pôde ver como o príncipe se reanimava e sorria a todos à sua volta. Só não sorria para ela, ignorando naturalmente quem o tinha salvo. Sentiu, então, uma dor tão profunda que, quando ele se dirigiu para o grande edifício, mergulhou e, cheia de tristeza, regressou ao palácio do pai.

Fora sempre calada e taciturna, mas agora ainda era mais. As irmãs pediram-lhe que lhes contasse o que tinha visto, na pri-

meira vez que subira à superfície do mar, mas ela nada lhes quis dizer.

Vinha muitas vezes, ao entardecer e de manhãzinha, ao local onde havia deixado o príncipe. Observou, assim, como iam amadurecendo os frutos do pomar e como vieram a ser colhidos; viu a neve derreter-se no alto das montanhas, mas nunca conseguiu ver o príncipe; e, portanto, voltava para casa cada vez mais triste. O único consolo era ficar sentada no seu jardimzinho e enlaçar com os bracitos a bela estátua de mármore que se lhe assemelhava. As flores, porém, já não lhe agradavam nem cuidava delas e assim foram crescendo como um matagal, cobrindo os carreiros e entrelaçando os caules longos e as folhas por entre a ramagem das árvores, de modo que tudo parecia mergulhado em trevas.

Por fim não conseguiu guardar mais o seu segredo; contou-o a uma das irmãs e logo as outras vieram a sabê-lo, mas só elas e algumas amigas íntimas tomaram conhecimento do caso. Uma destas amigas, que assistira também à festa no navio, sabia quem era o príncipe e onde ficava o seu reino.

– Vem, irmãzinha! – disseram as princesinhas e, enlaçadas umas nas outras, subiram em longa fila à superfície do mar, onde sabiam que ficava o palácio do príncipe.

O palácio era feito de uma espécie de pedra brilhante, amarela-clara, com grandes escadarias de mármore que desciam sobre o mar. Erguiam-se magníficas cúpulas douradas sobre os telhados e entre as colunas que circundavam todo o edifício havia estátuas de mármore que pareciam ter vida. Por detrás dos vidros claros das altas janelas podiam ver-se belos salões, onde se suspendiam ricas tapeçarias e cortinados de seda, e todas as paredes adornadas com grandes quadros, o que era verdadeiramente um prazer contemplar. A meio da sala maior estava colocada uma grande fonte cujos repuxos se elevavam até à cúpula de

cristal, por onde entrava o Sol, fazendo brilhar os jactos de água e as belas plantas que cresciam na taça monumental.

Agora que sabia onde vivia o príncipe, vinha passar muitas tardes e noites junto ao palácio. Aproximava-se muito mais de terra do que qualquer uma das irmãs; subira mesmo o estreito canal por debaixo do belo terraço que projectava uma espessa sombra na água. Aí se escondia e ficava a olhar o jovem príncipe, que julgava estar completamente só sob a luz clara do luar.

Via-o, também, muitas vezes a passear na sua bela barca, com ondeantes bandeiras e ao som de música maravilhosa. Espreitava-o através dos junco verdes, e se o vento lhe agitava o longo véu prateado e a descobria, julgavam os que a viam que era um cisne que abria as asas.

De noite ouvira, algumas vezes, os pescadores, que pescavam com tochas no mar. Referiam-se ao príncipe em termos elogiosos e a pequena sereia alegrou-se por lhe ter salvo a vida quando, meio morto, vogava ao sabor das ondas, recordando como repousara a cabeça no seu seio e ternamente o havia beijado. Ele, contudo, de nada sabia e nem por sombras o podia suspeitar.

Cada vez gostava mais dos homens, cada vez gostava mais de estar próximo deles. O seu mundo parecia-lhe ser muito maior do que aquele em que vivia! Iam até muito longe nos seus barcos, subiam aos altos cumes das montanhas acima das nuvens, e as terras, com os seus bosques e prados, estendiam-se muito para além do alcance da sua vista. Havia muitas outras coisas que gostava de conhecer, mas as irmãs não sabiam responder-lhe a todas as perguntas. Dirigiu-se, portanto, à velha avó, que conhecia bem aquele mundo superior a que muito justamente denominava «os países sobre o mar».

– Quando os homens não morrem afogados – perguntou a sereiazinha –, é verdade que vivem eternamente, que não provam a morte, como nós aqui no mar?

– Não – respondeu a anciã –, eles também têm de morrer e a sua vida é ainda mais curta do que a nossa. Nós podemos viver trezentos anos, mas quando deixamos de existir transformamo-nos simplesmente em espuma do mar e nunca há campá ou túmulo, cá em baixo, que nos recorde aos entes queridos. Não temos uma alma imortal, jamais renascemos, somos como a cana verde, que, uma vez cortada, não volta a crescer! Os homens, em contraposição, possuem alma, que tem sempre vida, mesmo depois do corpo se desfazer em pó, ascendendo então no ar diáfano até onde estão as estrelas rutilantes! Assim como nós emergimos do mar e podemos ver a terra dos homens, também eles se desprendem da terra para subirem a lugares maravilhosos, desconhecidos, que nunca nos será dado ver.

– E porque não temos nós também uma alma imortal? – perguntou a sereiazinha muito triste. – Daria, de bom grado, os trezentos anos que tenho para viver, para ser, por um dia apenas, um ser humano e poder partilhar, depois, do mundo celestial!

– Não penses nisso! – retorquiu a anciã. – Somos melhores e muito mais felizes do que os homens lá em cima!

– Mas morrer assim, ficando a flutuar como espuma do mar, não ouvir mais a música das ondas, não poder mais contemplar a beleza das flores nem o brilho rubro do Sol! Não existe, assim, nenhum meio de alcançar uma alma imortal?

– Não – respondeu a avó –, só se um homem viesse a gostar tanto de ti que fosses para ele mais do que um pai ou uma mãe, que ele se prendesse de tal modo a ti, em pensamento e coração, que fosse pedir a um sacerdote para vos unir as mãos com a promessa de fidelidade neste mundo e por toda a eternidade. Então, a alma dele entraria no teu corpo e participarias, assim, da bem-aventurança humana. Dar-te-ia a alma, sem perder a sua própria. Mas isso nunca será possível! O que aqui, no mar, é tão bonito – a tua cauda de peixe –, é considerado lá em cima uma

coisa feia; são incapazes de compreendê-la. São necessários dois suportes maciços, a que chamam pernas, para se ser bonito!

A sereiazinha suspirou profundamente e olhou com tristeza para a cauda de peixe.

– Mas alegremo-nos – continuou a anciã –, folguemos e divertamo-nos nos trezentos anos que teremos de viver. É, na verdade, um período de tempo bastante longo, mas depois mais vontade teremos de descansar. Esta noite haverá um baile de gala!

A festa foi de uma magnificência impossível de imaginar na terra. As paredes e o tecto do grande salão de baile eram de cristal espesso mas translúcido.

Centenas de conchas colossais, cor-de-rosa e verdes, enfileiravam-se de cada um dos lados, irradiando uma forte luz azul, que iluminava todo o salão e que, atravessando as paredes de cristal, vinha reflectir-se claramente cá fora, no mar. Podia ver-se uma imensidade de peixes, grandes e pequenos, nadando junto às paredes de cristal e cujas escamas brilhavam com tons de púrpura, de ouro e de prata. Ao meio, atravessando a sala, fluía uma larga corrente onde dançavam os cavalheiros e damas do mundo submarino, ao som das suas próprias maravilhosas canções. Vozes assim tão belas não as possuem os seres terrestres. A sereiazinha foi quem cantou melhor. Por isso foi muito aplaudida e, por um momento, sentiu o coraçãozinho inundar-se-lhe de alegria por saber que tinha a voz mais bela da terra e do mar. Mas logo voltou a pensar no mundo dos homens lá em cima. Não conseguia esquecer o belo príncipe nem a mágoa que sentia por não possuir, como ele, uma alma imortal. Saiu despercebidamente do palácio real e, enquanto por toda a parte se ouviam canções e a alegria era geral, foi sentar-se, muito triste, no seu jardimzinho. Ouviu, então, através da água, uma trompa soar lá em cima e pensou: «Neste momento passeia de barco, certa-

mente, aquele a quem quero mais do que a minha mãe e a meu pai, aquele que é o meu único pensamento e em cujas mãos deporia o destino da minha vida. Tudo hei-de fazer para alcançar uma alma imortal! Enquanto as minhas irmãs dançam lá dentro, no Palácio, irei à bruxa do mar, de quem sempre tive tanto medo, mas que pode, talvez, aconselhar-me e auxiliar-me!»

Então, a sereiazinha partiu do seu jardim em direcção ao sorvedouro espumoso por detrás do qual vivia a bruxa. Nunca antes percorrera aqueles caminhos, onde não havia nem flores nem algas, apenas um fundo arenoso, pardo e deserto se estendia na direcção do sorvedouro efervescente, onde a água, como roda espumante de moinho, remoinhava continuamente, arrastando para o fundo tudo o que nela tombava. Era pelo meio daqueles furiosos remoinhos que teria de seguir para penetrar nos domínios da bruxa do mar e não havia, na maior parte do trajecto, outro caminho senão um lamaçal quente e borbulhoso a que a bruxa chamava a sua turfeira. Por detrás, no meio de um bosque estranho, ficava a casa onde vivia. Todas as árvores e arbustos eram pólipos, metade animais metade plantas, que pareciam serpentes com centenas de cabeças, saindo do chão. Os ramos eram longos braços viscosos com dedos que se assemelhavam a vermes flexíveis, movendo-se, em todas as articulações, da raiz à ponta mais extrema. Tudo o que podiam apanhar no mar era enlaçado por eles e nunca mais o largavam. A sereiazinha estacou, terrivelmente assustada. Cheia de medo, com o coração aos pulos, esteve quase a regressar, desistindo do seu empreendimento, mas voltou a pensar no príncipe e na alma humana e recobrou o ânimo. Atou o longo cabelo ondulante à volta da cabeça, para que os pólipos o não pudessem agarrar, cruzou os braços sobre o peito e lançou-se em frente, deslizando como um peixe, por entre os horríveis pólipos, que estendiam os membros e os dedos flexíveis para ela. Pôde assim ver como cada

um deles segurava alguma coisa que havia agarrado e que centenas de pequenos braços a prendiam como com fortes aros de ferro. Náufragos que tinham vindo parar ao fundo do mar eram agora brancos esqueletos nos braços dos pólipos. Prendiam também, fortemente, remos, caixas, carcaças de animais terrestres e mesmo uma sereiazinha que tinham apanhado e estrangulado. E, naturalmente, foi essa a visão que mais a impressionou.

Chegou depois a um grande largo viscoso, na floresta da bruxa, onde rolavam enormes e bojudas serpentes aquáticas, mostrando os ventres repelentes de cor amarela-clara. Erguia-se aí, a meio, uma casa edificada com os ossos brancos dos náufragos. Lá dentro estava a bruxa do mar deixando um sapo comer da sua boca, tal como os homens mimoseiam um canariozinho com pedacinhos de açúcar. Às gordas e nojentas serpentes aquáticas chamava ela «pintainhos» e deixava-as revolverem-se sobre o seu enorme peito esponjoso.

– Já sei a que vens – disse a bruxa do mar. – É uma grande asneira o que pretendes! De qualquer modo, será feita a tua vontade, mas só te trará infelicidade, minha linda princesinha. Queres libertar-te da cauda de peixe e substituí-la por dois apêndices para andares como os homens e tudo isso para que o príncipezinho se enamore de ti, o possas ter só para ti e venhas ainda a alcançar uma alma imortal! – A bruxa deu depois uma gargalhada tão ruidosa e repulsiva que os sapos e as serpentes tombaram no chão, onde ficaram a revolver-se. – Chegas mesmo a tempo – continuou a bruxa. – Amanhã, depois de o Sol nascer, já seria tarde e antes de um ano decorrido não te poderia ajudar. Vou preparar-te uma poção, que levarás para terra antes do nascer do Sol e que, sentada numa praia, deverás beber. A tua cauda separar-se-á do corpo e contrair-se-á naquilo que os homens denominam umas pernas encantadoras, mas isso produzir-te-á dores horríveis, como se te trespassasse uma espada aguçada.

Todos os que te contemplarem dirão que jamais viram um ser humano tão belo como tu. Conservarás o teu andar ondulante que nenhuma bailarina saberá igualar, mas por cada passo que deres será como se pisasses uma faca afiada que te fizesse sangrar. Se és capaz de sofrer tudo isto, ajudar-te-ei.

– Sim – respondeu a sereiazinha com voz tremente, pensando no príncipe e na alma imortal a que tanto aspirava.

– Mas deves lembrar-te – continuou a bruxa – de que, quando tiveres recebido a forma humana, não poderás voltar a ser sereia! Jamais descerás até onde estão as tuas irmãs e o palácio de teu pai. Se não conseguires o amor do príncipe, de modo que, por ti, ele possa esquecer pai e mãe e tu sejas o seu único pensamento e um sacerdote venha unir as vossas mãos, também não alcançarás uma alma imortal! Na manhã seguinte a ter-se casado com outra, o teu coração quebrar-se-á e transformar-te-ás em espuma do mar.

– Aceito – disse a princesinha, tornando-se pálida como um defunto.

– Mas também a mim terás de pagar-me por este serviço – prosseguiu a bruxa –, e não é pouco o que te peço. Possuis a voz mais bela de todas nós aqui no fundo do mar; e pensas vir a encantar o príncipe com ela, mas essa linda voz terás tu de dar-me. O que de melhor possuis quero-o pela minha poção preciosa. Também terei de oferecer-te o meu próprio sangue para que a poção seja cortante como uma espada de dois gumes.

– Mas se me tiras a voz – perguntou a sereiazinha –, o que me resta então?

– A tua bela figura – retorquiu a bruxa –, o teu andar ondulante e os teus belos olhos expressivos, com que poderás muito bem perturbar o coração de um homem. Então, já perdeste a coragem? Anda, põe a língua de fora para que a possa cortar, em paga da milagrosa poção que te vou preparar!

– Assim seja! – respondeu a sereiazinha, e a bruxa foi buscar o caldeirão para cozinhar a poção miraculosa.

– A limpeza é uma coisa muito bonita! – disse a bruxa, esfregando o caldeirão com as serpentes enrodilhadas e atadas com nós. Arranhou depois, com força, o peito e deixou cair lá dentro algumas gotas do seu sangue negro. O vapor formava estranhas e horrorosas figuras, de meter medo. A bruxa continuava a deitar ingredientes e mais ingredientes no caldeirão, e quando a poção começou a ferver era como se um crocodilo chorasse. Por fim, ficou pronta, tomando o aspecto da água mais cristalina.

– Aqui a tens – disse a bruxa, e logo em seguida cortou a língua à sereiazinha, que ficou, assim, completamente muda, sem poder cantar nem falar.

– Se os pólipos te agarrarem quando fores a atravessar o meu bosque – continuou a bruxa –, atira-lhes umas gotinhas, que logo ficarão com os braços e os dedos feitos em mil pedaços.

Não foi, porém, preciso que a sereiazinha se defendesse deste modo, pois os pólipos afastavam-se aterrorizados logo que viam a brilhante poção que lhe luzia nas mãos, como se fosse uma estrela cintilante. Atravessou, assim, rapidamente o bosque, o pântano e o sorvedouro rugiente.

Avistou o palácio do pai, onde as luzes estavam já apagadas no grande salão de baile. Dormiam já todos, certamente, e não ousou aproximar-se; agora era muda e ansiava sair dali para todo o sempre. Parecia que o coração lhe saltava do peito. Entrou silenciosamente no jardim, colheu uma flor de cada um dos canteiros das irmãs, lançou mil beijos nas pontas dos dedos na direcção do palácio e subiu através do mar azul-escuro.

O Sol ainda não havia rompido quando descobriu o palácio do príncipe e se foi sentar nos degraus da bela escadaria de mármore. A Lua brilhava com uma claridade maravilhosa. A sereia-

zinha ingeriu então a bebida ardente e acre e logo sentiu uma dor profunda, como se uma espada de dois gumes lhe atravessasse o lindo corpo. Desmaiou, depois, e ficou como morta. Quando o Sol começou a brilhar sobre o mar, acordou, voltou de novo a sentir uma dor aguda, mas em frente dela estava o belo príncipezinho, que a observava com os olhos negros de azeviche. Volvendo o olhar para baixo, verificou que a cauda de peixe havia desaparecido e que possuía agora as pernas mais brancas e encantadoras que uma rapariga pode ter. Estava, porém, completamente nua, pelo que se envolveu na cabeleira longa e farta. O príncipe perguntou-lhe quem era e como viera ali parar, e ela, voltando para ele os olhos azul-escuros, lançou-lhe um olhar doce e ao mesmo tempo triste, pois não podia falar. Então, o príncipe tomou-a pela mão e conduziu-a para dentro do palácio. Cada passo que dava, como havia predito a bruxa, era como se pisasse finas agulhas e facas afiadas, mas nada deixou transparecer. Pela mão do jovem príncipe, subiu, leve como uma bolha de ar; e tanto ele como todos os circunstantes não puderam esconder a admiração pelo seu andar ondulante e gracioso.

Deram-lhe lindos vestidos de seda e de musselina e todos a consideraram a jovem mais bela do palácio. Mas era muda, não podia nem falar nem cantar.

Uma vez, vestidas de seda e de ouro, vieram belas escravas cantar diante do príncipe e de seus augustos pais. Uma cantou melhor do que as outras e o príncipe aplaudiu-a e sorriu-lhe. A sereiazinha ficou, então, muito triste, pois sabia que teria sido capaz de cantar muito melhor e pensou: «Oh! Se ele soubesse que para estar a seu lado me desfiz para sempre da minha bela voz!»

Depois as escravas dançaram, descrevendo graciosas figuras ondeantes ao som de música maravilhosa; e então a sereiazinha levantou os lindos braços brancos, ergueu-se nas pontas dos pés

e começou a rodopiar, bailando como nunca ninguém antes o fizera. Cada movimento realçava mais a sua beleza e os olhos falavam mais profundamente ao coração do que a própria canção das escravas.

Ficaram todos encantados, principalmente o príncipe, que lhe deu o nome de «Enjeitadazinha». E ela continuou a dançar, mesmo sentindo que, de cada vez que os pés tocavam o solo, era como se pisasse cutelos afiados. O príncipe declarou-lhe, então, que a queria sempre ao pé de si, permitindo-lhe que dormisse junto à porta do seu quarto, sobre grandes almofadões de veludo.

Ordenou também que lhe fizessem um fato de homem, para poder acompanhá-lo nos seus passeios a cavalo. Cavalgavam assim pelos bosques fragrantos, os troncos verdes roçavam-lhes os ombros enquanto os passarinhos cantavam na folhagem verde. Subia ainda com o príncipe a altas montanhas, e se bem que lhe sangrassem os pés delicados, de modo a ser notado por todos, ela continuava a sorrir-lhe e a segui-lo até ver as nuvens deslocarem-se por baixo deles como se fossem um bando de aves a caminho de terras distantes.

No palácio, à noite, quando todos dormiam, descia ela a larga escadaria de mármore para ir aliviar os pés ardentes na água fria do mar e ficava a pensar nos seus, tão longe, lá no fundo.

Uma noite, vieram as irmãs de braço dado, cantando tristemente e vogando ao sabor das ondas. A sereiazinha acenou-lhes, e elas, reconhecendo-a, contaram-lhe como tinham todos ficado muito tristes com a sua partida. Passaram a visitá-la todas as noites e uma vez viu mesmo, ao longe, a velha avó, que já há muito anos não subia à superfície das águas, bem como o Rei do Mar, com a coroa na cabeça. Ambos estenderam-lhe os braços, mas não ousaram, porém, aproximar-se tanto da costa como as irmãs.

Cada dia que passava ia aumentando o afecto do príncipe pela sereiazinha, de quem gostava como se gosta de uma criança boa e carinhosa; mas fazê-la esposa e rainha não lhe passava sequer pela cabeça, no entanto sua esposa tinha de vir a ser, senão não alcançaria uma alma imortal e transformar-se-ia, na manhã seguinte à do casamento do príncipe, em espuma do mar.

– Não gostas de mim mais do que de todas as outras? – pareciam perguntar os olhos da sereiazinha quando o príncipe a tomava nos braços e lhe beijava a bela fronte.

– Sim, quero-te mais do que a todas as outras – dizia ele –, pois tens melhor coração, és-me mais dedicada e pareces-te com uma jovem que vi e que certamente jamais virei a encontrar. Ia, então, num navio que naufragou, as ondas levaram-me para terra, junto a um santuário cujo culto era mantido por donzelas. A mais nova de todas descobriu-me na praia e salvou-me. Vi-a apenas duas vezes, mas era a única que podia amar neste mundo. Pareces-te com ela, quase ofuscas a sua imagem na minha alma. Além disso, consagrou-se inteiramente ao templo e por isso a minha boa sorte me conduziu para ti. Jamais nos separaremos.

«Ai! Não sabe que fui eu que lhe salvei a vida», pensou a sereiazinha, «eu que me ocultei na espuma e por ele olhei até vir alguém. Eu própria vi a linda donzela a quem ama mais do que a mim!» E a sereia suspirou profundamente, pois chorar não podia. «A donzela pertence ao santuário, disse-o ele, não virá para este mundo, não mais se encontrarão e eu estou junto dele, vejo-o todos os dias, cuidarei dele, amá-lo-ei, darei a vida por ele!»

Era agora a altura de o príncipe se casar com a bela filha do rei vizinho, dizia-se. Por isso preparavam com tanto aparato um navio. Constava que o príncipe ia partir para ver o país do rei vizinho, mas era realmente para ver a filha que ia assim acompanhado de um tão grande séquito. A sereiazinha meneou a ca-

beça e sorriu; conhecia melhor do que qualquer outra pessoa o pensamento do príncipe.

– Tenho de partir – dissera-lhe ele. – Tenho de ir ver essa bonita princesa de que tanto falam; meus pais assim o querem, mas não me obrigam a trazê-la como noiva. Não posso amá-la, não se parece com a bela donzela do templo, como tu te pareces. Se pudesse alguma vez escolher noiva, seria, sem dúvida, a ti quem escolheria, minha Enjeitadazinha muda, de olhos tão expressivos! – O príncipe beijou-a na boca vermelha, brincando com os longos cabelos e pousando-lhe a cabeça sobre o peito, que sonhava com a felicidade dos homens e com a alma imortal.

– Não tens medo do mar, minha mudazinha querida? – perguntou-lhe ele quando se encontravam já no magnífico navio que havia de conduzi-los ao país do rei vizinho. Depois o príncipe falou-lhe das tempestades e do tempo calmo, dos peixes estranhos do fundo do mar que os mergulhadores haviam visto, e a sereiazinha sorria das suas descrições, pois ninguém melhor do que ela sabia todas aquelas coisas.

Nas noites claras de luar, quando já todos dormiam, com exceção do timoneiro que ia ao leme, vinha para junto da amurada do navio e ficava a olhar a água clara. Pareceu-lhe então ver o palácio do pai, no alto do qual estava a avozinha com a coroa de prata na cabeça, olhando por entre as fortes correntes na direcção da quilha do navio. Uma vez apareceram as irmãs à tona da água, olharam-na com profunda tristeza e acenaram-lhe com as brancas mãozinhas. A sereiazinha respondeu-lhes agitando também as mãos; e sorrindo ia dizer-lhes que estava bem e feliz quando um moço de bordo se aproximou, obrigando-as a mergulhar rapidamente.

O moço ficou com a impressão de que a mancha branca que havia visto era espuma do mar.

Na manhã seguinte o navio entrou no porto da bela capital do reino vizinho. Os sinos começaram a repicar e nas altas torres soaram as trombetas enquanto formavam, em parada, as tropas com os estandartes ao vento e as reluzentes baionetas. Todos os dias havia uma festa. Os bailes e os saraus seguiam-se uns aos outros, mas a princesa ainda não fizera a sua aparição. Estava a ser educada lá longe, num mosteiro, onde aprendia as virtudes reais.

Chegou, por fim, à cidade. A sereiazinha estava impaciente por ver a sua beleza e quando isso aconteceu teve de reconhecer que nunca antes lhe fora dado admirar um ser tão gracioso. A tez era fina e macia e por detrás das longas pestanas sombreadas sorriam dois doces olhos azul-escuros.

– Tu! Foste tu que me salvaste quando jazia como um cadáver dado à costa! – gritou o príncipe, abraçando a noiva ruborizada. – Oh! Como sou feliz! – disse à sereiazinha. – Cumpriu-se o meu maior desejo. Tens de alegrar-te com a minha felicidade, pois queres-me mais do que qualquer outra pessoa.

A sereiazinha beijou-lhe a mão, sentindo que o coração se lhe quebrava. A manhã seguinte às suas núpcias trar-lhe-ia a morte, desfazendo-se em espuma do mar.

Os sinos repicavam e os arautos percorriam as ruas anunciando o próximo noivado. Nos altares ardiam óleos perfumados em ricos lampadários de prata. Os sacerdotes agitaram os incensórios, e os noivos, de mãos dadas, receberam a bênção do bispo. A sereiazinha, toda vestida de ouro e prata, segurava a cauda da noiva, mas os seus ouvidos não ouviam a música festiva, os olhos não viam a cerimónia religiosa: pensava apenas na noite da sua morte e em tudo o que havia perdido neste mundo.

Finalmente, nessa mesma tarde, embarcaram os noivos para o regresso, entre o troar dos canhões e as bandeiras ondeando ao vento. A meio do navio estava montada uma rica tenda de

púrpura e ouro, tendo lá dentro lindos cochins onde o príncipe e a princesa dormiriam na noite fresca e calma.

O vento enfunou as velas e o navio deslizou ligeiro no mar calmo.

Quando escureceu, acenderam-se lanternas de cores variegadas e a marinhagem começou a dançar alegremente no tombadilho. A sereiazinha lembrou-se da primeira vez que subira à superfície das águas e tivera a oportunidade de observar igual magnificência e alegria. Lançou-se então, a dançar, rodopiando como uma andorinha perseguida e todos a aplaudiram, expressando a sua grande admiração. Nunca bailara tão bem. Assim bailando, era como se navalhas afiadas lhe dilacerassem os lindos pés, mas ela nem os sentia; muito mais aguda era a dor no coração. Sabia que era a última noite em que via aquele por quem tinha abandonado família e lar, perdido a bela voz e sofrido todos os dias tormentos infintos, sem que ele fizesse a menor ideia. Era a última noite em que respirava o mesmo ar que ele, em que podia ver o mar profundo e o céu cheio de estrelas. Esperava-a uma noite eterna sem pensamentos nem sonhos, pois não possuía alma nem podia alcançá-la. No navio tudo foi alegria e regozijo até muito além da meia-noite, e ela sempre dançou e riu com o pensamento da morte no coração. Depois, o príncipe beijou a bela noiva, esta acariciou-lhe os cabelos negros, e, de braço dado, entraram na magnífica tenda para repousar.

Fez-se silêncio e voltou a calma ao navio; só o timoneiro ficou junto do leme. A sereiazinha colocou os alvos braços na borda da amurada e pôs-se a olhar para oriente, à espera da aurora, sabendo que o primeiro raio de Sol lhe traria a morte. Viu, então, as irmãs subirem à superfície do mar. Estavam pálidas como ela e os seus longos cabelos já não flutuavam ao vento: tinham sido cortados.

– Demo-los à bruxa para que nos auxiliasse a salvar-te da morte esta noite! Entregou-nos esta faca. Toma-a! Vê como está afiada! Antes do nascer do Sol, terás de cravá-la no coração do príncipe e quando o seu sangue quente te salpicar os pés, eles transformar-se-ão em cauda de peixe. Voltarás a ser sereia, poderás mergulhar na água e regressar para junto de nós, onde viverás trezentos anos até te transmutares na espuma salgada do mar. Apressa-te! Um de vós terá de morrer antes de o Sol despontar! A nossa avozinha está tão triste que lhe caíram todos os cabelos brancos, e nós perdemos os nossos sob a tesoura da bruxa. Mata o príncipe e volta! Apressa-te, estás a ver aquelas faixas vermelhas no céu? Dentro de minutos nascerá o Sol e irás morrer. – E, lançando profundos suspiros, voltaram a mergulhar.

A sereiazinha afastou a cortina de púrpura da tenda e viu a bela noiva a dormir com a cabeça sobre o peito do príncipe. Curvou-se e beijou-o na testa, olhou para o céu para ver como a aurora se ia tornando mais luminosa, ficou-se por um momento a olhar a faca afiada e voltou a mirar o príncipe, que em sonhos murmurava o nome da noiva. Continuava a ser o seu único pensamento. A faca vacilou por um momento nas mãos da sereia... mas logo a arremessou para longe, no mar, tingindo-se as ondas de vermelho, como se gotas de sangue borbulhassem na água. Finalmente voltou a fixar os olhos turvados no príncipe e lançou-se ao mar, onde sentiu o corpo a desfazer-se em espuma.

Logo depois, rompeu o Sol, projectando suavemente os raios quentes na espuma fria de morte. A sereiazinha não sentiu que morria, via o Sol brilhante e, por cima dela, flutuando, centenas de seres de uma transparência maravilhosa. Conseguia ver através deles as velas brancas do navio e as nuvens avermelhadas do céu. As vozes eram de uma melodia tão espiritual que nenhuns ouvidos humanos a podiam ouvir, tal como não podiam vê-los os olhos terrestres. Sem asas, flutuavam no ar devido à sua

própria leveza. A sereiazinha reparou, então, que tomara a mesma forma desses seres e que estava a elevar-se gradualmente da espuma.

– Para onde vou? – inquiriu, e a sua voz soou como a dos outros seres, tão espiritualmente como nenhuma música terreste a poderia reproduzir.

– Para junto das Filhas do Ar! – responderam-lhe. – As sereias não têm uma alma imortal, nem nunca a poderão alcançar se não conseguirem o amor de um homem! O seu destino eterno depende de um outro poder. As Filhas do Ar também não têm alma imortal mas podem vir a obtê-la com boas acções. Deslocamo-nos para os países quentes, onde o ar morno e pestilento mata os homens, e aí produzimos frescura. Espalhamos o perfume das flores no ar e trazemos alívio e cura. Se durante trezentos anos praticarmos o bem, poderemos depois obter uma alma imortal e participar da felicidade eterna do homens. Pobre sereiazinha, também, como nós, te esforçaste, de todo o coração! Sofreste pacientemente, elevando-te ao mundo dos Espíritos do Ar. Podes agora vir a alcançar, em trezentos anos, com boas acções, uma alma imortal.

A sereiazinha ergueu o braço translúcido para o Sol, radiosa criação de Deus, e, pela primeira vez, sentiu correr as lágrimas. Ao navio voltara novamente a vida e o bulício. Viu que o príncipe e a linda noiva a procuravam, olhando tristemente para a espuma borbulhante, como se adivinhassem que se tinha atirado às ondas. Invisível, beijou a testa da noiva, sorriu para o príncipe e subiu com as outras Filhas do Ar nas nuvens róseas que pairavam no céu.

– Daqui a trezentos anos, assim ascenderemos também ao Reino de Deus!

– Poderemos alcançá-lo mais cedo! – sussurrou uma. – Entramos invisíveis nas casas dos homens onde há crianças e por

cada dia que encontrarmos um menino ou menina bonzinho, fazendo a alegria dos pais e, merecendo o seu amor, Deus encurta-nos o nosso tempo de prova. Os meninos nunca sabem quando nos introduzimos nos quartos, mas se nos fazem sorrir de alegria é-nos tirado um ano dos trezentos que teremos de viver assim. Pelo contrário, se se nos depara uma criança malcriada e má, vertemos lágrimas de tristeza e por cada lágrima vertida é aumentado em um dia o nosso tempo de prova.



A Polegadazinha

Tommelise (1835)

Era uma vez uma mulher que suspirava, ansiosamente, por ter uma criancinha, mas que não sabia o que fazer para satisfazer o seu desejo. Foi assim procurar uma velha feiticeira e pediu-lhe:

– Gostaria de todo o coração de ter uma criancinha, não queres dizer-me onde poderei encontrar uma?

– Sim, vamos resolver isso! – disse a feiticeira. – Eis aqui um grão de cevada, que não é igual à espécie que cresce nos campos dos lavradores, nem à que se dá às galinhas para comerem. Põe-no num vaso de flores, depois vais ver!

– Agradeço-te muito! – disse a mulher e deu à feiticeira doze xelins. Depois foi para casa, plantou o grão de cevada e logo cresceu uma linda e grande flor, que parecia tal e qual uma túlipa, mas as pétalas estavam completamente fechadas, como se estivesse ainda em botão.

– É uma linda flor! – disse a mulher e beijou-a nas bonitas pétalas vermelhas e amarelas, mas no momento em que a beijava a flor deu um grande estalo e abriu-se. Era uma verdadeira túlipa, via-se bem! Mas no meio da flor, numa cadeira verde, estava sentada uma pequenina menina, muito fina e graciosa! Não era maior do que uma polegada e por isso recebeu o nome de Polegadazinha.

Uma casca de noz lindamente envernizada foi o seu berço, pétalas de violeta azuis foram os enxergões e uma pétala de rosa

o seu edredão de penas. Aí dormia de noite, mas durante o dia brincava em cima da mesa, onde a mulher tinha colocado um prato, em volta do qual pusera uma coroa de flores com os caules espetados na água, onde flutuava uma grande pétala de tília e sobre esta devia a Polegadazinha sentar-se e vogar de um lado para o outro do prato. Tinha dois pêlos brancos de cavalo para remar. Era bem bonito de se ver! Também sabia cantar. Oh! Tão bela e lindamente, como nunca antes se tinha ouvido...

Uma noite em que estava na sua linda cama, entrou um sapo feio aos pulos através do vidro quebrado da janela. O sapo era tão horrível, grande e húmido! Saltou logo para baixo para a mesa, onde a Polegadazinha estava a dormir sob a pétala de rosa vermelha.

– Era uma bonita esposa para o meu filho! – disse o sapo, pelo que agarrou na casca de noz onde dormia a Polegadazinha e saltou para o jardim com ela através do vidro partido da janela.

No jardim corria um regato grande e largo, mas nas margens era pantanoso e lamacento. Aí morava o sapo com o filho. Ui! Era tão feio e horrendo, era parecido com a mãe! – Coax, coax, breque-que-quex! – foi tudo o que soube dizer, quando viu a linda menininha na casca de noz.

– Não fales tão alto, senão acorda! – disse o velho sapo. – Ela ainda pode fugir-nos, pois é tão leve como uma penugem de cisne. Vamos pô-la no regato sobre uma das folhas largas de lírio aquático, que é para ela, tão leve e pequena, como uma ilha. Daí não pode fugir, enquanto nós montamos os aposentos de gala por baixo da lama, onde ireis residir!

Lá fora, no regato, cresciam muitos lírios aquáticos com folhas verdes e tão largas que pareciam vogar na água. A folha que estava mais longe era também a maior de todas. Para aí nadou o sapo velho e aí pôs a casca de noz com a Polegadazinha.

A pobre pequenina acordou cedo de manhã. Quando viu onde estava, começou a chorar amargamente, pois a grande folha verde encontrava-se rodeada de água por todos os lados, não podia de nenhum modo vir para terra.

O sapo velho instalou-se em baixo, na lama, e decorou os aposentos com junco e lírios aquáticos amarelos – seria verdadeiramente bonito para a nova nora! Nadou depois com o filho repelente para a folha onde estava a Polegadazinha. Queriam ir buscar a sua bonita cama, que devia ser posta no quarto de noivado, antes de a trazerem. O velho fez uma profunda revelância na água diante dela e disse:

– Aqui tens o meu filho, que será teu marido e ireis viver lindamente lá em baixo, na lama!

– Coax, coax! Breque-que-quex! – foi tudo o que o filho soube dizer.

Pegaram na linda caminha e foram-se a nadar com ela, mas a Polegadazinha sentou-se completamente só a chorar na folha verde, pois não queria morar em casa do sapo feio, nem ter o filho horrendo por marido. Os peixinhos que nadavam em baixo na água bem tinham visto o sapo e ouvido o que dissera, por isso puseram as cabeças de fora, queriam ver a pequenina. Logo que a viram, acharam-na tão bonita e fez-lhes tanta pena que tivesse de ir para baixo, para o sapo nojento! Não, isso não devia acontecer! Juntaram-se em baixo, na água, à volta do caule verde, que sustinha a folha onde ela estava, roeram o caule com os dentes e assim flutuou a folha, regato abaixo, com a Polegadazinha, para longe, onde o sapo não podia chegar.

A Polegadazinha passou a navegar por muitos lugares e os passarinhos pousados nos arbustos viram-na e cantaram: «Que linda menininha!» A folha vogou com ela mais e mais para longe. Assim viajou a Polegadazinha para fora do país.

Uma linda borboletazinha branca ficou a pairar à volta dela e pousou por fim na folha, pois parecia gostar muito da Polegadazinha e ela estava tão contente por agora o sapo não a poder alcançar, e era tão bonito por onde vogava! O Sol brilhava na água, Era como se fosse do mais belo ouro. Então pegou na sua faixa, atou uma ponta à borboleta e a outra ponta prendeu-a à folha. Assim, deslizavam muito mais depressa, ela e a folha.

Nesse momento, um grande besouro veio a voar e, assim que a viu, num instante, prendeu-a com as garras à volta da cintura delgada e voou com ela para uma árvore. Mas a folha verde vogou para baixo no regato e a borboleta voou com ela, pois estava ligada à folha e não conseguia libertar-se.

Bom Deus, como a pobre Polegadazinha ficou assustada quando o besouro voou para cima da árvore com ela! Mas ficou muito mais preocupada com a bonita borboleta branca que atara à folha. No caso de não poder libertar-se, morreria à fome. Mas o besouro não se preocupou com isso. Pousou com ela na maior folha verde da árvore, deu-lhe doce de flores para comer e disse-lhe que era muito bonita, se bem que não se parecesse nada com um besouro. Depois vieram todos os outros besouros que moravam na árvore fazer-lhes uma visita. Olharam para a Polegadazinha, as meninas-besouros estenderam os tentáculos e uma delas disse:

– Ela não tem, pois, mais do que duas pernas, tem um aspecto miserável!

– Não tem nenhuns tentáculos! – acrescentou outra.

– É tão magra na cintura, puh! Parece mesmo um ser humano! Como é feia! – referiram todas as fêmeas-besouros. Contudo, a Polegadazinha era tão bonita! Também lhe parecia isso, ao besouro que a tinha apresado, mas como todos os outros diziam que era feia, acabou também por acreditar nisso e não a quis mais. Podia ir para onde quisesse. Voaram da árvore

e puseram-na numa margarida. Aí chorou, porque era tão feia que nem os besouros a queriam. E, contudo, era a mais bonita que se podia imaginar, tão delicada e branca como a mais bela pétala de rosa!

Todo o Verão viveu a pobre Polegadazinha completamente só no grande bosque. Com talos de erva entrançados fez uma cama e suspendeu-a sob uma grande folha de bardana para se proteger da chuva. Colhia o suco das flores, comia-o e bebia do orvalho que todas as manhãs estava nas folhas. Assim se passaram o Verão e o Outono, mas depois veio o Inverno, o frio e longo Inverno. Os pássaros que tinham cantado tão lindamente para ela, voaram para os seus destinos. As árvores e as folhas murcharam. A grande folha de bardana, sob a qual tinha morado, enrolou-se e ficou apenas um caule amarelo e murcho. Elaregelava terrivelmente, pois o seu vestuário estava em pedaços e a tão bonita e pequenina Polegadazinha, ia morrer gelada. Começou a nevar e cada floco de neve que caía sobre ela era como se lançassem um cesto cheio sobre nós, pois somos grandes e ela tinha apenas uma polegada de altura. Assim embrulhou-se numa folha murcha, mas que não era suficiente para a aquecer. Tremia de frio.

Perto, fora do bosque, para o qual tinha vindo, havia um grande campo de trigo, mas o trigo fora ceifado há muito, apenas ficou o restolho seco de pé na terra gelada. Era como vaguear num pequeno bosque. Tremia de frio.

Oh! Chegou assim à porta do rato do campo. Havia um pequeno buraco sob o restolho. Aqui morava o rato do campo bem aconchegado, tinha o aposento cheio de trigo, uma linda cozinha e sala de jantar. A pobre Polegadazinha parou do lado de dentro da porta, tal como uma pobre criança pedinte, e pediu um bocadinho de um grão de cevada, pois há dois dias que não comia nada.

– Pobrezinha! – disse o rato do campo, pois era no fundo um bom rato velho. – Entra no meu aposento quente e vem comer comigo!

Como gostou da Polegadazinha, disse-lhe:

– Podes ficar, de bom grado, em minha casa, durante o Inverno, mas tens de manter o meu aposento bem limpinho e contar-me histórias, pois gosto muito de histórias!

A Polegadazinha fez o que o bom rato do campo exigia e ali sentiu-se verdadeiramente bem.

– Em breve vamos ter visitas! – disse o rato do campo. – O meu vizinho costuma visitar-me todas as semanas. Ele está ainda melhor do que eu. Tem grandes salas e anda com uma tão linda pele de veludo preta! Pudesses tu tê-lo como marido, que estarias bem governada. Mas é cego. Tens de contar-lhe as histórias mais bonitas que sabes!

Mas a Polegadazinha não se interessou, não quis o vizinho, pois era uma toupeira. Chegou e fez a visita com a sua pele de veludo preta, era muito rico e muito culto, disse o rato do campo. Os seus alojamentos eram também mais de vinte vezes maiores do que os dele e tinha instrução, mas não suportava o Sol nem as flores bonitas, falava mal deles, porque nunca os tinha visto. A Polegadazinha teve de cantar e cantou tanto «Bessourinho, avoa, avoa» como «Vai o frade para o prado». Assim ficou a toupeira apaixonada, por causa da linda voz, mas não disse nada. Era um macho muito discreto!

Recentemente, tinha escavado um longo caminho, através da terra, desde a casa deles até à sua, no qual tiveram o rato do campo e a Polegadazinha autorização para passearem, quando quisessem. Mas pediu-lhes que não tivessem medo do pássaro morto que estava no caminho. Era um pássaro inteiro, com penas e bico, que certamente teria morrido há bem pouco, quando o Inverno começou e estava enterrado precisamente onde ele fizera o caminho.

A toupeira pegou num pedaço de madeira podre na boca, que brilha como lume na escuridão. Foi à frente iluminando-lhes o longo caminho escuro. Quando chegaram ao lugar onde estava o pássaro morto, a toupeira pôs o seu largo focinho contra o tecto e empurrou a terra para cima, de modo que ficou um buraco largo pelo qual a luz, ao penetrar nele, podia brilhar. No meio do chão jazia uma andorinha morta, com as bonitas asas recolhidas, as pernas e a cabeça metidas entre as penas. O pobre pássaro morrera certamente de frio. A Polegadazinha teve muita pena dele porque gostava muito de todos os passarinhos. Tinham todo o Verão cantado e gorjeado tão lindamente para ela! Mas a toupeira empurrou-a com as pernas curtas e disse:

– Agora não pia mais! Deve ser lastimável nascer-se passarinho! Deus seja louvado, que nenhum dos meus filhos o será. Um tal pássaro nada mais tem do que o seu «quevivi» e tem de morrer à fome no Inverno!

– Sim, bem o pode dizer, como macho sensato que é – disse o rato do campo. – Que têm os pássaros por todo o seu «quevivi», quando vem o Inverno? Têm de passar fome e regelar. Mas para eles tudo tem de ser em grande!

A Polegadazinha não disse nada, mas quando os dois viraram as costas para o pássaro, curvou-se, afastou as penas para o lado, que estavam sobre a cabeça e beijou-o nos olhos fechados. «Talvez fosse aquele que cantou tão lindamente para mim no Verão!», pensou ela. «Quanta alegria me deu o querido e lindo pássaro!»

A toupeira fechou depois o buraco por onde penetrava a luz do dia e acompanhou-os a casa. Mas de noite a Polegadazinha mal podia dormir. Levantou-se da cama e entrançou com feno uma coberta grande e bonita, levou-a para baixo e envolveu nela o pássaro morto, pôs algodão macio que tinha encontrado nos aposentos do rato do campo à sua volta, para que pudesse sentir-se quente na terra fria.

– Adeus, lindo passarinho! – disse ela. – Adeus e obrigada pelo teu lindo canto no Verão, quando todas as árvores estavam verdes e o Sol brilhava tão quente sobre nós! – Depois colocou a cabeça sobre o peito do pássaro, mas ficou no mesmo momento toda assustada, pois era como se algo batesse lá dentro. Era o coração do pássaro que não estava morto. Jazia em torpor e agora estava aquecido e, por isso, tomou vida novamente.

No Outono, as andorinhas voam para longe, para os países quentes, mas há uma ou outra que se retarda, regela de tal modo que cai completamente morta. Fica onde cai e a neve fria amontoa-se-lhe em cima.

A Polegadazinha tremeu, tão assustada estava, pois o pássaro era bem grande, grande perante ela, que tinha apenas uma polegada de altura, mas encheu-se de coragem, aconchegou o algo-dão à volta da pobre andorinha e foi buscar uma folha de hortelã que tivera como coberta e pô-la sobre a cabeça do pássaro.

Na noite seguinte rastejou outra vez para baixo até ao pássaro, que estava vivo, mas tão esgotado que mal podia, por um momentinho, abrir os olhos para ver a Polegadazinha com um pedacinho de lenha na mão, pois outra lanterna não tinha.

– Muito te agradeço, linda criancinha! – disse-lhe a andorinha doente. – Fiquei tão bem aquecida! Em breve vou ter forças e poder voar de novo, para fora, para a luz do Sol quente!

– Oh! – disse a Polegadazinha. – Está tanto frio lá fora, neva e gela! Fica na cama quente que eu tratarei de ti!

Trouxe água à andorinha numa pétala e esta bebeu, depois contou-lhe como se tinha ferido numa asa, num arbusto com picos, por isso não podia voar tão rápido como as outras andorinhas, que voavam para longe, para os países quentes. Tinha caído para a terra, e mais não se lembrava nem sabia como viera ali parar.

Todo o Inverno ficou debaixo da terra, a Polegadazinha foi boa para ela e gostava muito dela. Nem a toupeira nem o rato do campo vieram a saber a mínima coisa, pois não podiam tolerar a pobre e miserável andorinha.

Logo que a Primavera chegou e o Sol aqueceu a terra, a andorinha disse adeus à Polegadazinha, que abriu o buraco que a toupeira fizera por cima. O Sol brilhou lindamente lá dentro e a andorinha perguntou se não queria vir com ela. Podia sentar-se nas suas costas, voariam para longe, para os bosques verdes. Mas a Polegadazinha sabia que afligiria o velho rato do campo se o abandonasse assim.

– Não, não posso! – disse a Polegadazinha.

– Então, adeus, adeus! Boa, linda menina! – despediu-se a andorinha e voou para o brilho do Sol. A Polegadazinha ficou a vê-la e vieram-lhe as lágrimas aos olhos, pois gostava muito da pobre andorinha.

– «Quevivi!», vivi! – cantou o pássaro e voou para os bosques verdes...

A Polegadazinha estava tão aflita! Nem podia permitir-se vir para fora, para o Sol quente. O trigo que fora semeado no terreno ali por cima da casa do rato do campo crescia também, era um bosque espesso para a pobrezinha, que só tinha uma polegada de comprido.

– Agora no Verão terás de preparar o teu enxoval! – disse-lhe o rato do campo, pois o enfadonho vizinho, a toupeira na pele de veludo preta, tinha-lhe feito uma proposta de casamento. – Tens de ter tanto de lã como de linho! Tens de ter onde sentar-te e deitar-te, quando fores esposa da toupeira!

A Polegadazinha teve de fiar no fuso, à mão, e o rato do campo contratou quatro aranhas para fiar e tecer noite e dia. Toda as noites a toupeira fazia uma visita e falava sempre de que, quando o Verão tivesse fim, então não brilharia o Sol, tão

perto e tão quente. Agora queimava a terra quase como uma pedra. Sim, quando o Verão estivesse acabado, então seriam as bodas com a Polegadazinha. Mas ela não estava nada contente, pois não gostava nem um bocadinho da enfadonha toupeira. Todas as manhãs, quando o Sol se levantava e todas as noites quando se punha, escapava-se para a porta e quando o vento separava as pontas do trigo, de modo que pudesse ver o céu azul, pensava em como era luminoso e bonito lá em cima e desejava tanto poder ver de novo a querida andorinha. Mas esta não voltaria mais. Voara certamente para longe, no belo bosque verde.

Quando chegou o Outono, a Polegadazinha tinha o enxoval todo pronto.

– Em quatro semanas terás as bodas! – disse-lhe o rato do campo. Mas a Polegadazinha chorou e disse que não queria a enfadonha toupeira.

– Snique, snaque! – retorquiu o rato do campo! – Não te faças recalcitrante, senão mordo-te com o meu dente branco! É muito bonito o macho que vais ter! A sua pele de veludo preto não tem a rainha uma igual! Tem muito, tanto na cozinha como na despensa. Agradece a Deus por ele!

Assim tiveram de fazer as bodas. A toupeira chegara para levar a Polegadazinha. Iria morar com ela, no fundo, por baixo da terra, jamais vindo para o Sol quente, porque com isso não sofria o rato cego. A pobre criança estava tão aflita, teria agora de dizer adeus ao belo Sol, que, contudo, em casa do rato do campo fora autorizada a ver, à porta.

– Adeus, claro Sol! – disse ela, e estendeu os braços para o ar e foi também um bocadinho para fora da casa do rato do campo. Pois o trigo fora ceifado e ali estavam apenas os restolhos secos. – Adeus, adeus! – repetiu enroscando os bracinhos à volta de uma florzinha vermelha que ali estava.

– Saúda a andorinha por mim, se algum dia vieres a vê-la!
«Quevivi!» – ouviu no mesmo momento sobre a sua cabeça. Olhou para cima. Era a andorinha que passava naquele momento. Logo que viu a Polegadazinha, ficou muito contente. Esta contou-lhe com que relutância ia ter a feia toupeira como marido e que tinha de morar no fundo, por baixo da terra, onde o Sol nunca brilhava. Não podia deixar de chorar por causa disso.

– Agora vem o Inverno frio – disse a andorinha. – Eu voo para longe, para as terras quentes, queres vir comigo? Podes sentar-te nas minhas costas! Só tens de amarrar-te bem com a tua faixa, voamos assim para longe da feia toupeira e dos seus aposentos sombrios, para longe, sobre as montanhas, para os países quentes, onde o Sol brilha mais bonito do que aqui, onde é sempre Verão e há flores. Voa comigo, doce Polegadazinha, que me salvaste a vida quando jazia regelada na cave escura debaixo da terra!

– Sim, quero ir contigo! – respondeu a Polegadazinha, e sentou-se nas costas do pássaro, com os pés nas asas abertas, amarrou bem o cinto numa das penas mais fortes e a andorinha voou para o alto, sobre os bosques e sobre o mar, alto por cima das grandes montanhas, onde há sempre neve. A Polegadazinha regelou no ar frio, mas arrastou-se para dentro, sob as penas quentes e pôs a cabecinha de fora para ver toda aquela beleza por baixo dela.

Chegaram assim às terras quentes. Brilhava o Sol muito mais claro do que aqui, o céu era duas vezes mais alto e nas valas e nas sebes cresciam as mais bonitas uvas verdes e azuis. Nos bosques suspendiam-se limões e laranjas, aqui cheirava a mirto e hortelã e nos caminhos corriam as crianças mais lindas, que brincavam com grandes borboletas multicolores. Mas a andorinha voou ainda para mais longe e tornou-se tudo cada vez mais bonito. Sob as árvores mais belas, junto ao lago azul, estava um castelo

de mármore branco brilhante dos velhos tempos. As vinhas retorciam-se para cima à volta das colunas altas. Aí, mesmo em cima de tudo, havia muitos ninhos de andorinhas e num desses morava a andorinha que transportava a Polegadazinha.

– Aqui está a minha casa! – disse a andorinha. – Mas, se quiseses, tu própria podes escolher uma das flores mais bonitas que crescem lá em baixo. Levar-te-ei lá e terás tudo tão bonito quanto desejares!

– Seria maravilhoso! – disse ela, batendo palmas com as mãozinhas.

Havia uma grande coluna de mármore branco, que tinha tombado no chão e se partira em três pedaços e entre estes cresciam as flores mais lindas, grandes e brancas. A andorinha voou para lá com a Polegadazinha e colocou-a sobre uma das folhas largas. Mas como ficou admirada! Aí estava sentado um homenzinho no meio da flor, tão branco e translúcido, como se fosse de vidro. Tinha na cabeça a coroa de ouro mais linda e nos ombros as asas mais lindas e claras. Ele próprio não era maior do que a Polegadazinha. Era o anjo da flor. Em cada flor morava assim um homenzinho ou mulherzinha, mas aquele era o rei de todos.

– Meu Deus, como é bonito! – segredou a Polegadazinha à andorinha. O príncipezinho ficou tão assustado diante da andorinha, pois esta era uma ave gigante perante ele, que era tão pequeno e fino. Quando viu a Polegadazinha ficou muito contente. Era a menina mais bonita que até então tinha visto. Por isso tirou a coroa de ouro da cabeça e colocou-a na cabeça dela, perguntou como se chamava e se queria ser sua mulher, seria rainha de todas as flores! Sim, era um homem verdadeiro, bem diferente do filho do sapo e da toupeira com a pele de veludo preta. Disse, portanto, que sim ao bonito príncipe e de cada flor veio uma dama ou um cavalheiro, tão belos, que dava gosto vê-los! Cada um trazia para a Polegadazinha um presente, mas o

melhor de todos foi um par de lindas asas de uma grande mosca branca. Foram fixadas às costas da Polegadazinha para poder também voar de flor para flor. Era tal a alegria que a andorinha sentou-se em cima, no seu ninho, e cantou para eles, tão bem quanto podia, mas o coração estava, contudo, triste, pois gostava muito da Polegadazinha e não queria separar-se dela.

– Não debes ter o nome Polegadazinha! – disse-lhe o anjo da flor. – É um nome feio e tu és bonita. Vamos chamar-te Maia!

– Adeus! Adeus! – despediu-se a andorinha, e partiu. Deixou os países quentes, e voou lá para longe, de regresso à Dinamarca. Ali tinha um ninhozinho sobre a janela onde mora o homem que sabe contar contos. Para ele, a andorinha cantou o «que-vivi», de que temos toda a história.



As Flores da Idinha *Den lille Idas Blomster* (1835)

– As minhas pobres flores estão completamente mortas! – disse Idinha. – Estavam tão bonitas ontem à noite e agora todas as pétalas estão pendentes e murchas! Porque fizeram isso? – perguntou ela ao estudante que estava sentado no sofá. Gostava muito dele, sabia as mais lindas histórias e recortava no papel figuras muito engraçadas! Corações com damazinhas dentro, que dançavam, flores e grandes castelos, cujas portas se podiam abrir! Era um estudante divertido! – Porque têm as flores, hoje, um aspecto tão triste? – perguntou de novo e mostrou-lhe um ramo completamente murcho.

– Olha, sabes o que têm? – perguntou o estudante. – As flores estiveram ontem num baile e por isso pendem-lhes as cabeças.

– Mas as flores não sabem dançar! – disse a Idinha.

– Sabem – respondeu o estudante. – Quando faz escuro e nós estamos a dormir, saltam alegremente cá para fora. Quase todas as noites têm um baile!

– Os filhinhos podem acompanhá-las ao baile?

– Naturalmente! – disse o estudante. – As pequeninas margaridas e os lírios do vale.

– Onde dançam as flores mais bonitas? – perguntou a Idinha.

– Não estiveste algumas vezes fora de portas, perto do grande palácio, onde o rei vive, no Verão, no belo jardim cheio de

flores? Viste certamente os cisnes, que nadam para ti, quando queres dar-lhes migalhas de pão. Aí há verdadeiramente um baile, podes crer!

– Estive ontem no jardim com a minha mãe – disse Ida. – Mas não havia nenhuma folha nas árvores e nem uma única flor! Onde estão elas? No Verão vi tantas!

– Estão dentro do palácio! – disse o estudante. – Tens de saber que, logo que o rei e toda a gente da corte se vão embora para a cidade, as flores do jardim correm para o palácio e divertem-se. Devias ver! As duas rosas mais bonitas sentam-se no trono e são assim rei e rainha. Todas as cristas-de-galo vermelhas colocam-se aos lados e fazem vênias, são os camaristas da corte... Vêm depois todas as flores mais bonitas e é então o grande baile. Os amores-perfeitos¹ azuis são os cadetezinhos da Marinha, dançam com hortênsias e açucenas, a que chamam senhorinhas. As túlipas e as grandes dalias amarelas são as velhas damas. Cuidam de que se dance bem e que tudo corra como deve ser.

– Mas – perguntou a Idinha – não há ninguém que castigue as flores por dançarem no palácio real?

– Não há ninguém que venha a sabê-lo – respondeu o estudante. – Algumas vezes, de noite, pode vir o velho intendente, que tem de tomar conta do palácio. Traz um grande molho de chaves consigo. Mas logo que as flores ouvem as chaves a tilintar, ficam muito quietas, escondem-se por detrás das grandes cortinas e deitam a cabeça de fora. – Cheira-me a flores aqui dentro! – diz o velho intendente, mas não consegue vê-las.

– Que engraçado! – disse a Idinha, batendo palmas. – Mas não posso também ver as flores?

– Podes – disse o estudante. – Quando lá fores outra vez, lembra-te de espreitar pela janela, vê-las-ás certamente. Fiz isso hoje. Havia uma grande dália amarela estendida no sofá. Era uma dama da corte.

– As flores do Jardim Botânico também podem ir? São capazes de fazer o longo caminho?

– Sim, podes crer! – disse o estudante. – Pois, quando querem, sabem voar. Não tens visto as bonitas borboletas, vermelhas, amarelas e brancas? Quase parecem flores. Foram-no, saltaram do caule para o ar, bateram com as pétalas, como se fossem asinhas e assim voaram. E como se portaram bem, tiveram a recompensa de voar de dia, não precisando de regressar e ficar quietas no caule. Assim as pétalas transformam-se por fim em asas verdadeiras. Isso já tu própria viste! Pode também muito bem suceder que as flores do Jardim Botânico nunca tenham estado no palácio real nem saibam que lá é tão divertido de noite. Agora vou dizer-te uma coisa: muito espantado vai ficar o professor de Botânica que mora aqui ao lado e que conheces bem! Quando fores ao seu jardim, vais dizer a uma das flores que há um grande baile no palácio. Esta, por sua vez, dirá a todas as outras e assim todas se escaparão. Quando o professor voltar ao jardim, não haverá uma única flor e ele não conseguirá compreender como se foram embora.

– Mas como podem as flores dizer essas coisas umas às outras? As flores não sabem falar!

– Não, na verdade, não sabem! – respondeu o estudante. – Mas fazem pantomima. Nunca viste que, quando há um bocadinho de vento, as flores acenam e mexem todas as folhas verdes? É tão claro como se falassem!

– O professor compreende a pantomima? – perguntou Ida.

– Sim, bem podes crer! Uma manhã desceu ao jardim e viu uma grande urtiga a fazer pantomima com as folhas a um lindo cravo vermelho. Dizia: – Tu és tão bonito e eu gosto tanto de ti! – Mas tais coisas não pode o professor tolerar, e logo bateu na urtiga, nas folhas, que são os dedos dela, mas sentiu um ardor e desde então nunca mais se atreveu a tocar em nenhuma.

– Que engraçado! – exclamou a Idinha, rindo.

– Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! – disse o enfadonho conselheiro de chancelaria, que chegara de visita e estava sentado no sofá. Não podia de maneira nenhuma suportar o estudante e censurava-o sempre quando o via recortar as figuras divertidas e engraçadas: ora um homem que estava pendurado numa forca e segurava um coração na mão, pois era um «ladrão de corações», ora uma velha bruxa que cavalgava numa vassoura e tinha o marido no nariz. Isto não podia o conselheiro de chancelaria suportar e deste modo voltou a dizer:

– Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! É estúpida fantasia!

Mas à Idinha parecia-lhe que era muito engraçado o que o estudante tinha contado sobre as suas flores e pensou muito nisso. As flores deixavam pender a cabeça porque estavam cansadas de dançar durante toda a noite, estavam certamente doentes. Levou-as, pois, para junto de todos os seus outros brinquedos em cima de uma mesinha, cuja gaveta se encontrava também cheia de brinquedos. Na caminha de bonecas estava deitada a sua boneca Sofia, que dormia, mas a Idinha disse-lhe:

– Tem de ser, tens de levantar-te, Sofia, e contentar-te em passar a noite na gaveta. As pobres flores estão doentes e precisam de deitar-se na tua cama. Talvez assim fiquem boas! – Pegou na boneca, mas esta olhou de través e não disse uma palavra. Estava zangada por não poder ficar na sua cama.

Ida deitou as flores na cama das bonecas e puxou a cobertazinha para cima delas. Tinham de ficar bem quietinhas, pois ia fazer chá para as flores, a fim de ficarem boas e poderem levantar-se no dia seguinte. Fechou as cortinas à volta da caminha para que o Sol não lhes batesse nos olhos.

Durante toda a noite não pôde deixar de pensar no que o estudante lhe contara, e quando chegou a hora de ir para a

cama, teve de ir primeiro atrás das cortinas, que se suspendiam diante das janelas, onde estavam as lindas flores da mãe – jacintos e túlipas – e sussurrou baixinho:

– Sei muito bem que vão ao baile esta noite! – Mas as flores fizeram como se não tivessem entendido e não mexeram uma folha. Mas a Ida bem sabia o que sabia.

Quando foi para a cama, ficou muito tempo a pensar como seria bom poder ver as bonitas flores a dançar lá no palácio real. «Irão as minhas flores realmente lá?» Mas adormeceu. Alta noite, acordou. Tinha sonhado com as flores e com o estudante e como o conselheiro de chancelaria resmungava e dizia que queriam meter-lhe coisas na cabeça. Era total o silêncio no quarto de dormir onde se encontrava Ida. A lamparina ardia em cima da mesa e o pai e a mãe dormiam.

– Ainda estarão as minhas flores deitadas na cama de Sofia? – interrogou-se. – Como gostaria tanto de sabê-lo! – Ergueu-se um pouco e olhou para a porta, que estava meio aberta. Lá estavam as flores e todos os brinquedos. Escutou e foi como se ouvisse tocar piano na sala, mas muito suave e tão distintamente como nunca o ouvira antes.

– Agora estão certamente todas as flores a dançar lá em baixo – disse ela. – Meu Deus! Como gostaria de vê-las! – mas não ousou levantar-se, pois acordaria o pai e a mãe. – Se viessem até aqui! – pensou. Mas as flores não vieram e a música continuou a soar deliciosamente. Então não pôde aguentar mais, pois esta era demasiado bela. Arrastou-se para fora da caminha, foi muito de mansinho até à porta e espreitou para a sala. Oh! Como era maravilhoso o que se lhe deparou!

Não havia nenhuma lamparina, mas estava mesmo assim muito claro. O luar entrava pela janela, reflectindo-se no meio do chão. Era quase como se fosse de dia. Todos os jacintos e túlipas estavam em duas longas filas no chão. Não havia uma única

flor na janela. Os vasos estavam vazios. Em baixo no soalho dançavam todas as flores graciosamente à volta umas das outras, formando verdadeiros cordões e agarrando-se umas às outras pelas longas folhas verdes, quando andavam à roda. Ao piano estava um grande lírio amarelo, que a Idinha vira seguramente no Verão, pois lembrava-se bem de o estudante lhe ter dito:

– Oh! Como se parece com a Menina Lina! – Nessa altura todos se tinham rido dele. Mas agora também parecia realmente a Ida que a comprida flor amarela se assemelhava à Menina e fazia os mesmos gestos quando tocava. Ora colocava o oblongo rosto amarelo de um lado, ora do outro, marcando com a cabeça o compasso da bela música. Ninguém deu pela Idinha. Viu então um grande açafão azul saltar para o meio da mesa, onde se encontravam os brinquedos, ir direito à cama das bonecas e puxar as cortinas para o lado. Lá estavam as flores doentes, mas levantaram-se logo e acenaram às outras que também queriam dançar. O velho Fumador², que perdera o lábio inferior, levantou-se e inclinou-se perante as bonitas flores, que não pareciam de modo nenhum doentes. Saltavam entre as outras e estavam muito alegres.

Pareceu que algo tombara da mesa. Ida olhou para lá. Fora o açoite do Entrudo³ que saltara que parecia também fazer parte das flores. Era muito bonito e em cima tinha uma bonequinha de cera com um chapéu largo na cabeça igual ao que o conselheiro de chancelaria usava. O açoite do Entrudo saltava nas suas três pernas de pau vermelhas no meio das flores e batia fortemente com os pés, pois dançavam a mazurca, mas esta dança não a sabiam as outras flores, porque eram muito leves e não podiam bater com os pés.

A boneca de cera no açoite do Entrudo fez-se grande e comprida, torneou por cima das flores de papel e gritou bem alto:

– Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! É estúpida fantasia! – E assim a boneca de cera parecia perfeita-

mente o conselheiro de chancelaria com o chapéu largo, tão amarelo e rabugento. Mas as flores de papel bateram-lhe nas pernas finas e assim se encolheu, tornando-se de novo uma pequenina boneca de cera. Foi tão engraçado que a Idinha não pôde deixar de rir. O açoite do Entrudo continuou a dançar e o «conselheiro de chancelaria» teve de dançar com ele. Não lhe valia de nada fazer-se grande e comprido ou voltar a ser a bonequinha de cera amarela com o grande chapéu preto. As outras flores pediram por ele, especialmente aquelas que tinham estado deitadas na cama de bonecas, e então o açoite do Entrudo cedeu. Nesse momento ouviu-se bater com força dentro da gaveta, onde estava a boneca Sofia, de Ida, com muitos outros brinquedos. O Fumador correu para o canto da mesa, deitou-se ao comprido de barriga para baixo e conseguiu abrir um bocadinho da gaveta. Sofia levantou-se e olhou toda admirada à sua volta.

– Mas há aqui baile! – disse ela. – Porque é que ninguém mo disse?

– Queres dançar comigo? – perguntou o Fumador.

– Claro, és tão bonito para alguém dançar contigo! – disse ela, voltando-lhe as costas. Assim se sentou na gaveta, pensando que seguramente alguma das flores viria convidá-la, mas não veio nenhuma. Tossiu hum!, hum!, hum!, mas também nenhuma veio. O Fumador dançou sozinho e nada mal!

Como nenhuma das flores parecia dar por Sofia, deixou-se esta cair da gaveta para o chão, de modo que produziu um grande alarido. Vieram todas as flores a correr para ela, rodeando-a a perguntar se se tinha quebrado. Mostraram-se todas muito amáveis, especialmente aquelas que tinham estado deitadas na sua cama. Mas ela não se tinha quebrado e as flores de Ida agradeceram-lhe a bela cama e foram muito gentis com ela. Trouxeram-na para o meio do chão, onde brilhava o luar, dançaram com ela e todas as outras flores fizeram um círculo à volta. Sofia

ficou muito contente e disse que podiam ficar com a sua cama. Não estava nada aborrecida por dormir na gaveta.

Mas as flores responderam:

– Muito te agradecemos, mas não podemos viver tanto tempo. Amanhã estaremos completamente mortas. Mas diz à Idinha que deve enterrar-nos lá fora no jardim, onde está o canário. Vamos assim crescer outra vez para o Verão e ficaremos ainda mais bonitas!

– Não, não vão morrer! – disse Sofia, beijando as flores. No mesmo momento abriram-se as portas da sala e toda uma multidão de belas flores entrou a dançar. Ida não conseguia compreender donde tinham vindo. Eram certamente todas as flores do palácio real. À frente vinham duas lindas rosas com coroa-zinhas. Eram um rei e uma rainha. Entraram então os mais belos goivos e cravos, saudando para ambos os lados. Traziam música consigo, grandes papoilas e peónias sopravam em vagens de ervilha, tanto que ficavam com a cabeça completamente rubra. As campânulas azuis e as campainhas brancas soavam, como se tivessem guizos. Era uma música admirável. Vieram depois muitas outras flores, que dançaram juntas, as violetas azuis e as margaridas vermelhas, narcisos e lírios do vale.

As flores beijavam-se umas às outras. Era belo de se ver!

Por fim as flores disseram boa noite umas às outras. Então a Idinha deslizou também para a cama, onde sonhou com tudo o que vira.

Quando na manhã do dia seguinte se levantou, foi direita à mesinha para ver se as flores ainda lá estavam. Puxou a cortina para o lado da caminha. Sim, lá estavam todas, mas completamente murchas, muito mais do que na véspera. Sofia continuava na gaveta onde a pusera. Parecia estar com muito sono.

Lembras-te do que tens a dizer-me? – perguntou a Idinha, mas Sofia olhava com um olhar bem estúpido e não pronunciou uma única palavra.

– Não és nada boa! – disse Ida. – E, contudo, dançaram todas contigo! – Então pegou numa caixinha de cartão, com belos pássaros desenhados, abriu-a e pôs nela as flores mortas. – Será o vosso lindo caixão! – disse ela. – E quando vierem os primos noruegueses, acompanhar-me-ão a enterrar-vos no jardim, para que no Verão possam crescer e tornar-se ainda mais bonitas!

Os primos noruegueses eram dois rapazinhos espertos. Chamavam-se Jonas e Adolfo. O pai tinha-lhes dado de presente duas novas bestas e traziam-nas para as mostrar a Ida. Ela contou-lhes a história das pobres flores, que estavam mortas, e assim foram convidados a enterrá-las. Os rapazinhos foram à frente com as bestas aos ombros e a Idinha atrás com as flores mortas na bonita caixa. No jardim abriu-se uma pequena sepultura. Ida beijou primeiro as flores, colocou-as depois com a caixa dentro da terra e Adolfo e Jonas dispararam as bestas por cima da sepultura, pois não tinham espingardas ou canhões.

¹Em virtude do género, em correspondência com o texto designam-se outros nomes de plantas. Em dinamarquês propriamente: violetas, jacintos, açafrões, tulipas e lilases. (*N. do T.*)

²Trata-se de um quebra-nozes ou boneco figurando um homem a fumar, certamente cachimbo. (*N. do T.*)

³Açoite do Entrudo: molho de ramos de bétula enfeitado, com o qual as pessoas se açoitavam, de brincadeira, umas às outras no Entrudo. (*N. do T.*)



O Homem dos Fantoches

Marionetspilleren (1851)

Estava no navio um homem de aspecto idoso com uma cara tão alegre que, se não mentia, devia ser o homem mais feliz do mundo. Era-o, disse ele. Ouvi-o da sua própria boca. Era dinamarquês, meu compatriota e director teatral em viagem. Trazia todo o pessoal consigo e estava numa caixa grande. Ele era o homem dos fantoches. O seu bom humor nato, disse ele, foi apurado por um bacharel da politécnica e com a experiência tornou-se completamente feliz. Não o compreendi imediatamente, mas então explicou-me toda a história. Ei-la.

– Era em Slagelse – disse ele. – Dava um espectáculo na cavalariça do Correio. Tinha uma casa brilhante e um público brilhante, todo ele sem ter recebido ainda a confirmação religiosa, excepto um par de velhas. Veio então uma pessoa vestida de preto de aspecto estudantil. Sentou-se e riu exactamente nas passagens certas, aplaudindo perfeitamente bem. Era um espectador invulgar! Tinha de saber quem era. Ouvi dizer que era bacharel da escola politécnica, enviado para ensinar na província. Às oito estava terminado o meu espectáculo, pois as crianças têm de ir cedo para a cama e deve-se pensar na comodidade do público. Às nove começava o bacharel as suas lições e experiências e agora era eu o seu ouvinte. Era estranho de ouvir e ver. A maior parte das coisas passou por cima da minha cabeça e

entrou na do Padre, como se diz. Mas tive de pensar: se podemos descobrir coisas assim, então devemos poder também resistir mais tempo, antes de sermos lançados para dentro da terra. Tudo o que fazia eram pequenos milagres e, contudo, no seu conjunto, com a maior simplicidade, directamente da natureza. No tempo de Moisés e dos profetas, um bacharel de politécnica podia ter sido um sábio do país, e, na Idade Média, teria sido queimado. Não dormi toda a noite, e quando na noite seguinte dei um espectáculo, o bacharel estava lá outra vez. Fiquei mesmo com boa disposição. Ouvi dizer a um actor que ele nos papéis de amoroso só pensava numa única espectadora e esquecia toda a restante sala. O bacharel da politécnica era a minha «ela», o meu único espectador para quem representava. Quando o espectáculo terminou, foram chamados ao palco todos os fantoches e eu fui convidado pelo bacharel da politécnica a ir a casa dele para tomar um copo de vinho. Falou das minhas comédias e eu falei da sua ciência e creio que tivemos igualmente grande prazer em participar de ambas. Mas eu não deixei de falar, pois havia muita coisa nas suas palavras de que ele próprio não sabia dar conta. Como a de um pedaço de ferro, quando cai através de uma espiral, fica magnético. Sim, o que é isso? O espírito tomba sobre ele, mas donde vem? É tal como com os seres humanos deste mundo, penso eu. Deus deixa-os cair através da espiral do tempo e o espírito tomba sobre eles, e aí está um Napoleão, um Lutero ou uma pessoa semelhante. – Todo o mundo é uma série de milagres – disse o bacharel –, mas estamos tão acostumados a eles, que lhes chamamos coisas de todos os dias. – Falou e esclareceu, era por fim como se me puxasse para cima o crânio e confesso honestamente que, se não fosse já velho, iria imediatamente para a escola politécnica aprender a ver o mundo a fundo e sem considerar que era um dos seres humanos mais felizes. – Um dos mais felizes! – disse ele, e era como se o saboreasse. – É feliz? –

perguntou. – Sim – respondi. – Sou feliz e bem-vindo a todas as cidades aonde chego com a minha companhia. Há, sem dúvida, um desejo que me assalta como se fosse um duende, um incubo cavalgando com bom humor, isto é, ser director teatral de uma companhia viva, uma verdadeira companhia de seres humanos. – Deseja ver os seus fantoches vivos, deseja que se tornem verdadeiros actores? – perguntou ele. – E se fosse o director, seria então completamente feliz, o senhor crê nisso? – Ele não acreditava, mas eu cria e continuámos a falar para a frente e para trás e assim ficámos como dantes nas nossas opiniões, mas com os copos brindávamos e o vinho era bom. Havia nele, porém, um elixir, pois caso contrário toda a história ficaria a contar que apanhei uma bebedeira. E não sucedeu isso, Tinha a cabeça fresca. Era como a luz do Sol na sala irradiando do rosto do bacharel da politécnica e tive de pensar nos velhos deuses em eterna juventude, quando erram pelo mundo. Isso disse-lho e ele sorriu, e eu teria podido jurar que era um deus disfarçado ou um da família – era-o. O meu desejo seria satisfeito, os fantoches tornar-se-iam vivos e eu seria director de seres humanos. Bebemos a isso. Ele meteu todos os meus bonecos na caixa de madeira, atou-ma às costas e assim deixou-me cair através de uma espiral e ainda hoje oiço como caí. Fiquei tombado no chão – é sabido e é verdade – e toda a companhia saltou para fora da caixa, O espírito tombou sobre todos eles, todos os fantoches se transformaram em artistas notáveis, diziam eles próprios, e eu era o director. Estava tudo preparado para a primeira representação. Toda a companhia queria falar comigo e o público também. A dançarina disse que, se não ficava sobre uma perna, caía a casa, era mestra e assim queria ser tratada. A boneca que fazia de imperatriz queria também ser tratada, fora de cena, como imperatriz, pois senão saía do ensaio. Aquele que era utilizado para entrar em cena com uma carta, fez-se tão importante como o primeiro

amante, pois os pequenos eram como os grandes, de igual importância no conjunto artístico, disse ele. Então exigiu o herói que todo o seu papel constasse apenas de réplicas de saída, porque eram aplaudidas. A prima-dona só queria representar com luz vermelha, pois ficava-lhe bem – não queria estar em azul. Eram como moscas num frasco e eu estava no meio do frasco. Era o director. Faltava-me o ar, a cabeça andava-me à roda, senti-me tão infeliz como só um ser humano o pode ser. Era um novo género humano em que entrara. Queria-os todos juntos novamente na caixa e nunca ter sido director. Disse-lhes com franqueza que, no fundo, não passavam de fantoches e então mataram-me à pancada. Foi a minha salvação! Estava deitado na cama, no meu quarto. Como fui da casa do bacharel da politécnica para lá, talvez ele saiba, eu não. A lua brilhava no chão, onde estava a caixa dos bonecos virada do avesso e todos os bonecos espalhados, pequenos e grandes, toda a companhia. Mas não fui preguiçoso, saltei da cama e para a caixa vieram todos, uns de cabeça para baixo, outros de pernas. Fechei a tampa e sentei-me sobre a caixa. Era digno de uma pintura! Pode imaginá-la, eu posso vê-la! – Ficam agora aí – disse eu – e nunca mais quero que venham a ser de carne e osso! – Sentia-me tão aliviado, era o homem mais feliz. O bacharel da politécnica tinha-me purificado. Fiquei ali sentado a gozar a pura felicidade e deixei-me dormir em cima da caixa. Era na realidade meio-dia, mas eu dormi maravilhosamente toda a manhã – ainda estava sentado, feliz, pois tinha aprendido que o meu antigo e único desejo era estúpido. Perguntei pelo bacharel da politécnica, mas tinha-se ido embora, como os deuses gregos e romanos. Desde esse tempo tenho sido o homem mais feliz. Sou um director feliz, o meu pessoal não raciocina, o público diverte-se de todo o coração. Posso livremente eu próprio recompor as minhas peças. Tomo de todas as comédias o melhor, como quero, e ninguém se

irrita com isso. Peças que agora são desprezadas nos grandes teatros, mas para as quais o público corria há trinta anos e com elas soluçava, tomo-as eu agora, dou-as aos pequenos e estes soluçam como os pais e as mães soluçaram. Dou-lhes Joana Montfaucon e Dyveke, mas encurtadas, pois os pequenos não gostam de longas palermices amorosas, querem infeliz, mas rápido. Já visitei a Dinamarca em todos os sentidos, conheço todas as pessoas e sou reconhecido. Fui agora à Suécia e tive êxito e ganhei bom dinheiro. Sou assim escandinavo – como não? –, digo-lhe a si, que é meu compatriota.

E eu, como compatriota, voltei naturalmente a contar logo a história, simplesmente pelo prazer de contar.



O Sino

Klokken (1845)

Ao entardecer, nas ruas estreitas da grande cidade, quando o Sol começava a descer no horizonte e as nuvens brilhavam como se fossem de oiro, por entre as chaminés, sucedia a uma ou outra pessoa ouvir, frequentemente, um som maravilhoso, como se fosse o sino de uma igreja; mas só por curtos momentos, pois as carruagens faziam um ruído ensurdecedor e era muito o barulho e a desordem.

– Está a soar o sino da tardinha – diziam. – Vai pôr-se o Sol!

Aqueles que saíam da cidade, onde as casas, com jardins e pequenas hortas, estavam mais afastadas umas das outras, viam o céu crepuscular ainda mais bonito e ouviam também mais distintamente o som do sino. Era como se viesse de uma igreja bem dentro do bosque fragrante e calmo. As gentes volviam os olhos para lá, com ar grave.

Muitas vezes, diziam uns para os outros:

– Parece-me que há uma igreja ali no bosque! O sino tem um som maravilhoso. Vamos até lá para o ver mais de perto.

Os ricos iam de carruagem e os pobres a pé; mas achavam sempre a distância tão grande que, quando chegavam à orla do bosque, onde havia uns tantos salgueiros, deixavam-se ficar sentados a olhar para cima, para a ramagem das árvores, pensando que já estavam no bosque. Veio um pasteleiro da cidade e abriu aí

a sua tenda, veio outro pasteleiro e abriu outra, pendurando um sino por cima, mas sem badalo. As tendas eram feitas de lona e betumadas com alcatrão, para resistir à chuva. Quando regressavam a casa, as pessoas diziam que tinha sido muito romântico e com isto queriam dizer que fora algo diferente do que um simples chá em casa. Três pessoas afirmaram que tinham penetrado no bosque até ao limite extremo e que haviam ouvido o som maravilhoso do sino, mas sempre como se o som viesse da cidade. Uma outra pessoa fez um longo poema sobre o sino, no qual dizia que soava como a voz de uma mãe para um filho querido e inteligente e que nenhuma outra música se lhe podia comparar.

O imperador do país ficou também intrigado com o acontecimento e prometeu àquele que fosse capaz de descobrir donde vinha o som que lhe outorgaria o título de sineiro universal, mesmo no caso de não se tratar de um sino.

Assim partiram muitas pessoas para o bosque, em busca do sustento prometido pelo imperador, pois a situação que se lhes oferecia era extremamente boa. Apenas uma voltou com uma espécie de explicação. Ninguém se aventurou a penetrar tão profundamente no bosque, nem tão-pouco ele, mas afirmou que o som do sino provinha de um mocho muito grande que se encontrava dentro de uma árvore oca. Era um mocho sábio, que estava continuamente a bater com a cabeça contra a árvore. Se o som vinha da cabeça do mocho ou do tronco oco, não podia afirmá-lo com segurança. Foi nomeado sineiro universal e escrevia todos os anos um pequeno tratado sobre os mochos, que pouco ou nada adiantava.

Ora, sucedeu isto que vamos contar, precisamente no dia solene da confirmação cristã. O sacerdote havia preparado uma linda prédica, tendo falado sentidamente ao coração. Os meninos e as meninas que haviam recebido o sacramento da confirmação ficaram muito impressionados, pois era um dia muito

importante para eles. Transformavam-se, de um momento para o outro, em pessoas crescidas. Era como se a alma infantil voasse e passasse a ser a de pessoas adultas, dotadas de razão.

Era um belo dia de Sol. Os meninos e as meninas confirmados saíram da cidade e foram passear no bosque, onde ouviram, de um modo maravilhosamente distinto, o som do grande sino desconhecido. Sentiram logo vontade de ir até ao sítio donde partia o som e foram todos, com exceção de três. Destes três, uma menina quis voltar para casa para provar o vestido de baile, pois fora pelo vestido e pelo baile que se havia confirmado. Outro era um rapaz pobre a quem o seu senhor havia emprestado o fato e os sapatos para a confirmação e tinha de devolvê-los à hora certa. O terceiro declarou que nunca ia a qualquer lugar desconhecido sem os pais o acompanharem, que sempre tinha sido um rapaz bem-comportado e queria continuar a sê-lo, mesmo depois de confirmado, e que por isso não deviam os outros rir-se dele, o que naturalmente fizeram.

Sem estes três, puseram-se a caminho. O Sol brilhava, os pássaros cantavam e as meninas e os meninos imitavam-nos cantando também, caminhando de mãos dadas, pois ainda não tinham conseguido emprego, mas, como confirmados, eram todos iguais perante Nosso Senhor.

Em breve, dois dos mais pequenos sentiram-se cansados e decidiram regressar à cidade. Duas raparigas deixaram-se ficar no caminho a fazer grinaldas de flores. Então, quando os outros chegaram ao ponto onde havia muitos salgueiros e os pasteleiros se instalaram, disseram uns para os outros:

– Reparem que já estamos longe. Não existe, na realidade, qualquer sino, é tudo imaginação!

Nesse momento soou o sino, bem na profundidade do bosque, e tão suave e sereno que quatro ou cinco decidiram avançar. O caminho era tão cerrado e frondoso que se tornava verdadei-

ramente difícil avançar. As aspérulas e as anêmonas cresciam muito altas, as coriolas floridas e as amoreiras silvestres suspendiam-se em longas grinaldas de árvore para árvore, onde os rouxinóis cantavam e os raios de Sol brincavam. Era uma bênção, mas, mesmo assim, não era caminho para meninas, que ficariam com os vestidos em farrapos. Havia também grandes blocos de rocha totalmente cobertos de musgo de variegadas cores, e a água fresca corrente borbulhava saltitante, soando estranhamente com o seu glu-glu.

– Não será isto o sino? – perguntou um dos rapazes confirmados, que se deitou no chão para ouvir melhor. – Merece ser bem estudado – declarou e ali ficou no chão, enquanto os outros continuaram o caminho.

Chegaram, então, a um local onde havia uma cabana construída com grandes ramos e cascas de árvores. Sobre ela pendia uma grande macieira silvestre como se estivesse disposta a deixar tombar a sua bênção de frutos sobre o telhado florido com rosas. Os grandes ramos apoiavam-se um pouco sobre a viga mestra, onde estava suspenso um pequeno sino. Seria aquele o sino que se ouvia? Era, pois. Todos estavam de acordo, excepto um que declarou ser o sino demasiado pequeno e delicado para poder ser ouvido tão longe, além de que não podia ser aquele o som que tão profundamente penetrava no coração dos homens. Quem assim falou era um filho de rei e, então, disseram os outros:

– Estes querem sempre ser mais espertos do que nós.

Deixaram-no partir sozinho, mas, à medida que ia avançando, a solidão penetrava cada vez mais no seu coração. Ouvia, contudo, ainda o pequeno sino, que havia contentado os outros, e, de tempos a tempos, quando o vento vinha do lado das instalações do pasteleiro, chegavam-lhe também canções ao ouvido. Mas o som profundo do outro sino fazia-se ouvir cada vez com

mais força. Era como se tocassem um órgão. O som vinha do lado esquerdo, do lado do coração.

De súbito, ouviu um ruído e surgiu na sua frente um rapazinho com tamancos de pau e uma jaqueta tão curta que as mangas lhe ficavam a meio do braço. Reconheceram-se logo, pois o rapaz era o menino confirmado que não tinha podido acompanhar os outros por ter de regressar a casa para devolver a jaqueta e os sapatos do filho do seu senhor. Fora isto realmente que fizera e depois, com tamancos e um mísero fato, viera sozinho para o bosque, atraído pelo som forte e profundo do sino.

– Podemos ir juntos – disse o filho de rei. Mas o pobre confirmado, com os seus tamancos, sentiu-se tão envergonhado que puxou pelas curtas mangas da jaqueta. Respondeu-lhe que receava não poder acompanhar os seus passos e que, além disso, o sino devia ficar à direita porque era este o lado de tudo quanto era grandioso e magnífico.

– Bem, então já não voltamos a encontrar-nos – retorquiu o príncipe, fazendo um aceno de despedida ao moço pobre, que entrou na parte mais escura e espessa do bosque, onde os espinhos começaram a rasgar-lhe o fato, o rosto, as mãos e os pés, que sangravam abundantemente. O príncipe também recebeu alguns bons arranhões, mas havia sempre Sol no seu caminho. É ele que vamos seguir, pois era um moço de trato agradável. – «Tenho de encontrar o sino, dê lá por onde der», disse para consigo próprio. «Irei até ao fim do mundo, se for preciso.»

Os feios macacos que estavam sentados em cima das árvores arreganharam-lhe os dentes. – Vamos malhar nele – disseram. – Vamos malhar nele. É filho de rei!

Mas ele, infatigável, penetrava cada vez mais profundamente no bosque, de onde surgiam flores maravilhosas: lírios brancos estrelados com filamentos sanguíneos, túlipas azul-celestes que cintilavam ao vento e macieiras cujos frutos pareciam grandes

bolas luminosas de sabão. Imaginem, pois, como seriam as árvores e as flores à luz do Sol! À volta dos belos prados verdes, onde o veado e a corça brincavam na relva, cresciam belos carvalhos e faias, e se alguma das árvores havia perdido a casca, medravam nas suas gretas ervas e rebentos. Também havia no bosque lagos tranquilos, onde os cisnes brancos flutuavam, batendo as asas. O príncipe, de vez em quando, parava para escutar, crendo, muitas vezes, que era de um desses lagos profundos que o som do sino vinha até ele; logo verificava que não, mas sim do fundo do bosque.

Então sobreveio o pôr do Sol, o céu ruboresceu como se ardesse e tudo pareceu calmo no bosque, tão calmo que ele se deixou cair de joelhos, cantando o salmo da noite e dizendo:

– Jamais encontrarei o que procuro! O Sol vai pôr-se agora, vem aí a noite, a noite tenebrosa. Talvez possa ver, porém, uma vez mais, a bola rubra do Sol antes que desapareça completamente por detrás da terra. Vou subir àqueles rochedos, que são tão altos como as mais altas árvores.

Agarrando-se aos ramos e às raízes, trepou sobre as pedras húmidas, onde se enroscavam as cobras-d'água e coaxavam os sapos. Chegou lá acima antes de o Sol se ter posto completamente. Que magnificência! O mar, o majestoso mar, lançando as grandes ondas contra a costa, estendia-se na sua frente e o Sol era como um grande altar luminoso, onde a água e o céu se uniam. Tudo se mesclava em cores radiantes, o bosque cantava, cantava o mar, e o coração do príncipe acompanhava-os. Toda a natureza parecia um grandioso templo em que as árvores e as nuvens flutuantes eram as colunas, as flores e a erva, os paramentos de veludo, o próprio céu, a cúpula. Por fim, quando o Sol desapareceu, sumiu-se também a cor rósea, e milhões de estrelas acenderam-se. Brilhavam milhões de lâmpadas de diamante. O príncipe abriu os braços para o céu, para o mar e para

o bosque. Então apareceu, à sua direita, o pobre confirmado, das mangas curtas e dos tamancos de pau. Também ali havia chegado pelo seu caminho. Correram um para o outro e deram as mãos, no grande templo da Natureza e da Beleza.

Sobre eles soou o sagrado sino invisível, enquanto os espíritos bem-aventurados pairavam à sua volta, cantando jubilosa aleluia.



O Livro Mudo

Den Stumme Bog (1851)

Junto à estrada, no meio do bosque, havia uma quinta solitária. Entrava-se pelo portão, até ao terreiro banhado pelo Sol e com todas as janelas abertas. Havia vida e movimento lá dentro, mas no pátio, numa ramada de lilases florescentes, estava um caixão aberto. O morto fora colocado ali porque naquela manhã ia ser enterrado. Ninguém o olhava com lamentações, ninguém o chorava. O seu rosto estava coberto com um pano branco e sob a sua cabeça fora colocado um livro grande e espesso, cujas folhas, soltas, eram de papel cinzento e entre cada uma delas estavam, guardadas e esquecidas, flores fanadas, todo um herbário colhido em lugares diferentes. Devia ir para a sepultura também, porque o tinha pedido o próprio falecido. A cada flor estava ligado um capítulo da sua vida.

– Quem é o morto? – perguntámos nós, e a resposta foi: o velho estudante de Uppsala! Tinha sido diligente. Tinha conhecido a linguagem dos sábios, tinha sabido cantar, sim, e também escrever canções, disse-se, mas algo se lhe atravessou no caminho. Lançou-se a si mesmo e aos seus pensamentos à aguardente, e quando a saúde disso se ressentiu, veio para aqui, para o campo, onde lhe pagaram as despesas. Era devoto como uma criança, mas, quando o espírito negro o dominava, corria como um animal acossado pela floresta. Se conseguíamos levá-lo para

casa e pô-lo a ver o livro com as plantas secas, ficava sentado, todo o dia, a olhar para uma planta e para outra. Muitas vezes corriam-lhe lágrimas pelas faces abaixo. Sabe Deus o que pensava! Mas ele pediu o livro para o acompanhar no caixão e ele ali estava. Dentro de pouco tempo a tampa seria pregada e receberia, finalmente, a sua doce paz na sepultura.

Levantaram a mortalha. No rosto do morto havia paz e um raio de Sol tombou sobre ele. Uma andorinha disparou, no seu voo veloz de flecha, para dentro da ramada e deu uma volta, chilreando, sobre a cabeça do morto.

Como é maravilhoso – conhecemo-lo certamente todos –, quando pegamos em velhas cartas do nosso tempo de juventude e as lemos, emerge toda uma vida com todas as suas esperanças e todas as suas mágoas. Quantos dos seres com quem vivemos tão intimamente estão agora como mortos para nós e, contudo, vivem ainda, mas não pensámos por longo tempo neles, naqueles a quem outrora supusemos estar sempre ligados, participando reciprocamente de dores e alegrias.

A folha fanada do carvalho, no livro, recorda aqui amigos, amigos do tempo da escola, amigos para toda a vida. No bosque verde, ele prendeu esta folha no barrete de estudante, quando o pacto ficou firmado para toda a vida. – Onde vive agora? Folha guardada, amizade olvidada! Aqui está uma estranha planta de estufa, demasiado fina para os bosques do Norte – é como se houvesse ainda alguma humidade nesta folha! Foi a donzela que lha deu, aquela estranha planta, colhida em jardim da nobreza. Aqui está o nenúfar, ele próprio o colheu e regou com lágrimas salgadas, nenúfar de água doce. E aqui está uma ortiga. Que dizem as suas folhas? Que pensou ao colhê-la, ao guardá-la? Aqui está um lírio-do-vale da solidão do bosque, aqui está uma madressilva do pote de plantas da sala do albergue e aqui a folha de relva, cortante e nua!

Os lilases florescentes inclinam cachos frescos e perfumados sobre a cabeça do morto – a andorinha passa a voar outra vez: «Quevivi! Quevivi!» Agora vêm os homens com pregos e com martelo, colocam a tampa sobre o morto, onde repousa a cabeça sobre o livro mudo.

Guardado – esquecido!



A Sombra *Skyggen* (1847)

Nos países quentes, bem pode dizer-se que o Sol queima! As pessoas ficam completamente morenas, da cor do mogno. Nos países mais quentes, queimam-se mesmo até se tornarem negras. Foi, porém, para os países apenas quentes que um letrado veio dos frios. Julgou, então, que podia andar como na sua terra; mas em breve se deixou disso. Ele, como todas as pessoas sensatas, tinha de ficar em casa. As portas das janelas e as portadas para a rua permaneciam cerradas o dia inteiro, parecendo toda a casa adormecida ou que não estava ninguém. A pequena rua de casas altas, onde morava, estava, além disso, situada de modo que o Sol batia aí de manhã à noite. Era verdadeiramente insuportável! Ao letrado dos países frios, que era jovem e um homem inteligente, parecia-lhe que se encontrava numa fornalha ardente. Isto afectou-o, emagreceu muito, a sua própria sombra estreitou-se, tornou-se mais pequena do que era na terra dele. O Sol também a afectou. Só viviam ambos de noite, quando o Sol se punha.

Era verdadeiramente um prazer ver a sombra. Logo que o candeeiro era trazido para o quarto, estendia-se completamente até à parede, até mesmo ao tecto, tão comprida se fazia. Tinha de estender-se para ganhar forças. O letrado ia para a varanda também para se estender, e à medida que as estrelas surgiam no céu maravilhosamente claro, ele sentia-se voltar à vida. Em todas

as varandas da rua – e nos países quentes todas as janelas têm varanda – aparecia gente, pois precisa-se do ar, mesmo se se está acostumado a ser de «mogno»! Toda a gente se animava. Sapateiros e alfaiates, iam todos para a rua, traziam mesas e cadeiras, acendiam-se luzes – bem mais de um milhar delas –, um falava, outro cantava e a gente andava a passear. Rodavam carruagens, passavam burros, tlintintim – traziam guizos –, os mortos iam a enterrar com cantos de salmos, os rapazes da rua lançavam petardos, os sinos das igrejas repicavam, havia uma grande animação lá em baixo, nas ruas.

Só numa casa, que ficava precisamente em frente daquela em que morava o letrado estrangeiro, reinava completo silêncio. Vivia, contudo, lá alguém, pois havia na varanda flores que desabrochavam admiravelmente ao calor do Sol, o que não podia acontecer se não fossem regadas, e, portanto, alguém havia que as devia regar. Vivia lá alguém, com certeza. A porta da janela entreabria-se também à noite, mas por dentro permanecia escuro, pelo menos na divisão em frente, da qual vinha música. Ao letrado estrangeiro parecia-lhe que a música era incomparável, mas podia muito bem ser que a imaginasse assim, pois achava todas as coisas incomparáveis nos países quentes, só que não devia haver tanto Sol. O dono da casa em que morava disse-lhe que não sabia quem alugara a casa em frente, nunca se via lá gente e quanto à música, parecia-lhe terrivelmente aborrecida. Era como se alguém se exercitasse na mesma peça, não pudesse ver-se livre dela, sempre a mesma... Bem podia dizer: «Hei-de consegui-lo!», mas nunca viria a consegui-lo, por mais que tocasse.

Certa noite o estrangeiro despertou. Dormia com a janela da varanda aberta e a cortina esvoaçava ao vento. Pareceu-lhe, então, que vinha um esplendor maravilhoso da varanda da casa em frente. Todas as flores luziam como chamas nas cores mais lindas. Entre as

flores estava uma jovem esbelta e graciosa e era como se ela também brilhasse. Este esplendor feriu-lhe os olhos. Abriu-os tão terrivelmente que logo saiu do sono. Num salto estava no chão, e com toda a cautela foi pôr-se por detrás da cortina, mas a jovem sumira-se. Sumira-se também o esplendor, as flores não luziam de modo algum e lá estavam como sempre. A porta para a varanda mostrava-se entreaberta e do fundo vinha o som da música tão suave e maravilhosa que podia literalmente dizer-se que se era arrebatado por ela e que se tombava em doces pensamentos. Parecia um feitiço, mas quem viveria ali? Onde era a entrada para lá? Todo o rés-do-chão era loja com loja e por aí as pessoas não podiam passar.

Uma noite estava o estrangeiro sentado à varanda. Dentro, no quarto, por detrás dele, a luz estava acesa e assim era perfeitamente natural que a sua sombra incidisse na parede da casa em frente. De facto, esta sobrepunha-se entre as flores da varanda e, quando o estrangeiro se mexia, mexia-se ela também, pois assim costuma fazer...

– Creio bem que a minha sombra é a única coisa viva que ali se vê – disse o letrado. – Vê como pousas esplêndida entre as flores! A porta está meio aberta, bem podias ser engenhosa e entrar, davas uma olhadela à tua volta e voltavas para me contar o que viste! Farias assim algo útil! – disse ele a brincar. – Fazes o favor de entrar? Vá! Entras ou não? – E acenou à sombra, que por sua vez lhe acenou. – Anda, mas não fiques lá! – O estrangeiro levantou-se, então, e a sua sombra sobre a varanda do prédio em frente levantou-se também, e o estrangeiro voltou-se e a sombra imitou-se. E se alguém tivesse estado realmente a observá-los, podia ter visto distintamente que a sombra entrou pela porta da varanda meio aberta exactamente quando o estrangeiro entrou no quarto, deixando tombar a grande cortina atrás de si.

Na manhã seguinte saiu o letrado para tomar café e ler os

jornais.

– Que é isto? – exclamou ele, quando veio para o Sol. – Não tenho nenhuma sombra! Então sempre lá entrou ontem à noite e não voltou! É uma coisa bastante aborrecida!

E ficou zangado, não tanto por a sombra estar fora, mas porque sabia que havia uma história de um homem sem sombra que toda a gente conhecia nos países frios. Voltasse o letrado à terra agora e contasse a sua história, diriam que a havia plagiado, e não tinha necessidade disso. Não queria, pois, de modo algum, falar do caso, e assim pensou bem sensatamente.

À noite voltou à varanda. Colocara a luz, muito acertadamente, por detrás dele, pois sabia que a sombra sempre quer ter o dono como anteparo, mas não conseguiu atraí-la. Fez-se pequeno, fez-se grande, mas não apareceu sombra nenhuma, nenhuma voltou. Disse então «hum!, hum!», mas isso nada o ajudou.

Era aborrecido, mas nos países quentes bem crescem as coisas depressa e decorridos oito dias observou, com grande satisfação sua, que lhe crescia uma sombra nova a partir das pernas, quando veio para o Sol. Devia ter ficado lá a raiz. Passadas três semanas tinha uma sombra bastante satisfatória, que, no seu regresso aos países nórdicos, foi crescendo mais e mais até que ficou tão comprida e tão grande que metade dela teria sido já suficiente.

O letrado voltou à pátria e escreveu livros sobre o que era verdade no mundo, sobre o que era bom e sobre o que era belo. Passaram-se dias e passaram-se anos, muitos anos se passaram.

Estava, então, uma noite sentado no seu quarto e eis que batem à porta de mansinho.

– Entre! – disse ele, mas ninguém entrou.

Foi abrir e diante dele apareceu um homem extraordinariamente magro, que muito o fez admirar. De resto, estava vestido de forma extremamente elegante, devia ser uma pessoa distinta.

– A quem tenho a honra de falar? – perguntou o letrado.

– Bem pensei eu – disse o homem elegante – que não me conheceria! Tomei muito corpo, ganhei realmente carne e vestuário. Com certeza nunca pensou ver-me assim tão próspero. Não reconhece a sua antiga sombra? Certamente não julgou que não voltasse mais. A mim as coisas correram-me especialmente bem, depois da última vez que estive consigo. Prosperei muito em todos os aspectos! Se tiver de pagar algum serviço, bem posso fazê-lo! – Fez ressoar todo um feixe de custosos berloques que se suspendiam com o relógio e levou a mão à pesada corrente de ouro que trazia ao pescoço. Oh! Como todos os dedos brilhavam com anéis de diamantes! E tudo aquilo era real.

– Não! Não consigo voltar a mim! – disse o letrado. – Que vem a ser tudo isto?

– Sim, bastante normal não é – disse a Sombra –, mas também o senhor não pertence ao número dos seres normais, e eu, bem o sabe, segui desde criança as suas pisadas. Logo que achei que estava madura para ir sozinha pelo mundo, segui o meu caminho. Estou numa situação brilhantíssima, mas apodehou-se de mim uma espécie de anseio de vê-lo uma vez mais antes de morrer, já que alguma vez há-de morrer! Gostava também de ver de novo esta terra, pois sempre se fica preso à pátria! Eu sei que consegui arranjar outra sombra. Tenho alguma coisa a pagar a ela ou ao senhor? Queira só fazer o favor de dizer.

– Não? És realmente tu? – exclamou o letrado. – É, contudo, muitíssimo estranho! Nunca julguei que a sombra de alguém pudesse voltar como ser humano!

– Diga-me o que tenho a pagar! – disse a Sombra. – Pois não gosto de ter dívidas de espécie alguma!

– Como podes falar assim? – retorquiu o letrado. – Quem fala aqui de dívidas? Considera-te perfeitamente quite! Muito me alegre com a tua sorte. Senta-te, velho amigo, e conta-me um pouco como

se passou tudo e o que viste na casa em frente lá no país quente.

– Sim, vou contar-lho – disse a Sombra, sentando-se –, mas tem de prometer-me que nunca dirá a ninguém aqui na cidade, onde casualmente me encontrar, que fui a sua sombra! Pretendo casar-me, pois posso sustentar bem mais de uma família!

– Fica absolutamente tranquilo – tornou-lhe o letrado. – Não direi a ninguém quem és. Aqui tens a minha mão! Prometo-o e é palavra de homem!

– Palavra de sombra! – retorquiu a Sombra, pois assim tinha de se expressar.

Era realmente muito estranho como se tornara tão humana. Estava toda vestida de preto, com uma das mais finas fazendas, com botas envernizadas e um chapéu que podia ser comprimido de modo a ficar só copa e aba, sem falar, como já sabemos, que trazia berloques, corrente de ouro e anéis de diamantes. Na verdade, a Sombra apresentava-se extraordinariamente bem vestida e era precisamente isso que a fazia parecer tão humana.

– Pois vou contar-lhe! – disse a Sombra, colocando as pernas com as botas envernizadas tão firmemente quanto podia sobre as «mangas» da nova sombra do letrado, a qual ficou como um cãozinho caniche aos seus pés e não foi por arrogância mas talvez para obrigá-la a aderir. A sombra jacente ficou calada e quieta para tudo ouvir convenientemente, pois queria saber como se poderia soltar e tornar-se senhora de si própria.

– Sabe quem morava na casa em frente? – perguntou a Sombra. – Era a beleza suprema, era a Poesia! Estive lá três semanas e o seu efeito foi tão grande como se tivesse vivido aí três mil anos e tivesse lido tudo o que foi imaginado e escrito. Pois digo-lhe, e é verdade, vi tudo e sei tudo!

– Poesia! – exclamou o letrado. – Ah! Sim, sim... é muitas vezes eremita nas grandes cidades! Poesia! É verdade, vi-a um

curto instante, mas o sono pesou-me nos olhos! Estava na varanda e brilhava como brilha a aurora boreal. Mas conta, conta! Estiveste na varanda, entraste pela porta e viste...!

– Pois estive na antecâmara! – disse a Sombra. – O senhor estava sempre sentado a olhar para a antecâmara. Aí mal havia luz, era uma espécie de crepúsculo, mas todas as portas estavam abertas umas diante das outras numa longa fila de aposentos e salas. Salas onde havia luz e tanta que teria ali caído morto, se tivesse entrado logo para onde estava a jovem. Mas fui prudente, dei-me tempo, e é assim que se deve fazer.

– E que viste então? – perguntou o letrado.

– Vi tudo e vou contar-lhe, mas... mas não é por orgulho da minha parte, mas... como homem livre e com os conhecimentos que tenho, para não falar da minha boa posição, da minha excelente situação... muito desejaria que me tratasse por senhor!

– Desculpe! – disse o letrado. – É um velho costume que está arreigado!... Tem absolutamente razão! Não o esquecerei! Mas agora conte-me tudo o que viu!

– Tudo! – disse a Sombra. – Pois tudo vi e sei tudo.

– Como era nas salas interiores? – perguntou o letrado. – Era como num bosque viçoso? Era como numa igreja sagrada? Eram as salas como um céu claro com estrelas, quando o contemplam a partir das altas montanhas?

– Tudo lá estava! – disse a Sombra. – Não entrei completamente, fiquei no quarto em frente, na penumbra, mas estava aí perfeitamente bem, vi tudo e tudo sei! Estive na corte da Poesia, na antecâmara.

– Mas o que viu? Atravessavam as grandes salas todos os deuses da Antiguidade? Os heróis antigos lutavam aí? Brincavam doces crianças, contando os seus sonhos?

– Digo-lhe que estive aí e, como deve compreender, vi tudo o que havia para ver! Se o senhor lá tivesse estado, não se teria conver-

tido em homem, mas eu converti-me! E além disso aprendi a conhecer a minha natureza íntima, o meu «congénito», a familiaridade que tinha com a Poesia. Na verdade, quando estava consigo, não pensava nisso, mas sempre, como sabe, que o Sol se levantava ou se punha, eu tornava-me estranhamente grande. Com o luar quase conseguia distinguir-me mais do que o senhor. Não compreendia então a minha natureza, mas na antecâmara tudo se tornou claro para mim! Tornei-me homem!... Saí daí amadurecida, mas o senhor já não estava nos países quentes. Envergonhei-me, como homem, de andar como andava, queria a todo o custo botas, fatos, todo aquele verniz humano que torna um homem reconhecível... Tomei o caminho, digo-lhe... o senhor não vai pôr isso em nenhum livro..., tomei o caminho da saia da pasteleira, sob a qual me escondi. A mulher mal podia pensar quanto ocultava. Só saía à noite. Percorri a rua ao luar, encostando-me às paredes, o que faz umas cócegas tão agradáveis nas costas! Andei para cima e para baixo, espiei para dentro das janelas mais altas, para dentro de salas e nos telhados espreeitei por onde ninguém podia espreitar e vi o que nenhuma outra pessoa via, o que ninguém podia ver! No fundo, é um mundo bastante grosseiro! Não quereria tornar-me homem, se alguma vez não se tivesse suposto que isso é ser algo! Vi as coisas mais inconcebíveis nas mulheres, nos homens, nos pais e nas doces e incomparáveis crianças. Vi – disse a Sombra – o que nenhum ser deve saber, o mal do próximo. Se tivesse feito um jornal, que lido seria! Mas escrevi directamente às próprias pessoas e espalhava-se o terror em todas as cidades a que chegava. Tinham tanto medo de mim e amavam-me tão extraordinariamente! Os professores fizeram-me professor, os alfaiates ofereceram-me novos fatos – estou bem fornecido deles! –, os mestres moedeiros fizeram moedas para mim e as mulheres diziam que era belo! Foi assim que me tornei no homem que sou. E agora despeço-me. Eis o meu cartão, moro do lado do Sol e estou sempre em casa em tempo de chuva. – E dito isto a Sombra partiu.

– Foi, na realidade, notável! – exclamou o letrado.

Passaram anos e dias e a Sombra voltou.

– Como está? – perguntou.

– Oh! – respondeu o letrado. – Escrevo sobre a verdade, a bondade e a beleza, mas ninguém se preocupa em saber de tais coisas. Estou desesperado porque as tomo muito a sério.

– Isso não faço eu! – disse a Sombra. – Estou a engordar e é isso que se deve tentar fazer! Na realidade, o senhor não sabe viver neste mundo. Está por isso doente. Tem de viajar! Vou viajar este Verão, quer vir comigo?

Gostaria muito de ter um companheiro de viagem! Quer acompanhar-me, como sombra? Seria um grande prazer para mim tê-lo comigo. Pago a viagem!

– Vai bem longe! – disse o letrado.

– É conforme se tomam as coisas! – retorquiu a Sombra. – O senhor tirará grande benefício da viagem! Se quiser ser a minha sombra, tudo terá gratuito!

– É loucura! – disse o letrado.

– Mas o mundo é assim! – respondeu a Sombra. – E será sempre assim! – Logo em seguida partiu.

O letrado não andava nada bem. Perseguiam-no preocupações e cuidados e o que ele dizia da verdade, da bondade e da beleza era para a maior parte das pessoas como deitar rosas a uma vaca ou pérolas a porcos. Ficou por fim bastante doente.

– Parece realmente uma sombra! – diziam-lhe as pessoas, e o letrado estremecia ao pensar nisso.

– Deve ir a banhos! – proferiu a Sombra, que veio visitá-lo. – Não há outra coisa a fazer! Irá comigo, por sermos velhos conhecidos. Pago a viagem e o senhor faz as descrições e entretém-me um pouco no caminho. Quero ir a uma estação termal, a barba não me está a crescer bem. É, portanto, qualquer doença, e barba tem um homem de ter! Seja pois razoável e aceite o con-

vite. Vamos viajar, com certeza, como bons camaradas.

Partiram pois em viagem. A Sombra era o senhor e o senhor era a Sombra. Andaram de carruagem, a cavalo e a pé, juntos, lado a lado, à frente ou atrás, conforme estava o Sol. A Sombra sabia sempre pôr-se no lugar de senhor e o letrado não se preocupava com isso.

Tinha muito bom coração e era particularmente plácido e gentil. Um dia disse à Sombra:

– Agora que somos bons camaradas de viagem, como realmente somos, e, além disso, considerando que crescemos juntos desde a infância, não devíamos fazer uma saúde e começarmos a tratar-nos por tu? É mais íntimo!

– Diz bem – respondeu a Sombra, que era agora o verdadeiro senhor. – É muito sincero e honesto o que diz e vou ser também honesta e sincera. O senhor, que é um letrado, sabe muito bem como a natureza é estranha. Há pessoas que não podem suportar tocar em papel pardo que logo se sentem mal, outras há que se arrepiam todas quando se esfrega um prego numa vidraça. Eu sinto uma sensação idêntica quando o oiço tratar-me por tu, sinto-me premida contra o chão, como na minha primeira postura consigo. Como vê, é uma sensação, não um orgulho. Não posso permitir-lhe tratar-me por tu, mas tratá-lo-ei com gosto por tu. Fica assim meio satisfeito o seu desejo!

Assim começou a Sombra a tratar por tu o seu antigo senhor.

«É bem de doidos», pensou este, «que eu deva tratá-la por senhor e ela tratar-me por tu!», mas não havia outro remédio.

Chegaram entretanto a uma estância termal, onde havia muitos estrangeiros, e entre eles a bela filha de um rei que tinha a doença de ver demasiado bem, o que era muito desagradável.

Ela notou imediatamente que quem acabava de chegar era uma pessoa diferente de todas as outras. «Veio para fazer crescer a barba, diz ele, mas vejo muito bem a verdadeira razão, não con-

segue produzir sombra.»

Ficou assim cheia de curiosidade e logo nas voltas do passeio público procurou conversa com aquele senhor estrangeiro. Como filha de um rei, não precisou de fazer muitas cerimónias para lhe dizer:

– A sua doença é não produzir sombra.

– Vossa Alteza Real deve sentir consideráveis melhoras! – retorquiu a Sombra. – Sei que o vosso mal é ver demasiado bem, mas já passou, estais curada. Tenho realmente uma sombra pouco vulgar. Não vê a pessoa que anda sempre comigo? As outras pessoas têm uma sombra vulgar, mas eu não gosto da vulgaridade. Pode dar-se aos lacaios tecidos mais finos para as librés do que aqueles que se usa, e foi assim que permiti à minha sombra arranjar-se para se apresentar como homem. Como vê, dei-lhe mesmo uma sombra. É um prazer muito caro, mas gosto de possuir uma coisa só para mim próprio.

«O quê!», pensou a princesa. «Estarei realmente curada? Estes banhos são os melhores que existem! A água tem no nosso tempo um efeito enorme. Mas não me vou embora, pois agora é que começa a ser divertido aqui. Gosto extraordinariamente deste estrangeiro. Oxalá que a barba não lhe cresça, senão vai-se embora!»

Nessa noite, na grande sala de baile, a filha do rei e a Sombra dançaram. Ela era leve, mas a Sombra ainda mais. Nunca tivera um parceiro assim. Disse-lhe de que país vinha, e a Sombra conhecia-o. Fora lá, mas nessa altura ela estava ausente. Dera uma olhadela das janelas para cima e para baixo, tinha visto isto e aquilo, e soube assim responder às perguntas da filha do rei e dar indicações de tal modo que ela ficou maravilhada. Devia ser o homem mais sábio de todo o mundo! Tomou-se, pois, de grande respeito pelo que ele sabia e, quando voltaram a dançar, estava enamorada e a Sombra bem o notou, pois quase a trespassava com o olhar. Dançaram ainda mais uma vez e ela esteve

quase a declarar-se-lhe, mas, como era discreta, pensou no seu país e no reino e nas muitas pessoas sobre quem viria a reinar. «Homem instruído é ele», disse para si própria, «o que é bom. Dança bem, o que também é bom. Mas terá conhecimentos sólidos? É coisa igualmente importante! Tem de ser examinado.» Começou assim pouco a pouco a fazer-lhe perguntas mais difíceis, a que ela própria não sabia responder. E a Sombra fez uma grande cara de estranheza.

– Não sabe então responder! – disse a filha do rei.

– São coisas que aprendi em criança – respondeu a Sombra.

– Creio, contudo, que a minha sombra, que ali está ao pé da porta, saberá responder-lhe.

– A sua sombra! – exclamou a filha do rei. – Seria muito curioso!

– Pois é, não digo decididamente que sabe – disse a Sombra –, mas creio bem que sim. Seguiu-me e escutou-me tantos anos... sim, creio-o bem! Mas Vossa Alteza Real permita-me que lhe chame a atenção para o facto de que ela tem tanto orgulho em passar por uma pessoa, que, se estiver de bom humor... e deve estar para responder bem... tem de ser tratada como tal.

– Posso bem tolerar isso – respondeu a filha do rei.

Assim se dirigiu ao letrado, que estava ao pé da porta, e falou com ele sobre o Sol, a Lua e sobre as pessoas, tanto por fora como por dentro, e ele respondeu-lhe bem e inteligentemente.

«Que homem este, que tem uma sombra tão instruída!», pensou. «Seria uma verdadeira bênção para o meu povo e para o reino se o escolhesse para meu consorte. Vou mesmo escolhê-lo!»

E logo acordaram casar-se, tanto a filha do rei como a Sombra. Ninguém, porém, devia sabê-lo antes de ela voltar ao reino.

– Ninguém, nem mesmo a minha sombra! – disse a Sombra,

e lá tinha as suas razões.

Foram depois para o país onde a filha do rei reinava, quando lá estava.

– Ouve, meu bom amigo! – disse a Sombra ao letrado. – Sou agora tão feliz e poderosa como ninguém e quero fazer algo especial por ti! Habitarás sempre comigo no palácio, andarás comigo na minha carruagem real e terás centenas de milhares de táleres por ano, mas tens de deixar-te chamar sombra por toda e qualquer pessoa. Não podes dizer que foste alguma vez uma pessoa, e uma vez por ano, quando me sentar na varanda ao Sol para que me vejam, deverás deitar-te aos meus pés, como faz uma sombra. Posso dizer-te, vou-me casar com a filha do rei e hoje à noite serão celebradas as bodas.

– Não! É loucura demasiada! – disse o letrado. – Não quero, nem faço isso! É enganar todo o país e a filha do rei também! Vou dizer tudo! Que sou eu o homem e que tu és a sombra, que apenas andas vestida como homem!

– Ninguém acreditará em ti! – afirmou a Sombra. – Sê, pois, sensato ou chamo a guarda!

– Vou já à filha do rei – disse o letrado.

– Mas eu vou primeiro! – redarguiu a Sombra. – E tu vais para a prisão!

Teve mesmo de ir, pois as sentinelas obedeceram àquele que sabiam que a filha do rei queria para consorte.

– Estás a tremer! – exclamou a filha do rei, quando a Sombra entrou nos seus aposentos. – Aconteceu alguma coisa? Não podes estar doente hoje à noite, quando vão celebrar-se as bodas.

– Acabo de viver a coisa mais cruel que se pode viver! – disse a Sombra. – Imagina... realmente um pobre cérebro de sombra não pode suportar muito... imagina, a minha sombra enlouqueceu, crê que é pessoa e que eu... imagina bem... eu sou a sua

sombra.

– É horrível! – exclamou a princesa. – Está com certeza encarcerada?

– Está, pois. Estou convencido de que não se restabelecerá mais.

– Pobre sombra! – exclamou a princesa. – É muito infeliz. É verdadeira caridade libertá-la do pouco de vida que tem e, se penso bem, creio que se torna necessário acabar-se com ela secretamente.

– É realmente bastante duro – disse a Sombra –, pois era uma servidora fiel. – E deixou escapar algo parecido com um soluço.

– Tendes um carácter nobre! – exclamou a filha do rei.

À noite toda a cidade estava iluminada e os canhões dispararam – pum! – E os soldados apresentaram armas.

Aquilo é que foram bodas! A filha do rei e a Sombra vieram à varanda para se mostrarem e foram acolhidas com muitos vivas.

O letrado nada ouviu, pois já lhe haviam tirado a vida...



Saltadores¹

Springfyrene (1845)

Uma vez, o pulgão, o gafanhoto e o ganso saltador² quiseram ver qual deles era capaz de saltar mais alto e assim convidaram todo o mundo e quem demais quisesse assistir à exibição. Eram três valentes quando entraram na sala.

– Sim, dou a minha filha àquele que saltar mais alto! – disse o rei. – Pois é mesquinho deixar as pessoas saltar por nada!

O pulgão foi o primeiro a avançar. Tinha maneiras delicadas e fez saudações para todos os lados, pois havia sangue de donzela nele e está acostumado a só ter relações com os seres humanos. E isso tem muita importância.

Veio depois o gafanhoto. Era consideravelmente mais pesado, mas tinha, mesmo assim, muito boas maneiras e apresentou-se no seu uniforme verde herdado à nascença. Além disso, diziam as pessoas que vinha de uma família muito antiga, na terra do Egipto e que aqui, no reino, era altamente considerado. Tinham-no trazido directamente do campo e posto numa casa de cartas, com três andares, construídos com figuras com o lado colorido para dentro. Havia tanto portas como janelas e tudo recortado no corpo da dama de copas. – Eu canto de tal modo – afirmou – que dezasseis grilos nativos que, embora, cantassem desde pequenos, não tiveram direito a nenhuma casa de cartas. Ao ouvirem-me, zangaram-se tanto que ficaram ainda mais magros do que eram!

Tanto o pulgão como o gafanhoto deram assim boas contas de quem eram, acreditando que bem podiam vir a possuir uma princesa.

O ganso saltador não disse nada, mas falaram por ele e disseram que assim pensava mais, e o cão da corte, mal o farejou, afirmou que o ganso saltador era de boa família. O velho conselheiro, que tinha recebido três ordens para estar calado, assegurou que sabia que o ganso saltador era dotado da capacidade de profecia. Podia ver-se nas suas costas se se tinha um Inverno suave ou rigoroso e isso nunca se podia ver nas costas de quem escrevia o almanaque.

– Sim, por agora não digo nada! – afirmou o velho rei. – Mas vou ocupar-me disso e pensar na minha opinião!

Havia então que dar o salto. O pulgão saltou tão alto que ninguém o conseguiu ver, e então foram de opinião de que não tinha mesmo saltado, e isso foi mesquinho!

O gafanhoto saltou só metade da altura, mas saltou mesmo para a cara do rei, que sentenciou que era nojento.

O ganso saltador ficou muito tempo quieto a pensar, julgando-se por fim que não era mesmo capaz de saltar.

– Oxalá não se sinta mal! – disse o cão da corte, que voltou a farejá-lo. *Rutch!* E o ganso saltador deu um pequeno salto de esguelha para o colo da princesa, que estava sentada num banquinho de ouro.

Então o rei proferiu:

– O salto mais alto é para a minha filha, pois ela é do mais fino que há. Para tal coisa há que ter uma cabeça para pensar e o ganso saltador mostrou que a tinha. Tem osso na testa, quer dizer, tem miolo!

E assim recebeu a princesa.

– Fui eu que saltei mais alto! – afirmou o pulgão. – Mas é-me indiferente! Que a princesa fique com o ganso de pau e pez! Fui

eu que saltei mais alto, mas é preciso ter corpo neste mundo para que o vejam!

E assim o pulgão alistou-se como combatente no estrangeiro, onde se diz que foi abatido.

O gafanhoto sentou-se lá fora na valeta a pensar, como são propriamente as coisas neste mundo, dizendo:

– Tem de se ter corpo para isso! Tem de se ter corpo para isso!

E assim cantou a sua canção triste e foi dela que tomámos a história, que bem podia ser falsa, ainda que impressa.

¹*Springfyrene* significa estouvado, peralvilho. (N. do T.)

² Velho brinquedo feito de um osso de peito de ganso que dava saltos. (N. do T.)



A Rapariguinha dos Fósforos *Den lille Pige med Svovlstikkerne* (1845)

Estava terrivelmente frio. Nevava e tinha começado a anoitecer. Era também a última noite do ano, a véspera do ano novo. Naquele frio e naquela escuridão, caminhava pela rua uma rapariguinha pobre, com a cabeça descoberta e descalça. Tinha, ou mais justamente tivera calçado chinelas, quando saiu de casa. Mas de que lhe servira isso! Eram tão grandes – ultimamente a mãe andara com elas – que lhe caíram dos pés quando teve de atravessar a rua a correr, para fugir de duas carruagens em louca correria. Uma chinela, não foi possível encontrá-la e a outra levou-a um rapazinho que lhe disse que poderia vir a utilizá-la como berço, quando tivesse filhos.

Agora ia pela rua a rapariguinha de pezinhos descalços, que estavam roxos de frio. No velho e gasto avental levava uma quantidade de fósforos e na mão segurava um molho deles. Durante todo o dia, ninguém lhe tinha comprado um. Ninguém lhe dera um pequeno xelim. Com fome e enregelada, a pobrezinha caminhava muito infeliz! Os flocos de neve caíam-lhe sobre os longos cabelos loiros, que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço, mas nesta beleza não pensava ela. As luzes brilhavam em todas as janelas e cheirava muito bem ao assado de ganso, naquela rua. Era a noite da passagem do ano.

E era nisso que ela pensava.

Num recanto afastado, entre duas casas – uma avançava um pouco mais do que a outra –, sentou-se, encolhida. Puxara as perninhas para debaixo de si, mas cada vez tinha mais frio e para casa não ousava ir. Não vendera, na verdade, nenhuns fósforos. Não conseguira um único xelim. O pai bater-lhe-ia. Além disso, também estava frio em casa. Tinham o telhado mesmo por cima deles e o vento assobiava por aí, se bem que tivessem tapado com palha e trapos as fendas maiores. As mãozinhas estavam quase mortas de frio. Ai! Um fosforozinho far-lhe-ia bem. Se tirasse um só do molho e o riscasse na parede e aquecesse os dedos! Tirou um e «ritch»! Como esguichou, como ardeu! Era uma chama clara, quente, como uma velazinha, quando pôs a mão à volta dele. Era uma luz estranha! À rapariguinha, pareceu-lhe que estava sentada diante de um grande fogão de ferro, com esferas e tambor de latão dourado. O fogo ardia tão abençoado e aquecia tão bem! Oh! Que foi isto? A pequena estendia já os pés para também os aquecer, quando a chama se apagou e o fogão desapareceu. Continuou sentada com um tocozinho de fósforo queimado na mão.

Riscou outro, que ardeu e luziu. E, quando o clarão incidiu na parede, esta tornou-se transparente como um tule. Olhou para dentro da casa onde a mesa estava posta com loiça de porcelana fina sobre uma brilhante toalha branca. Maravilhosamente, exalava um ganso assado, recheado com passas de ameixas e maçãs! O ganso saltou da travessa, saracoteando-se pelo chão, com o garfo e a faca espetados no lombo, que foi ainda mais maravilhoso. Dirigiu-se directamente para a rapariguinha. Mas quando o fósforo se apagou, ela só viu a espessa parede fria.

Acendeu outro. Ficou então sentada sob a mais bela árvore de Natal. Era ainda maior e mais ornamentada do que aquela que vira pela porta envidraçada, em casa do comerciante rico, no último Natal. Milhares de velas brilhavam nos ramos verdes e figuras

muito coloridas, como aquelas que decoravam as montras das lojas, olhavam, lá de cima, para ela. A pequena estendeu ambas as mãos no ar e... logo se apagou o fósforo. As muitas luzes do Natal subiram cada vez mais alto. Viu então que eram as estrelas brilhantes. Uma delas caiu e fez um longo risco de fogo no céu.

– Está a morrer alguém! – disse a pequena, porque a velha avó, que foi a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas que agora estava morta, dissera: – Quando cai uma estrela, sobe uma alma para Deus!

Riscou de novo um fósforo na parede, que iluminou tudo à volta e, no seu fulgor, estava a velha avó, tão clara, tão luminosa, tão doce e feliz.

– Avó! – gritou a pequena – Oh! Leva-me contigo! Sei que te irás quando o fósforo se apagar. Que te irás como o fogão quente, como o belo assado de ganso e a grande e abençoada árvore de Natal! – E riscou apressadamente o resto dos fósforos que estavam no molho. Queria conservar a avó. E os fósforos arderam com tal brilho que se fez mais claro que a luz do dia. A avó nunca tinha sido tão bela e tão grande. Levantou a rapariguinha para os seus braços e voaram ambas em esplendor e júbilo. Tão alto, tão alto! Naquele lugar não havia nenhum frio, nenhuma fome, nenhum medo... estavam com Deus!

Mas naquele recanto da rua, na madrugada fria, jazia morta pelo frio a rapariguinha com as faces vermelhas e com um sorriso na boca... enregelada. Na última noite do velho ano. A manhã do novo ano ergueu-se sobre o pequeno cadáver, sentado com o seu punhado de fósforos, quase todos queimados. – Quis aquecer-se! – disseram.

Ninguém soube que coisas belas a menina viu, nem em que esplendor ela com a velha avó tinham entrado no júbilo do ano novo!



O Rouxinol

Nattergalen (1843)

Na China, como bem sabes, o imperador é chinês, e todos quantos tem à sua volta são chineses. Já lá vão muitos anos, mas precisamente por isso merece a pena ouvir esta história, antes que seja esquecida!

O palácio do imperador era o mais faustoso do mundo, inteira e completamente de porcelana fina, tão valorosa, mas tão frágil. Tão sensível a qualquer toque, que havia verdadeiramente que tomar-se atenção. No jardim viam-se as flores mais estranhas e nas mais esplendorosas estavam atadas campainhas de prata que tinham para que não se passasse por elas sem as notar. Sim, no jardim do imperador tudo estava perfeitamente planeado e estendia-se até tão longe que o próprio jardineiro não sabia onde terminava. Se se continuava a andar, entrava-se no mais esplêndido bosque com árvores altas e lagos fundos. O bosque estendia-se até ao mar, que era azul e profundo. Grandes barcos podiam navegar e penetrar sob as ramagens destas árvores e nelas vivia um rouxinol que cantava de forma tão abençoada que até mesmo o pescador pobre, que tinha tantas outras coisas com que se preocupar, se quedava a escutá-lo, quando de noite saía para lançar a rede e calhava ouvi-lo. «Santo Deus, como este canto é belo!», dizia, mas tinha de pensar na sua vida e esquecia o pássaro. Contudo, na noite seguinte, quando o rouxinol volta-

va a cantar e o pescador andava por ali, exclamava o mesmo: «Santo Deus, como este canto é belo!»

De todos os países do mundo vinham viajantes admirar a cidade imperial bem como o palácio e o jardim. Mas quando ouviam o rouxinol, afirmavam: «Isto é o melhor de tudo!»

Os viajantes falavam disso quando regressavam e os letrados escreviam muitos livros sobre a cidade, o palácio e o jardim, mas não se esqueciam do rouxinol, que era posto acima de tudo. E os que sabiam poetar escreviam as mais belas poesias, todas sobre o rouxinol do bosque, junto ao mar.

Os livros circularam pelo mundo e alguns deles chegaram uma vez às mãos do imperador. Este sentou-se na sua cadeira de ouro, pôs-se a ler, a ler, e foi lendo. Acenava a todo o momento com a cabeça, pois agradava-lhe ler as maravilhosas descrições da cidade, do palácio e do jardim. «Mas o rouxinol é bem o melhor de tudo», também estava lá escrito.

– O que é isto? – exclamou o imperador. – Um rouxinol? Nada sei disso! Existe tal pássaro no meu império, precisamente no meu jardim? Nunca ouvi falar de tal coisa! E disto tenho de saber através da leitura?

Chamou pelo seu cavaleiro-às-ordens, que era tão distinto que, quando alguém que lhe era inferior se atrevia a dirigir-lhe a fala ou a perguntar-lhe alguma coisa, não lhe respondia senão com um «pe!», que nada significava.

– Deve haver aqui um pássaro extraordinariamente notável que se chama rouxinol! – disse o imperador. – Dizem que é o melhor de tudo no meu grande império! Porque não me falaram dele?

– Nunca ouvi mencioná-lo! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Não foi apresentado na corte!

– Quero que venha aqui hoje à noite e cante para mim! – disse o imperador. – Todo o mundo sabe o que tenho e eu não sei!

– Nunca ouvi mencioná-lo! – respondeu o cavaleiro-às-ordens. – Vou procurá-lo e hei-de encontrá-lo!

Mas onde iria procurar? O cavaleiro-às-ordens subiu e desceu, a correr, todas as escadas, percorreu salas e corredores, Nenhuma das pessoas que encontrou ouvira falar do rouxinol. O cavaleiro-às-ordens voltou a correr para o imperador e disse que devia ser certamente uma história inventada por essa gente que escreve livros.

– Vossa Majestade Imperial não deve crer em tudo o que se escreve! São invenções. É o que se chama magia negra!

– Mas o livro onde li isso – disse o imperador – foi-me enviado pelo muito poderoso imperador do Japão e, portanto, não pode ser falso. Quero ouvir o rouxinol! Tem de estar aqui hoje à noite! Concedo-lhe a suprema graça de vir à minha presença! Se não vier, toda a corte levará açoites na barriga depois de ter ceado.

– *Tsing-pe!* – disse o cavaleiro-às-ordens, e voltou a correr, a subir e a descer todas as escadas, a percorrer todas as salas e corredores, e meia corte corria com ele, pois não tinham nenhuma vontade de levar açoites na barriga. Era um perguntar por toda a parte pelo rouxinol que o mundo inteiro conhecia, mas não a corte.

Por fim encontraram uma pobre rapariguinha na cozinha. Disse ela:

– Oh! Deus, o rouxinol! Conheço-o bem! Sim, como sabe cantar! Tenho autorização para levar todas as noites um pouco dos restos da mesa para casa, para a minha pobre mãe doente. Vive lá em baixo na praia e, quando regresso, estou cansada e repouso no bosque, oiço então o rouxinol a cantar! Fico com os olhos húmidos. É como se a minha mãe me beijasse!

– Cozinheirazinha! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Arranjar-lhe-ei um lugar certo na cozinha e permitir-lhe-ei ver o imperador comer, se nos souber levar ao rouxinol, pois a sua presença foi anunciada para hoje à noite!

Precipitaram-se todos para o bosque, onde o rouxinol costumava cantar. Acompanhava-os meia corte. Enquanto caminhavam, ouviram uma vaca a mugir.

– Oh! – disseram os pajens da corte. – Temo-lo agora! Há realmente um vigor extraordinário num animal tão pequeno! Já o ouvi com toda a certeza!

– Não! São as vacas que mugem! – disse a cozinheirazinha. – Estamos ainda longe do lugar.

Coaxaram depois as rãs no charco.

– Maravilhoso! – disse o deão do palácio. – Oiço-o agora, é como sinozinhos de igreja!

– Não! São as rãs! – disse a cozinheirazinha. – Mas penso que em breve o vamos ouvir.

Então começou o rouxinol a cantar.

– É ele – disse a rapariguinha. – Oiçam! Oiçam! Está ali! – E apontou para um passarinho cinzento pousado nos ramos.

– É possível? – disse o cavaleiro-às-ordens. – Nunca o tinha imaginado assim! Como parece insignificante! Certamente perdeu as cores ao ver tanta gente distinta à sua volta!

– Rouxinolzinho! – gritou a cozinheirazinha bem alto. – O nosso magnânimo imperador gostaria muito que cantasses para ele!

– Com o maior gosto – respondeu o rouxinol, e logo cantou que era uma maravilha.

– É como as campainhas de vidro! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Vede a gargantazinha, como se esforça! É estranho que nunca o tenhamos ouvido! Fará grande sucesso na corte!

– Devo cantar mais uma vez para o imperador? – perguntou o rouxinol, que julgava que o imperador estava ali.

– Meu excelente rouxinolzinho! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Tenho a grande alegria de vos convidar para uma festa na corte, esta noite, na qual deliciareis Sua Alta Graça Imperial com o vosso canto fascinante!

– É mais bonito no campo! – disse o rouxinol, mas acompanhou-os de bom grado, quando ouviu dizer que o imperador assim o queria.

No palácio foi posto tudo convenientemente a luzir. Paredes e pavimentos, que eram de porcelana, brilhavam com a luz de milhares de lamparinas de ouro. Nos corredores foram colocadas as flores mais belas, que podiam verdadeiramente tinir. Era um movimento e uma aragem tais que faziam soar todas as campainhas, que ninguém conseguiu ouvir uma palavra.

No meio da grande sala onde o imperador estava sentado fora colocado um poleiro de ouro e nele devia pousar o rouxinol. Toda a corte estava aí e a cozinheirinha recebeu autorização para ficar de pé, por detrás da porta, pois tinha agora o título de cozinheira absoluta. Trajavam todas as suas melhores galas e olhavam para o passarinho cinzento, ao qual o imperador acenou.

O rouxinol cantou tão bem que vieram as lágrimas aos olhos do imperador. Correram-lhe pelo rosto. Quando o rouxinol cantou ainda melhor, o seu canto foi direito ao coração. O imperador ficou tão contente que disse que o rouxinol receberia as suas chinelas de ouro para trazer à volta do pescoço. Mas o rouxinol agradeceu dizendo que já recebera recompensa suficiente.

– Ver as lágrimas nos olhos do imperador é para mim o mais rico tesouro! As lágrimas de um imperador têm um poder maravilhoso! Deus bem sabe que estou suficientemente recompensado. – E voltou a cantar com a sua voz maviosa e abençoada.

– É o mais amável galanteio que conheço – disseram as damas em redor, que começaram a pôr água na boca para gorgolejar, quando alguém falava com elas. Imaginavam que, deste modo, também pareciam rouxinóis. Até mesmo os lacaios e as criadas de quarto deixaram saber que eles também estavam satisfeitos. Isso tinha muita importância, pois são as pessoas mais

difíceis de contentar. Não havia dúvida, o rouxinol fizera bastante sucesso!

Ficaria agora na corte e teria a sua própria gaiola, bem como a liberdade de passear na natureza duas vezes por dia e uma vez de noite. Recebeu também doze criados. Tinham todos uma fita de seda ligada à perna do rouxinol e seguravam-na firmemente. O rouxinol sentia-se preso. Para ele não havia nenhum prazer nesses passeios.

Toda a cidade falava do notável pássaro e se duas pessoas se encontravam, uma só dizia «rouxi!», e a outra respondia «nol!», e depois suspiravam e entendiam-se uma com a outra. Até onze filhos de um merceeiro receberam o seu nome, mas nenhum deles deu tom que se ouvisse em vida...

Um dia chegou uma grande encomenda para o imperador. Por fora estava escrito: *Rouxinol*.

– Temos aí um livro novo sobre o nosso pássaro célebre! – disse o imperador. Não era, porém, nenhum livro, mas uma pequena obra de arte dentro de uma caixa. Um rouxinol artificial, que devia imitar o vivo, e que estava completamente guarnecido com diamantes, rubis e safiras. Logo que se dava corda ao pássaro artificial, este punha-se a cantar uma das peças que o verdadeiro cantava e a cauda movia-se para cima e para baixo, brilhando como prata e ouro. No pescoço suspendia-se uma pequena fita, onde estava escrito: «O rouxinol do imperador do Japão é pobre perante o do imperador da China.»

– É maravilhoso! – disseram todos, e a pessoa que trouxe o pássaro artificial recebeu logo o título de «portador-mor do rouxinol imperial».

– Agora têm de cantar juntos! E que tal um dueto!

E assim tiveram de cantar juntos, mas não deu resultado, pois o rouxinol verdadeiro cantava à sua maneira e o pássaro artificial funcionava com rolos.

– Não tem culpa – disse o mestre de música. – Respeita os compassos e é inteiramente da minha escola!

O pássaro artificial teve então de cantar sozinho. Fez tanto sucesso como o verdadeiro e era muito mais engraçado vê-lo, brilhava como braceletes ou alfinetes de peito.

Cantou trinta e três vezes a mesma peça musical e nunca ficou cansado. As pessoas tê-lo-iam ouvido ainda mais, mas o imperador foi de opinião de que agora também devia cantar um pouco o rouxinol vivo... mas onde estava ele? Ninguém dera por isso, mas ele voara pela janela aberta lá para longe, para o seu bosque verde.

– Mas que vem a ser isto? – perguntou o imperador, e todos os cortesãos descompuseram o rouxinol e declararam que era um animal altamente ingrato. – Temos, contudo, o pássaro melhor! – disseram, e assim o pássaro artificial teve de voltar a cantar e pela trigésima quarta vez ouviram a mesma peça musical. Mas nem mesmo assim ficaram a conhecê-la, pois era muito difícil, e o mestre de música elogiou extraordinariamente o pássaro, assegurou mesmo que era melhor do que o verdadeiro, não só no que respeitava ao vestuário e aos muitos belos diamantes, mas também interiormente.

– Pois vejam bem, minhas senhoras e meus senhores, o imperador acima de todos! Com o rouxinol verdadeiro nunca se pode contar com o que vai vir, mas com o pássaro artificial tudo está fixado! É assim e não de outro modo! Pode explicar-se, pode abrir-se e mostrar a obra do pensamento humano, onde estão os rolos, como funcionam e como um se segue ao outro...

– É exactamente o que pensamos! – exclamaram todos. E o mestre de música recebeu autorização de, no domingo seguinte, mostrar o pássaro ao povo. Também devia ouvi-lo, disse o imperador. Ouviu-o e ficou tão contente como se se tivesse alegrado com um simples chá, o que é bem chinês. Disseram todos «oh!»

e puseram o dedo no ar, o que chamam lambedor, e acenaram com a cabeça. Mas o pobre pescador que tinha ouvido o rouxinol verdadeiro disse:

– Soa bastante bem, é também parecido, mas falta-lhe algo, não sei o quê!

O rouxinol verdadeiro foi banido do país e do império.

O pássaro artificial teve o seu lugar numa almofada de seda bem junto do leito do imperador. Todas as ofertas que recebeu, ouro e pedras preciosas, estavam à sua volta e em título ascendeu a «cantor-mor de mesinha-de-cabeceira de Sua Alteza Imperial», em categoria número um do lado esquerdo, pois o imperador contava esse lado como sendo o mais distinto, no qual estava o coração, e o coração fica à esquerda, mesmo num imperador. Entretanto o mestre de música escreveu vinte e cinco volumes sobre o pássaro artificial. Eram tão eruditos e tão longos e com as palavras chinesas mais difíceis, que todas as pessoas diziam que os tinham lido e compreendido, pois senão teriam sido consideradas estúpidas e levado açoites na barriga.

Assim passou todo um ano. O imperador, a corte e todos os outros chineses conheciam de cor o mais pequeno gorjeio do canto do pássaro artificial, e, por essa razão, lhes parecia ser isso o melhor de tudo. Podiam cantar ao mesmo tempo e assim faziam. Os rapazes da rua cantavam «zizizi – clucluclu» e o imperador também. Sim, era verdadeiramente belo!

Mas uma noite em que o pássaro artificial estava no melhor do seu canto e o imperador deitado na cama a ouvi-lo, soou dentro do pássaro um «tze», saltou algo, «tre», todas as rodas andaram à volta e a música parou.

O imperador saltou logo da cama e mandou chamar o médico da corte, mas que podia ele fazer! Mandou então chamar o relojoeiro, que, depois de muito falar e de muito mirar, conseguiu pôr o pássaro minimamente em condições, mas disse que

devia ser poupado, pois estava bastante gasto nos dentes das rodas e não era possível substituí-las, de modo a que funcionasse certo com a música. Foi um grande desgosto! Só uma vez por ano se podia deixar o pássaro artificial cantar e mesmo assim com bastante dificuldade.

Então o mestre de música fez um pequeno discurso com palavras difíceis, afirmando com autoridade que ficara tão bom como antes.

Passaram cinco anos, quando todo o país sofreu um desgosto verdadeiramente grande, pois, no fundo, todos gostavam muito do seu imperador. Estava doente e não viveria muito tempo, dizia-se. Um novo imperador fora já escolhido e o povo parava na rua e perguntava ao cavaleiro-às-ordens como estava o imperador.

– Pe! – dizia ele, sacudindo a cabeça.

Frio e pálido, o imperador jazia no seu leito grande e sumptuoso. Toda a corte acreditava que estava morto e todos os cortesãos o abandonaram para correrem a saudar o novo imperador. Os camareiros saíram para tagarelar sobre o acontecimento e as criadas do palácio juntaram-se em grande sociedade para tomar café e tagarelar também. À volta, em todas as salas e corredores, tinham sido estendidos panos para que não se ouvissem as pessoas a andar e, portanto, era por toda a parte um grande silêncio! Mas o imperador ainda não estava morto. Rígido e pálido jazia no leito sumptuoso com grandes cortinados de veludo e borlas pesadas de ouro. Lá em cima, bem alto, estava uma janela aberta e o luar entrava brilhando sobre o imperador e o pássaro artificial.

O pobre imperador quase não podia respirar, era como se algo lhe pesasse sobre o peito. Abriu os olhos e viu então que era a Morte que estava sentada sobre o seu peito, tendo na cabeça a sua coroa de ouro, segurando numa mão o sabre de ouro impe-

rial e na outra o seu belo estandarte. À volta das pregas dos grandes cortinados de veludo do leito espreitavam cabeças estranhas, umas bem feias, outras de traços admiravelmente suaves. Eram todas as acções boas e más do imperador, que o olhavam, agora que a Morte estava sentada sobre o seu coração.

– Lembras-te disto? – murmurava uma após outra. – Lembras-te disto? – E tantas coisas lhe contavam que o suor lhe corria da testa.

– Nunca o soube – dizia o imperador. – Música, música! O grande tambor chinês! – gritou. – Para não ouvir o que dizem!

No entanto elas continuavam a contar e a Morte inclinava a cabeça, como um bom chinês, a tudo o que diziam.

– Música, música! – gritava o imperador. – Tu, maravilhoso passarinho de ouro! Canta, anda, canta! Dei-te ouro e preciosidades, eu próprio te pendurei as minhas chinelas de ouro ao pescoço. Canta, vá, canta!

Mas o pássaro ficou imóvel, não havia ninguém ali que lhe desse corda, pelo que não podia cantar. A Morte, porém, continuava a olhar para o imperador com as suas grandes órbitas vazias e tudo era silêncio, um silêncio terrível.

Então soou de repente, junto à janela, o mais belo canto. Era o rouxinolzinho vivo que pousara num ramo lá fora. Tinha sabido da agonia do seu imperador e viera para lhe cantar consolação e esperança. E à medida que cantava esvaneciam mais e mais as figuras, o sangue corria mais e mais rápido nos fracos membros do imperador e a própria Morte escutava e dizia:

– Continua, rouxinolzinho, continua!

– Quero que me dêes o belo sabre de ouro! Sim, queres dar-me o rico estandarte? Queres dar-me a coroa imperial?

A Morte dava cada um destes tesouros por um canto e o rouxinol continuava sempre a cantar. Cantou sobre o cemitério tranquilo, onde crescem as rosas brancas, onde o sabugueiro

perfuma o ar e onde a erva fresca é regada pelas lágrimas dos sobreviventes. Então a Morte sentiu saudades do seu jardim e deslizou como uma névoa fria e branca pela janela fora.

– Obrigado, obrigado! – disse o imperador. – Tu, passarinho celestial, conheço-te bem! Bani-te do meu país e império! Contudo, vieste cantar para que as visões terríveis desaparecessem do meu leito. Conseguiste que a Morte saísse do meu coração! Como posso recompensar-te?

– Já me recompensaste! – disse o rouxinol. – Recebi lágrimas dos teus olhos, na primeira vez que cantei, nunca me esqueço! São as jóias que verdadeiramente alegram o coração de um cantor! Mas agora dorme, recompõe-te e fortalece-te! Vou cantar para ti.

Cantou depois... e o imperador caiu num doce sono. Ai! Como era suave e benfazejo esse sono!

O Sol entrava pelas janelas quando acordou fortalecido e são. Nenhum dos seus servidores tinha voltado, pois pensavam que estava morto, mas o rouxinol lá estava ainda. E cantava.

– Tens de ficar sempre comigo! – disse o imperador. – Cantarás quando quiseres e ao pássaro artificial vou parti-lo em mil pedaços.

– Não faças isso! – pediu o rouxinol. – Ele fez o melhor que pôde! Guarda-o como até aqui! Não posso morar no palácio, mas permite que venha, quando me apetecer. Pousarei à noite naquele ramo junto à janela e cantarei para ti, para que te alegres e medites igualmente. Cantarei a gente feliz e a gente que sofre. Cantarei o mal e o bem, que à tua volta se mantém oculto. O passarinho cantor voa até longe aqui à volta, até ao pobre pescador, até ao telhado da cabana do camponês, a todo o lugar que está longe de ti e da tua corte. Gosto mais do teu coração do que da tua coroa e, contudo, a coroa tem um esplendor algo sagrado à sua volta. Voltarei e cantarei para ti... mas uma coisa tens de prometer-me!

– Tudo! – disse o imperador, que agora se apresentava no seu traje imperial, que ele próprio vestira, e sustendo o sabre, de ouro maciço, erguido contra o coração.

– Uma coisa te peço: não contes a ninguém que tens um passarinho que te diz tudo. Será assim melhor.

E o rouxinol voou para longe.

Os servidores entraram para verem o seu imperador morto... pois bem, quando ali chegaram, este disse-lhes:

– Bom dia!



O Fuzil

Fyrtøjet (1835)

Vinha um soldado a marchar pela estrada fora. Um, dois! Um, dois! Trazia a mochila às costas e um sabre à ilharga, pois estivera na guerra e regressava agora a casa. Encontrou então uma velha feiticeira na estrada. Era nojenta. O lábio inferior pendia-lhe quase até ao peito.

– Boa noite, soldado! – exclamou ela – Que bonito sabre e que grande mochila tens! És um verdadeiro soldado! Agora, vais ter tanto dinheiro quanto quiseres!

– Muito obrigado, velha feiticeira! – disse o soldado.

– Vês esta árvore grande? – perguntou a feiticeira apontando para uma árvore que estava ao lado deles. – É completamente oca. Se trepares até ao topo, verás um buraco pelo qual podes deixar-te escorregar e ir ao fundo da árvore. Vou atar-te uma corda à cintura para poder içar-te outra vez, quando me chamares.

– E o que vou eu fazer ao fundo da árvore? – perguntou o soldado.

– Buscar dinheiro! – respondeu a feiticeira. – Quando chegares ao fundo, vais encontrar um grande corredor completamente iluminado, pois aí estão acesas mais de cem lâmpadas. Verás então três portas. Podes abri-las porque as chaves estão nas fechaduras. Entra na primeira câmara, e no meio verás, no chão,

uma grande arca e sobre ela um cão sentado com olhos tão grandes como chávenas de chá, mas não te importes com ele! Dar-te-ei o meu avental de quadradinhos azuis, que poderás estender no chão. Vai direito ao cão e põe-no sobre o avental, abre a arca e tira de lá tantos xelins quantos quiseses. São todos de cobre, mas se queres tê-los de prata, entrarás no compartimento seguinte. Aí estará um cão que tem os olhos tão grandes como mós de moinho. Mas não te importes com ele, põe-no em cima do meu avental e pega no dinheiro. Se quiseses ter ouro, também o podes obter, e tanto quanto puderes transportar, se entrares na terceira câmara. Mas o cão que está sentado na arca do dinheiro tem olhos tão grandes como a Torre Redonda¹. Acredita que é um cão de verdade. Mas não te importes com ele. Põe-no simplesmente em cima do avental, que ele não te fará nenhum mal, e tira da arca tanto ouro quanto quiseses.

– Não é nada mau! – disse o soldado. – Mas o que tenho de dar-te, velha feiticeira? Eu imagino que alguma coisa vais querer em troca!

– Não – disse a feiticeira. – Nem um único xelim quero para mim. Apenas me trará um velho fuzil que a minha avó esqueceu quando lá estive pela última vez.

– Estou de acordo! Põe-me então a corda à cintura! – pediu o soldado.

– Aqui está ela! – disse a feiticeira. – E aqui tens o meu avental de quadradinhos azuis!

Então o soldado trepou à árvore, deixou-se escorregar pelo buraco e achou-se, como dissera a feiticeira, no grande corredor, onde estavam acesas centenas de lâmpadas.

Abriu a primeira porta. Ui! Lá estava o cão com os olhos tão grandes como chávenas de chá a fitá-lo.

– És um tipo jeitoso! – disse o soldado, pondo-o sobre o

avental da feiticeira e tirou tantos xelins de cobre quanto podia meter nos bolsos. Fechou depois a arca, pôs o cão outra vez em cima dela e dirigiu-se para a segunda câmara. Ena! Lá estava o cão com olhos tão grandes como mós de moinho!

– Não deves olhar tanto para mim! – disse o soldado. – Podes ficar mal dos olhos. – E pôs o cão no avental da feiticeira. Mas, quando viu tanto dinheiro de prata na arca, deitou fora todo o dinheiro de cobre que tinha e encheu os bolsos e a mochila só com o de prata. Depois entrou na terceira câmara. Oh! Era horrível! O cão tinha realmente dois olhos tão grandes como a Torre Redonda. E giravam-lhe na cabeça, como rodas.

– Boa noite! – disse o soldado e levou a mão à barretina², pois um cão destes nunca vira antes. Mas depois de o ter mirado um pouco, pensou: «Chega de olhar.» Pegou nele, pô-lo no chão e abriu a arca. Oh! Santo Deus! Quanto ouro! Podia comprar Copenhaga inteira e todos os porquinhos de açúcar das doceiras, todos os soldados de chumbo, chicotes e cavalos de baloiço que houvesse no mundo. Sim, na verdade, havia lá imenso dinheiro! – Então o soldado lançou fora todos os xelins de prata com que enchera os bolsos e a mochila e substituiu-os pelos de ouro. Sim! Todos os bolsos, a mochila, a barretina e as botas ficaram cheias de tal modo que mal podia andar!

Agora, sim, tinha dinheiro! Levantou o cão e pô-lo sobre a arca, fechou a porta e gritou:

– Iça-me, velha feiticeira!

– Já tens o fuzil? – perguntou-lhe esta.

– É verdade! – disse o soldado. – Tinha-me esquecido. – E voltou atrás para o ir buscar. A feiticeira içou-o e lá estava ele outra vez na estrada com os bolsos, botas, mochila e barretina cheios de dinheiro.

– Que vais fazer agora com o fuzil? – perguntou o soldado.

– Não te interessa! – respondeu a feiticeira. – Já tens o di-

nheiro! Dá-me simplesmente o fuzil!

– Parvoíce! – retorquiu o soldado. – Ou me dizes imediatamente o que vais fazer com ele ou puxo do sabre e corto-te a cabeça!

– Não! – disse a feiticeira.

Então o soldado cortou-lhe a cabeça. Ali ficou. Pôs todo o dinheiro no avental, atou-o, colocou-o às costas à laia de trouxa, meteu o fuzil no bolso e dirigiu-se para a cidade.

Era uma linda cidade e entrou na mais bonita hospedaria, pediu o melhor quarto e comeu do que mais gostava, pois agora era rico, tinha muito dinheiro.

Ao criado, que deveria limpar-lhe as botas, pareceu-lhe que estas eram estranhamente velhas para pertencerem a um senhor tão rico. Mas o soldado ainda não tivera tempo de comprar outras. No dia seguinte, arranjou botas novas para calçar e roupa que era uma beleza! O soldado era agora um senhor elegante. Contaram-lhe então tudo sobre a cidade e o que lá havia e falaram-lhe do rei. E que linda princesa era a filha dele!

– Onde se pode vê-la? – perguntou o soldado.

– É impossível vê-la! – responderam todos em coro. – Mora num grande castelo de cobre, com muitos muros e torres à volta! Ninguém senão o rei tem a coragem de entrar ou sair, pois está profetizado que a princesa virá a casar com um simples soldado e isso não agrada ao rei!

«Bem gostaria de vê-la!», pensou o soldado, mas nunca obteria licença para isso.

Vivia agora divertindo-se. Ia às comédias, andava de carruagem no Jardim do Rei e dava aos pobres muito dinheiro, o que era bem bonito! Lembrava-se muito bem dos velhos tempos e como era mau não possuir um xelim! Estava agora rico, vestia belas roupas e tinha muitos amigos que diziam que ele era uma pessoa muito boa, um verdadeiro cavalheiro, e isso agradava-lhe!

Mas como todos os dias gastava dinheiro e não recebia nada em troca, apenas lhe restavam dois xelins, pelo que teve de sair do belo aposento onde morava, mudando-se para um quartinho estreito, mesmo debaixo do telhado. Tinha de escovar ele próprio as botas e consertá-las com uma agulha de passajar e já nenhum dos seus amigos o visitava, pois eram muitos os degraus até lá acima.

Era uma noite bem escura. Já não tinha dinheiro para comprar uma vela. Então lembrou-se de que havia um coto no fuzil que encontrara na árvore oca, em que a velha o tinha ajudado a descer. Agarrou no fuzil e no coto de vela, mas precisamente no momento em que fez fogo e as faíscas saltaram da pederneira abriu-se a porta de par em par e o cão que tinha olhos como grandes chávenas de chá e que o soldado vira lá no fundo da árvore estava diante dele.

– Que ordena o meu senhor? – perguntou o cão.

– Que é isto? – interrogou-se o soldado. – É, na verdade, um fuzil bem engraçado! Posso assim obter o que quero! – Arranja-me algum dinheiro! – pediu ele ao cão. Zaque!, e logo este desapareceu e, zaque!, logo voltou, trazendo na boca um grande saco cheio de xelins.

Agora, o soldado sabia que o fuzil tinha algo de maravilhoso. Se fizesse fogo uma vez, vinha o cão que estava sobre a arca com dinheiro de cobre; se fizesse duas vezes, vinha o que tinha dinheiro de prata, e se fizesse três vezes, vinha o que tinha ouro. Voltou a correr para o belo aposento, vestiu-se com boas roupas e, de imediato, o reconheceram todos os amigos que tanto gostavam dele.

Então pensou: «É coisa bastante estranha que não se possa ver a princesa! Deve ser muito bonita. Todos mo dizem! Mas para que serve a beleza, se tem de estar sempre metida num grande castelo de cobre com tantas torres? Não conseguirei

mesmo vê-la? Onde está o meu fuzil?» Fez fogo uma vez e, zaque!, logo apareceu o cão com os olhos tão grandes como chávenas de chá.

– Já vai alta a noite – disse o soldado –, mas gostaria tanto de ver a princesa, só por um momento!

O cão desapareceu pela porta e antes que o soldado tivesse tempo de pensar já estava de volta com a princesa sentada a dormir no seu lombo. Era realmente tão bonita que todos podiam ver que era deveras uma princesa. O soldado não pôde conter-se, teve de beijá-la, como fazem todos os verdadeiros soldados.

O cão regressou a correr com a princesa. De manhã, quando o rei e a rainha tomavam chá, a princesa disse que tivera um sonho estranho na noite anterior, com um cão e com um soldado. Cavalgara no cão e o soldado beijara-a.

– Sem dúvida que é uma linda história! – disse a rainha.

Então, na noite seguinte, uma das velhas damas da corte ficou de vigia junto ao leito da princesa, para ver se era realmente um sonho ou outra coisa qualquer.

O soldado ansiava tanto ver outra vez a bela princesa, que chamou o cão, com o seu fuzil. Este foi buscá-la e correu tanto quanto pôde. Mas a velha dama da corte calçou botas de chuva e correu com igual rapidez atrás deles. Quando os viu entrar numa casa grande, pensou «agora sei onde é!», e fez com um pedaço de giz uma grande cruz na porta onde o soldado morava. Depois foi para casa e deitou-se. E também o cão devolveu a princesa. Quando regressou, e viu que havia uma cruz na porta onde o soldado morava, o cão pegou também num pedaço de giz e fez cruzeiros em todas as portas da cidade. Foi coisa feita com muita esperteza, pois agora a dama da corte não saberia encontrar a porta certa, visto que havia cruzeiros em todas as portas.

De manhã cedo vieram o rei e a rainha, a velha dama da corte

e todos os oficiais para verem o sítio onde estivera a princesa.

– É aqui – disse o rei, quando viu a primeira porta com uma cruz.

– Não! É ali, querido marido! – afirmou a rainha, que viu uma segunda porta com uma cruz.

– Mas é aqui e é ali! – exclamaram todos. Para qualquer lado que olhassem havia cruzeiros nas portas. Verificaram então que não valia a pena procurar mais.

A rainha era uma mulher bastante esperta, que sabia muito mais do que andar de carruagem. Pegou na sua grande tesoura de ouro, cortou um grande pedaço de seda em bocados e fez destes um saquinho bonito. Encheu-o com sêmola de trigo mourisco, pequena e fina, atou-o às costas da princesa e, feito isto, fez um buraco no saco, de modo que a sêmola pudesse derramar-se por todo o caminho onde a princesa andasse.

À noite veio de novo o cão, pôs a princesa às costas e correu com ela para o soldado. Este gostava tanto dela que gostaria de ser um príncipe para a tomar como esposa.

O cão, correndo com a princesa, não notou como a sêmola se foi derramando pelo caminho desde o castelo, pelo muro acima, até à janela do soldado. De manhã, o rei e a rainha viram onde a filha tinha estado. Prenderam o soldado e puseram-no no calabouço.

Estava preso. Ui! Como era escuro e triste! E disseram-lhe: «Amanhã vais ser enforcado!» Não era nada divertido ouvir uma coisa destas e, ainda por cima, esquecera-se do fuzil na estalagem. De manhã pôde observar, através das grades de ferro da pequena janela, a gente que se apressava a sair da cidade para o ver ser enforcado. Ouviu os tambores e viu os soldados a marcharem. Toda a gente corria. Um aprendiz de sapateiro com avental de coiro e pantufas tanto correu a galope que uma das pantufas voou-lhe dos pés e foi bater precisamente contra a parede por detrás da

qual estava o soldado sentado a olhar para a rua.

– Eh! Aprendiz de sapateiro! Não precisas de ter tanta pressa! – disse o soldado. – Nada vai acontecer antes de eu lá chegar! Se quiseres, porém, correr até onde morei e trazer-me o meu fuzil, receberás quatro xelins! Mas tens de dar às pernas!

O aprendiz de sapateiro queria ganhar os quatro xelins, pelo que correu como uma seta a buscar o fuzil, que entregou ao soldado e... agora vamos ter de ouvir!

Fora da cidade tinham levantado uma grande força. À sua volta havia soldados e muitas centenas de milhares de pessoas. O rei e a rainha estavam sentados num belo trono mesmo em frente dos juízes e de todo o conselho.

O soldado estava já no cimo da escada, mas, quando iam pôr-lhe a corda no pescoço, disse que sempre haviam concedido a um pecador, antes de sofrer o castigo, a possibilidade de satisfazer um desejo inocente. Ele gostaria tanto de fumar uma cachimbada, já que seria a última que fumaria neste mundo!

Tal desejo não quis o rei negar-lhe, e assim o soldado pegou no fuzil e fez fogo uma, duas, três vezes. Lá estavam todos os cães, o dos olhos tão grandes como chávenas de chá, o dos olhos como mós de moinho e o que tinha os olhos tão grandes como a Torre Redonda.

– Ajudem-me para que não seja enforcado! – pediu o soldado, e logo se atiraram os cães aos juízes e a todo o conselho. Pegaram nuns pelas pernas e noutros pelo nariz e lançaram-nos muitas braçadas para o ar, de modo que, quando caíam, logo ficavam em pedaços.

– Eu não quero – disse o rei, mas o cão maior pegou nele e na rainha e lançou-os para o ar, como aos outros. Então os soldados ficaram assustados e a gente gritou:

– Soldadinho, serás o nosso rei e terás a linda princesa!

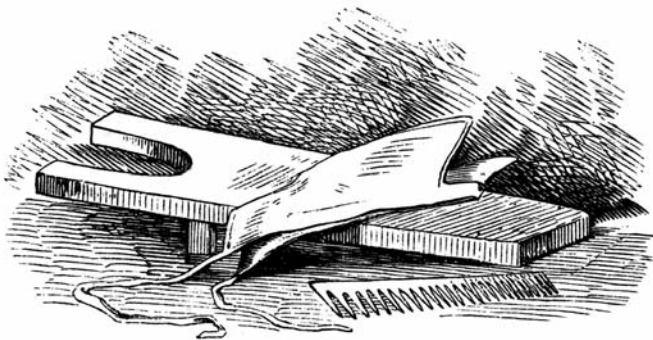
Sentaram assim o soldado na carruagem real e os três cães

dançavam à frente e gritavam «hurra»! Os moços aprendizes assobiavam com os dedos e os soldados apresentavam armas. A princesa saiu do castelo de cobre, foi feita rainha e bem podia sentir-se contente por isso!

A boda durou oito dias, os cães sentaram-se à mesa e fizeram grandes olhos.

¹ Observatório do célebre astrónomo Tyge Brahe, em Copenhaga. (*N. do T.*)

² Barretina alta. Antigo barrete alto, com pala, feito de feltro ou de couro,



O Colarinho Posticho

Flipperne (1848)

Era uma vez um cavalheiro fino cujos artigos de *toilette* eram uma calçadeira e um pente. Mas tinha os mais bonitos colarinhos postichos do mundo e é sobre um colarinho que vamos ouvir uma história.

Certo colarinho pensava que estava na idade de casar. E aconteceu que foi para lavar juntamente com uma liga.

– Oh! Não! – disse o colarinho, olhando para a liga. – Nunca vi, na verdade, algo tão elegante e fino, tão doce e tão bonito. Posso perguntar-lhe o nome?

– Não digo – respondeu a liga.

– Onde reside? – insistiu o colarinho.

Mas à liga, que era muito tímida, pareceu-lhe não ser de bom tom responder ao colarinho.

– É certamente uma tira! – continuou o colarinho. – Assim uma tira interior. Vejo bem que é tão útil como decorativa, minha menina.

– Não deve falar-me! – respondeu-lhe a liga. – Parece-me que não lhe dei o mínimo pretexto para isso!

– Sim, quando se é tão bonita como você! – retorquiu o colarinho. – É pretexto suficiente.

– Não se chegue mais! – disse a liga. – Tem um ar tão másculo!

– Sou também um fino cavalheiro! Tenho calçadeira e pente!

E não era verdade. Quem os tinha era o dono do colarinho, mas ele estava a fanfarronar.

– Não se aproxime! – disse a liga. – Não estou habituada a isso!

– Pretensiosa! – afirmou o colarinho, e foram retirados da bacia de lavar. Levou goma, foi pendurado numa cadeira ao Sol e estendido na tábua de engomar. Veio o ferro com a sola quente.

– Senhora! – disse o colarinho. – Viuvinha! Estou a aquecer completamente! Estou a ficar outro, estou a ficar sem rugas. Está a queimar-me, a fazer buracos em mim! Ui!... Proponho-lhe casamento!

– Farrapo! – disse a sola do ferro de engomar, passando orgulhosa por cima do colarinho. Achava-se parte de uma caldeira a vapor. Devia mas era ir para o caminho de ferro puxar vagões.

– Farrapo! – ouviu-se.

O colarinho estava um pouco poído nas pontas. Veio então a tesoura de papel para as aparar.

– Oh! – disse o colarinho. – É com certeza primeira-bailarina! Como sabe estender as pernas! É do mais bonito que vi! Nenhum ser humano pode imitá-la!

– Isso sei eu! – disse a tesoura.

– Merecia ser condessa! – comentou o colarinho. – Tudo quanto tenho é um fino cavalheiro, uma calçadeira e um pente! Tivesse eu um condado!

– Está a declarar-se, este! – disse a tesoura. Zangada, deu-lhe uma valente tesourada.

Estava arrumado.

– Só me resta propor casamento ao pente! – pensou o colarinho. – É notável como conserva todos os dentes, meu caro! Nunca pensou em noivado?

– Sim, pode sabê-lo! – disse o pente. Estou comprometido com a calçadeira!

– Comprometido!

Agora não havia mais ninguém para propor casamento. Decidiu então pôr essa ideia de lado.

Muito tempo depois, o colarinho foi parar a uma caixa, no moinho de papel. Havia uma grande sociedade de farrapos. Os finos de um lado e os grosseiros do outro. Arrumados como deve ser. Todos tinham muito que contar, mas o colarinho postiço tinha ainda mais. Era um verdadeiro gabarola.

– Tive tantas namoradas! Não podia andar sossegado. Era também um cavalheiro fino, com goma! Tinha uma calçadeira e um pente que nunca usava! Deviam ter-me visto, quando estava deitado de lado! Não esqueço nunca o meu primeiro namoro, era uma tira, tão fina, tão doce e tão encantadora. Afogou-se numa selha de água por mim! Havia também uma viúva que ficou em brasa, mas eu deixei-a até ela ficar preta! Houve a primeira-bailarina, deu-me a cutilada que ainda trago comigo. Era tão raivosa! O meu próprio pente enamorou-se de mim, perdeu todos os dentes por mal de amor. Sim, tive muitas experiências deste género! Mas do que sinto mais pena é da liga... quero dizer, da tira que se afogou na selha de água. Tenho muito a pesar-me na consciência. Bem posso necessitar fazer-me papel branco!

E assim foi, todos os farrapos se tornaram papel branco, mas o colarinho transformou-se precisamente neste pedaço de papel, que aqui vemos, onde a história está impressa, e isso porque fanfarronou tanto sobre o que nunca lhe acontecera.

É nisso que devemos pensar para não fazermos o mesmo, pois nunca havemos de saber, na verdade, se não viremos alguma vez também para a caixa de farrapos para ser transformados em papel branco e ter toda a nossa história nele impressa. Mesmo a mais secreta. E ter assim de correr mundo e contá-la.

Como o colarinho postiço.



O Firme Soldado de Chumbo *Den standhaftige Tinsoldat* (1838)

Era uma vez vinte e cinco soldados de chumbo. Eram todos irmãos, pois tinham nascido de uma velha colher. Traziam espingardas ao ombro, e olhavam bem em frente. Vermelhos e azuis, que bonitos eram os uniformes! O que primeiro de tudo ouviram neste mundo, quando foi tirada a tampa da caixa onde se encontravam, foram as palavras: – Soldados de chumbo! – Gritou-as um rapazinho, batendo palmas. Recebera-os porque era o seu aniversário e colocou-os em pé sobre a mesa. Cada soldado assemelhava-se exactamente aos outros, só um era um pouco diferente. Tinha apenas uma perna, pois fora o último a ser fundido e o chumbo não chegara. Contudo, estava de pé tão firmemente sobre uma perna como os outros nas duas e é precisamente este soldado que vai ser notável.

Na mesa onde foram colocados estavam muitos outros brinquedos, mas o que dava mais nas vistas era um belo palácio de cartão. Através das janelinhas podiam ver-se as salas. Do lado de fora havia arvorezinhas em volta de um pequeno espelho para fazer de conta que era um lago. Cisnes de cera vogavam aí, reflectindo-se. Todo o conjunto era bonito, mas o mais bonito, contudo, era uma menina que estava entre as portas abertas do palácio. Também era recortada em cartão, mas tinha uma saia do mais claro linho e uma estreita fitinha azul sobre os ombros

como um xaile. No meio deste estava uma palheta brilhante, tão grande como o rosto dela. A menina estendia ambos os braços, pois era uma bailarina, e levantava uma perna tão alto no ar que o soldado de chumbo mal podia vê-la, pelo que julgou que tinha só uma perna como ele.

– Era mulher para mim! – pensou. – Mas é bastante distinta, mora num palácio. Eu tenho apenas uma caixa e somos aí vinte e cinco, não é lugar que lhe convenha! Contudo, vou ver se travo conhecimento com ela! – E assim deitou-se por detrás de uma caixa de rapé que estava na mesa. Dali podia ver convenientemente a damazinha, que continuava de pé sobre uma perna, sem perder o equilíbrio.

Quando era já noite fechada, vieram todos os outros soldados de chumbo para a caixa e a gente da casa foi para a cama. Então começaram os brinquedos a brincar, às visitas, a fazer guerras ou aos bailes. Os soldados de chumbo agitaram-se fazendo barulho dentro da caixa, pois também queriam participar nas brincadeiras, mas não conseguiram abrir a tampa. O quebranozes deu cambalhotas e a pena fez travessuras na ardósia. Era um espectáculo, de tal modo alegre que o canário acordou e começou também a meter-se na conversa. Os únicos que não se mexeram foram o soldado de chumbo e a bailarinazinha. Ela continuava toda direita na ponta do pé e com ambos os braços estendidos. Ele estava bem firme na sua perna, não desviando os olhos dela nem por um momento.

Então soou a meia-noite e, taque!, saltou a tampa da caixa de rapé. Não havia nenhum tabaco lá dentro, mas sim um gnomozinho preto, pois a caixa era um truque.

– Soldado de chumbo! – disse o gnomo. – Veja lá onde põe os seus olhos!

Mas o soldado de chumbo fingiu que não ouviu.

– Está bem, espera por amanhã! – disse o gnomo.

Quando amanheceu e as crianças se levantaram, o soldado de chumbo foi colocado junto da janela e quer fosse então o gnomo ou um golpe de vento, esta abriu-se subitamente e o soldado caiu do terceiro andar, de cabeça para baixo. Foi uma viagem terrível, a perna virou-se completamente para o ar e ficou caído sobre o capacete, com a baioneta para baixo, entre as pedras da rua.

A criada e o rapazinho desceram imediatamente a procurá-lo, mas embora estivessem quase a pisá-lo, não conseguiram vê-lo. Se o soldado tivesse gritado: estou aqui!, bem, tê-lo-iam encontrado, mas ele não achou conveniente gritar, pois estava de uniforme.

Começou então a chover, cada gota mais espessa do que a outra. Tornou-se um aguaceiro perfeito. Quando passou, vieram dois rapazes da rua.

– Olha! – disse um. – Está ali um soldado de chumbo! Vai partir de barco!

Fizeram um bote de um jornal, puseram o soldado de chumbo lá dentro, no meio, e ei-lo a navegar valeta abaixo. Ambos os rapazes corriam ao lado, batendo palmas. Deus nos livre disso! Que ondas havia na valeta e que corrente! Tinha chovido torrencialmente. O barco de papel balouçava para cima e para baixo e nos intervalos virava com tanta rapidez que o soldado de chumbo estremecia. Mas mantinha-se firme, não mexia um músculo, olhava bem em frente e segurava a espingarda ao ombro.

De repente o barco entrou numa longa sarjeta. Ficou tão às escuras, como se estivesse dentro da caixa.

– Para onde irei agora? – pensou. – Ah! Sim, sim, isto é coisa do gnomo! Ai! Estivesse a jovem aqui no barco, bem podia fazer o dobro do escuro!

Nesse momento apareceu um grande rato dos canos que vivia por baixo da sarjeta.

– Tens passaporte? – perguntou o rato. – Passa-o para cá!

Mas o soldado de chumbo ficou calado e segurou a arma ainda com mais firmeza. O barco passou e o rato foi atrás dele. Ui! Como rangia os dentes e gritava para os pauzinhos e palhinhas:

– Façam-no parar! Façam-no parar! Não pagou a portagem! Não mostrou o passaporte!

A corrente tornou-se cada vez mais forte. O soldado de chumbo já podia ver a luz do dia na sua frente, onde terminava a sarjeta. Mas ouviu também um rugido que bem podia assustar um homem corajoso. Vejam bem; a sarjeta tombava a pique, onde terminava o cano, para fora, para um grande canal, que seria para ele tão perigoso como para nós descer de barco uma grande queda-d'água.

Agora estava tão perto que não podia parar. O barco avançou, o pobre soldado agarrou-se tão firme quanto pôde. Ninguém lhe podia dizer que tivesse pestanejado. O barco rodopiou três, quatro vezes e encheu-se de água até à borda, ia afundar-se. O soldado de chumbo estava com água até ao pescoço e cada vez mais se afundava o barco e cada vez mais se dissolvia o papel. A água já estava por cima da cabeça do soldado... Então pensou na pequenina e linda bailarina que nunca mais iria ver e soaram-lhe ao ouvido as palavras da canção:

Perigo, perigo, guerreiro!

A morte vai sofrer!

Depois desfez-se o papel e o soldado de chumbo caiu por entre este... mas foi no mesmo momento engolido por um grande peixe.

Oh! Como era escuro lá dentro! Ainda era pior do que na sarjeta e tão apertado! Mas o soldado de chumbo era firme e ficou onde estava, com a arma no braço...

O peixe andou às voltas, fazia os mais terríveis movimentos. Por fim ficou completamente quieto e entrou nele como que um relâmpago. A luz brilhou bem clara e alguém gritou:

– O soldado de chumbo! – O peixe fora apanhado, trazido para o mercado, vendido e levado para a cozinha, onde a criada o abriu com uma grande faca. Pegou depois com dois dedos no soldado e levou-o para a sala, onde todos queriam ver o homem tão notável que viajara na barriga de um peixe. Mas o soldado de chumbo não estava nada orgulhoso disso. Puseram-no em cima da mesa e aí... como neste mundo podem acontecer coisas maravilhosas! O soldado de chumbo encontrava-se na mesma sala em que estivera antes. Viu as mesmas crianças e os brinquedos que estavam em cima da mesa. O belo palácio com a linda e pequenina bailarina, que ainda se sustinha numa perna, com a outra levantada. Também ela era firme. Isso comoveu o soldado de chumbo. Esteve quase a verter lágrimas de chumbo, mas não era coisa que lhe ficasse bem. Ele olhou para ela e ela olhou para ele, mas não disseram nada.

Nesse mesmo momento um dos rapazinhos pegou no soldado e deitou-o para dentro do fogão sem dar qualquer explicação. Foi com certeza o gnomo da caixa que teve a culpa.

O soldado de chumbo ficou iluminado e sentiu um grande calor. Era terrível, mas se era realmente do fogo ou do amor, não sabia. Desapareceram-lhe as cores, e se foi da viagem ou da mágoa, ninguém o podia dizer. Olhava para a menina, ela olhava para ele e sentiu que se derretia, mas ficou firme com a espingarda ao ombro. Abriu-se então uma porta, o vento pegou na bailarina, que voou como uma sílfide para dentro do fogão, para o soldado de chumbo. Ardeu nas chamas e desapareceu. Assim se derreteu o soldado de chumbo, ficando apenas um pedacinho de chumbo, e quando a criada tirou as cinzas no dia seguinte, encontrou-o na forma de um coraçãozinho. Da bailarina, ao contrário, restava apenas a palheta, que estava preta como carvão.



O Pequeno Claus e o Grande Claus

Lille Klaus og Store Klaus (1835)

Havia numa cidade dois homens que tinham o mesmo nome, ambos se chamavam Claus, mas um possuía quatro cavalos e o outro apenas um. Então, para se poderem distinguir um do outro, chamava-se àquele que tinha quatro cavalos o Grande Claus e ao que só tinha um o Pequeno Claus. Agora vamos ouvir o que se passou com eles, pois é uma história verídica.

Durante toda a longa semana, o Pequeno Claus tinha de lavar para o Grande Claus e emprestar-lhe o seu único cavalo. O Grande Claus retribuía-lhe, ajudando-o com os quatro cavalos, mas apenas uma vez por semana, ao domingo.

– Arre!, cavalos! – Como o Pequeno Claus fazia estalar o chicote sobre todos os cinco cavalos! Era como se fossem dele naquele dia. O Sol brilhava magnífico e todos os sinos do campanário tocavam a chamar as pessoas para a missa. As gentes aperlavam-se e dirigiam-se para a igreja com o livro de salmos debaixo do braço, a fim de ouvirem o Pastor pregar. Entretanto olhavam o Pequeno Claus, que lavrava com cinco cavalos e estava tão contente que voltava a fazer estalar o chicote, gritando: arre!, todos meus cavalos!

– Não podes dizer isso – avisou o Grande Claus. – É só um cavalo que é teu.

Mas quando voltava a passar alguém para a igreja, o Pequeno Claus esquecia-se de que não o devia dizer e gritava, novamente: arre!, todos meus cavalos!

– Bem, peço-te para te deixares disso! – repetiu o Grande Claus. – Pois se voltas a dizê-lo mais uma vez, dou uma pancada na cabeça do teu cavalo, que ele cai logo morto, e, pronto, acabou-se com ele.

– Não torno a dizê-lo – prometeu o Pequeno Claus, mas quando passou gente e o saudou com um aceno de cabeça dando-lhe os bons-dias, ficou contente. Parecia-lhe tão bem ter cinco cavalos para lavrar o seu campo, que fez estalar o chicote e gritou: arre!, todos meus cavalos!

– Vou pôr a andar os teus cavalos! – disse o Grande Claus, que pegou na marreta e deu uma pancada na cabeça do único cavalo do Pequeno Claus, de tal modo que este caiu para o lado, completamente morto.

– Ai! Agora não tenho mais nenhum cavalo – exclamou o Pequeno Claus, desatando a chorar. Depois esfolou o cavalo, pegou na pele e pô-la a secar ao vento, meteu-a num saco, que lançou aos ombros, e partiu para a cidade a fim de a vender.

Havia um longo caminho a percorrer. Tinha de atravessar um grande bosque escuro e pôs-se um tempo terrível. Perdeu-se completamente e, sem que conseguisse encontrar o caminho certo, entardeceu, estando demasiado longe quer para chegar à cidade quer para voltar para casa antes de anoitecer.

Junto ao caminho havia uma grande casa de lavoura. As portadas das janelas do lado exterior estavam fechadas sobre as vidraças, mas deixavam transparecer luz. «Bem podiam permitir-me passar a noite ali», pensou o Pequeno Claus, e foi bater à porta.

A mulher do lavrador abriu, mas quando ouviu o que ele queria, disse-lhe que seguisse caminho, que o seu homem não estava em casa e, por isso, não recebia qualquer estranho.

– Bem, então tenho de ficar cá fora – disse o Pequeno Claus, e a mulher do lavrador fechou-lhe a porta na cara.

Perto havia uma grande meda de feno e entre ela e a casa estava construído um pequeno alpendre com um telhado direito de palha.

– Posso dormir ali em cima – pensou o Pequeno Claus, quando viu o telhado. – É uma boa cama. A cegonha não virá cá abaixo morder-me nas pernas. – Pois havia uma cegonha viva no cimo do telhado, onde tinha o ninho.

Então o Pequeno Claus trepou para o alpendre para se deitar comodamente. Como as portadas de madeira das janelas não estavam fechadas em cima, podia ver para dentro de casa.

Avistava uma grande mesa posta com vinho, assado e ainda um belo peixe. A mulher do lavrador e o sacristão estavam sentados à mesa e mais ninguém. Ela servia-o e ele espetava o garfo no peixe, pois era algo de que gostava muito.

– Quem me dera poder apanhar alguma coisa dali! – disse o Pequeno Claus, estendendo a cabeça para a janela. Oh! Deus! Que belo bolo podia ver lá dentro! Sim, era um festim.

Nesse momento ouviu que alguém vinha a cavalo pela estrada fora, na direcção da casa. Era o marido da lavradeira que regressava.

Este era um bom homem, mas tinha a doença estranha de não poder ver nem suportar sacristães. Se lhe aparecia um diante dos olhos ficava completamente enraivecido. Foi por isso que o sacristão entrara para dar os bons-dias à mulher, pois sabia que o homem não estava em casa, e a boa mulher lhe apresentou, portanto, a melhor comida que tinha. Quando ouviram chegar o marido, ficaram tão assustados que a mulher pediu ao sacristão para se esconder numa grande arca vazia que estava a um canto, o que ele fez porque sabia bem que o pobre homem não suportava sacristães. A mulher escondeu rapidamente toda a

boa comida e vinho no forno, pois, se o marido os visse, perguntaria com certeza o que queria aquilo dizer.

– Oh! – suspirou o Pequeno Claus em cima do alpendre, quando viu a mulher retirar toda a comida.

– Está alguém aí em cima? – perguntou o lavrador, olhando para o Pequeno Claus, lá no alto. – Porque estás aí? Anda comigo para dentro de casa.

Então o Pequeno Claus contou como se tinha perdido e perguntou se podia ali passar a noite.

– Certamente! – disse o lavrador. – Mas primeiro temos de tratar da vida!

A mulher mostrou-se muito gentil para ambos, pôs a mesa, uma longa mesa, e trouxe-lhes uma travessa grande com papas de aveia. O lavrador estava com fome e comeu com grande apetite. Mas o Pequeno Claus não deixava de pensar no assado, no peixe e no bolo de belo aspecto que sabia estarem no forno.

Sob a mesa, junto aos pés, colocara o saco com a pele do cavalo, pois sabemos que fora para a vender na cidade que saíra de casa. As papas não lhe sabiam bem, pelo que pisou o saco e, lá dentro, a pele seca rangeu fortemente.

– Que é isso? – perguntou o lavrador, espreitando para baixo da mesa.

– Chiu! – disse o Pequeno Claus para o saco, mas voltou a pisá-lo ao mesmo tempo, de modo que este rangeu ainda com mais força.

– Não! Que tens aí no saco?

– Oh! É um feiticeiro! – respondeu o Pequeno Claus. – Diz que não devemos comer as papas, ele encantou todo o forno, que está cheio de assado, peixe e bolo.

– O quê – exclamou o lavrador, e foi abrir o forno, onde viu toda a boa comida que a mulher escondera, mas que ele julgava agora ter sido o feiticeiro do saco que a havia encantado para

eles. A mulher não ousou dizer nada, antes pôs logo a comida na mesa e assim ambos comeram peixe, assado e bolo. Então o Pequeno Claus voltou a pisar o saco, de modo que a pele rangeu.

– Que diz ele agora? – perguntou o lavrador.

– Diz – retorquiu o Pequeno Claus – que também encantou três garrafas de vinho para nós. Também estão dentro do forno! – Então a mulher teve de ir buscar o vinho que escondera e o lavrador bebeu, ficando muito alegre. Um feiticeiro como o que o Pequeno Claus tinha no saco, muito gostaria de possuir!

– Ele também pode fazer aparecer o Diabo? – perguntou o lavrador. – Bem gostaria de o ver, pois agora estou alegre.

– Sim – disse o Pequeno Claus. – O meu feiticeiro pode tudo o que eu lhe pedir. Não é verdade? – perguntou ele pisando o saco, de modo que este rangeu novamente. – Consegues ouvi-lo dizer que sim? Mas o Diabo tem um aspecto tão feio que não merece a pena vê-lo.

– Oh! Não tenho medo nenhum. Como pode ele parecer-se?

– Bem, vai mostrar-se completamente na pessoa de um sacristão.

– Ui! – exclamou o lavrador –, que feio! Vossemecê deve saber que não suporto sacristães. Mas não faz mal, sei que é o Diabo, aguentarei isso melhor. Agora tenho coragem. Mas ele não deve aproximar-se muito de mim.

– Vou perguntar então ao meu feiticeiro – disse o Pequeno Claus, pisando o saco e apurando o ouvido.

– Que diz ele?

– Que vossemecê pode ir abrir a arca que está ali ao canto e verá o Diabo acororado, mas tem de segurar bem a tampa para não se escapar.

– Quer ajudar-me a segurá-la? – perguntou o lavrador, dirigindo-se para a arca, onde a mulher tinha escondido o sacristão, que estava cheio de medo.

O lavrador levantou a tampa um pouco e espreitou para dentro da arca. – Ui! – gritou ele, saltando para trás. – Sim, vi-o agora! É tal e qual o nosso sacristão! Oh! Foi terrível!

Era preciso beber qualquer coisa e assim beberam até alta noite.

– Tens de vender-me o feiticeiro! – disse o lavrador. – Pede o que quiseres. Sim, dou-te para já um alqueire cheio de dinheiro.

– Não, não posso – afirmou o Pequeno Claus. – Pensa bem que lucro posso tirar deste feiticeiro.

– Oh! Gostava tanto de tê-lo! – disse o lavrador, que continuou a pedir.

– Bem – respondeu o Pequeno Claus por fim. – Foste tão bom em dar-me acolhimento de noite, está bem, podes ficar com o feiticeiro por um alqueire de dinheiro, mas quero-o bem cheio até cima.

– Tê-lo-ás – disse o lavrador. – Mas aquela arca tens de levá-la contigo, não quero tê-la nem mais uma hora em casa. Nunca se pode saber se ele continua lá dentro.

O Pequeno Claus deu ao lavrador o saco com a pele seca e recebeu por ele um alqueire de dinheiro, bem medido até cima. O lavrador presenteou-o ainda com um grande carro de mão para transportar o dinheiro e a arca.

– Adeus! – disse o Pequeno Claus, e partiu com o dinheiro e a grande arca, onde estava ainda o sacristão.

No outro lado do bosque havia uma ribeira grande e funda. Aí a água corria tão forte que mal se podia nadar contra a corrente. Fora construída uma ponte grande e nova sobre ela. O Pequeno Claus parou a meio da ponte e disse bem alto para que o sacristão o pudesse ouvir:

– Ora, que vou fazer com a estúpida arca? É tão pesada como se tivesse pedras lá dentro. Vou ficar completamente esgotado se continuar a empurrá-la, vou, portanto, lançá-la à ribeira. Se for parar à minha casa, muito bem, se não for, é o mesmo.

Depois pegou na arca com uma mão e levantou-a um pouco, como se quisesse lançá-la à água.

– Não, pára! – gritou o sacristão dentro da arca. Deixa-me sair.

– Ui! – disse o Pequeno Claus, fingindo que estava com medo. – Ele ainda lá está dentro! Então tenho de deitá-lo à ribeira depressa, para que se afogue.

– Oh! Não! Não! – gritou novamente o sacristão – Dar-te-ei um alqueire de dinheiro se não o fizeres.

– Bem, isso já é outra coisa! – disse o Pequeno Claus, e abriu a arca. O sacristão saiu logo e empurrou a arca vazia para a água, dirigindo-se depois para casa, onde o Pequeno Claus recebeu um alqueire de dinheiro. Já recebera um do lavrador e com mais este agora tinha o carro de mão cheio de dinheiro.

– Estás a ver, consegui que o cavalo fosse muito bem pago – disse de si para si quando voltou para casa e despejava todo o dinheiro num grande monte, no meio do chão. – Bem arreliado vai ficar o Grande Claus, quando vier a saber como enriqueci com o meu único cavalo, mas não vou dizer-lho assim simplesmente.

Então mandou um rapaz pedir ao Grande Claus que lhe emprestasse uma medida de alqueire.

– Para que quererá ele isso? – pensou o Grande Claus. Besuntou o fundo com alcatrão para que lhe ficasse agarrado alguma coisa do que fosse medido e assim sucedeu, pois quando recebeu de volta o alqueire, estavam colados três oito-xelins de prata novos.

– Que é isto? – exclamou o Grande Claus, e correu imediatamente para o Pequeno Claus: – Onde arranjaste tanto dinheiro?

– Oh! É da minha pele de cavalo, vendi-a ontem à noite.

– Foi bastante bem paga! – disse o Grande Claus, que logo correu para casa, pegou num machado e abateu os seus quatro

cavalos com uma pancada na cabeça. Depois tirou-lhes as peles e partiu com elas para a cidade.

– Peles! Peles! Quem merca peles? – gritava pelas ruas.

Todos os sapateiros e curtidores vieram a correr e perguntaram-lhe quanto queria por elas.

– Um alqueire de dinheiro por cada – disse o Grande Claus.

– Estás maluco? – perguntaram todos. – Achas que temos assim dinheiro aos alqueires?

– Peles! Peles! Quem quer comprar peles? – voltou a gritar, mas a todos que perguntavam quanto custavam as peles, respondia: – Um alqueire de dinheiro.

– Quer fazer pouco de nós – disseram todos. Os sapateiros pegaram nos tirapés e os curtidores nos aventais de couro e começaram a sovar o Grande Claus.

– Peles, peles! – gritavam, escarnecendo dele. – Pois bem, vamos dar-te uma pele que vai espirrar porcaria vermelha! Fora da cidade com ele! – O Grande Claus teve de escapar-se, como pôde, pois nunca tinha levado tanta pancada.

– Bem! – disse ele quando regressou a casa. – O Pequeno Claus vai pagá-las. Vou matá-lo!

Em casa do Pequeno Claus, a velha avó morrera. Tivera, na verdade, sempre mau génio e fora má para ele, mas o Pequeno Claus estava muito comovido, pelo que pegou na avó e deitou-a na sua própria cama quente para ver se ela conseguia voltar à vida. Aí devia jazer toda a noite, ele iria ficar a um canto sentado numa cadeira, como já antes o havia feito.

Estando ele ali sentado de noite, abriu-se a porta e o Grande Claus entrou com o seu machado. Sabia bem onde era a cama do Pequeno Claus, dirigiu-se imediatamente para ela e deu uma machadada na cabeça da avó, crendo que era o Pequeno Claus.

– Viste? – disse ele. – Agora não me enganas mais. E depois voltou para casa.

– Mas é um homem mau, mesmo mau! – disse o Pequeno Claus. – Queria matar-me. Foi bom que a avozinha já estivesse morta, senão tinha-lhe tirado a vida!

Depois vestiu à velha avó as roupas domingueiras, pediu emprestado um cavalo ao vizinho, atrelou-o à carroça e sentou a avó no lugar traseiro, de modo a que não pudesse cair, quando andasse, e partiram rolando através do bosque. Quando o Sol se levantou, estavam diante de uma grande estalagem, onde o Pequeno Claus parou para ir lá dentro buscar alguma coisa para comer.

O estalajadeiro tinha muito, muito dinheiro, era também bom homem, mas arrebatado, como se tivesse pimenta e tabaco dentro dele.

– Bom dia! – disse ao Pequeno Claus. – Vieste tão cedo e com fato domingueiro, hoje!

– Sim – disse o Pequeno Claus. – Tenho de ir à cidade com a minha velha avó. Está sentada lá fora na carroça, não consigo que entre aqui para a sala. Não quer levar-lhe um copo de hidromel? Mas tem de falar-lhe alto, pois ela não ouve bem.

– Está bem, levá-lo-ei – respondeu o estalajadeiro e encheu um grande copo de hidromel que levou à avó morta, que estava colocada direita na carroça.

– Está aqui um copo de hidromel do seu neto – disse o estalajadeiro, mas a velha não proferiu palavra. Ficou sentada sem se mexer.

– Não ouve? – gritou o estalajadeiro tão alto quanto podia. – Está aqui um copo de hidromel do seu neto!

Mais uma vez lhe gritou e mais uma vez ainda, mas, como ela não se mexia de modo algum do lugar, encolerizou-se e lançou-lhe o copo à cara, de modo que o hidromel lhe ficou a escorrer para o nariz e ela caiu para trás na carroça, pois só estava colocada direita e não atada.

– Eh! – gritou o Pequeno Claus da porta da estalagem, agarrando o estalajadeiro pelo pescoço. – Mataste a minha avó! Basta olhares, tem uma grande brecha na testa!

– Oh! Foi um acidente! – gritou o estalajadeiro, torcendo as mãos. – Tudo por causa do meu temperamento arrebatado! Bom Pequeno Claus, dar-te-ei um alqueire de dinheiro e mandarei enterrar a tua avó, como se fosse a minha, mas não digas nada, senão cortam-me a cabeça e é tão desagradável!

Assim recebeu o Pequeno Claus um alqueire inteiro de dinheiro e o estalajadeiro enterrou a velha avó, como se fosse a sua.

Quando o Pequeno Claus voltou outra vez para casa com muito dinheiro, mandou imediatamente o mesmo rapaz ao Grande Claus pedir-lhe emprestada uma medida de alqueire.

– O que é isto? – disse o Grande Claus – Então não o matei? Tenho de ir ver eu próprio. – E foi assim com o alqueire ao Pequeno Claus.

– Não pode ser! Onde arranjaste todo este dinheiro? – perguntou, abrindo muito os olhos ao ver aquela pequena fortuna.

– Foi a minha avó e não a mim que mataste – disse o Pequeno Claus. – Vendi-a depois e recebi um alqueire por ela.

– Foi na verdade bem paga! – observou o Grande Claus, e apressou-se a voltar a casa. Pegou num machado e logo matou a sua velha avó, pô-la na carroça, partiu para a cidade, onde morava o boticário e perguntou-lhe se queria comprar um morto.

– Quem é e donde o traz? – perguntou o boticário.

– É a minha avó – respondeu o Grande Claus. – Matei-a por um alqueire de dinheiro.

– Deus nos guarde! – exclamou o boticário. – Fala de tal modo de si próprio! Não diga tal coisa, pois pode perder a cabeça! – Depois disse-lhe que coisa terrível tinha feito e que mau homem era e que devia ser castigado. O Grande Claus ficou tão assustado que saltou imediatamente da botica para a carroça, chicoteou os

cavalos e virou para casa. O boticário e toda a gente julgaram que era doido e deixaram-no partir.

– Vais pagar-me isso! – disse o Grande Claus, quando já estava na estrada. – Sim, vais pagar-mo, Pequeno Claus! – E logo que chegou a casa pegou no saco maior que encontrou, foi ao Pequeno Claus e ameaçou-o:

– Voltaste a enganar-me! Primeiro matei os meus cavalos, agora a minha velha avó! É tudo culpa tua, mas não me enganarás mais. – Deste modo agarrou o Pequeno Claus pela cintura e meteu-o no saco, pô-lo às costas e gritou-lhe: – Agora vou afogar-te.

Era um bom pedaço a pé até chegar à ribeira e o Pequeno Claus não parecia assim tão leve para transportar. O caminho passava pela igreja, onde tocavam órgão e as pessoas entoavam belos cantos, lá dentro. Então o Grande Claus pôs o saco com o Pequeno Claus junto à porta da igreja e pensou que seria muito bom entrar e ouvir um salmo antes de prosseguir caminho. O Pequeno Claus não podia de modo algum escapar-se e toda a gente estava na igreja. Entrou, pois.

– Ai! Ai! – suspirava o Pequeno Claus dentro do saco. Voltava-se e tornava a voltar-se, mas não lhe era possível desfazer o nó em cima. Nesse momento chegou um vaqueiro muito, muito velho que tinha o cabelo branco como a neve e um grande bordão na mão. Tocava uma grande manada de vacas e bois adiante dele que embateu no saco onde estava o Pequeno Claus, de modo que se virou.

– Ai! – suspirou o Pequeno Claus. – Sou tão novo e tenho de ir já para o Reino dos Céus.

– E eu, pobre de mim! – disse o vaqueiro. – Sou tão velho e não posso ir ainda!

– Abre o saco! – gritou o Pequeno Claus. – Mete-te no meu lugar, que vais imediatamente para o Reino dos Céus.

– Sim, é isso o que eu mais quero – disse o vaqueiro, desatando o saco do Pequeno Claus, que logo saltou para fora.

– Queres tomar conta do gado? – perguntou o velho, metendo-se dentro do saco, que o Pequeno Claus logo atou. Seguiu caminho com todas as vacas e bois.

Pouco depois saiu o Grande Claus da igreja, pegou outra vez no saco às costas e pareceu-lhe, com razão, que se tinha tornado mais leve, pois o vaqueiro não pesava metade do Pequeno Claus. – Como está mais leve de transportar! Bem, é com certeza porque fui ouvir um salmo! – Assim se dirigiu para a ribeira, que era funda e grande, lançou o saco com o velho vaqueiro à água e gritou-lhe, porque pensava que era o Pequeno Claus:

– Viste? Não me enganarás mais!

Foi depois para casa, mas quando chegou ao sítio em que os caminhos se cruzavam, encontrou o Pequeno Claus, que conduzia todo o seu gado.

– Que é isto? – interrogou o Grande Claus. – Não te afoguei?

– Sim – disse o Pequeno Claus. – Lançaste-me à ribeira há pouco mais de meia hora.

– Mas onde arranjaste todo este belo gado? – perguntou o Grande Claus.

– É gado marinho! – respondeu o Pequeno Claus. – Vou contar-te toda a história e também te agradeço por me teres afogado, pois estou agora cá em cima e verdadeiramente rico, podes crer!... Tive tanto medo, quando estava dentro do saco e o vento me assobiava nos ouvidos e me lançaste da ponte para dentro da água fria! Fui logo para o fundo, mas não me magoei, pois lá em baixo cresce a mais bela erva tenra. Caí sobre ela e logo o saco se abriu e uma donzela lindíssima com vestes brancas como a neve e com uma coroa verde em volta do cabelo húmido pegou-me pela mão e disse: «És o Pequeno Claus? Ali tens, primeiro, algum gado! Uma milha mais acima está também uma manada completa que te quero oferecer!» Vi então que a ribeira era uma grande estrada para a gente marinha. Em baixo, no fundo, esta andava a

pé e de carruagem vinda do mar e bem para dentro da terra até onde a ribeira termina. Era tão belo com flores e a erva muito fresca e peixes que nadavam na água deslizando à volta das ore-lhas, como os pássaros no ar. Que gente bonita aí havia e tanto gado que andava pelos fossos e valados!

– Mas porque voltaste logo para cima, para nós? – perguntou o Grande Claus. – Eu não teria feito isso, se visse que era tão agradável lá em baixo!

– Sim – afirmou o Pequeno Claus. – Foi uma esperteza da minha parte! Ouve bem o que te digo! A donzela marinha disse que a uma milha acima do caminho – e com o caminho queria dizer a ribeira, pois a outro lugar não pode ela chegar – está ainda toda uma manada para mim. Mas sei como a ribeira dá voltas, ora aqui ora acolá, é um bom desvio. Pois bem, fica mais curto quando se sabe vir aqui à terra e se atravessa os campos para voltar à ribeira. Com isso poupo bem quase meia milha e chego mais depressa ao meu gado marinho.

– Oh! És um homem feliz! – disse o Grande Claus. – Crês que também vou conseguir gado marinho se chegar ao fundo da ribeira?

– Sim, acho que sim! – afirmou o Pequeno Claus. – Mas não posso levar-te no saco para a ribeira, és demasiado pesado para mim. Se quiseses ir até lá e meteres-te no saco, com o maior prazer te empurrarei para o fundo.

– Muito te agradeço – disse o Grande Claus –, mas se não conseguir nenhum gado marinho, quando chegar ao fundo, dar-te-ei uma boa tarefa, podes crer!

– Oh! Não! Não sejas tão mau! – E partiram para a ribeira. Quando o gado, que estava com sede, viu água, correu o mais que pôde, para chegar abaixo e beber.

– Vês como têm pressa? – perguntou o Pequeno Claus. – Querem voltar de novo para o fundo.

– Sim, ajuda-me agora primeiro! – respondeu o Grande Claus. – Senão apanhas pancada. – E assim se meteu no saco grande que pusera de través sobre o lombo de um dos bois. – Põe uma pedra, pois senão receio não chegar ao fundo – pediu o Grande Claus.

– Vai já! – retorquiu o Pequeno Claus. Pôs, então, uma pedra grande dentro do saco, apertou bem o laço deste e empurrou-o. Plum! Lá foi o Grande Claus para a ribeira e logo direito ao fundo!

– Receio que não venha a encontrar o gado! – exclamou o Pequeno Claus, e partiu para casa com o que tinha.



Sob o Salgueiro *Under Piletræet* (1853)

Para os lados de Køge a região é muito escalvada. A cidade fica mesmo junto à praia, e isso é sempre bonito, mas podia ainda ser mais bonito. À volta, os campos são planos e o bosque fica longe. Mas quando se é verdadeiramente natural de um lugar, encontra-se sempre algo bonito, de que no lugar mais belo do mundo se pode ter saudades! Também devemos dizer que nas cercanias de Køge, onde um par de pobres jardinzinhos se estende para baixo até à ribeira que corre a desaguar na praia, podia ser muito bonito no tempo do Verão e assim o achavam especialmente as duas crianças vizinhas Knud e Joana, que aí brincavam e se procuravam um ao outro, rastejando sob os arbustos de uva-espim. Num jardim erguia-se um sabugueiro, no outro, um velho salgueiro e sob este gostavam as crianças de brincar e para isso tinham autorização, se bem que a árvore ficasse bem junto à ribeira, onde podiam facilmente cair à água. Mas Nosso Senhor tem os olhos nas crianças, senão seria muito mau. Eram também muito cuidadosos, sim, o rapaz era tão receoso da água, que não era possível, no tempo de Verão, levá-lo para a praia, onde, contudo, as outras crianças gostavam tanto de patinhar. Faziam-no envergonhar por isso e tinha de suportá-lo. Mas, então, sonhou a pequena Joana vizinho que navegava num barco na baía de Køge e que Knud corria para ela, a água alcançava-o primeiro até ao

pescoço e depois por cima da cabeça. E desde o momento em que Knud ouviu este sonho, não suportou mais que lhe chamassem medroso, fazia simplesmente referência ao sonho de Joana. Era o seu orgulho, mas para a água não ia ele.

Os pais pobres juntavam-se frequentemente, e Knud e Joana brincavam nos jardins e na estrada, que ao longo das valetas tinha uma fila completa de salgueiros, estes não eram bonitos – estavam tão podados nas copas! –, mas também não estavam ali para enfeite, antes para serem úteis. Mais bonito era o velho salgueiro no jardim e por baixo dele se sentavam muitas vezes, como já se disse.

Em Køge havia um grande mercado. Nessa altura erguiam-se ruas completas de tendas com fitas de seda, botas e tudo o que era possível. Acorria uma multidão, geralmente no tempo de chuva, e então notava-se o cheiro dos jaquetões dos camponeses, mas também o belo perfume dos bolos de mel. Havia uma barraca cheia deles. Mas formidável era o homem que os vendia alojando-se sempre, no tempo do mercado, em casa dos pais de Knud pelo que sobejava assim, naturalmente, um pequeno bolo de mel, de que Joana também recebia a sua parte. Ainda melhor, era o mercador de bolos de mel saber contar muito bem histórias, sobre todas as coisas, mesmo sobre os seus bolos de mel. Pois sobre estes contou ele, uma noite, uma história que impressionou profundamente as duas crianças, que nunca mais a esqueceram e o melhor é que também a ouçamos, tanto mais que é curta.

– Estavam no balcão dois bolos de mel – disse ele. – Um tinha a forma de um cavalheiro com chapéu, o outro, de uma donzela sem chapéu, mas com um pedaço de ouropel na cabeça! Tinham o rosto de lado e virado para cima, pois assim deviam ser vistos, e não de costas, que deste modo nenhuma pessoa os devia ver. O cavalheiro tinha uma amêndoa amarga à esquerda, era o coração, a donzela, ao contrário, era simplesmente bolo de mel. Estavam para prova no balcão, encontravam-se aí há bastante

tempo e assim se enamoraram um do outro, mas nenhum se tinha declarado. No entanto era preciso fazê-lo se se queria chegar a alguma coisa.

«Ele é homem, deve proferir a primeira palavra», pensava ela, mas agradar-lhe-ia saber que o seu amor era correspondido.

Ele era, contudo, mais glutão nos seus pensamentos e os homens são-no sempre. Sonhava que era um rapaz da rua, que possuía quatro xelins e que assim comprava a donzela e comia-a.

Permaneceram dias e semanas no balcão, ficaram secos e os pensamentos dela tornaram-se mais delicados e mais femininos: «Chega-me ter ficado no balcão com ele», pensou, e quebrou-se pelo corpo.

«Se tivesse sabido do meu amor, tinha com certeza durado mais tempo», pensou ele.

– É esta a história e aqui estão ambos! – disse o mercador de bolos. – São notáveis pela sua carreira e pelo amor mudo, que nunca levou a nada. Vede, aqui os tendes! – E assim deu a Joana o cavalheiro, que estava inteiro, e Knud recebeu a donzela quebrada. Mas estavam tão impressionados com a história que não tiveram coragem de comer o par de amorosos.

No dia seguinte foram com eles ao cemitério de Køge, onde a parede da igreja está coberta com a mais bela hera, seja Inverno ou Verão, aí se suspendendo como uma rica tapeçaria. Puseram os bolos de mel na verdura ao Sol e contaram, perante um bando de outras crianças, a história sobre o amor mudo que não servia para nada, quer dizer, o amor, pois a história era bonita – assim a acharam todos. Quando olharam para o par de bolos de mel, bem, houve ali um rapaz grandote – e foi por maldade – que comeu a donzela quebrada. As crianças choraram e depois – foi sem dúvida para que o pobre cavalheiro não ficasse só no mundo – comeram-no também, mas nunca esqueceram a história.

As crianças juntavam-se sempre perto do sabugueiro e sob o salgueiro e a rapariguinha cantava com voz clara de sinos de prata as mais bonitas canções. Knud não sabia entoar um único tom, mas sabia a letra, o que é já alguma coisa... A gente de Køge, até mesmo a mulher do quinquilheiro, quedava-se a ouvir Joana. – É uma voz doce que a menina tem! – dizia ela.

Eram dias abençoados, mas não duraram para sempre. Os vizinhos separaram-se. A mãe da menina morrera, o pai ia casar-se em Copenhaga, onde podia encontrar outro modo de vida. Ia ser mensageiro em qualquer parte, o que parecia ser uma posição muito lucrativa. Os vizinhos despediram-se com lágrimas, especialmente as crianças. Mas os adultos prometeram escrever-se pelo menos uma vez por ano. Knud entrou para aprendiz de sapateiro, pois não podiam deixar um rapaz tão crescido andar por ali a passear. E assim recebeu a confirmação cristã!

Oh! Como gostaria, naquele dia de festa, de ter ido a Copenhaga e de ver Joana, mas não foi e nunca lá havia estado, se bem que ficasse a cinco milhas de Køge. Mas Knud tinha visto as duas torres para além da baía, em tempo claro, e no dia da confirmação viu, distintamente, brilhar a cruz dourada na Frue Kirke¹.

Ai! Como pensava em Joana! Lembrar-se-ia dele? Sim!... No Natal veio carta dos pais dela para os pais de Knud: passavam bem em Copenhaga e um grande acontecimento feliz se dera para Joana devido à sua linda voz. Entrara para o teatro, pois aí também cantavam. Já recebia algum dinheiro por isso e desse dinheiro mandava para os queridos vizinhos em Køge um táler inteiro para algo divertido na noite de Natal. Deviam beber à sua saúde e acrescentara com a sua própria mão um pós-escrito, onde se lia: «Saudações amigáveis para Knud!»

Choraram todos de alegria porque as notícias eram agradáveis. Todos os dias Joana tinha estado nos pensamentos de Knud e agora via que ela também pensava nele, e quanto mais se

aproximava a data em que viria a ser oficial, mais claro se tornava que amava muito Joana e que ela viria a ser a sua mulherzinha. Assim se lhe abriu um sorriso e puxou com mais força o fio, enquanto fincava a perna contra a trave. Espetou a sovela num dedo, mas não se importou. Não ficaria certamente mudo como os dois bonecos de mel. Essa história tinha-o ensinado muito.

Veio a ser oficial de sapateiro e a mochila foi logo afivelada². Finalmente, ia a Copenhaga pela primeira vez na vida e já tinha lá um mestre. Ora! Como Joana ficaria surpreendida e contente! Ela agora tinha dezassete e ele dezanove.

Quis comprar, ainda em Køge, um anel de ouro para ela, mas pensou então que certamente conseguiria um muito mais bonito em Copenhaga. Despediu-se dos velhos e partiu logo no Outono, a pé, à chuva e ao vento. As folhas caíam das árvores. Molhado até aos ossos, chegou à grande Copenhaga e a casa do seu novo mestre.

No domingo seguinte resolveu fazer uma visita ao pai de Joana. Vestiu o novo traje de oficial e o chapéu novo de Køge ficava-lhe tão bem! Antes andara sempre de barrete... Encontrou a casa que procurava e subiu as muitas escadas. Era de ter vertigens. Como as pessoas estavam amontoadas umas sobre as outras, aqui, na cidade intrincada!

Dentro da casa, tudo parecia indicar prosperidade, e o pai de Joana acolheu-o amigavelmente. Para a mulher, era mais um estranho, mas deu-lhe a mão e café.

– Joana vai alegrar-se muito em ver-te! – disse o pai. – Tornaste-te um belo rapaz!... Bem, agora vais vê-la! Sim, é uma rapariga que me dá muita alegria e ainda terei mais, se Deus quiser! Tem os seus aposentos próprios e este é pago por ela! – O próprio pai bateu suavemente à porta, como se fosse um estranho. Depois entraram. Oh! Como era bonito! Não havia seguramente um aposento assim em toda a Køge. Talvez nem a rainha tivesse um tão bonito! Havia

alcatifa, havia cortinas até ao chão, uma cadeira de veludo verdadeiro e à volta flores, quadros e um espelho no qual se podia quase entrar, pois era tão grande como uma porta. Knud viu tudo isto de relance; contudo, só viu Joana. Estava uma rapariga crescida, completamente diferente do que Knud tinha imaginado, mas muito mais bonita! Não havia em Køge uma donzela como ela, e como era fina! Olhou estranhamente para Knud, se bem que apenas por um só momento. Depois correu para ele, como se quisesse beijá-lo. Não o fez, mas esteve quase a fazê-lo. Sim, estava verdadeiramente contente por ver o seu amigo de infância! Não havia lágrimas nos olhos? E depois tinha muito que perguntar e de que falar, desde os pais de Knud ao sabugueiro e ao salgueiro, e a estes chamava a Mãe Sabugueira e o Pai Salgueiro, como se também fossem pessoas, pois por estas podiam muito bem passar, como podiam os bolos de mel. Destes falou ela também e do seu amor mudo, como estiveram no balcão e se desfizeram em pedaços, e então riu cordialmente... mas o sangue ardeu nas faces de Knud e o coração bateu-lhe mais forte do que nunca!... Não, não tinha sido de modo algum arrogante!... Também fora por ela, bem o notou, que os pais lhe pediram para ficar toda a noite, ofereceu-lhe chá, ela própria lhe deu uma chávena, depois pegou num livro e leu alto para eles e foi para Knud como se tudo o que lesse fosse sobre o seu amor, correspondia tão bem a todos os seus pensamentos! A seguir cantou uma canção simples, mas veio com ela toda uma história, era como se o próprio coração batesse nesta. Sim, gostava certamente de Knud. Corriam-lhe lágrimas pelas faces, nada podia fazer contra isso, e não era capaz de dizer uma única palavra. Parecia-lhe que era estúpido e, contudo, ela tocou-lhe na mão e disse:

– Tens um bom coração, Knud! Sê sempre como és!

Foi uma noite incomparável, por isso não se podia dormir, e Knud não dormiu. Na despedida, o pai de Joana dissera:

– Bem, agora não vais esquecer-nos! Vamos ver se não deixas passar todo o Inverno até voltares a ver-nos! – Assim podia vir no próximo domingo! E bem o queria ele. Mas todas as noites, quando estava terminado o trabalho, e trabalhavam com luz acesa, ia Knud para a cidade. Passava pela rua onde Joana morava. Havia quase sempre luz, e uma noite viu distintamente a sombra do seu rosto na cortina. Foi uma bela noite! À mulher do mestre não lhe parecia bem que à noite fosse sempre vadiar, como dizia, e abanava a cabeça, mas o mestre sorria:

– É jovem! – dizia ele.

«No domingo vamos ver-nos e digo-lhe como está nos meus pensamentos e que tem de vir a ser minha mulher! Sou na realidade apenas um pobre oficial sapateiro, mas posso vir a ser mestre, pelo menos mestre por conta própria, hei-de trabalhar e esforçar-me por isso...! Sim, digo-lhe isso, nada se ganha com o amor mudo, aprendi-o com os bolos de mel!

Chegou o domingo, e Knud veio, mas que pouca sorte! Iam todos sair, tinham de dizer-lho. Joana tocou-lhe na mão e perguntou:

– Estiveste já alguma vez no teatro? Tens de lá ir uma vez! Canto na quarta-feira e, se tens tempo, vou mandar-te um bilhete. Meu pai sabe onde mora o teu mestre!

Como era amoroso da parte dela! Na quarta-feira pelo meio-dia chegou um papel com selo sem palavras, mas o bilhete lá estava e à noite Knud foi pela primeira vez na vida ao teatro e o que viu?... Sim, viu Joana, tão bela, tão encantadora! Estava verdadeiramente casada com um homem estranho, mas era teatro, algo que representavam, sabia Knud, senão não tinha tomado a iniciativa de mandar-lhe o bilhete para a ver. Toda a gente batia palmas e gritava, e Knud gritou hurra!

O próprio rei sorriu para baixo para Joana, como se também se alegrasse com ela. Deus, como Knud se sentiu pequenino! Mas

ele amava-a tão dentro de si e ela também gostava dele, mas o homem tem de dizer sempre as primeiras palavras, como pensava a donzela dos bolos de mel. Nessa história muito se continha!

Assim que chegou o domingo, Knud dirigiu-se para lá! Tinha uma disposição de espírito como para a comunhão. Joana estava só e recebeu-o. Não podia ser mais propício.

– Foi bom que tivesses vindo! – disse ela. – Estive quase para mandar-te meu pai, mas tive um pressentimento de que vinhas com certeza esta noite. Pois tenho a dizer-te que parto na sexta-feira para França. Tenho de ir para que se possa fazer algo valioso de mim!

Para Knud foi como se a sala andasse à roda, como se o coração se lhe quebrasse, mas não lhe vieram lágrimas aos olhos. Contudo, foi bem visível quão triste ficou. Joana viu-o e esteve quase a chorar.

– Que honesto e leal és! – disse ela... Então soltou-se a língua a Knud, disse-lhe quanto gostava dela e que tinha de vir a ser sua mulherzinha. Enquanto lho dizia, viu que Joana ficava pálida como um cadáver. Soltou-lhe a mão e disse grave e triste:

– Não te faças a ti e a mim infelizes, Knud! Serei para ti sempre uma boa irmã com quem podes contar...! Mas mais não! – E afagou-lhe a testa quente com a mão suave. – Deus dá-nos forças para muito, quando nós próprios queremos!

Entrou, então, nesse momento a madrastra.

– Knud está completamente fora de si, porque vou partir! – disse ela. – Sê, pois, um homem! – E bateu-lhe nos ombros. Era como se tivessem falado da viagem e não de outra coisa. – Criança! – acrescentou. – E agora vais ser bom e razoável, como sob o salgueiro, quando ambos éramos crianças!

Para Knud foi como se tivesse desaparecido um pedaço do mundo, os seus pensamentos eram como um fio solto, sem vontade, ao vento. Ficou, não sabia se lho tinham pedido, mas foram amáveis e bons, Joana ofereceu-lhe chá e cantou. Não era o tom

antigo e, contudo, tão maravilhosamente belo! Era de partir o coração, depois despediram-se. Knud não lhe estendeu a mão, mas ela tomou-a e disse:

– Dás com certeza a mão à tua irmã para despedida, meu velho irmão de brinquedos!

– E sorriu com lágrimas que lhe corriam pelas faces, repetindo:

– Irmão. – Está bem, deve servir de muito! – disse ele. Foi assim a despedida.

Ela partiu de barco para França, Knud andou pelas ruas sujas de Copenhaga... Os outros oficiais da oficina perguntaram-lhe porque estava assim e o que ruminava. Devia ir com eles divertir-se, era um rapaz novo.

Foram juntos a um baile onde havia muitas raparigas bonitas mas nenhuma verdadeiramente como Joana, e onde ele cria esquecer-se ali estava ela em corpo e alma nos seus pensamentos. – Deus dá-nos forças para muito, quando queremos – tinha dito ela. Sentiu-se invadido por devoção, juntou as mãos... e os violinos tocavam e as raparigas dançavam à volta. Ficou muito assustado, pareceu-lhe que estava num lugar onde não podia levar Joana, mas ela estava com ele no coração... e assim saiu, correu pelas ruas, passou pela casa onde ela tinha morado, estava escuro, por toda a parte estava escuro, vazio e solitário. O mundo seguia o seu caminho e Knud o seu.

Veio o Inverno e as águas congelaram, como se tudo se preparasse para um enterro.

Mas quando a Primavera chegou e o primeiro barco a vapor partiu, então sentiu uma grande ânsia de ir para fora, longe no vasto mundo, mas não para demasiado perto da França.

Assim afevelou a mochila e vagueou até longe, na Alemanha, de cidade em cidade, sem um momento de descanso. Quando chegou à velha e bela cidade de Nuremberga, foi como se a fúria de andar se lhe despegasse dos sapatos, sentiu-se capaz de ficar.

É uma velha cidade maravilhosa, como que recortada de uma crônica com iluminuras. As ruas estão como lhes apetece, as casas não gostam de ficar em fila. Vãos de janela com torri-nhas, volutas e estátuas saltam para o passeio e, do alto dos telha-dos maravilhosamente combinados, correm a meio sobre as ruas goteiras formadas como dragões e cães corpulentos.

Knud parou na praça do mercado, com a mochila às costas. Parou junto da velha fonte, onde estão as maravilhosas figuras de bronze, bíblicas e históricas, entre os jactos de água salti-tantes... Uma criada bonita, que tirava então água, deu a Knud alguma para se refrescar; como tinha uma grande mão-cheia de rosas, ofereceu-lhe também uma e isso pareceu-lhe um bom presságio...

Ao pé da igreja veio o som do órgão até ele, soava como se fosse na pátria, como se viesse da igreja de Køge, e entrou na grande catedral. Lá dentro, o Sol brilhava através dos vitrais, entre as colunas altas e elegantes. Houve devoção nos seus pensa-mentos, desceu tranquilidade ao seu espírito.

Procurou e encontrou um bom mestre em Nuremberga, ficou em casa dele e aprendeu a língua.

Os velhos fossos à volta da cidade estão transformados em hortas pequenas, mas as altas muralhas ainda lá estão, com torres pesadas. Os cordoeiros torcem as cordas na galeria construída por vigas fora das muralhas para dentro da cidade, e aqui à volta das fendas e buracos crescem sabugueiros, que deixam pender os ramos sobre as casinhas baixas e numa delas morava o mestre em casa de quem Knud trabalhava. Sobre a pequena janela do te-lhado sob o qual dormia deixava o sabugueiro cair os ramos.

Aqui morou ele um Verão e um Inverno, mas quando a Pri-mavera chegou nada houve que o sustivesse. Os sabugueiros estavam em flor e lançavam um perfume como na pátria, era como se estivesse no jardim em Køge... Abandonou o mestre e

foi para outro lugar, mais longe, na cidade, onde não havia sabugueiros.

Foi junto de uma das antigas pontes muradas, precisamente por cima de um moinho de água, baixo, sempre a rugir, que ficou a trabalhar numa oficina. Fora havia apenas uma ribeira que ficava encerrada por casas, todas guarnecidas com velhas varandas frágeis. Pareciam querer abalá-las para tombarem na água... Aqui não crescia nenhum sabugueiro, não havia mesmo nenhum vaso com um pouco de verdura, mas precisamente em frente estava um grande salgueiro velho que parecia agarrar-se à casa a fim de não ser arrastado pela corrente. Lançava os ramos sobre a ribeira, exatamente como o salgueiro no jardim junto ao rio de Køge.

Sim, tinha verdadeiramente fugido da Mãe Sabugueira para o Pai Salgueiro. Aquela árvore, especialmente nas noites de luar, tinha algo, com que se sentiu:

«...em espírito tão dinamarquês ao luar!»

Mas não era de modo algum o luar que assim o fazia, não, era o velho salgueiro.

Não podia suportá-lo, e porque não? Pergunta ao salgueiro, pergunta ao sabugueiro florido!... e assim disse adeus ao mestre e a Nuremberga e partiu para mais longe.

A ninguém falava de Joana. Dentro de si escondia a sua dor e punha um sentido especial na história sobre os bolos de mel. Agora compreendia porque o bolo-cavalheiro tinha uma amêndoa amarga à esquerda, ele próprio sentia um gosto amargo, e Joana, que era sempre tão doce e sorridente, era só bolo de mel. Era como se as correias da mochila o apertassem de tal modo que lhe era difícil respirar, soltou-as, mas não serviu de nada. Do mundo só metade estava fora dele, a outra metade trazia ele dentro de si. Assim era!

Só quando viu as altas montanhas, o mundo se lhe tornou maior. Os seus pensamentos voltaram-se para fora, saltaram-

-lhe lágrimas dos olhos. Os Alpes pareceram-lhe as asas fechadas do mundo. Onde as erguia, estendiam-se grandes penas com cores variegadas de bosques negros, águas impetuosas, nuvens e massas de neve! «No dia do Juízo Final, a Terra ergue as grandes asas, voa para Deus e rebenta como uma bolha nos Seus claros raios! – Oh! Quem me dera que fosse já o dia do Juízo Final!», suspirou... Tranquilo, vagueou pelo país, que lhe pareceu um pomar verdejante. Das varandas de madeira das casas, raparigas, fazendo renda, acenavam-lhe; os cumes das montanhas brilhavam ao Sol rubro da tarde, e quando viu os lagos verdes entre árvores sombrias... pensou, então, na praia da baía de Køge. E houve tristeza, mas nenhuma dor no seu peito.

Ali, onde o Reno, como uma única longa onda rola em frente, tomba, rebenta e se transforma em massas de nuvens claras, brancas de neve, como se fosse a própria criação das nuvens... o arco-íris flutua como uma fita solta... pensou nos moinhos de água em Køge, onde a água sussurrava e saltitava.

Gostaria de ter ficado na tranquila cidade do Reno, mas havia muitos sabugueiros e muitos salgueiros... e assim continuou caminho. Sobre as altas montanhas imponentes, através das pedreiras e pelos caminhos que, como ninhos de andorinhas, estavam colados às paredes de pedra. A água espumava no fundo, as nuvens ficavam por baixo dele. Sobre cardos brilhantes, rosas alpinas e neve, entrou no Sol quente de Verão... disse assim adeus às terras do Norte e desceu para os castanheiros, entre vinhedos e campos de milho. As montanhas eram um muro entre ele e todas as recordações, e assim tinha de ser.

Na sua frente estava uma cidade grande e bonita que se chamava Milão, aqui encontrou um mestre alemão, que lhe deu trabalho. Era um velho casal honesto para cuja oficina entrou. Ganhou afecto o oficial calmo, que falava pouco, trabalhava,

portanto, mais e se mostrava cristão pio. Era como se Deus lhe tivesse tirado o pesado fardo do coração.

O seu maior prazer era subir à imponente igreja de mármore, que lhe parecia construída com neve da sua terra e formada por figuras, torres altas e átrios abertos decorados com flores. De cada canto, de cada ponta e arco, sorriam-lhe as estátuas brancas... Por cima, ele tinha o céu azul, por baixo, a cidade e a verde planície lombarda estendendo-se até longe, e para o norte as altas montanhas com neve eterna... assim pensou na igreja de Køge com rebentos de hera em volta das paredes vermelhas, mas não sentia nenhum anseio. Era por detrás das montanhas que queria vir a ser enterrado.

Tinha vivido aqui um ano, mas já fazia três anos que partira da pátria. Então o mestre levou-o à cidade, não à arena para ver os cavaleiros artistas, mas sim à grande ópera, que era uma sala digna de se ver... Em seis andares suspendiam-se cortinas de seda. Do chão até ao tecto, numa altura vertiginosa, estavam sentadas as mais finas damas com ramos de flores nas mãos, como se estivessem num baile, e os cavalheiros mostravam-se nos seus fatos de gala, muitos com prata e ouro. Estava tão claro como a luz do Sol mais clara, quando irrompeu a música, tão forte e tão bela!

Era mais faustoso do que o teatro em Copenhaga, mas lá estava a Joana. Aqui... Sim, aqui foi como que um encanto. As cortinas correram para os lados e ali estava ela, vestida de ouro e seda, com uma coroa dourada na cabeça. Cantou como só um anjo de Deus pode cantar. Veio à frente, sorriu, como só Joana o sabia fazer. Olhou directamente para Knud.

O pobre Knud agarrou a mão do mestre e gritou: «Joana», mas ninguém o ouviu, os músicos tocavam tão forte! O mestre acenou-lhe:

– Sim, chama-se realmente Joana! – Depois pegou numa folha impressa e mostrou-lhe que estava ali o seu nome, o nome completo.

Não, não era nenhum sonho! Todas as pessoas exultavam diante dela, atiravam-lhe flores e ramos e de cada vez que se ia embora, ia e vinha e voltava a ir.

Cá fora, na rua, juntou-se gente à volta da carruagem, puxaram-na. Knud, que estava à frente de todos, era o que mais entusiasmado se mostrava, e, quando chegou à bela casa iluminada onde Joana morava, Knud estava mesmo à porta da carruagem, que se abriu, ela saiu, e a luz brilhou directamente no seu rosto amoroso, e sorriu, agradeceu tão docemente pois estava tão comovida! Knud olhou-a bem no rosto e ela olhou Knud bem no rosto, mas não o reconheceu. Um senhor com uma estrela ao peito estendeu-lhe o braço... estavam noivos, dizia-se.

Assim Knud foi para casa e apertou as fivelas da mochila. Queria e tinha de voltar para o sabugueiro e o salgueiro... Ai! Sob o salgueiro! Numa hora pode viver-se toda uma existência!

Pediram-lhe para ficar. Nenhumas palavras puderam retê-lo. Disseram-lhe que estava a vir o Inverno, que já caía neve nas montanhas. Mas no rasto da carruagem de andamento lento... que devia abrir-lhe o caminho... podia ir, com o saco às costas, apoiado no bastão...

Foi para as montanhas, Por elas acima, por elas abaixo. Enfraquecido, não via ainda qualquer cidade ou casa. Ia para o Norte. As estrelas acenderam-se por cima dele, os pés vacilavam, a cabeça sentia vertigens. Lá no fundo, no vale, acenderam-se também as estrelas, era como se o céu se estendesse por baixo dele. Sentiu-se doente. As estrelas lá em baixo eram cada vez mais e sempre mais claras, moviam-se aqui e acolá. Havia uma cidadezinha onde piscavam as luzes. Quando deu por isso, esforçou-se e, com as últimas forças, alcançou um pequeno albergue.

Ficou aí instalado todo um dia e uma noite, pois os membros necessitavam de repouso e tratamento. No vale a neve estava meio derretida. Uma manhã cedo veio um tocador de realejo,

tocava uma canção da pátria, da Dinamarca, e, então, Knud não pôde aguentar mais... andou dias, muitos dias, com muita pressa, como se se tratasse de regressar à terra, antes que lá todos morressem... Mas a ninguém falou da sua saudade, ninguém podia crer que sofria uma dor de coração, a mais profunda que se pode sofrer. Não é coisa para o mundo, não é divertido, não é também para amigos e ele não tinha amigos! Estranho, ia em terra estranha, para a pátria, para o Norte. Na única carta de casa que os pais há muito tempo lhe tinham escrito estava: «Tu não és verdadeiramente dinamarquês, como nós aqui! Nós somo-lo enormemente! Tu só gostas das terras estrangeiras!» Os pais podiam escrever isso... sim, conheciam-no bem!

Era noite, ia pelo caminho aberto, começava a fazer frio. A terra ia ficando cada vez mais plana com campos e prados. Junto ao caminho estava um salgueiro grande. Tudo parecia como na pátria, tão dinamarquês! Sentou-se sob o salgueiro, sentia-se tão cansado, a cabeça pendia-lhe, os olhos fechavam-se-lhe para descansar. Mas ele sentia e pressentia como o salgueiro abaixava os ramos para ele, a árvore parecia um velho robusto, era o próprio Pai Salgueiro que o levantava nos braços e transportava o filho cansado para a pátria, para a terra dinamarquesa, junto da praia branca, para a cidade de Køge, para o jardim da sua infância. Sim, era o próprio salgueiro de Køge, que tinha ido pelo mundo à sua procura e agora encontrava-o e trazia-o para a pátria, para o jardimzinho junto à ribeira e aqui estava Joana em todo o seu esplendor com a coroa de ouro na cabeça, como a tinha visto ultimamente, que exclamava: – Bem-vindo!

Directamente diante dele estavam duas figuras estranhas, mas pareciam muito mais humanas do que no tempo da infância, também tinham mudado. Eram os dois bolos de mel, o cavaleiro e a donzela. Estavam voltados de frente para ele e tinham bom aspecto.

– Obrigado! – disseram ambos a Knud. – Soltaste-nos a língua! Ensinaste-nos que se deve confiantemente expressar o pensamento, senão nada resulta! E agora resultou algo!... Estamos noivos.

Foram de mãos dadas pelas ruas de Køge e mostravam-se muito decentes por detrás. Nada havia a dizer! Foram logo na direcção da igreja, e Knud e Joana seguiram-nos. Também iam de mãos dadas e a igreja estava como antes, com paredes vermelhas e a bela verdura de hera, a porta grande da igreja abriu-se para ambos os lados, o órgão soou e o cavalheiro e a donzela dirigiram-se para a nave.

– A senhora e o senhor primeiro! – disseram eles, «os noivos bolos de mel», depois desviaram-se cada um para seu lado, para dar lugar a Knud e Joana, eles ajoelharam-se, ela baixou a cabeça sobre o rosto dele, e rolaram-lhe lágrimas frias de gelo, que derretiam em volta do coração com o forte amor de Knud, e caíam nas suas faces afogueadas... acordou assim, mas estava sentado sob o velho salgueiro em terra estranha na noite fria de Inverno. Das nuvens tombava granizo regelante que lhe chicoteava o rosto.

– Foi o tempo mais belo da minha vida! – disse. – E foi um sonho... Deus, deixa-me sonhá-lo outra vez! – Fechou os olhos, adormeceu, sonhou.

De manhã cedo caiu neve, amontoou-se sobre os seus pés, ele dormia. A gente da terra dirigia-se à igreja. Estava ali sentado um oficial artífice, morto regelado... sob o salgueiro.

¹Vor Frue Kirke – Igreja de Nossa Senhora. (*N. do T.*)

²Nos países do Norte e na Alemanha, certos artífices, como os sapateiros, usavam, quando oficiais, um traje com que se distinguiam. Era também costume nos sapateiros, após a aprendizagem, fazer uma viagem demorada por outras regiões. (*N. do T.*)



João Pateta
Klods Hans (1855)

Lá para o campo havia um solar antigo e nele habitava um velho senhor que tinha dois filhos, que eram tão espirituosos que metade seria suficiente. Queriam pedir a filha do rei em casamento e podiam fazê-lo, porque ela mandara anunciar que tomaria como marido aquele que ela achasse que melhor podia falar por si.

Os dois prepararam-se em oito dias – era o prazo máximo que tinham para isso –, e era o bastante, pois tinham conhecimentos prévios e estes são sempre úteis. Um sabia de cor todo o léxico de latim e o jornal da cidade desde há três anos, e ambos de frente para trás e de trás para a frente. O outro familiarizou-se com todos os artigos das corporações de artesãos e o que cada mestre devia saber. Podia assim discutir sobre o Estado, pensava ele. Além disso sabia também bordar suspensórios, pois era fino e habilidoso de mãos.

– Vou buscar a filha do rei! – disseram ambos, pelo que o pai deu a cada um um belo cavalo. O que sabia o léxico e os jornais recebeu um negro de carvão e aquele que era sabedor das coisas dos mestres e que bordava recebeu um branco de leite, e depois untaram os cantos da boca com óleo de fígado de bacalhau para ficarem mais flexíveis. Estava toda a criadagem em baixo, no pátio, a vê-los subir para os cavalos. Nesse

momento chegou o terceiro irmão, pois eram três, mas não havia ninguém que o considerasse como irmão, porque não tinha tanta erudição como os outros dois e, por causa disso, chamavam-lhe simplesmente João Pateta.

– Onde vão, assim tão aperaltados? – perguntou.

– À corte para falarmos e ganharmos a filha do rei! Não ouviste o que os tambores anunciaram por todo o país? – E contaram-lho.

– Com a breca, também tenho de ir! – disse João Pateta, mas os irmãos riram dele e partiram.

– Pai, dá-me um cavalo também! – exclamou o João Pateta. – Sinto tal vontade de casar-me! Se a princesa me quiser, quero-me! E se não me quiser, eu quero-a na mesma!

– É disparate! – disse o pai. – Não te dou nenhum cavalo. Não sabes, na verdade, falar! Não, os teus irmãos são rapazes mais apresentáveis!

– Se não posso ter um cavalo – afirmou João Pateta –, levo o bode, que é meu e pode bem comigo!

Pôs-se a cavalo no bode, espetou os calcanhares nas ilhargas do animal e este e partiu à desfilada pela estrada fora. Ui! Como andava! – Aqui venho eu! – dizia João Pateta e cantava que até ressoava.

Mas os irmãos cavalgavam calmamente à sua frente. Não diziam uma palavra, tinham de pensar em todas as boas ideias que queriam levar consigo, pois seriam necessárias muita sagacidade e esperteza!

– Olá! – gritou João Pateta. – Aqui venho eu! Vejam o que encontrei na estrada! – E mostrou-lhes uma gralha morta que encontrara.

– Pateta! – afirmaram eles. – Que queres fazer com isso?

– Quero dá-la de presente à filha do rei!

– Está bem, dá-lha! – disseram eles, rindo, e continuaram a cavalgar.

– Olá! Aqui venho eu! Vejam o que encontrei agora. Não se encontra destas coisas todos os dias na estrada!

Os irmãos viraram-se outra vez para ver o que era. – Pateta! – disseram. – É um velho tamanco de pau, cuja parte superior se desprende! Também vais dar isso à filha do rei?

– Vou, pois! – retorquiu João Pateta, os irmãos riram, continuaram a cavalgar e distanciaram-se muito.

– Olá! Aqui estou eu! – gritou de novo João Pateta. – Não, agora vai ser cada vez pior! Olá! É extraordinário!

– Que encontraste agora? – perguntaram os irmãos.

– Oh! – exclamou João Pateta. – Não é coisa para se dizer! Como vai ficar contente, a filha do rei!

– Ui! – disseram os irmãos. – É lama que a valeta lançou para a estrada.

– Sim, é isso! – confirmou João Pateta. – É da mais fina espécie, não se consegue agarrar! – E encheu as algibeiras.

Mas os irmãos cavalgaram tanto quanto as roupas podiam aguentar, e assim chegaram uma hora antes e pararam à porta da cidade. Aí, os pretendentes, conforme iam chegando, recebiam um número e eram postos em filas, seis em cada fileira, mas tão juntos que não podiam mexer os braços. Assim estava muito bem pensado, senão ter-se-iam rasgado as costas dos fatos, simplesmente para ficarem uns à frente dos outros.

Todos os outros habitantes do país se amontoavam à volta do castelo, espreitando até pelas janelas, para verem a filha do rei receber os pretendentes. Logo que um deles entrava na sala, faltava-lhe o dom da fala.

– Não presta! – dizia a filha do rei. – Fora!

Então veio aquele dos irmãos que sabia o léxico de cor, mas esqueceu-se porque esteve em fila. O chão rangeu e o tecto era de espelho, de modo que se viu de cabeça para baixo. Em cada janela estavam três escribas e um mestre, cada um dos quais

escrevia tudo o que se dizia para que pudesse vir rapidamente no jornal e ser vendido, à esquina, por dois xelins. Era terrível, mas também tinham acendido o fogão de aquecimento de tal modo que o tambor estava ao rubro.

– Está um grande calor aqui dentro! – disse o pretendente.

– É porque o meu pai está hoje a assar frangos! – afirmou a filha do rei.

– Bé! – Ali ficou. Aquela conversa não esperava ele. Nem uma só palavra foi capaz de dizer, pois queria ter dito algo divertido.

– Não presta! – disse a filha do rei. – Fora! – E assim teve de se ir embora. Veio então o outro irmão.

– Está aqui um calor terrível! – começou ele.

– Sim, estamos a assar frangos hoje! – disse a filha do rei.

– O quê bê... o quê? – perguntou ele, e todos os escribas escreveram o quê bê... o quê.

– Não presta! – exclamou a filha do rei. – Fora!

Veio então João Pateta, que logo entrou para a sala em cima do bode. – Está um calor esbraseante! – disse ele.

– É porque estou a assar frangos! – respondeu a filha do rei.

– Apraz-me isso! – acrescentou João Pateta. – Posso assim assar uma gralha?

– Pode muito bem! – retorquiu a filha do rei. – Mas tem alguma coisa onde possa fazer o assado? É que eu não tenho nem panela nem frigideira!

– Mas tenho eu! – disse João Pateta. – Aqui está o utensílio de cozinha com rebordo e estanho! – Puxou pelo velho tamanco e pôs a gralha em cima.

– Chega para toda uma refeição! – disse a filha do rei. – Mas onde vamos arranjar o molho?

– Tenho-o aqui nas algibeiras! – respondeu João Pateta. – Tenho tanto que posso derramá-lo! – E assim esvaziou um pouco de lama dos bolsos.

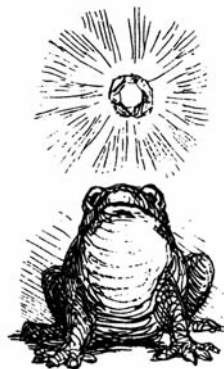
– Disto gosto eu! – disse a filha do rei. – Sabes realmente responder! Sabes falar e a ti te quero como marido! Mas sabes que toda a palavra que dizemos e dissemos é escrita e vem amanhã no jornal! Junto a cada janela vêes que estão três escribas e um velho mestre mas o mestre é o pior, pois não consegue entender! – Isto disse ela só para lhe meter medo. Todos os escribas rincharam e deitaram um borrão de tinta no chão.

– Já chega, meus senhores! – disse João Pateta. – Tenho de dar um presente ao mestre! – Virou as algibeiras e lançou-lhe lama à cara.

– Foi muito bem feito! – disse a filha do rei. – Isso não era eu capaz de ter feito! Mas vou aprender!

Assim João Pateta veio a ser rei, teve mulher e uma coroa e sentou-se no trono.

Isto sabemos directamente pelo jornal do mestre. E isto é para não acreditar.



O Sapo

Skrubtudsen (1866)

O poço era fundo, por isso a corda era comprida. A roldana rodava com dificuldade quando se puxava o balde com água para a borda do poço. O Sol nunca conseguia descer para se espelhar na água, por muito clara que fosse, mas até onde chegava o seu brilho, crescia a erva entre as pedras.

Vivia aí uma família da raça dos sapos que imigrara e que caíra de cabeça para baixo, com a velha sapa-mãe ainda viva. As rãs verdes, que há muito tempo ali estavam instaladas e nadavam na água, reconheceram-nos como primos e chamaram-lhes «hóspedes do poço». Estes traziam o propósito de aí ficar. Viviam ali muito agradavelmente no seco, como eles chamavam às pedras húmidas.

A rã-mãe já antes havia viajado. Estivera no balde de água, quando este ia para cima, mas havia muita luz, ficou com impressões nos olhos. Teve sorte ao escapar-se do balde, caiu com uma terrível chapinhada na água e aí ficou três dias com dores nas costas. Não podia contar muito do mundo que viu lá em cima, mas ela sabia e sabiam todos que o poço não era todo o mundo. A sapa-mãe bem podia ter contado alguma coisa, mas nunca respondia quando lhe perguntavam, e assim ninguém lhe perguntava nada.

– Forte e feia, disforme e gorda é ela! – diziam as jovens rãs verdes. – Os filhotes são igualmente disformes!

– Até pode ser! – disse a sapa-mãe. – Mas um deles tem uma pedra preciosa na cabeça, ou então tenho-a eu!

As rãs verdes ouviram e olharam pasmadas, como não gostaram disso fizeram caretas e foram para o fundo. Mas os sapinhos bateram com as pernas traseiras com puro orgulho. Cada um deles acreditava que tinha a pedra preciosa, pelo que ficaram completamente quietos com as cabeças mas, por fim, perguntaram porque se sentiam orgulhosos e o que era, na verdade, uma pedra preciosa.

– É algo tão magnífico e precioso – disse a sapa-mãe – que não posso descrevê-lo. É algo com que andamos para nosso próprio prazer e que, por isso, aos outros arrelia. Mas não perguntes mais, que eu não respondo!

– Sim, não tenho nenhuma pedra preciosa! – disse o sapo mais pequeno. Era tão feio, que mais não podia ser. – Porque deveria de ter coisa tão magnífica? E, se a outros arrelia, também não posso ter prazer nisso! Não! Só desejo poder subir uma vez até à borda do poço e olhar para fora. Deve ser maravilhoso!

– Fica antes onde estás! – avisou a velha. – Já conheces e sabes o que é! Toma atenção ao balde, faz-te em papas. Se vais nele, podes cair para fora, nem todos caem assim com sorte, como eu, que fiquei com os membros todos e os ovos todos!

– Quá! – disse o pequeno, tal como nós, os homens, quando dizemos «ai!».

Sentia um grande desejo de vir acima, até à borda do poço, e olhar para fora! Sentia um tão grande anseio pelo mundo verde lá em cima!

Quando na manhã seguinte, por acaso, o balde cheio de água foi puxado e por um momento ficou parado diante da pedra onde estava o sapo, lá palpitou aquilo dentro do animalzinho, que saltou para o balde cheio, foi ao fundo do balde e depois veio à tona, saltando para fora.

– Raios te partam. Fora daqui! – disse o homem que o viu. – É do mais nojento que tenho visto! – E deu um pontapé com o tamanco no sapo, que quase ficou mutilado, mas conseguiu safar-se para dentro das altas ortigas. Via aí caule ao lado de caule, via também para cima! O Sol brilhava nas folhas. Eram completamente transparentes. Para ele, era como para nós, homens, quando, de súbito, entramos num grande bosque onde o Sol brilha por entre os ramos e as folhas.

– Aqui é muito mais bonito do que lá em baixo no poço! Aqui tem-se vontade de ficar toda a vida! – disse o sapinho. Ficou lá uma hora, ficou lá duas! – Como será lá mais para cima? Já que vim tão longe, vou ainda mais longe! – Saltou tão rapidamente quanto podia e atravessou o caminho, com o Sol a brilhar sobre ele e com o pó a polvilhá-lo.

– Aqui está-se verdadeiramente no seco! – exclamou o sapo. – Estou a ter tanto e tão demasiado daquilo que é bom, que até me aflige!

Atingiu então a vala. Cresciam aí miosótis e ulmárias, havia sebes espessas junto a salgueiros e espinheiros alvares. Cresciam mangas-de-camisa-branca-de-maria como trepadeiras. Ali havia cores para apreciar. Voava também uma borboleta. O sapo julgou que era uma flor que se voltara para melhor ver o mundo. Era bem verosímil.

– Se se pudesse viajar assim como aquela... – disse o sapo. – Quá! Ai! Que beleza!

Ficou oito noites e oito dias junto da vala e não lhe faltou comida. Ao nono dia pensou: «Avante!» Mas que mais maravilhas se podiam encontrar? Talvez um sapinho ou algumas rãs verdes. Tinha-lhe soado na noite passada, no vento, que havia «primos» na vizinhança.

– É tão bom viver! Subir para fora do poço, deitar-se nas ortigas, saltar para o caminho poeirento e repousar na vala húmida!

Mas avante! Vejamos se encontro rãs ou um sapinho. Isso não posso dispensar. Para mim, a natureza já não é suficiente! – E voltou a pôr-se ao caminho.

Entrou num campo que dava para um charco grande com caniços em redor. Tentou saltar para o charco.

– Aqui é demasiado húmido para o senhor? – perguntaram as rãs. – Mas seja muito bem-vindo! Diga-nos: é um ou uma? É o mesmo. De qualquer modo, é bem-vindo na mesma!

E foi convidado para o concerto à noite, um concerto familiar. Grande entusiasmo e vozes finas! Conhecemo-los. Não havia banquete, apenas bebidas grátis. Todo o charco, se se quiser.

– Volto ao caminho! – disse o sapinho. Sentia sempre o desejo de algo melhor.

Viu as estrelas brilharem, tão grandes e tão claras, viu a lua nova luzir, viu o Sol levantar-se, mais alto e mais alto.

– Ainda estou no poço, num poço maior, tenho de ir mais alto! Sinto inquietação e anseio! – Quando a Lua ficou cheia e redonda, pensou o pobre animal: «Gostaria de saber se é um balde que vai descer e se eu podia saltar para dentro para subir mais alto? Ou é o Sol o grande balde? Como é grande, como é brilhante, podia conter-nos a nós todos juntos! Tenho de adaptar-me às circunstâncias! Oh!, como brilha na minha cabeça! Não creio que a pedra preciosa possa brilhar mais! Mas não a tenho e não choro por ela, não, o Sol é mais alto em esplendor e prazer! Tenho a certeza e, contudo, medo... é um passo difícil de dar! Mas tem de ser dado! Avante! Já para a estrada!

Deu o passo, como um batráquio o pode dar e estava agora na estrada principal, onde viviam os homens. Havia tantos jardins de flores e hortas. Repousou junto de uma.

– Que enorme variedade há na criação! Não sabia! E como o mundo é grande e maravilhoso! Deve-se ir vê-lo e não ficar para-

do num único lugar. – Saltou para dentro da horta. – Como é tudo verde aqui! Como é bonito aqui!

– Bem o sei! – disse a lagarta na folha de couve. – A minha folha é a maior! Oculta meio mundo, mas não posso dispensá-la!

Cluque! Cluque! Ouviu-se. Aproximavam-se as galinhas que passeavam na horta. A galinha que vinha à frente via bem ao longe. Lobrigou a lagarta na folha ondulada e lançou-se a correr para ela, de tal modo que a lagarta caiu, enroscando-se e virando-se de barriga para o ar. A galinha olhou primeiro com um olho, depois com o outro, pois não sabia o que poderia vir a dar aquele bichinho ter ficado assim enroscado.

«Este verme não faz isto voluntariamente!», pensou a galinha e levantou a cabeça para atacar a lagarta. O sapo ficou tão aflito que saltou na direcção da galinha.

– Tem então tropas de socorro! – disse ela. – Olha-me para aquele bicho! – Depois virou-lhe as costas. – Não me interessa aquela coisinha verde que nem chega a fazer cócegas na garganta. – As outras galinhas foram da mesma opinião e afastaram-se.

– Escapei-lhe, enrolando-me! – disse a lagarta. – É bom ter presença de espírito, mas resta o mais difícil, voltar a subir para a minha folha de couve. Onde está ela?

O sapinho quis expressar a sua simpatia. Foi divertido que ele, com a sua fealdade, tivesse assustado as galinhas.

– Que quer dizer com isso? – perguntou a lagarta. – Escapei-me dela por mérito meu. É muito desagradável olhar para si! Posso estar naquilo que é meu? Cheira-me à couve! Estou agora na minha folha! Não há nada mais belo do que aquilo que é de nós próprios. Mas tenho de subir mais alto!

– Sim, mais alto! – disse o sapinho. – Mais alto! Isso sinto eu também! Mas não está bem-disposta hoje. Foi do medo. Todos queremos subir mais alto! – E olhou para o alto tanto quanto podia.

A cegonha estava no ninho no telhado da casa do camponês. A cegonha-pai falava e a cegonha-mãe falava.

«Como vivem tão alto!», pensou o sapo. «Quem pudesse subir lá acima!»

Na casa do camponês viviam dois jovens estudantes. Um era poeta e o outro cientista. Um cantava e escrevia na alegria de que Deus criara tudo e que se lhe reflectia no coração. Cantava-o de forma curta, clara e rica, em versos sonoros. O outro tomava as coisas por si próprias, sim, dissecava-as quando assim tinha de ser. Tomava a obra de Nosso Senhor como um grande problema aritmético, subtraía, multiplicava, queria saber tudo por fora e por dentro e falar com conhecimento – e com todo o entendimento – e falava da obra com alegria e inteligência. Eram ambas pessoas boas e alegres.

– Está ali um belo exemplar de sapo! – disse o cientista. – Tenho de o apanhar para o conservar em álcool!

– Já tens dois! – observou o poeta. – Deixa-o estar em sossego e a divertir-se!

– Mas é tão maravilhosamente feio! – referiu o outro.

– Sim, se pudéssemos encontrar a pedra preciosa na sua cabeça! – exclamou o poeta. – Então seria eu próprio a dissecá-lo.

– Pedras preciosas! – exclamou o outro. – Conheces bem a história da natureza!

– Mas não é algo muito belo na crença do povo de que o sapo, o animal mais feio, oculta muitas vezes na cabeça a tão desejada pedra preciosa? Não se passa o mesmo com os seres humanos? Que pedras preciosas não teve Esopo, e também Sócrates?...

Mais não ouviu o sapo, e não compreendeu nem metade. Os dois amigos foram-se embora e ele escapou-se de ser posto em álcool.

– Falavam, portanto, da pedra preciosa! – disse o sapo. – É bom que a não tenha, senão estava agora metido em sarilhos!

Ouviram-se, então, vozes no telhado da casa do camponês. Era a cegonha-pai que fazia um discurso à família e esta olhava de lado para baixo, para os dois jovens estudantes que ainda se encontravam na horta.

– Os homens são as criaturas mais presunçosas! – disse a cegonha-pai. – Oiçam como são as conversas deles! Não sabem dar um verdadeiro estalo com o bico. Enchem o papo com os seus dons de fala, a sua língua! É uma língua agradável. Mas muda em cada local que encontramos nas nossas viagens diárias. Uns não entendem os outros. A nossa língua, pelo contrário, podemos-la falar em toda a terra, tanto na Dinamarca como no Egipto. Voar também não sabem! Fazem viagens numa coisa descoberta a que chamam «caminho de ferro» e partem a cabeça muitas vezes por causa disso. Fico com calafrios no bico quando penso nisso! O mundo pode existir sem homens. Podemos dispensá-los. Que nos deixem apenas rãs e minhocas!

«Foi um discurso formidável!», pensou o sapinho. «Como é um grande homem! E está tão alto como nunca vi ninguém estar! E como sabe nadar!», exclamou ele, quando a cegonha abriu as asas e partiu pelo ar.

A cegonha-mãe falou no ninho, contou sobre a terra do Egipto, sobre a água do Nilo e sobre os atoleiros incomparáveis que havia em terras estrangeiras.

Isso soou como algo novo e belo para o sapinho.

– Tenho de ir ao Egipto! – disse ele. – Se a cegonha me levasse ou algum dos seus filhos! Pagar-lhe-ia o serviço no dia do noivado. Sim, vou ao Egipto, porque me sinto feliz! Todo o anseio e vontade que sinto é realmente melhor do que ter uma pedra preciosa na cabeça!

E ele tinha exactamente a pedra preciosa. Era o eterno anseio e vontade de subir, para cima, sempre para cima! Brilhava lá dentro, luzia de alegria e irradiava na vontade.

Nesse momento veio a cegonha. Vira o sapo na erva. Baixou e pegou no animalzinho de forma pouco gentil. O bico apertava, o vento sussurrava, não era agradável, mas ele ia para cima, para cima, para o Egito, sabia-o ele. E por isso os olhos brilhavam. Era como se deles saíssem centelhas.

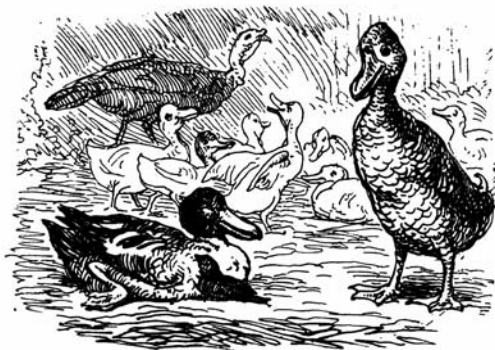
– Quá! Ai!

O corpo estava morto e morto o sapo. Mas as centelhas dos olhos, que se passou com elas?

Os raios de Sol pegaram nelas e com elas levaram a pedra preciosa da cabeça do sapo. Para onde?

Não pergunes ao cientista, pergunta antes ao poeta. Ele conta-te como num conto. E as lagartas lá estão e a família de cegonhas lá está também. Pensa! A lagarta transforma-se numa linda borboleta. A família de cegonhas voa para longe sobre montes e mares para a longínqua África, mas volta a encontrar o caminho mais curto para casa, para a terra dinamarquesa, para o mesmo lugar, o mesmo telhado! Sim, é tudo demasiado maravilhoso e, no entanto, é verdadeiro. Podes bem perguntar ao cientista, tem de o admitir. Tu próprio sabes isso também, porque o viste.

– Mas a pedra preciosa na cabeça do sapo? – Busca-a no Sol! Vê-a, se puderes! O brilho é demasiado forte. Não temos olhos ainda para ver dentro de toda a magnificência que Deus criou, mas temo-los, e isso vem a ser o conto mais belo, pois nós próprios estamos lá!



No Pátio dos Patos

I Andegården (1861)

Veio uma pata de Portugal. Disseram algumas pessoas que podia ter vindo de Espanha. É indiferente. Chamaram-na a portuguesa, pôs ovos, foi morta e servida à mesa. Foi a sua carreira. Todos os que saíram dos ovos dela foram chamados portugueses e isto tinha a sua importância. De toda a família apenas restara uma no pátio. Um pátio a que tinham também acesso galinhas e onde o galo se conduzia com infundável alvêz.

– Fere-me com o seu canto violento! – dizia a portuguesa.
– Mas é bonito, não se pode negar, ainda que não seja pato. Devia moderar-se, mas moderar-se é uma arte que revela cultura superior. Têm-na os passarinhos cantores, lá no alto, nas túlias do jardim vizinho. Como cantam maravilhosamente! Há algo tão comovedor no seu canto! Chamo a isso Portugal! Tivesse eu um passarinho cantor assim e seria uma mãe extremosa e boa para ele. Está no meu sangue, no meu carácter português!

E foi precisamente quando assim falava que ali veio parar um passarinho cantor. Caiu do telhado, de cabeça para baixo. O gato andara atrás dele, mas o pássaro escapara-se-lhe com uma asa quebrada, caindo no pátio dos patos.

– Deve ser coisa do gato, aquele bruto! – disse a portuguesa.
– Conheço-o do tempo que tive patinhos! Permitir-se que uma

criatura assim viva e ande pelos telhados! Isso creio eu que não se passa em Portugal!

E compadeceu-se do passarinho, e as outras patas, que não eram portuguesas, compadeceram-se dele também.

– Pobrezinho! – disseram elas, e chegou-se uma e chegaram-se as outras. – É certo que não somos cantoras – disseram elas –, mas temos dentro de nós um someiro de órgão ou algo parecido. Sentimo-lo, ainda que não falemos disso!

– Pois eu quero falar disso! – disse a portuguesa. – E quero fazer algo por ele, porque é o nosso dever! – E subiu assim para dentro da selha de água e patinhou nela de tal modo que quase afogava o passarinho com a molha que este apanhou, mas foi com boa intenção. – É uma boa acção – disse ela. – Bem podem os outros ver e seguir o exemplo!

– Piu! – disse o passarinho. Uma das asas estava quebrada, era-lhe difícil sacudir-se, compreendeu, porém, que a chapinhadela foi bem-intencionada. – É muito boa de coração, minha senhora! – disse ele, mas não pediu mais.

– Nunca pensei na inclinação do meu coração! – disse a portuguesa. – Sei, porém, que amo todos os meus semelhantes, excepto o gato, mas quem poderia esperar outra coisa de mim! Comeu dois dos meus. Esteja aqui agora como em sua casa. Pode arranjar-se. Eu própria sou de uma terra estrangeira, como bem pode ver pelo meu aprumo e vestido de penas. O meu pato é nativo, não tem o meu sangue, mas não me faço ativa por isso!... A ser compreendido por alguém daqui, se é que posso afirmá-lo, será por mim.

– Ela tem beldroegas na moela! – disse um patinho vulgar que era espirituoso, e os outros, que também eram vulgares, acharam admirável isso de *portulak*¹ soar com «Portugal». Empurrando-se uns aos outros, diziam: – Ouviram? Foi incomparavelmente espirituoso!

E meteram-se com o passarinho.

– A portuguesa fala verdadeiramente bem! – disseram eles.
– Nós não somos de grandes palavras no bico, mas temos igualmente grande simpatia. Se não fazemos nada por si, também não levantamos questões. Achamos que é mais bonito!

– Tem uma bonita voz! – disse um dos mais velhos. – Deve ser uma bela sensação dar prazer a tanta gente, como você faz! Não entendo, na verdade, nada disso! Por isso calo o bico, o que é sempre melhor do que dizer qualquer parvoíce, como muitos outros lhas dizem.

– Não o incomodem – disse a portuguesa. – Ele necessita de repouso e tratamento. Passarinho, quer que eu o molhe outra vez?

– Oh! Não, deixe-me ficar seco! – pediu ele.

– A cura pela água é a única coisa que me ajuda – disse a portuguesa. – Divertimento também é coisa boa! Daqui a pouco vão vir as galinhas vizinhas para nos visitar. São duas galinhas chinesas, andam com calças à mameluco, possuem muita educação e são importadas. Têm elevado lugar na minha consideração.

E as galinhas vieram e veio o galo. Este estava tão gentil que nem foi grosseiro.

– Você é um verdadeiro pássaro cantor! – disse ele. – E faz da sua vozinha o que se pode fazer com uma tal vozinha. Mas deve cantar com a força da locomotiva para que se possa saber que é um verdadeiro macho.

As duas chinesas ficaram encantadas ao verem o pássaro. Estava tão encharcado da molha que recebera que parecia um pintainho chinês. – Bonito! – E começaram a falar com ele com voz sussurrante e sons de P em chinês elegante.

– Somos do seu género. As patas, mesmo a portuguesa, pertencem às aves aquáticas, como bem notou. A nós ainda você não conhece, mas quantos nos conhecem ou se dão ao trabalho de nos conhecer? Ninguém! Nem mesmo entre as galinhas, se bem que nasçamos para pousar num poleiro mais alto do que muitos

outros... Mas é o mesmo, seguimos o nosso tranquilo caminho no meio de todos, cujos princípios não são os nossos, mas nós só olhamos os lados bons e só falamos do bem, ainda que seja difícil de o encontrar onde não existe. Com exceção de nós e do galo, não há ninguém na capoeira que seja inteligente e ao mesmo tempo honesto! O mesmo se pode dizer dos habitantes do pátio. Avisamo-lo, passarinho! Não acredite na que tem a cauda cortada, é falsa! Aquela manchada ali com o espelho torto nas asas é maluca por disputas e nunca deixa ninguém ter a última palavra, e, ainda por cima, nunca tem razão!... Aquela pata gorda fala mal de todos, e isso é contra a nossa natureza. Se não se pode falar bem, cala-se o bico. A portuguesa é a única que tem um pouco de educação e com quem se pode conviver, mas é impetuosa e fala demasiado de Portugal!

– Como têm as duas chinesas tanto a murmurar! – disseram algumas patas. – Aborrecem-me, nunca falei com elas!

Veio então o pato. Julgou que o pássaro era um pardal. – Sim, não vejo diferença! – disse ele. – Mas não tem importância! Pertence aos brinquedos musicais que, quando os temos, temos!

– Não te importes com o que ele diz! – sussurrou a portuguesa. – É respeitável nos negócios e os negócios estão para ele acima de tudo. Mas agora vou deitar-me e descansar! É um dever para comigo própria fazer o possível por estar bem gordinha, para vir a ser embalsamada com maçãs e ameixas.

E logo se deitou ao Sol, pestanejando com um olho. Estava tão bem deitada e tão bem consigo própria, que dormiu muito convencida. O passarinho puxou pela asa quebrada e deitou-se também, encostado à sua protectora. O Sol brilhava quente e belo, era um bom lugar para se estar.

As galinhas vizinhas andavam à volta a esgravatar. Tinham vindo sobretudo por causa da comida. As chinesas foram as primeiras a afastar-se e depois as outras. O patinho espirituoso

disse, referindo-se à portuguesa, que a velha estava a entrar na «segunda patinlice», e riram, com ar de troça, as outras patas.

– Segunda patinlice! É incomparavelmente espirituoso! – E repetiram o antigo dito de espírito: beldroegas! Foi muito engraçado. – Depois deitaram-se.

Estavam já há algum tempo deitadas quando lançaram comida no pátio. Estalou de encontro ao chão, de modo que toda a criação que dormia se levantou e bateu com as asas. A portuguesa acordou também, virou-se e esmagou terrivelmente o passarinho.

– Piu! – disse ele. – Pisou-me tanto, minha senhora!

– Porque se pôs no caminho? – retorquiu ela. – Não deve ser tão sensível! Também tenho nervos, mas nunca disse pio!

– Não esteja zangada! – disse o passarinho. – O pio saiu-me do bico!

A portuguesa nem o ouviu. Correu para a comida e colheu uma boa refeição. Quando terminou e se deitou, chegou-se o passarinho, que queria ser amável:

*Tilelelil Tilelelil!, o bom coração que encontrei em ti
vai ser muitas vezes cantado por mim
quando voar por aí, por aí, por aí!*

– Agora vou repousar depois da comida – disse ela. – Tem de aprender os costumes da casa! Agora vou dormir!

O passarinho ficou muito desconcertado, pois fizera aquilo com boa intenção. Quando a dama acordou, estava ele diante dela com um grãozinho no bico, que tinha encontrado. Pusera-lho à frente, mas ela não tinha dormido bem e assim estava, naturalmente, rabugenta.

– Pode dá-lo a um pintainho! – disse a pata. – Não esteja sempre em cima de mim!

– Mas está zangada comigo! – disse ele. – Que fiz eu?

– Fiz? – disse a portuguesa. – A expressão não é das mais finas. Quero chamar-lhe a atenção para isso!

– Ontem havia Sol! – disse o passarinho. – Hoje está escuro e cinzento! Sinto-me tão triste dentro de mim!

– Não sabe ainda bastante do cálculo do tempo! – disse a portuguesa. – O dia ainda não acabou. Não fique aí a fazer cara de parvo.

– Olha para mim tão zangada, tal como esses dois olhos maus me olharam, quando aqui caí no pátio.

– Desavergonhado! – disse a portuguesa. – Compara-me com o gato, aquela fera! Nenhuma gota de sangue mau há em mim. Tomei conta de si e vou ensinar-lhe boas maneiras!

E com uma bicada arrancou a cabeça ao passarinho, que logo ali caiu morto.

– Que é isso agora! – disse ela – Não foi capaz de suportar a bicada! Então não era realmente para este mundo! Fui como uma mãe para ele, bem sei! Porque coração tenho eu!

E o galo do vizinho meteu a cabeça no pátio e cantou com a força de uma locomotiva.

– Você dá cabo de uma criatura com esse canto! – gritou ela. – É tudo culpa sua! Ele perdeu a cabeça e eu estou a perder a minha!

– Não ocupa muito lugar onde está! – disse o galo.

– Fale com respeito acerca dele! – disse a portuguesa. – Tinha distinção, tinha voz e grande educação. Era amoroso e meigo, como convém aos animais e aos denominados seres humanos.

E todas as patas se juntaram à volta do passarinho morto. As patas têm paixões fortes, quer na inveja quer na compaixão, e como ali nada havia a invejar, estavam, portanto, compadecidas e também o estavam as duas galinhas chinesas.

– Um pássaro cantor como este nunca mais teremos! Era quase chinês – e choraram tanto, e todas as galinhas e as outras

aves presentes no pátio cacarejaram, mas as patas eram as que tinham os olhos mais vermelhos de todas.

– Coração temos nós! – diziam elas. – Ninguém no-lo pode negar!

– Coração! – disse a portuguesa. – Sim, temo-lo nós... quase tanto como em Portugal!

– Pensemos agora em encontrar alguma coisa para o papo! – chamou o pato. – Que é o mais importante! Se se quebra um brinquedo musical em pedaços, ainda nos restam bastantes!

¹ *Portulak*, em dinamarquês; *Portulaca*, em latim. Plantas de folhas carnudas e alimentares, vulgarmente chamadas beldroegas (*N. do T.*)



A Rainha das Neves
Um conto com sete histórias
Snedronningen
Et eventyr i syv historier (1844)



Primeira história que trata do espelho e dos seus fragmentos

Vejam então! Agora vamos começar. Quando tivermos chegado ao fim do nosso conto, saberemos mais do que agora, pois fala de um feiticeiro mau! O pior de todos. O *dævel*¹.

Um dia, estava ele de bom humor, porque tinha acabado de construir um espelho que possuía uma propriedade: a beleza e a bondade que nele se reflectissem reduziam-se a quase nada. Tudo o que era mau ou desagradável, pelo contrário, aumentava, tornando-se ainda pior.

Quando as mais admiráveis paisagens se reflectiam no espelho pareciam esparregado de espinafres. As melhores pessoas tornavam-se repelentes ou ficavam com a cabeça para baixo, sem barriga e com as caras tão disformes que ficavam irreconhecíveis. Se alguém tivesse uma pequena sarda, podia ter a certeza de que esta se tornava enorme, cobrindo-lhe o nariz e a boca.

– Como isto é divertido! – dizia o diabo do feiticeiro. Logo que um pensamento sensato ou piedoso atravessava o espírito de um homem reflectia-se no espelho um sorriso de escárnio. Este feiticeiro dos diabos ria-se, encantado com a sua invenção. Todos os que andavam na sua escola de feiticeiro, pois ele tinha uma escola de feitiços, contavam por toda a parte que houvera um milagre. Só agora se podia ver, opinavam eles, como o mundo e os homens eram na realidade. Corriam por todo o mundo com o

espelho e, no fim, não havia país ou pessoa que nele não visse reflectida a sua imagem distorcida.

Agora eles queriam voar para o próprio céu a fim de fazerem pouco dos anjos e de Nosso Senhor. Quanto mais subiam com o espelho mais este se ria de escárnio. Mal o podiam segurar. Continuaram a voar cada vez mais alto e mais alto, cada vez mais próximos de Deus e dos anjos. De repente o espelho estremeceu tão terrivelmente com o seu malvado sorriso que se escapou das mãos dos diabinhos e se precipitou para a Terra, desfazendo-se em cem milhões de biliões e ainda em mais fragmentos.

E foi assim, despedaçado, que causou mais danos do que antes. Alguns pedaços que não eram maiores que grãos de areia voaram pela vastidão do mundo e as pessoas apanharam com essa funesta poeira nos olhos. Essas pessoas viam tudo errado, e só tinham olhos para o que estava mal, pois cada pequeno grão de espelho mantinha as mesmas forças como se de todo o espelho se tratasse. Houve quem chegasse a ter um pequeno grão do espelho no coração, e então era pavoroso, pois o coração dessas pessoas transformava-se num pedaço de gelo.

Existiam pedaços tão grandes que chegaram a ser usados como vidraças para as janelas. Não era nada aconselhável ver os amigos através deles. Outros foram utilizados como lentes para óculos e então, quando alguém os punha, para se ver com clareza e justiça, tudo corria mal.

O feiticeiro sorria de tal forma que até a barriga lhe rebentava. O riso fazia-lhe cócegas deliciosas.

Lá fora, voavam ainda pequenos pedaços de vidro.

Agora, escutem com atenção.

¹ *Dævel* (*djævel*). Expressão infantil que designa diabo, em dinamarquês. Andersen utiliza o termo para amenizar a figura no imaginário das crianças.



Segunda história

Um rapazinho e uma menina

Na grande cidade há tantas casas e tantas pessoas, que não existe lugar para todos poderem ter o seu jardim. Por isso, a maioria contenta-se com alguns vasos de flores. Havia duas crianças pobres que tinham um jardim um pouco maior do que um vaso de flores. Não eram irmãos, mas gostavam tanto um do outro como se realmente o fossem. Os seus pais viviam em duas águas-furtadas tão próximas uma da outra que os telhados quase se tocavam. Cada casa tinha uma janela virada para outra e bastava esticar as pernas para se passar para qualquer um dos lados.

Cada família possuía um grande caixote de madeira cheio de terra, fora da janela e nele cultivava hortalças para governo da sua casa, e uma pequena roseira que crescia que era uma bênção. Os pais tiveram a ideia de colocar as caixas atravessadas de maneira que chegavam de uma janela à outra. Parecia um verdadeiro canteiro de flores. Os ramos das ervilheiras suspendiam-se e as roseiras lançavam ramos compridos que se enroscavam em volta das janelas, curvando-se uns contra os outros. Era quase um arco de triunfo de verduras e flores.

Os caixotes eram altos e as crianças sabiam que não podiam trepar por eles, mas os pais autorizaram que se sentassem nos seus banquinhos e ali brincavam maravilhosamente.

No Inverno, este divertimento não podia existir. Muitas vezes as janelas ficavam totalmente cobertas de gelo. Então, os meninos aqueciam uma pequena moeda de cobre na braseira e colocavam-na sobre a vidraça, formando assim um pequeno postigo redondo, tão redondo, que atrás dele espreitava um olhito de expressão abençoada e terna, isto em cada uma das janelas. Eram o rapazinho e a menina. Ele chamava-se Kay e ela Gerda.

No Verão, podiam, como já se disse, chegar um ao outro com um simples salto. No Inverno, para se encontrarem, era-lhes necessário descer numerosos degraus e, em seguida, subir outros tantos.

Lá fora, a neve rodopiava em milhares de flocos .

– São as abelha brancas que esvoaçam – disse a velha avó.

Elas também têm uma rainha? – perguntou o menino, pois sabia que as verdadeiras abelhas têm sempre uma rainha.

– Certamente – respondeu a avó. – Lá está ela a voar, ali, onde estão muitos flocos juntos. É a maior de todas. Nunca está no mesmo sítio, rodopia, rodopia e nunca fica quieta sobre a terra. Voa sempre para o céu escuro. Muitas noites de Inverno, voa pelas ruas da cidade e espreita através das janelas, que, por causa do seu olhar, gelam de forma tão estranha, formando desenhos de flores.

– Já vimos isso – exclamaram as crianças. E ficaram convencidas de que era verdade.

– A Rainha das Neves pode entrar aqui? – perguntou a rapariguinha.

– Ela que venha então! – disse Kay. – Pô-la-ei em cima da braseira, que se derrete logo.

Mas a avó acariciou-lhe os cabelos e contou-lhes outras histórias.

À noite, o pequeno Kay estava na sua casa, já meio despido e pronto para se deitar. Mas, antes, trepou para uma cadeira junto

à janela e espreitou através do pequeno buraco redondo, feito com a moeda aquecida. Alguns flocos de neve caíam lentamente. O maior de todos veio pousar na beira de um dos caixotes de flores. Cresceu cada vez mais e acabou por se tornar numa mulher, vestida do mais fino tule branco como se fosse feito de milhões de flocos cintilantes. Era muito bela e graciosa, mas toda feita de gelo. Gelo brilhante e resplandecente. Apesar de ser de gelo, mesmo assim, estava viva. Os seus olhos brilhavam como duas estrelas claras, mas não tinham calma nem descanso. Acenou para a janela e fez adeus com um gesto. O rapazinho, assustado, saltou da cadeira e nesse momento pareceu-lhe que um grande pássaro voava diante da janela.

No dia seguinte tudo estava gelado e limpo. Depois, a neve e o gelo começaram a derreter-se. Veio então a Primavera. O Sol resplandeceu e os primeiros rebentos começaram a verdejar. As andorinhas construíram os seus ninhos, as janelas abriram-se e as duas crianças encontraram-se novamente no seu jardimzinho, lá em cima, no algeroz, junto do telhado.

Quando as rosas floresceram em toda a sua magnificência, era o Verão! Ah! Como o jardim lhes dava prazer! A rapariguinha aprendera de cor um salmo que falava de rosas. Quando o cantava, pensava nas que tinha no seu jardim. E cantou-o diante do rapaz, e ele aprendeu-o também. Rapidamente, ambos uniram as suas vozes para cantar:

As rosas crescem nos vales.

Lá comungamos com o Menino Jesus!

Os dois, com as mãos dadas, beijavam as flores e contemplavam o brilho do Sol e falavam para ele como se o Menino Jesus lá estivesse. Que dias maravilhosos de Verão. Era uma bênção estar junto das roseiras, que pareciam nunca parar de florir!

Certo dia, Kay e Gerda sentaram-se a olhar para um livro de imagens, que representava animais e aves. Foi então que, no preciso momento em que o sino bateu as cinco badaladas na torre da igreja, Kay exclamou:

– Ai, que alguma coisa me picou no coração e agora sinto que me entrou outra coisa no olho.

A menina tomou-lhe o rosto entre as mãos e olhou-o nos olhos, que pestanejavam; mas não viu absolutamente nada de anormal.

– Parece-me que já passou – disse ele. Mas não passou. Aquilo era exactamente um pedaço de vidro que saltou do espelho. O espelho do feitiço, conforme muito bem nos lembramos. O terrível espelho que fazia parecer pequeno e feio o que é grande e belo e que punha em destaque o lado mau e reles dos seres e das coisas. O infeliz Kay recebeu no coração um desses inúmeros fragmentos. Em breve iria tornar-se como um pedaço de gelo. Kay não sentiu mais dor nenhuma, mas aquilo estava lá.

– Porque choras? – perguntou ele. – Pareces tão feia! Eu não tenho nada! Ai! Cala-te lá com isso! – gritou, olhando em redor. – Esta rosa foi toda comida por um verme e esta está torta. Na realidade, são vulgares e sem graça, tal como o horrível caixote onde crescem!

Deu um desdenhoso pontapé no caixote e arrancou as duas flores que lhe haviam desagradado.

– Kay! O que estás a fazer? – gritou a menina.

Vendo-a tão horrorizada, Kay arrancou mais uma rosa, depois correu para dentro através da sua janela, para longe da pequena e abençoada Gerda.

Quando, mais tarde, ela apareceu com o livro das imagens, ele disse-lhe que aquele era um livro para crianças pequenas. Quando a avó contava histórias, ele vinha sempre estragar tudo com um «mas», ou então, se via uma oportunidade, colocava-se por detrás

dela, punha os seus óculos e imitava-a. Toda a gente o aplaudia. Em breve, seria capaz de imitar quem passava pela rua. Kay sabia imitar tudo o que era estranho e nada bonito nas pessoas.

– Tem uma boa cabeça, este rapaz! – dizia-se.

Na realidade, tudo isto se devia aos grãos de vidro que lhe entraram para o olho e para o coração. E esta era a razão por que ele até aborrecia a pequena Gerda, que gostava dele com toda a sua alma.

A sua maneira de brincar tornou-se totalmente diferente. Agora fazia as coisas de forma fria e calculista.

Um dia em que nevava, apareceu com uma grande lupa e estendeu uma ponta do seu casaco azul, para apanhar alguns flocos de neve.

– Olha agora os flocos na lupa, Gerda.

Cada floco de neve tornou-se muito maior e esplendoroso. Parecia uma estrela de dez pontas. Foi maravilhoso de ver.

– Estás a ver como é artificial? – disse Kay –, é muito mais interessante do que as flores reais. São tão perfeitos que não têm um único erro. São todos iguais. Desde que não derretam.

Pouco depois, apareceu com grandes luvas e o seu trenó às costas e gritou aos ouvidos de Gerda:

– Tenho autorização para andar na grande praça onde os outros brincam.

E desapareceu a correr.

Lá, na praça pública, os rapazes mais atrevidos atavam, às vezes, os seus trenós às carroças dos camponeses e faziam-se arrastar durante um bocado. Era muito divertido.

Enquanto brincavam, chegou um grande trenó. Estava pintado de branco e dentro dele vinha sentado alguém vestido com uma peliça branca e um gorro branco na cabeça.

O trenó deu duas voltas à praça. Kay aproveitou e prendeu-lhe o seu e assim se fez deslocar.

O grande trenó deslocava-se depressa, cada vez mais depressa. Deixou a praça e meteu pela rua ao lado. Quem o conduzia voltou-se e fez a Kay um amistoso aceno com a cabeça, como se já fossem conhecidos. Sempre que Kay procurava desatar o seu trenó, a personagem olhava-o, dirigindo-lhe um aceno com a cabeça, e Kay, subjugado, ficava quieto.

Ei-los que saem pelas portas da cidade. A neve começou a cair com força. O pobre rapazinho não via dois passos diante de si e o andamento era cada vez mais veloz.

Queria largar rapidamente a corda para se livrar do grande trenó. Mas não conseguiu. O seu pequeno veículo continuava preso ao grande trenó, que prosseguia, rápido como o vento. Kay começou a gritar por socorro; mas ninguém o ouvia e a neve caía cada vez com mais força. E o trenó continuava a voar, numa vertiginosa corrida. Por vezes, sentia-se um solavanco como se saltasse por cima de um valado ou transpusesse uma sebe. Kay estava apavorado. Queria rezar o seu padre-nosso, mas só se lembrava da grande tabuada.

Os flocos de neve tornavam-se cada vez maiores até se parecessem com grandes galinhas brancas. De repente, estas desapareceram e o grande trenó parou. Quem o conduzia, ergueu-se. As espessas peles que a cobriam eram todas de neve. Tratava-se de uma dama alta, cheia de dignidade e de uma brancura resplandecente.

Era a Rainha das Neves.

– Viemos a andar bem – disse ela. – Apesar disso, vejo que estás quase gelado. Vem abrigar-te debaixo da minha peliça de pele de urso.

Ela agarrou-o, e colocou-o no seu trenó, envolvendo-o com a sua pele. Kay julgou ter mergulhado numa massa de neve.

– Ainda tens frio? – perguntou ela, beijando-o na testa. O beijo era frio como o gelo e penetrou-lhe até ao coração, que já estava meio gelado. Sentiu-se quase a morrer. Mas essa sen-

sação durou apenas um instante. Achou-se logo em seguida muito reconfortado e já não teve mais nenhum calafrio.

– O meu trenó! Não se esqueça do meu trenó! – Kay lembrou-se dele.

Então, o trenó foi atado às costas de uma das galinhas brancas que voavam atrás deles.

A Rainha das Neves beijou Kay mais uma vez, e ele não sentiu qualquer saudade da pequena Gerda, nem da avó, nem de nenhum dos seus.

– Agora não voltarei a beijar-te, pois um novo beijo seria a tua morte.

Kay olhou para ela. Era tão bela. Rosto mais inteligente e maravilhoso não podia imaginar. Não lhe parecia já feita de gelo, como da primeira vez em que a vira diante da sua janela e em que ela lhe fizera um gesto amistoso! Aos seus olhos, a Rainha das Neves era a perfeição. Não sentia medo e contou-lhe que sabia fazer contas de cabeça, mesmo fracções, e que sabia o número de recenseados e das léguas quadradas que tinha o país.

A Rainha sorria sempre que ele falava. Kay sentiu então que não era suficiente o que sabia. Olhou para o grande e negro espaço vazio. A Rainha subiu, voando com ele, para lá da grande nuvem negra.

Como o vento uivava. Parecia que cantava as velhas canções. Voaram sobre florestas e lagos, sobre mares e terras. Por baixo, o vento frio soprava, os lobos uivavam e a neve cintilava com os corvos negros a voar e a gritar. Mais acima, brilhava a Lua, tão grande e clara. Foi então que Kay viu nela a longa, longa, noite de Inverno.

Quando o dia nasceu, adormeceu aos pés da Rainha das Neves.



Terceira história

O jardim da mulher que sabia fazer feitiços

Como se sentia a pequena Gerda, agora que Kay nunca mais chegava? Onde estava ele?

Ninguém sabia nada dele; ninguém vira por onde passara. Só um rapaz contou que o vira prender o seu pequeno trenó a outro, grande e esplendoroso, que entrara na rua e saíra pela porta da cidade. Ninguém sabia onde ele estava. Bastantes lágrimas correram por causa de Kay, e a pequena Gerda chorou profundamente, durante muito tempo.

– Ele morreu – diziam –, deve ter-se afogado no rio que passa perto da cidade.

Oh! Foram muitos e longos os sombrios dias de Inverno!

Finalmente voltou a Primavera, trazendo consigo o Sol e o calor.

– Kay morreu! – dizia a pequena Gerda –, partiu para sempre.

– Eu cá não acredito nisso! – respondeu o raio de Sol.

– Ele morreu, não voltarei a vê-lo! – dizia ela às andorinhas.

– Não acreditamos que isso seja verdade – responderam-lhe estas.

Por fim, a própria Gerda já não acreditava na morte de Kay.

– Vou calçar os meus novos sapatos vermelhos – disse ela numa manhã –, uns que Kay nunca viu, e irei ao rio perguntar-lhe se ele sabe o que aconteceu.

Era muito cedo. Deu um beijo à sua velha avó, que dormia ainda, e calçou os sapatos vermelhos. Depois, saiu sozinha. Passou pelas portas da cidade e chegou à beira do rio.

– É verdade que me tiraste o meu pequeno irmão? – perguntou ela. – Estou disposta a dar-te os meus sapatos vermelhos se mo devolveres.

Pareceu-lhe que as águas lhe acenaram com um estranho movimento. Pegou nos seus bonitos sapatos, que eram o mais precioso bem que tinha, e lançou-os às águas. Mas os sapatos foram cair tão perto da beira do rio que as pequenas ondas os devolveram à margem. Era como se o rio não lhos quisesse tirar, porque não lhe podia devolver o pequeno Kay. Mas Gerda julgou que não lançara os sapatos suficientemente para longe da margem. Decidiu, portanto, meter-se num barco que se encontrava no meio dos juncos. Foi até à proa e de lá lançou novamente os sapatos à água.

O barco não estava preso à margem. Com o impulso começou a afastar-se. A menina, apercebendo-se disso, tentou saltar para fora, mas quando chegou à popa havia já mais de um *alen*¹ de distância da terra. E o barco começou a deslizar pelo rio, cada vez mais depressa.

Então, a pequena Gerda ficou apavorada e começou a chorar. Ninguém a ouvia, a não ser os pardais, mas eles não a podiam levar para terra. No entanto, voavam junto da margem e cantavam para a confortar: «Nós estamos aqui! Nós estamos aqui!»

O barco deslizou com a corrente. Gerda deixou-se ficar sentada, muito quieta, apenas calçada com as suas meias. Os sapatinhos vermelhos flutuavam também nas águas do rio, mas não conseguiam alcançar o barco, que deslizava com maior velocidade.

Ao longo das margens alinhavam-se velhas árvores, desabrochavam belas flores e brotava um espesso tapete de relva onde pastavam os carneiros e as vacas, mas não havia ninguém à vista.

– Talvez o rio me leve até junto do pequeno Kay – pensou Gerda.

E com este pensamento sentiu-se melhor. Ergueu-se e contemplou demoradamente as belas e verdejantes margens. Chegou finalmente diante de um cerejal onde havia uma pequena casa com estranhas janelas vermelhas e azuis e com telhado de colmo. Na soleira perfilavam-se dois soldados de madeira, que apresentavam armas a quem passava.

Gerda chamou-os em seu auxílio porque os julgava vivos. Naturalmente que eles não se moveram.

Entretanto, o barco aproximou-se da margem e Gerda gritou com mais força. Então, da casinha, saiu uma anciã. Uma mulher velha, muito velha, que se apoiava num bastão muito torto; trazia na cabeça um grande chapéu de palha, pintado com as mais belas flores.

– Pobre menina – disse ela –, como vieste, deste modo, trazida pelas águas do grande rio? Como foste arrastada até tão longe, através do mundo?

A velha mulher entrou na água, puxou o barco com o seu bastão para a margem e retirou a pequena Gerda. A menina ficou contente logo que chegou a terra firme e seca. Todavia, teve algum receio da estranha e velha mulher.

– Conta-me – disse-lhe esta – quem és e como chegaste aqui?

Gerda narrou-lhe tudo o que sucedera. A velha sacudiu a cabeça e disse: «Hum! Hum!» Quando a menina terminou o seu relato, perguntou à anciã se tinha visto o pequeno Kay. Respondeu-lhe que ele não passara diante da sua casa, mas que não tardaria a vir. Gerda não devia desanimar e fê-la provar as suas cerejas e admirar as suas flores, que eram mais bonitas do que as que estão em qualquer livro de imagens, pois as suas flores podiam contar histórias.

Tomou a menina pela mão e foram para dentro da pequena casa. E a velha senhora fechou a porta.

As janelas eram muito altas; as vidraças eram vermelhas, azuis e amarelas. A luz do dia, quando passava através dos vidros, brilhava estranhamente, reflectindo estas cores. Em cima da mesa encontravam-se magníficas cerejas e Gerda comeu as que lhe apeteceu, pois fora autorizada a fazê-lo.

Enquanto comia as cerejas, a anciã penteou-lhe os cabelos com um pente de ouro, fazendo-lhe bonitos caracóis, que emolduravam como uma auréola o lindo rosto da menina, face fresca e redonda, semelhante a um botão de rosa.

– Desejei durante muito tempo – disse a velhinha – ter junto de mim uma doce e pequena menina como tu! Vais ver como nos vamos dar bem!

Enquanto penteava o cabelo de Gerda, esta ia-se esquecendo cada vez mais do seu amiguinho Kay. A verdade é que a velha era uma feiticeira, embora não fosse uma feiticeira malvada; apenas fazia feitiços para se distrair um pouco. Gostava da pequena Gerda e desejava conservá-la junto de si.

Foi por isso que se dirigiu ao jardim e tocou com o seu bastão em todas as roseiras, até mesmo nas mais viçosas. Estas sumiram-se na terra, não ficando delas qualquer vestígio. A velha temia que, se Gerda as visse, estas lhe recordassem as rosas da sua casa e se lembrasse então de Kay, e partisse à sua procura.

Levou a menina ao jardim, que era esplêndido. Que deliciosos aromas ali se respiravam! Flores de todas as estações desabrochavam com toda a pujança. Nunca, com efeito, algum livro de imagens pudera ostentar semelhante beleza. Gerda saltou de alegria e brincou até o Sol se ocultar atrás das cerejeiras. A anciã levou-a então para casa, deitando-a numa linda cama coberta com edredões de seda vermelha e almofadados com violetas azuis. Gerda adormeceu e teve tão belos sonhos como se fosse uma rainha no dia do seu noivado.

No dia seguinte, voltou a brincar no meio das flores, beijada pelos raios quentes do Sol. Assim passaram muitos dias. Gerda conhecia agora todas as flores do jardim. Havia-as às centenas. Contudo, parecia-lhe, por vezes, que faltava uma. Mas não sabia qual.

Um dia olhou para o grande chapéu da senhora, com as flores pintadas. A mais bonita de todas era uma rosa. A velha esquecera-se de a tirar. Não se pode pensar em tudo.

O quê? – exclamou imediatamente Gerda. – Aqui não há nenhuma rosa?

Saltou por entre os canteiros e procurou, procurou. Por mais que procurasse, não encontrou nenhuma.

Sentou-se e começou a chorar. As suas lágrimas quentes caíram exactamente no sítio onde uma das roseiras tinha desaparecido. Logo que a terra foi regada com as lágrimas da menina, uma delas irrompeu imediatamente, tão magnificamente florida como quando desaparecera.

Gerda abraçou a roseira, beijou as rosas e pensou nas maravilhosas flores da sua casa e lembrou-se do pequeno Kay junto delas.

– Meu Deus! Quanto tempo perdi aqui! Eu que parti para procurar Kay! Não sabem onde ele poderá estar? – perguntou ela às rosas. – Parece-vos que ele esteja morto?

– Não! Não morreu – responderam –, acabamos de chegar de debaixo da terra. É ali que estão todos os mortos e ele não estava lá.

– Obrigado! Muito obrigado! – respondeu Gerda. Correu para as outras flores; detendo-se junto de cada uma, tomando nas suas mãos pequeninas os seus cálices e perguntou-lhes:

– Sabem o que aconteceu ao pequeno Kay?

Mas cada flor, sob o brilho do Sol, sonhava o seu próprio conto ou a sua própria história. A pequena Gerda ouviu muitos, muitos contos. Mas ninguém sabia nada do Kay.

Que dizia então a *brændlilje*?³

– Ouves o tambor? Bum, bum! Só tem dois tons. Sempre bum, bum! Ouves o canto de morte das mulheres e ouves o grito dos padres? Envolta no seu grande manto vermelho, a viúva do hindu está na pira. As chamas começam a erguer-se à sua volta e à volta do corpo do marido. Mas a viúva apenas pensa no marido vivo e nos seus olhos, que lançavam uma luz mais forte do que aquelas chamas, naquele olhar que havia acendido no seu coração um incêndio mais violento que aquele que vai reduzir a cinzas o seu corpo. Acreditas que a chama do coração possa arder nas chamas da fogueira?

– Isso eu não entendo – disse a pequena Gerda.

Este é o meu conto – disse a *brændlilje*.

Que contou a *gærdesnerle*?⁴

– Na encosta da montanha está alcandorado um velho castelo; a espessa hera trepa pelos velhos muros vermelhos, folha a folha, até ao varandim. Ali está uma bela jovem. Debruça-se sobre o parapeito e olha o estreito caminho. Nenhuma rosa no seu ramo se reclina com tanta graciosidade, nem a flor da macieira quando o vento a leva da árvore é mais airosa do que o doce roçar do seu vestido de seda!

– Mas então, ele nunca mais chegará? – murmura ela.

– É de Kay que falas? – pergunta a pequena Gerda.

– Eu só falo do meu conto, do meu sonho – respondeu a *gærdesnerle*.

Que diz a pequena *sommerhvidblomme*?⁵

– Entre os ramos, suspensa por cordas, está uma tá-bua. É um balouço. Duas lindas rapariguinhas balouçam-se nele; os seus vestidos são brancos como a neve; nos seus chapéus flutuam longas fitas verdes. O irmão mais velho, que é maior do que elas, empurra o balouço. Elas têm um braço metido por entre as cordas, para não se desequilibrarem. Com uma pequena tigela numa mão e uma palhinha na outra, o irmão faz bolas de sabão; e, enquanto o balouço vai e vem, as bolas multicores elevam-se no ar. Eis que uma, na ponta da palha, se agita ao sabor do vento. O cãozinho negro acorre e ergue-se sobre as patas traseiras; quereria também ir para o balouço, mas este não se detém; e o cão zanga-se e ladra. As crianças atijam-no e, entretanto, as magníficas bolas rebentam e dissipam-se.

– É bonito o que acabas de contar – disse Gerda à *sommerhvidblomme* –, mas falas com tanta tristeza e não mencionas o pequeno Kay.

O que contam os *hyacint*?⁶

– Havia três belas irmãs, vestidas de tule, uma de vermelho, outra de azul e a terceira toda de branco. De mãos dadas, dançavam ao luar, à beira do calmo lago. Não eram sílides², eram filhas de seres humanos. O ar estava inundado de embriagadores aromas. As jovens desapareceram no bosque. O perfume tornou-se mais forte. Três caixões. Dentro deles estavam as maravilhosas raparigas, deslizando da floresta para o lago. Pirlampos esvoaçavam, luzindo, como se fossem pequenas

velas a tremulezir. As meninas que dançavam, estão a dormir ou estão mortas? O aroma das flores diz-nos que são cadáveres. Os sinos dobram a finados ao anoitecer.

– Vós causais-me tristeza com a vossa história – disse a pequena Gerda –, o vosso aroma é tão forte que me leva a pensar nas raparigas mortas! Ai! O pequeno Kay está realmente morto? As rosas que foram para dentro da terra dizem que não.

– Kling, klang – responderam os *hyacint* –, o sino não dobra pelo pequeno Kay. Não o conhecemos. Cantamos a nossa canção, não sabemos outra.

Gerda interrogou o *smørblomst*⁷, que via desabrochar sobre o tapete verde da relva.

– Tu brilhas como um pequeno Sol – disse-lhe ela. – Sabes onde poderei encontrar o meu pequeno irmão, com quem tanto brinquei?

O *smørblomst* que brilhava, com efeito, sobre a relva entoou uma canção, mas nesta não se falava de Kay.

– Numa pequena quinta, num dos primeiros dias da Primavera, o Sol de Nosso Senhor fazia incidir os seus raios quentes, deixando-os escorrer sobre as paredes brancas da casa vizinha; perto daí cresceram as primeiras flores amarelas, eram como ouro reluzindo sob os raios quentes do Sol. Cá fora, a velha avó estava sentada na sua cadeira. A sua neta, uma pobre e bonita criada, veio fazer-lhe uma curta visita e beijou-a. Foi ouro, ouro do coração no beijo abençoado, ouro nos lábios, ouro no solo, ouro lá em cima, na alvorada da manhã!

– Olha, esta é a minha pequena história – disse o *smørblomst*.

– Minha velha e pobre avozinha! – suspirou Gerda. – Sim! Ela, certamente, sente saudades. Está triste por causa de mim, tal como estava pelo pequeno Kay, mas em breve estarei de regresso e levá-lo-ei comigo. Não ajuda nada perguntar às flores! Elas apenas sabem o seu próprio conto e a mim não me informam de nada.

Arregaçou o seu vestidinho para poder correr mais depressa, mas, ao saltar, o *pinselilje*⁸ bateu-lhe na perna; ela parou, olhou para a alta e amarela flor e perguntou-lhe:

– Tu talvez saibas alguma coisa. – E inclinou-se até ficar junto do *pinselilje*. E que disse ele?

– Consigo ver-me a mim próprio. Consigo ver-me a mim próprio. Oh! Como cheiro tão bem!

– Lá em cima, num pequeno quarto de águas-furtadas, meio despida, está uma pequena bailarina. Umaz vezes eleva-se num só pé e outras nos dois. Parece dar pontapés a todo o mundo, mas ela é apenas uma ilusão para o olhar. Deita água do bule de chá sobre um pano que tem na mão e lava-o. É uma faixa. Asseio é uma boa coisa! O vestido branco está pendurado no cabide. Também foi lavado com a água do bule de chá e foi posto a secar no telhado. Veste o vestido e põe um lenço amarelo-açafrão no pescoço. Deste modo o vestido parece mais branco. Como é corajosa, com a sua perna no ar!

Veja-se como o *pinselilje* estica a cabeça do caule!

– Consigo ver-me a mim próprio. Consigo ver-me a mim próprio!

– Disto não gosto nada – disse Gerda. – Não é nada que eu queira saber!

E correu para sair do jardim.

O portão estava fechado, mas empurrando o ferrolho, cheio de ferrugem, com todas as suas forças, fê-lo sair do gancho. O portão abriu-se e a menina precipitou-se para fora, com os pés descalços, através do vasto mundo.

Por três vezes se deteve para olhar para trás; ninguém a perseguia. Quando se sentiu muito fatigada, sentou-se em cima de uma grande pedra; olhou à sua volta e apercebeu-se de que o Verão passara e que se estava agora no fim do Outono. No belo jardim, não se dera conta da passagem do tempo; havia sempre Sol e todas as flores das quatro estações nele se misturavam.

– Deus! Como me atrasei! – disse para consigo. – Eis-nos já no Outono! Tenho de ir depressa, não tenho tempo para repousar!

Levantou-se para retomar o seu caminho; mas os seus pezi-nhos estavam doridos e cansados. O tempo estava frio e agreste. As longas folhas dos salgueiros amareleceram e a humidade pingava delas. As folhas caíam umas atrás das outras. Apenas os abrunhos-bravos tinham frutos mas com ar de serem azedos e amargos. Como era cinzento e pesado o aspecto do mundo!

¹ Alen = 0,627 metros.

² *Elver-Sylfides*. Seres em forma humana que atraem os homens para os montes, pântanos e bosques, cobiçando as suas vidas.

³ *Brændlilje*. Latim: *Lilium bulbiferum*.

⁴ *Gærdesnerle*. Latim: *Convolvulus sepium*.

⁵ *Sommerhvidblomme*. Latim: *Leucojum aestivum (narcissus)*.

⁶ *Hyacint*. Latim: *Hyacinthus orientalis*.

⁷ *Smørblomst*. Latim: *Ranunculus*.

⁸ *Pinselilje*. Latim: *Narcissus poeticus*.



Quarta história

Príncipe e princesa

Gerda teve novamente de parar para descansar. Na neve, mesmo à sua frente, saltava uma gralha que estava há algum tempo a olhar para ela: «crah, crah, b'dia, b'dia!». A gralha não sabia falar melhor, mas estava cheia de boas intenções com a menina. E perguntou-lhe onde ia ela, assim sozinha, através do mundo imenso.

Gerda só compreendeu a palavra «sozinha», e bem que lhe sentiu o peso. Contou-lhe a sua vida e as suas aventuras e perguntou-lhe se não vira Kay.

A ave abanou a cabeça com um ar grave, e respondeu:

– É bem possível que sim, é bem possível que sim.

– Como? Acreditas tê-lo visto? – gritou Gerda, e quase matou a gralha com tantos abraços e beijos.

– Juízo! Juízo! – exclamou a gralha –, eu penso que pode ser o pequeno Kay; não digo mais do que isso. Mas, se for ele, deve ter-se esquecido de ti, porque só pensa na sua princesa.

Uma princesa? – insistiu Gerda. – Ele vive com uma princesa?

– Sim! Ouve! – respondeu a gralha. – Eu tenho dificuldade em falar a tua língua; tu não és uma fala-barato como nós, as gralhas? Podia contar-te o que sei, muito melhor.

– Não, não sei ser uma gralha a falar – disse Gerda. – A minha avó sabia. Que pena ela não me a ter ensinado...

– Não faz mal – retorquiu a gralha –, vou contar como sei, embora não soe muito bem.

E começou a contar o que se segue:

– Neste reino onde nos encontramos vive uma princesa tão inteligente que leu todos os jornais do mundo e esqueceu-os de novo. Portanto, está mesmo a ver-se que é muito inteligente. Um dia, quando estava sentada no trono – e isso não é tão engraçado como se julga –, deu-lhe para cantarolar uma cantiga popular:

Porque não hei-de casar-me?

«Olha! A cantiga faz sentido», pensou ela. Então decidiu casar-se. Mas não queria um daqueles homens que sabem todas as respostas quando se fala com eles. Nem um que apenas sabe parecer nobre, pois isso é muito aborrecido. Assim, mandou rufar os tambores para chamar todas as suas cortesãs. Quando estas ouviram o que ela queria, ficaram muito contentes. «Gosto de saber isso. Também pensei nisso num outro dia», disse cada uma delas.

Podes crer que é verdadeira cada palavra que eu digo – disse a gralha –, tenho uma noiva domesticada que anda livremente por todo o palácio e foi ela que mo contou.

(Naturalmente que a noiva da gralha também é gralha, pois gralha procura gralha, o que é sempre uma grande gralha.)

Portanto – continuou a gralha –, os jornais saíram imediatamente, ornamentados com corações e o monograma da princesa, anunciando que qualquer jovem com bom aspecto podia ir livremente ao palácio e falar com ela. Aquele que se apresentasse e falasse melhor, ela o tomaria como marido.

Sim! Sim! – afirmou a gralha –, isto é tão certo como eu estar aqui sentada. As pessoas afluíram. Era um aperto e uma correria e, mesmo assim, não conseguiram lá chegar nem no primeiro

nem no segundo dia. Todos sabiam falar quando estavam na rua, mas assim que passavam a porta do palácio e viam a guarda vestida de prata e pelas escadas acima os lacaios ornamentados de ouro e entravam nas grandes salas iluminadas ficavam sem voz. Quando, finalmente, chegavam em frente do trono, onde a princesa estava sentada, não sabiam senão repetir a última palavra que ela tinha dito. E isto não gostava a princesa de ouvir. Era como se as pessoas tivessem engolido rapé e caído em sonolência. Quando voltavam para a rua, nessa altura, sim, já sabiam falar. Havia uma longa fila desde a porta da cidade até ao palácio.

– Eu próprio fui lá ver – continuou a gralha –, eles ficaram esfomeados e cheios de sede mas do palácio não receberam nem um copo de água morna. Alguns, mais precavidos, trouxeram pão com alguma coisa lá dentro, mas não o partilharam com os seus vizinhos de fila, pois pensavam: «Deixá-los ter um ar faminto. Assim a princesa não os escolhe.»

– Mas, Kay? O pequeno Kay! – perguntou Gerda. – Quando chegou ele? Estava entre os outros?

– Dá tempo ao tempo que agora vamos falar dele. Foi no terceiro dia que chegou uma pequena pessoa sem cavalo e sem caruagem. Dirigiu-se com um ar decidido para o palácio. Os seus olhos brilhavam como os teus. Tinha cabelos longos e maravilhosos, mas estava pobremente vestido.

– É o Kay – rejubilou Gerda, batendo as palmas. – Oh! Então agora encontrei-o.

– Ele trazia uma pequena trouxa às costas – disse a gralha.

– Não! Creio que era o seu trenó porque, quando se foi embora, levou-o consigo – respondeu Gerda.

– Pode ser que seja – continuou a gralha –, não olhei com atenção. O que eu sei pela minha noiva domesticada foi que, quando ele entrou pela porta no palácio e viu a guarda vestida

de prata e subiu a escadaria com os laçaios ornamentados de ouro, não se intimidou. Acenou-lhes e disse: «Deve ser maçador ficar de pé, na escada, prefiro ir para dentro.» Quando entrou, a sala cintilava. Viu os ministros e todas as excelências, que andavam descalços transportando travessas de ouro. Uma pessoa bem podia ficar impressionada. A cada passo, as botas rangiam-lhe pavorosamente, mas ele não se amedrontou.

– É de certeza o Kay – disse Gerda. – Sei que ele tinha botas novas. Ouvi-as ranger na sala da avó!

– Sim, certamente que elas bem rangeram – prosseguiu a gralha. – Seguro de si, caminhou até à princesa, que estava sentada em cima de uma pérola tão grande como a roda da dobadoura. Todas as cortesãs com as suas criadas e criadas de criadas e todos os cavaleiros com os seusaios eaios dosaios, que por sua vez ainda tinham um rapaz, estavam colocados em redor. Quanto mais perto da porta estavam mais orgulhosos se sentiam. O rapaz dosaios dosaios, que anda sempre de pantufas, apresentava-se tão vaidoso que até custava olhar para ele.

– Deve ser tão fino que é um horror ver – interrompeu a pequena Gerda –, e mesmo assim o Kay ficou com a princesa!

– Não fora eu uma gralha, e teria ficado com a princesa, mesmo sendo comprometido. O moço deve ter falado tão bem como eu quando falo a língua das gralhas e estas são palavras da minha noiva domesticada. Ele foi franco e apresentou-se bem, apesar de não ter vindo com a intenção de pedir a mão da princesa. Viera apenas para tomar conhecimento da inteligência dela. Ele achou-a bem e ela também.

– Não há dúvida – disse Gerda –, é Kay. Ele sabia tantas coisas, até mesmo resolver de cabeça contas com fracções. Oh! Bem podias introduzir-me no palácio!

– Isso é fácil de dizer – respondeu a gralha. – Mas como o vou fazer? Talvez falar com a minha noiva domesticada. Ela vai

aconselhar-nos. É que uma menina assim descalça nunca terá licença para entrar no palácio.

– Eu vou entrar! – disse Gerda. – Quando o Kay souber que eu estou cá, virá imediatamente buscar-me!

– Espera por mim junto a este muro de pedra.

A gralha acenou com a cabeça e depois voou.

Já a noite estava escura quando a gralha voltou.

– Crah, crah! Trago muitos cumprimentos da minha noiva e também um pãozinho para ti. Ela apanhou-o na cozinha. Há lá muito pão e certamente que terás fome! Não é possível entrares no palácio assim com os pés descalços. A guarda vestida de prata e os lacaios ornamentados de ouro não o permitem. Mas não chores. Vais lá chegar. A minha noiva domesticada sabe de uma pequena escada nas traseiras que vai dar ao quarto de dormir e também sabe onde está a chave.

A gralha conduziu a menina pela grande alameda do parque e, do mesmo modo que as folhas das árvores caíam umas após as outras, também na fachada do palácio as luzes se apagavam umas após as outras. A gralha levou Gerda até à porta traseira, que estava entreaberta.

Era como se estivessem a fazer alguma coisa má. No entanto, ela queria apenas saber se era o pequeno Kay. «Sim, deve ser ele.» E pensou muito vivamente nos seus olhos inteligentes e no seu cabelo comprido. Podia imaginar como ele sorria tal como quando estavam sentados em casa por baixo das roseiras. Certamente ele iria ficar contente ao vê-la, ouvir o longo caminho que ela fizera por ele, saber quão tristes todos ficaram em casa quando ele não voltou. Oh! Sentiu receio e alegria ao mesmo tempo.

Subiram a escada. Havia uma pequena candeia acesa, por cima de um armário. A gralha domesticada estava sobre o soalho, rodando a cabeça de um lado para o outro, observando Gerda, que lhe fez uma vénia, como a avó lhe tinha ensinado.

– O meu noivo falou muito bem de si, minha menina – disse a gralha domesticada. – A sua *vita*, como também se chama, é muito tocante. Agora, por favor, pegue na candeia, que eu ensino-lhe o caminho. Não tenha medo, pois não encontraremos ninguém.

– Parece-me – disse no entanto Gerda – que vem alguém atrás de nós.

Com efeito, ouviu-se um sibilar como se passassem sombras pelas paredes. Sombras de cavalos com crinas flutuantes e pernas esbeltas. Sombras de pajens, cavaleiros e senhoras montados em cavalos.

– São apenas os sonhos – disse a gralha domesticada. – Vêm buscar os pensamentos de caça de Suas Altezas. E é bom que assim seja. Desta maneira pode vê-los deitados na cama. Terão mais dificuldade em acordar e poderá observá-los mais à vontade. Não me parece necessário dizer-lhe, minha menina, que, se ganhar posição e honrarias, se deve mostrar grata para conosco.

– Isso não se diz – corrigiu o noivo, a gralha da floresta.

Chegaram a uma primeira sala, cujas paredes estavam forradas de cetim cor-de-rosa com flores bordadas. Os sonhos passaram também por ali, tão rapidamente que Gerda nem teve tempo de ver os pensamentos de Suas Altezas. Uma sala após outra, cada uma mais magnífica do que a anterior. Sim, por certo, era natural ficar espantado.

Finalmente chegam ao quarto de dormir. O tecto parecia uma grande palmeira com folhas de cristal. No meio elevava-se um grosso caule de ouro maciço, onde estavam pendurados dois leitos que pareciam flores-de-lis: um era branco, onde repousava a princesa, e outro era vermelho. Era nesse que Gerda devia procurar o pequeno Kay. Dobrou uma das folhas vermelhas e viu uma nuca morena.

– Oh! É o Kay. – Gerda gritou pelo seu nome, segurando a candeia à frente de si para que ele a pudesse ver quando abrisse os olhos.

Os sonhos voltaram num grande galope, trazendo o espírito do jovem príncipe. Ele despertou e voltou a cabeça.

Não era o pequeno Kay!

A única semelhança residia na nuca. O príncipe não deixava de ser, no entanto, jovem e belo. Mas eis que a princesa espreita com o seu lindo rosto, através das flores-de-lis brancas, e pergunta quem está ali. A pequena Gerda começou a chorar, contou toda a sua história e não se esqueceu de salientar como as gralhas haviam sido bondosas para com ela.

– Pobre menina! – disseram o príncipe e a princesa, com ternura. E elogiaram as duas gralhas, assegurando-lhes que não estavam zangados pelo que elas haviam feito, mas dizendo-lhes que não o deveriam repetir. Prometeram-lhes até uma recompensa:

– Querem voar livremente ou preferem ser elevadas à dignidade de gralhas-camareiras, o que vos dará o direito sobre todos os restos da cozinha?

As gralhas inclinaram-se numa vénia e pediram para ficar como gralhas-camareiras efectivas, pois pensaram na sua velhice e como «era tão bom haver alguma coisa para o velho homem», como costuma dizer-se.

O príncipe saiu do seu leito e deixou que Gerda repousasse nele. Era o que podia fazer por ela. A menina juntou as mãozinhas:

– Meu Deus ! – murmurou –, como as pessoas e os animais têm sido bondosos comigo! – Depois fechou os olhos e adormeceu abençoadamente. Os sonhos correram para ela com rostos de anjos de Deus empurrando um pequeno trenó onde estava sentado Kay, que a olhava sorrindo. Mas isso era apenas um sonho e, quando acordou, tudo desapareceu.

No dia seguinte vestiram-na primorosamente de veludo e de seda da cabeça aos pés. A princesa propôs-lhe que ficasse no palácio, para nele passar a vida e ter bons dias. Mas ela pediu apenas uma pequena carruagem com um cavalo e um par de botas, para retomar a sua viagem através do grande mundo, em busca de Kay.

Recebeu umas botas e um regalo para as mãos. Quando chegou o momento de partir, encontrou no pátio do palácio uma carruagem nova, toda de ouro, brasonada com o escudo do príncipe e da princesa e que luzia como uma estrela.

No interior, a carruagem estava forrada com biscoitos polvilhados com açúcar; a arca da bagagem ia cheia de frutas e de broas de mel. O cocheiro, o criado e o trintanário¹, pois ela levava também um trintanário, tinham uniformes bordados a ouro e coroas na cabeça, também de ouro.

O príncipe e a princesa vieram eles próprios ajudar Gerda a subir para a carruagem e desejaram-lhe toda a felicidade possível. A gralha da floresta, que agora estava casada com a gralha domesticada, acompanhou-a e instalou-se no fundo da carruagem, pois incomodava-o ir de costas. A gralha domesticada pediu desculpa por não poder acompanhar Gerda, pois não se encontrava bem-disposta. Desde que tinha direito a todas as migalhas da cozinha, andava indisposta do estômago. Mas veio até à portinhola e bateu as asas até que a carruagem partiu.

– Adeus, adeus! – disseram o príncipe e a princesa. E a pequena Gerda chorou e a gralha chorou. Depressa andaram três léguas. Então a gralha da floresta despediu-se. Foi uma despedida muito sofrida. Voou para cima de uma árvore e, dali, bateu as asas negras enquanto pôde divisar a carruagem, que resplandecia como um verdadeiro Sol.

¹ *Trintanário*. Lacaio que vai ao lado do cocheiro na almofada da carruagem. Monta, por vezes, o primeiro cavalo.



Quinta história

A pequena salteadora

Passaram por uma floresta escura, mas a carruagem luzia e a sua luz encandeou os salteadores, que não aguentaram ver tanto brilho.

– É ouro, é ouro! – gritaram. Detiveram os cavalos, mataram o cocheiro, o criado e o trintanário e tiraram a pequena Gerda da carruagem.

– Como é gordinha e bonita esta menina. Foi engordada com avelãs – disse a velha e feia salteadora, que tinha uma grande barba espetada e sobrancelhas penduradas em frente dos olhos. – A sua carne deve ser tão tenrinha como a de um gordo cordeirinho. Oh, como nos iremos regalar!

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras, puxou por uma grande faca, cujo brilho era suficiente para provocar calafrios.

– Ai! Ai! – gritou a velha. A sua filha, que estava pendurada nas suas costas, acabara de lhe morder a orelha. Era tão brava e malcriada que dava gosto ver.

– Grande velhaca! – disse a mãe, sem tempo para matar Gerda.

– Ela tem de brincar comigo! – disse a pequena salteadora. – Ela dar-me-á o seu regalo e o seu belo vestido e dormirá comigo na minha cama. – E mordeu novamente a mãe, que, com a dor, deu um grande salto.

Os bandidos riam e disseram:

– Olha como ela dança com a sua filhota.

– Quero entrar na carruagem – disse a filha dos salteadores.

Tiveram de lhe satisfazer este capricho, pois ela era mimalha e diabolicamente teimosa. Puseram Gerda ao seu lado e internaram-se na floresta, pulando por cima do mato. A pequena salteadora não era maior que Gerda, mas mais forte e morena e os seus olhos negros eram tristes. Agarrou Gerda com força, ao redor da cintura, e disse-lhe:

– Eles não vão degolar-te enquanto eu não me zangar contigo. Será que és uma princesa?

– Não – respondeu Gerda. E contou tudo por que tinha passado e quanto gostava do pequeno Kay.

A filha dos salteadores olhou muito séria para ela. Acenou com a cabeça, exclamando:

– Eles não te matarão, mesmo que eu me zangue contigo. Nesse caso, serei eu própria a matar-te! – Enxugou as lágrimas que corriam dos olhos de Gerda e, depois, envolveu as suas mãos no belo regalo, que era muito quente e macio.

Finalmente a carruagem deteve-se: haviam chegado ao pátio de um velho castelo, que servia de refúgio aos salteadores. Estava rachado de alto a baixo. Bandos de corvos e gralhas voavam por entre as frestas. Enormes buldogues acorreram saltando. Tinham um ar feroz e todos eles pareciam capazes de devorar um homem. Não ladravam porque lhes era proibido.

Na grande e velha sala, cheia de fuligem, ardia, em cima das lajes, uma grande fogueira; o fumo elevava-se até ao tecto e escapava-se por onde podia. Em cima da fogueira fervia um grande caldeirão cheio de sopa; lebres e coelhos assavam no espeto.

– Tu dormirás comigo e com todos os meus pequenos animais – disse a pequena salteadora.

Comeram e beberam e foram para um canto da sala onde havia palha e mantas. Por cima, empoleirados nas traves, quase uma centena de pombos parecia que dormia. Alguns tiraram a cabeça de baixo da asa quando as raparigas se aproximaram.

– São todos meus – disse a pequena salteadora e, agarrando um pelas patas, abanou-o, fazendo-o bater as asas. – Dá-lhe um beijo! – E atirou-o contra o rosto de Gerda.

– Todos estes pombos – acrescentou ela – são mansos e aqueles dois são pombos-torcazes. É costume tê-los fechados para não fugirem, mas não há perigo em deixá-los sair pelo buraco que vês, além, na muralha. E aqui está o meu favorito, o meu querido Beh! – E tirou de um canto, onde estava presa, uma rena que tinha em torno do pescoço uma coleira de cobre muito polida. – A esta não a posso perder de vista, senão foge para os campos. Todas as noites me divirto a coçar-lhe o pescoço com a minha faca bem afiada; parece que ela não gosta muito desta brincadeira.

Então, tirou uma comprida faca de uma fenda da muralha e passou-a pelo pescoço da rena. O pobre animal, louco de terror, puxava pela corda, escouceava e debatia-se, para grande regozijo da pequena salteadora. Quando se fartou de rir, deitou-se e puxou Gerda para junto de si.

– Vais ficar com a faca enquanto dormes? – perguntou Gerda, olhando com receio para a longa lâmina.

– Sim – respondeu ela –, durmo sempre com a minha faca. Nunca se sabe o que poderá suceder. Mas conta-me novamente o que me disste sobre o pequeno Kay e as tuas aventuras desde que começaste a procurá-lo através do grande mundo.

Gerda recomeçou a sua história. Os pombos-torcazes começaram a arrulhar nas suas gaiolas enquanto outros pombos dormiam tranquilamente.

A pequena salteadora adormeceu, com um braço em torno do pescoço de Gerda, segurando a sua faca com a mão livre. De-

pressa começou a ressonar. Gerda, porém, não conseguia pregar olho. Via-se entre a vida e a morte. Os salteadores estavam sentados à volta da fogueira, bebendo e cantando. A velha fazia cabriolas.

Que pavoroso espectáculo para a pequena Gerda!

Eis que, subitamente, os pombos-torcazes desataram a arru-lhar:

– Crrup! Crrup! Vimos o pequeno Kay. Uma galinha branca levava o seu trenó às costas e ele ia sentado no trenó da Rainha das Neves. Voaram rasantes, sobre a floresta onde nos encontrávamos, muito pequeninos, ainda no nosso ninho. A Rainha das Neves soprou sobre nós o seu hálito glacial e todos morreram, excepto nós os dois. Crrup! Crrup!

– O que estais a dizer aí em cima? – exclamou Gerda. – Para onde ia essa tal Rainha das Neves? Sabem alguma coisa a esse respeito?

Ela dirigia-se, sem dúvida, para a Lapónia; lá há sempre gelo e neve. Pergunta à rena que está presa acolá.

– Sim – respondeu a rena –, na Lapónia há gelo e neve que é uma bênção. Como é bom viver lá! Pode saltar-se e correr livremente nos grandes vales reluzentes! É ali que a Rainha das Neves tem a sua casa de Verão. O seu verdadeiro palácio, situa-se próximo do Pólo Norte, numa ilha que se chama Spitzbergen.

– Oh! Kay, meu pequeno Kay! – suspirou Gerda.

– Está quieta – resmungou a filha dos salteadores –, porque senão enterro-te a minha faca na barriga.

Quando amanheceu, Gerda contou à pequena salteadora o que os pombos-torcazes lhe tinham dito. A pequena salteadora assumiu o seu ar mais sério e, abanando a cabeça, disse:

– Ora, quero lá saber disso, quero lá saber disso. Sabes onde fica a Lapónia? – perguntou, virando-se para a rena.

– Quem melhor do que eu o poderia saber? – respondeu o animal, com os olhos a brilhar. – Foi lá que nasci e fui criada; foi ali que saltei feliz pelos campos cobertos de neve.

– Escuta – disse a filha dos salteadores para Gerda –, como vês, todos os nossos homens se foram embora. Apenas ficou a minha velha mãe, pois ela nunca sai daqui. Mal amanhece, bebe o que está dentro da garrafa grande e, depois, dorme um bom bocado. Nessa altura farei qualquer coisa por ti.

A pequena salteadora saltou da cama e pendurou-se ao pescoço da mãe puxando-lhe pelo bigode.

E a mãe saudou-a.

– Bons dias, minha doce cabrita. Bons dias. – E beliscou com tal força o nariz da petiza que este ficou vermelho e azulado. Era amor puro.

Mais tarde, com efeito, a velha bebeu da grande garrafa e depois adormeceu. A pequena salteadora foi ter com a rena e disse-lhe:

– Eu gostaria de te conservar comigo, para te coçar o pescoço com a minha faca, pois nessas alturas ficas muito engraçada. Agora é-me indiferente. Vou soltar-te e deixar-te partir, a fim de que possas regressar à Lapónia. É preciso que mexas bem as pernas e que leves esta menina até ao palácio da Rainha das Neves, onde se encontra o seu amigo. Sabes bem o que ela contou esta noite, pois falou bastante alto e tu és uma grande bisbilhoteira.

A rena pulou de alegria. A pequena salteadora montou Gerda no lombo do animal, teve o cuidado de a atar solidamente e até lhe deu uma almofada para ela se sentar.

– É sempre a mesma coisa, voltamos ao princípio – disse ela –, devolvo-te as tuas botas felpudas, pois está muito frito, mas o regalo, esse, fico eu com ele, porque é muito bonito. Porém, não quero que fiques com as mãos geladas; levás as grandes luvas for-

radas da minha mãe, que te chegam até aos cotovelos. Vá! Calças! Olhando para as tuas mãos, até te pareces com a minha horrorosa mãe.

Gerda chorava de alegria.

– Não gosto que choramingues – disse-lhe a pequena salteadora –, agora é que deves ter uma cara contente. Toma lá dois pães e um presunto. Assim não terás fome.

Atou ambas as provisões à rena, abriu a porta e chamou os grandes cães para a sala. Finalmente cortou a corda com a sua faca e ordenou ao animal:

– Corre agora, mas cuida bem da pequena menina.

Gerda estendeu as mãos com as grandes luvas de pele para a pequena salteadora e disse-lhe adeus. A rena partiu como uma flecha, saltando o melhor que podia por cima do mato através da grande floresta, sobre pântanos e estepes. Os lobos uivavam e os corvos grasnavam. Fht! Fht!, ouviu-se. Era como se o céu soltasse espirros vermelhos.

– São as minhas velhas auroras boreais! – exclamou a rena. – Olha como elas brilham!

Galopou ainda mais e mais, noite e dia. Comeram os pães e o presunto. E então chegaram à Lapónia.



Sexta história

A mulher da Lapónia e a mulher da Finlândia

Detiveram-se junto de uma pequena cabana. Era mesmo miserável. O telhado quase tocava na terra e a porta era tão baixa que a família precisava de entrar e de sair de gatas. Não havia ninguém senão uma velha mulher da Lapónia que estava a cozer peixe junto a uma candeia de *tran*¹.

A rena contou toda a história de Gerda, mas, primeiro, começou pela sua própria, pensando que era mais importante. Gerda estava de tal modo entorpecida pelo frio que nem conseguiu falar.

– Pobres criaturas, que infelizes vocês são – disse a mulher –, e ainda têm tanto para percorrer; pelo menos cem léguas no interior do Finnmark. É aí que habita a Rainha das Neves. É aí que ela lança todas as noites auroras boreais azuis. Vou escrever algumas palavras num bacalhau seco porque não tenho papel para vos recomendar à mulher finlandesa que mora acolá; ela informar-vos-á melhor do que eu.

Agora que Gerda já aquecera e tinha comido e bebido, a mulher da Lapónia escreveu um par de palavras sobre um bacalhau seco e recomendou que Gerda cuidasse bem dele.

Atou-a de novo à rena, que voltou a partir veloz como uma flecha. Fth! Fth!, ouviu-se no ar. Durante toda a noite, arderam auroras boreais azuis maravilhosas. Chegaram finalmente ao

Finnmark, e bateram na chaminé da mulher da Finlândia, pois ela nem uma porta tinha na casa.

Havia tanto calor na sua casa que a mulher andava quase nua. Era pequena e muito suja. Tirou imediatamente as roupas de Gerda, descalçou-lhe as grandes luvas e as botas, senão a menina teria ficado sufocada com o calor. Colocou um pedaço de gelo em cima da cabeça da rena, e depois leu o que estava escrito no bacalhau seco. Leu-o por três vezes para decorar as palavras; depois meteu o bacalhau na panela que estava ao lume, pois podia servir para comer. A mulher finlandesa sabia que devia aproveitar tudo.

A rena contou primeiro a sua história e depois a da pequena Gerda. A mulher pestanejou os seus olhinhos inteligentes, mas não disse nada.

– Tu és tão inteligente – disse a rena –, podes, com um simples cordel, atar todos os ventos do mundo. Se o *skipper*² desata o primeiro nó, terá bom vento; desatando o segundo, o navio fende as vagas com rapidez; mas se se desatam o terceiro e o quarto, então desencadeia-se uma tempestade que deita por terra as florestas. Sabes também fazer uma poção capaz de dar força a doze homens. Não queres dá-la a beber a esta menina, para que ela possa lutar com a Rainha das Neves?

– A força de doze homens? – perguntou a mulher finlandesa. – Sim, talvez, talvez isso lhe pudesse servir.

Tirou de uma prateleira uma grande pele enrolada. Desenrolou-a e começou a ler letras estranhas que nela se encontravam escritas. Era necessária uma tal atenção para as interpretar que a mulher suava por todos os poros. Mas a rena encorajou-a pedindo-lhe insistentemente que auxiliasse a menina e que não a abandonasse. Gerda olhava a também com os olhos suplicantes e rastos de lágrimas. A mulher piscou os olhos e levou a rena para

um canto e, depois de lhe voltar a pôr gelo na cabeça, disse-lhe ao ouvido:

– É verdade que o pequeno Kay está com a Rainha das Neves. Ele sente-se ali muito feliz, acha tudo a seu gosto. É, na sua opinião, o mais agradável sítio do mundo. Isso é motivado pelo facto de ele ter no coração um estilhaço de vidro e dentro da vista um grão desse mesmo vidro, que lhe deformam os sentimentos e as ideias. É preciso tirar-lhos, senão nunca mais voltará a ser um ser humano digno desse nome e a Rainha das Neves conservará todo o seu domínio sobre ele.

– Não poderás dar a beber à pequena Gerda uma poção que lhe dê o poder de romper esse encantamento?

– Eu não seria capaz de a dotar de um poder mais forte que aquele que ela já possui. Não estás a ver tão grandiosa que ela é? Não vês que os animais e as pessoas são forçados a servi-la e que, tendo partido descalça, atravessou venturosamente o grande mundo? Não é de nós que poderá receber o seu poder; ele está no seu coração e vem-lhe do facto de ser uma criança inocente. Se não for capaz de chegar até ao palácio da Rainha das Neves e de tirar de Kay os dois fragmentos de vidro, não será de nós que lhe poderá vir auxílio. Deves conduzi-la até à entrada do jardim da Rainha das Neves, que fica a duas léguas daqui. Deixa-a junto do arbusto com bagas vermelhas que está no meio da neve. Não te demores com muitas conversas e volta rapidamente para cá.

E a mulher finlandesa voltou a colocar Gerda em cima do animal, que partiu como uma flecha.

– Oh! – disse a menina, sentindo o cortante frio glacial. – Não trouxe as minhas botas nem as minhas luvas de pele.

Mas a rena não se atreveu a voltar atrás; galopou de um só fôlego até ao grande arbusto com bagas vermelhas. Ali deixou Gerda, beijando-lhe a boca. E grossas lágrimas correram dos olhos do valente animal. Regressou rápido como o vento.

Ali ficou a pobre Gerda, sem sapatos e sem as suas luvas, no meio do terrível e gelado Finnmark.

Começou a correr tão depressa quanto lhe era possível. Via diante dos seus olhos uma multidão de flocos de neve. Não caíam do céu, que estava claro e iluminado pela aurora boreal. Corriam, isso sim, em linha recta sobre o solo e quanto mais se aproximavam maiores ficavam.

Gerda lembrou-se dos flocos que em sua casa examinara através da lupa. Como eram grandes e formados com simetria! Estes eram bastante maiores e terríveis; estavam dotados de vida. Eram as guardas avançadas do exército da Rainha das Neves.

Tinham as figuras mais estranhas. Uns pareciam grandes e feios porcos-espinhos, outros estavam feitos em nós que pareciam serpentes entrelaçadas, dardejando as suas cabeças em todos os sentidos, outros ainda tinham o aspecto de pequenos ursos atarracados, com os pêlos em pé. Eram todos de uma ofuscante brancura. Eram todos flocos de neve vivos.

Então, Gerda rezou o seu padre-nosso. O frio era tão intenso que podia ver o seu hálito, que, enquanto orava, lhe saía da boca como uma baforada de vapor. Este vapor foi-se tornando cada vez mais espesso e dele se formaram pequenos e claros anjos, que, mal tocavam a terra, cresciam cada vez mais. Traziam todos capacetes na cabeça e estavam armados de lanças e de escudos. Assim que a menina acabou de rezar o padre-nosso, os anjos formaram uma verdadeira legião em defesa dela.

Investiram contra os terríveis flocos com as suas lanças e retalharam-nos desfazendo-os em mil pedaços. A pequena Gerda caminhou para a frente, com convicção. Os anjos acariciaram-lhe os pés e as mãos, para que o frio os não entorpecesse. Aproximou-se rapidamente do palácio da Rainha das Neves.

Mas é preciso que saibamos agora o que fazia Kay. Na verdade, ele não pensava sequer em Gerda nem sonhava que ela estivesse ali tão perto.

¹ *Tran*. Óleo extraído da gordura das baleias, focas e peixes.

² *Skipper*. Palavra nórdica que titula o comandante de uma embarcação.



Sétima história

O que aconteceu no palácio da Rainha das Neves e o que se passou depois

As paredes do palácio eram feitas com a neve que esvoaçava e as portas e janelas eram os ventos cortantes. Havia mais de cem salas. Tudo se ordenava e desordenava com a neve que esvoaçava soprada pelo vento. A maior sala estendia-se por muitas milhas e eram todas iluminadas pelos clarões das auroras boreais. Tudo ali brilhava e cintilava. Tudo tão grande, tão vazio, tão frio e tão brilhante!

Nunca havia divertimentos no palácio. Nem um pequeno baile de ursos-brancos, que o som da tempestade pudesse animar e onde eles dançassem com as patas traseiras e mostrassem os seus modos elegantes. Nunca ali se organizavam jogos de salão que permitissem apostas seladas com vigorosos apertos de mão, nem as jovens raposas brancas se reuniam a tomar chá e bolinhos, como é permitido às donzelas das cortes que tagarelam e dizem mal umas das outras, como sucede em bastantes reinos de soberanos. Tudo era vasto e vazio no grande e frio palácio da Rainha das Neves. A luz das auroras boreais flamejava com tal exactidão, que se podia prever quando aumentava e diminuía.

No meio da sala de neve, vazia e infinita, havia um lago gelado, cujo gelo estava cortado em milhares de pedaços. Cada peda-

ço era tão semelhante ao outro que, quando unidos, no seu conjunto, pareciam uma peça de arte. Quando a Rainha das Neves habitava no palácio, tinha o trono no meio do lago, que ela chamava o espelho da inteligência e que era único e o melhor deste mundo.

O pequeno Kay estava azul de frio. Sim, quase negro. Mas não se apercebia disso. Com um beijo, a Rainha das Neves arrebatara-lhe a propriedade de sentir arrepios e o coração dele estava transformado em gelo.

Tinha nas mãos alguns desses pedaços de gelo, lisos e regulares, de que era composta a superfície do lago. Colocava-os uns ao lado dos outros, como quando fazemos paciências. Estava absorvido nestas combinações e procurava obter as figuras mais estranhas e mais invulgares. Este jogo chamava-se o grande jogo frio da inteligência e era muito mais difícil do que um quebra-cabeças chinês.

Friamente, construía figuras surreais. Aos seus olhos, as figuras pareciam-lhe correctas e da maior importância, mas era por causa do grão de vidro que tinha no olho.

Compunha figuras que formavam palavras escritas mas nunca conseguia inventar a palavra que realmente queria encontrar: a *Eternidade*. A Rainha das Neves tinha-lhe dito:

– Se conseguires encontrar essa figura, serás o teu próprio amo; dar-te-ei todo o mundo e um par de patins novos.

Mas ele não era capaz.

– Agora vou voar para os países quentes – disse a Rainha das Neves. – Tenho de ir ver os grandes caldeirões (eram as grandes crateras dos vulcões Etna e Vesúvio, como são chamados), tenho de ir caí-los com um pouco de neve. O branco fica bem com os limões e as uvas, na parte mais quente, lá em baixo.

E a Rainha das Neves voou pelos ares. Kay ficou só na grande sala de gelo com várias milhas quadradas, olhando para os

pedaços, imaginando, combinando, congeminando como os poderia dispor para atingir o seu objectivo. Estava ali parado e absorto; parecia petrificado pelo gelo.

Foi nessa altura que a pequena Gerda entrou no palácio pelo grande portão. Os ventos cortantes impediam-lhe a entrada. Gerda rezou o seu padre-nosso e eles acalmaram e desvaneceram-se. A menina entrou nas grandes e frias salas vazias. Então viu Kay, reconheceu-o e correu na sua direcção, saltando-lhe para o pescoço. Mantendo-o bem apertado, exclamou:

– Kay! Querido pequeno Kay, finalmente, encontro-te!

Ele continuou sentado, rígido e gelado. Então a pequena Gerda chorou lágrimas quentes que caíram sobre o peito de Kay, penetrando no seu coração e fundindo o gelo, de modo que o cruel estilhaço de vidro foi levado pelo gelo derretido.

Kay ergueu a cabeça e olhou para ela. Gerda cantou, como outrora no seu jardimzinho, o estribilho da canção:

As rosas crescem nos vales.

Lá comungamos com o Menino Jesus!

Kay rompeu em soluços. As lágrimas jorraram-lhe dos olhos e o pedaço de vidro saiu arrastado por elas. Reconheceu Gerda e, cheio de alegria, exclamou:

– Querida, pequena Gerda, onde ficaste durante tanto tempo, e eu, onde tenho estado?

Olhou à sua volta:

– Meu Deus, como faz frio aqui! E que pavoroso vazio!

Apertou-se com todas as suas forças contra Gerda, que ria e chorava de alegria. Era tudo tão abençoado que até os fragmentos de gelo dançavam à volta deles e, quando se cansaram, colocaram-se exactamente na forma das letras que a Rainha das

Neves tinha dito para Kay descobrir, compondo a palavra *Eternidade*, que iria dar a Kay a liberdade, o mundo inteiro e o par de patins novos.

Gerda beijou as faces de Kay e elas voltaram a ter cor. Beijou-lhe os olhos, que retomaram o seu brilho cintilante, e as mãos e os pés, onde a vida renasceu. Kay voltou a ser um bonito rapaz cheio de saúde e de alegria. A Rainha das Neves podia agora voltar, pois a carta de liberdade estava escrita com peças de gelo brilhante. Deram as mãos e saíram do palácio.

Falaram da avó, da sua infância, das rosas e do jardimzinho sobre os telhados. À sua aproximação, os ventos acalmaram e o Sol surgiu. Tendo chegado ao arbusto de bagas vermelhas, encontraram a rena, que os esperava, acompanhada por uma outra jovem rena e cujas tetas estavam cheias: deram o seu leite quente aos pequenos e beijaram-nos na boca. Então levaram Kay e Gerda até à casa da mulher finlandesa, onde se aqueceram, e, em seguida, à casa da mulher da Lapónia, que lhes coseu novas roupas e arranjou para eles o seu trenó.

As duas renas acompanharam-nos, saltitando, até à fronteira do seu país, lá onde brotava a primeira verdura. Kay e Gerda despediram-se da bondosa mulher da Lapónia e das duas renas que os haviam conduzido até ali. As árvores começavam a vestir-se de verde e as aves a cantar.

De repente, viram sair da floresta, montada num magnífico cavalo, que Gerda reconheceu (pois era o que estivera atrelado à carruagem de ouro), uma jovem que usava um gorro vermelho. Ao lado da sela pendiam pistolas. Era a pequena salteadora. Fartara-se da vida em casa e partia para o Norte e, em seguida, para outra qualquer direcção, caso lá não encontrasse divertimento.

Reconheceu imediatamente Gerda, que também a reconheceu logo. Aquilo é que foi uma alegria!

– Tu és mesmo um grande palerma, vadiando de um lado para o outro, sem pensar nas tuas obrigações – disse para Kay a pequena salteadora. – Só me pergunto se mereces que haja alguém que corra até ao fim do mundo por tua causa.

Gerda acariciou-lhe as faces e, para desviar a conversa, perguntou-lhe o que sucedera ao príncipe e à princesa.

– Viajam pelo estrangeiro – respondeu a filha dos salteadores.

– E as gralhas?

– A dos bosques morreu e a domesticada é viúva e anda com um pedaço de fio de lã preta à volta da perna. Ela lamenta-se que é uma tristeza, mas tudo não passa de uma farsa! Mas conta-me as tuas aventuras e como conseguiste apanhar este fugitivo.

Gerda e Kay narraram, cada um por sua vez, as suas aventuras.

– Snip-snap-snurre-basselurre! – disse a pequena salteadora e estendeu-lhes a mão. Prometeu visitá-los se passasse pela cidade onde viviam. E retomou a sua viagem pelo grande mundo.

Kay e Gerda continuaram a caminhar de mãos dadas; a Primavera nascia, magnífica, trazendo consigo a verdura e as flores. Um dia ouviram o repicar dos sinos e reconheceram as altas torres da grande cidade onde moravam. Entraram nela, subiram as escadas da casa, para irem ter com a avó. No quarto, tudo estava nos mesmos lugares, como outrora. O relógio de parede fazia tiquetaque e os ponteiros rodavam; mas, ao transporem a porta, descobriram que haviam crescido, que se tinham tornado pessoas adultas.

As rosas do algeroz haviam desabrochado para dentro das janelas abertas. E lá estavam os dois pequenos banquinhos. Kay e Gerda sentaram-se neles, de mãos dadas, como nos outros tempos. Tinham esquecido, como se de um pesadelo se tratasse, os frios esplendores da Rainha das Neves. A avó estava sentada sob

o brilho do Sol de Deus e lia a Bíblia: «Se não fordes como as crianças, não entrareis no Reino dos Céus.»

Kay e Gerda olharam-se e compreenderam melhor do que nunca o velho estribilho:

As rosas crescem nos vales.

Lá comungamos com o Menino Jesus!

Permaneceram durante muito tempo sentados, dando as mãos. Tinham crescido e, apesar disso, continuavam a ser crianças, crianças nos seus corações.

Era Verão.

O Verão quente e abençoado.



A História de uma Mãe *Historien om en Moder* (1848)

Estava uma mãe sentada junto da sua pequena criança, tão aflita e receosa de que ela viesse a morrer. O menino mostrava-se tão pálido, os pequenos olhos tinham-se fechado, respirava lentamente e de vez em quando com uma aspiração funda, como que suspirava, e a mãe olhava cada vez mais angustiada para a pequena alma.

Bateram então à porta e entrou um pobre velho envolvido como que numa grande manta de cavalo, pois esta aquece, e bem precisava ele dela, já que estava um Inverno frio. Lá fora estava tudo coberto de gelo e neve e o vento soprava de tal modo que cortava o rosto.

Como o velho tremia de frio e o menino dormia por um momento, a mãe afastou-se, deitou cerveja num púcaro e pô-la no fogão a aquecer para o velho. Este sentou-se e começou a embalar o berço, entretanto a mãe puxou uma cadeira para junto dele e ficou sentada a olhar para o filho doente, que respirava tão fundo, levantando-lhe a pequena mão.

– Não crês bem que ficarei com ele? – perguntou ela. – Deus não irá tirar-mo!

O velho, que era a própria Morte, acenou com a cabeça tão estranhamente, que tanto podia querer dizer sim como não. E a mãe pousou os olhos no regaço e as lágrimas correram-lhe pela face. A cabeça pesava-lhe. Durante três noites e três dias não fechara os

olhos, então deixou-se dormir, mas só um momento, pois logo deu um pulo, levantando-se a tremer de frio.

– Que é isto? – disse, olhando para todos os lados. O velho desaparecera e o menino também. Levava-o consigo. Lá no canto, o relógio antigo zuniu e zuniu, o peso grande de chumbo foi escorregando até ao chão, Pum! E assim ficou também silencioso.

A pobre mãe saiu de casa a correr, chamando pelo filho.

Cá fora, no meio da neve, estava sentada uma mulher com um vestido preto comprido que disse:

– A Morte esteve na tua casa, bem a vi. Saiu a toda a pressa com a tua criança. Corre mais veloz do que o vento e nunca devolve o que leva!

– Diz-me só que caminho tomou! – retorquiu a mãe. – Diz-me o caminho, que eu a acharei!

– Sei que caminho tomou! – respondeu a mulher que vestia de preto. – Mas antes de dizer-to tens de cantar-me todas as canções que cantaste ao teu filho! Gosto delas, já as ouvi. Sou a Noite, vi as tuas lágrimas quando as cantavas!

– Cantá-las-ei todas, todas! – respondeu a mãe. – Mas não me retenhas, para que possa achar o meu filho!

No entanto, a Noite ficou muda e queda. A mãe, torcendo as mãos, cantou e chorou; eram muitas as canções, mas ainda mais as lágrimas. E a Noite disse então:

– Mete à direita e entra no escuro bosque de abetos, foi aí que vi a Morte tomar caminho com a tua criança!

No fundo do bosque os caminhos cruzavam-se e ela já não sabia por onde ir. Havia aí um espinheiro, sem folhas nem flores – estava-se no Inverno – e a geada caía-lhe dos ramos.

– Não viste passar a Morte por aqui com o meu filho?

– Claro que vi! – observou o espinheiro. – Mas não te digo que caminho tomou sem primeiro me aqueceres no teu coração! Tenho um frio de morte, estou a ficar completamente gelado!

Ela apertou o espinheiro contra o peito, bem apertado, para poder aquecê-lo bem, e os espinhos entraram-lhe na carne e o sangue correu-lhe em grandes gotas. Do espinheiro, porém, rebentaram frescas folhas verdes e brotaram flores naquela noite fria de Inverno, tanto calor havia no coração de uma mãe aflita. E o espinheiro indicou-lhe o caminho que devia seguir.

Chegou então a um grande lago, onde não havia nem barco nem barçaça para o atravessar. Não estava suficientemente gelado para que pudesse aguentar-lhe o peso, nem aberto e baixo o suficiente para passar a vau, mas tinha de atravessá-lo, se queria encontrar a sua criança. Deitou-se, então, na terra, para beber o lago, o que era naturalmente impossível para um ser humano, mas a mãe, aflita, pensava que podia dar-se um milagre.

– Não, assim nunca conseguirás nada! – disse o lago. – Vamos ver antes se chegamos a acordo! Gosto de coleccionar pérolas e os teus olhos são os mais claros que já vi. Se chorares até os perderes para mim, levar-te-ei à grande estufa onde vive a Morte, cultivando flores e árvores. Cada uma delas é a vida de um humano.

– Oh! O que não dou eu para chegar ao meu filho! – exclamou a mãe, exausta de chorar; mas chorou ainda mais e os olhos caíram no fundo do lago, transformando-se em duas pérolas preciosas.

O lago, então, levantou-a como num baloiço e num só impulso ela voou até à outra margem. Havia aí uma casa estranha com a extensão de milhas. Não se sabia se era um monte com bosque e cavernas, ou se assim fora construída, mas a pobre mãe não a podia ver, tinha perdido os olhos a chorar.

– Onde acharei a Morte que levou o meu filho? – perguntou ela.

– Ainda cá não chegou! – respondeu a Velha Mulher que guarda as Campas, que tomava conta da grande estufa da Morte.

– Como achaste o caminho para aqui e quem te ajudou?

– Foi Nosso Senhor quem me ajudou! Ele é misericordioso e tu também serás! Onde acharei o meu filho?

– Não sei como ele é – disse a velha – e tu não podes ver. Muitas flores e árvores murcharam esta noite. A Morte deve estar a chegar para transplantá-las! Tu bem sabes que cada ser humano tem a sua árvore ou a sua flor da vida, conforme está destinado a cada um. Assim, como se vêem, são iguais às outras plantas, mas têm bater de coração. Os corações das crianças também batem! Procura, talvez reconheças o da tua criança. Mas o que me dás se te disser o que tens de fazer?

– Nada tenho para dar – respondeu a mãe –, mas irei por ti ao fim do mundo!

– Bem, no fim do mundo nada tenho a fazer – disse a velha. – Mas podes dar-me o teu longo cabelo negro. Tu bem sabes, é bonito e gosto dele! Receberás em troca o meu cabelo branco, sempre é alguma coisa!

– Se não queres mais nada do que isso – pronunciou a mãe –, dou-to com prazer!

E assim lhe deu o seu belo cabelo, recebendo em troca o branco de neve da velha.

Entraram depois na estufa grande da Morte, onde flores e árvores cresciam estranhamente umas entre as outras. Havia jacintos delicados sob campânulas de vidro e lá estavam peónias grandes e vigorosas. Cresciam aí plantas aquáticas, algumas muito frescas, outras meio doentes. Nelas estavam pousadas cobras-d’água e caranguejos pretos apertavam-lhe os pés. Havia palmeiras, carvalhos e plátanos magníficos, salsa e tomilho florescente. Cada árvore e cada flor tinha um nome, cada uma era uma vida humana. As pessoas viviam ainda, tanto na China como na Gronelândia, em qualquer ponto do mundo. Havia árvores grandes em pequenos vasos, tão oprimidas que estavam prestes a rebentá-los, havia também em muitos lugares uma florzinha insignificante em terra gorda, com musgo à volta, coberta e tratada com cuidado. A mãe, aflita, contudo, curvava-se sobre todas as

plantas mais pequenas e escutava como batia o coração humano dentro delas e, entre milhões, reconheceu o do seu filho.

– É este! – gritou, estendendo a mão sobre um açafrãozinho azul que pendia para um lado, bastante doente.

– Não toques na flor! – disse a velha. – Mas fica aqui e quando a Morte vier... Espero por ela a todo o momento... Não a deixes arrancar a planta e ameaça-a até de fazeres o mesmo às outras flores, que ela ficará receosa! Tem de responder por elas a Deus, nenhuma pode ser arrancada sem Ele primeiro dar autorização.

De súbito perpassou uma aragem gelada pela estufa e a mãe cega pôde assim aperceber-se de que era a Morte a chegar.

– Como encontrei o caminho para aqui? – perguntou esta.
– E como conseguiste chegar mais depressa do que eu?

– Sou mãe – respondeu.

A Morte estendeu a longa mão para a florzinha delicada, mas a mãe manteve as mãos firmes à volta desta, bem de perto, receosa, contudo, de tocar na mínima pétala. Então a Morte soprou-lhe nas mãos e ela sentiu que esse sopro era mais frio do que o frio do vento, e as mãos caíram-lhe desfalecidas.

– Como vês, nada podes contra mim! – disse a Morte.

– Mas Deus pode! – redarguiu a mãe.

– Eu só faço o que Ele quer! – sentenciou a Morte. – Sou o Seu jardineiro! Pego em todas as Suas flores e árvores e transplanto-as para o grande Jardim do Paraíso no país desconhecido, mas como aí crescem e como é aí, não ousou dizer-te!

– Devolve-me o meu filho! – pediu a mãe, chorando e implorando. De súbito estendeu ambas as mãos sobre duas belas flores e gritou para a Morte:

– Arranco todas as tuas flores, pois estou desesperada.

– Não lhes toques! – exclamou a Morte. – Dizes que és muito infeliz e agora queres tornar outra mãe igualmente infeliz!...

– Outra mãe? – inquiriu a pobre mulher, logo retirando as

mãos das flores.

– Aqui estão os teus olhos – disse a Morte. – Pesquei-os no lago. Brilhavam tanto! Não sabia que eram teus, toma-os, agora são mais claros do que antes. Olha agora para o fundo desse poço aí. Vou dizer-te os nomes das duas flores que querias arrancar e verás todo o seu futuro, toda a sua vida humana. Observa o que querias perturbar e destruir!

A mãe olhou então para o fundo do poço. Viu como uma se tornava uma bênção para o mundo, quanta felicidade e alegria espalhava à sua volta. Depois viu a vida da outra, e tudo era tristeza e miséria, horror e desgraça.

– Ambas são a vontade de Deus – disse a Morte.

– Qual é a flor da desventura e qual a da ventura? – perguntou a mãe.

– Isso não te digo – respondeu a Morte –, mas saberás de mim que uma dessas flores era a do teu filho. Foi o destino dele que viste, o futuro da tua própria criança!

Então a mãe gritou aterrorizada:

– Qual delas era o meu filho? Diz-mo! Salva o inocente! Salva-o de toda essa desgraça! Leva-o antes! Leva-o para o reino de Deus! Esquece as minhas lágrimas, esquece as minhas súplicas e tudo o que disse e fiz!

– Não te compreendo! – observou a Morte. – Queres que te devolva o teu filho ou devo levá-lo para lá, para esse lugar que não conheces?

Então a mãe, torcendo as mãos, deixou-se cair de joelhos e rogou a Deus:

– Não me oiças, se suplico contra a Tua Vontade, que é justa! Não me oiças! Não me oiças!

E inclinou a cabeça para o regaço. E a Morte partiu com a criança para o país desconhecido.

